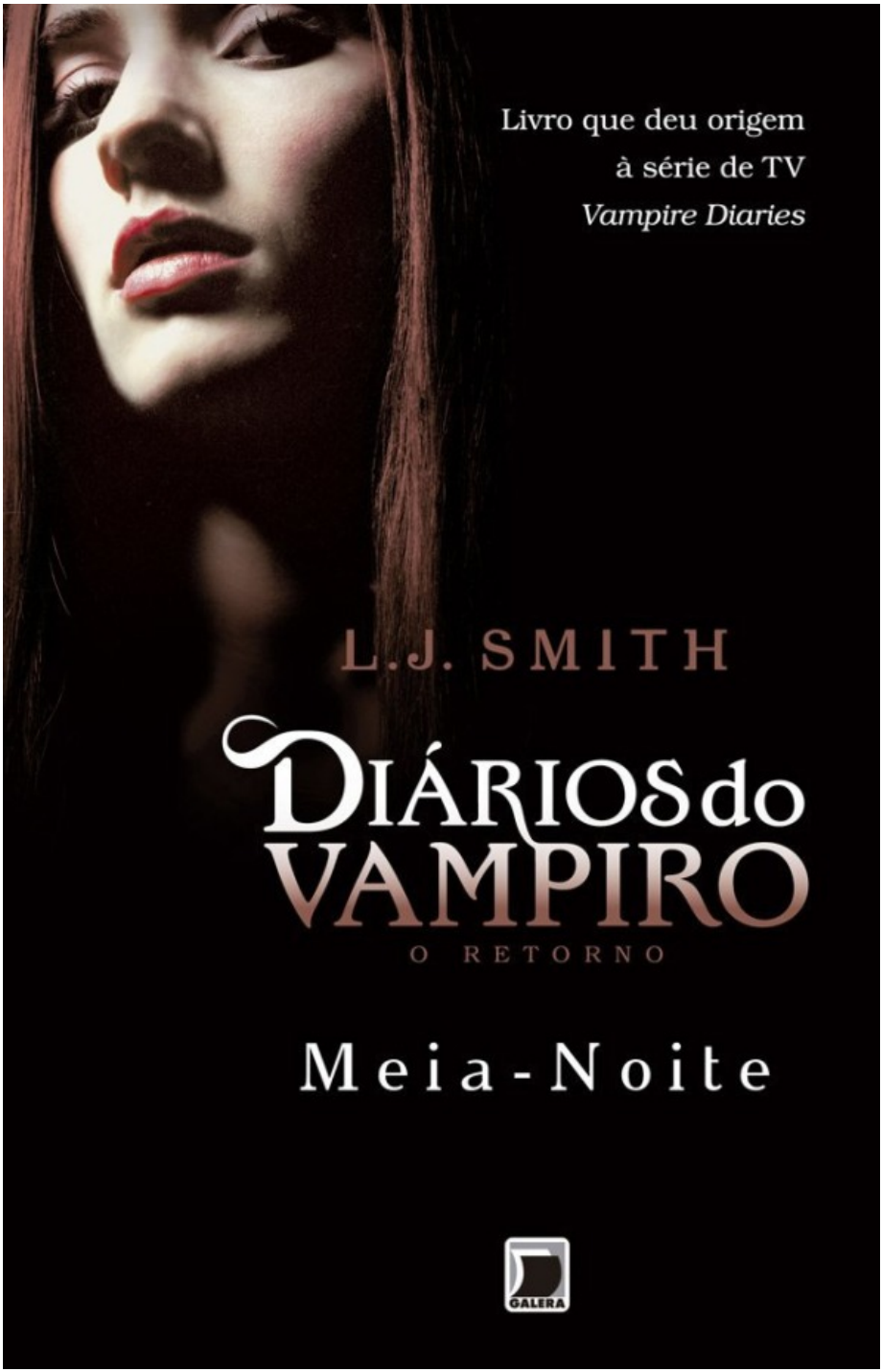
Livro que deu origem
à série de TV
Vampire Diaries
L.J. SMITH
DIÁRIOS do VAMPIRO
O RETORNO
Meia-Noite
GALERA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DIÁRIOS do VAMPIRO
O RETORNO

L.J. Smith

Descobriu que queria ser escritora em algum momento entre o jardim de infância e o primeiro ano. Muitos de seus livros foram inspirados nos próprios pesadelos. O primeiro romance, *The Night of the Solstice*, foi publicado no ano em que ela se formou na faculdade.

Atualmente, vive na Califórnia com um cachorro, três gatos e cerca de dez mil livros. A série Diários do Vampiro foi lançada originalmente em 1991.

série **Diários do Vampiro**

O Despertar
O Confronto
A Fúria
Reunião Sombria

série **Diários do Vampiro: O Retorno**

Anoitecer
Almas Sombrias
Meia-Noite

série **Diários de Stefan**

Origens
Sede de Sangue
The Craving
The Ripper
The Asylum
The Compelled

série **Diários do Vampiro: Caçadores**

Espectro
Moonsong
Destiny Rising

série **Diários do Vampiro: A Salvação**

Unseen
Unspoken
TBA

Contos de Diários do Vampiro

Matt & Elena: Primeiro Encontro (se passa antes da série original)
Bonnie & Damon: Depois do Expediente (se passa durante a série original)
O Sangue Dirá (final alternativo de *Reunião Sombria*)
As Árvores (se passa após *Reunião Sombria*)
Matt & Elena: Décimo Encontro no Lago Wickery (se passa antes da série original)

L.J. Smith

Diários do Vampiro

O Retorno

Meia-Noite

1

Querido diário,

Estou com tanto medo que mal consigo segurar essa caneta. Estou imprimindo ao invés de escrever, pois assim tenho mais controle.

Do que eu tenho medo, você pergunta? E quando eu digo "do Damon" você não acreditaria na resposta, não se você tivesse visto nós dois há alguns dias atrás. Mas para entender, você precisa saber de alguns fatos.

Você já ouviu falar da frase "e os dados foram lançados"?

Quer dizer que qualquer coisa, qualquer coisa, pode acontecer. Há a possibilidade de a pessoa fazer apostas e conseguir seu dinheiro de volta. Porque um coringa entrou no jogo. Você não consegue imaginar a chances de isso acontecer.

É por isso que estou aqui. É por isso que meu coração está batendo na minha garganta, e a minha cabeça, meus ouvidos e as pontas dos meus dedos estão trêmulos.

Os dados foram lançados.

Você pode ver o quão trêmula está a minha impressão. Vamos supor que eu trema assim quando for encontrá-lo? Eu poderia derrubar a bandeja. Eu poderia evitar ver o Damon, então nada disso aconteceria.

Não estou dizendo coisa com coisa. O que eu deveria dizer é que estamos de volta: Damon, Meredith, Bonnie e eu. Nós fomos para a Dimensão das Trevas e agora estamos novamente em casa, com uma Esfera Estelar – e com Stefan.

Stefan fora enganado ao ir pra lá por Shinichi e Misao, os irmãos kitsune, ou os espíritos-raposa

malignos, que haviam lhe dito que se ele fosse para a Dimensão das Trevas ele poderia remover a maldição de ser um vampiro e virar um humano novamente.

Eles mentiram.

Tudo que eles fizeram foi deixá-lo em uma prisão fedida, sem comida, sem luz e desanimado... Até que ele estava prestes a morrer.

Mas Damon – que está diferente desde então – concordou em nos levar para tentarmos encontrá-lo. E, oh, eu mal consigo descrever a Dimensão das Trevas. Mas a coisa mais importante é que finalmente encontramos Stefan, e isso porque achamos as Chaves Gêmeas em formato de raposa que precisávamos para libertá-lo. Mas – ele estava muito magro, coitadinho. Nós o trouxemos de volta em uma liteira, que mais tarde foi queimada por Matt; ela estava infestada de piolhos. Mas essa noite lhe demos um banho e o colocamos na cama... E então o alimentamos. Sim, com o nosso sangue. Todos os humanos fizeram isso, tirando a Sra. Flowers que estava fazendo cataplasmas para pôr nos ossos fracos dele que quase saíam de sua pele.

Eles o deixaram faminto até chegarem a esse ponto! Eu poderia matá-los com minhas próprias mãos – ou com meus Poderes de Asa – se ao menos eu soubesse usá-las corretamente. Mas não posso. Eu sei que há um encantamento para as Asas da Destruição, mas eu não tenho ideia de como convocá-las.

Pelo menos eu posso ver que Stefan está melhorando quando é alimentado com sangue humano. (Admito que tenho lhe dado doses extras do que estava programado, mas eu teria que ser muito idiota em não saber que o meu sangue é diferente do dos outros – é mais rico e tem feito maravilhas com Stefan.)

E na manhã seguinte, Stefan estava tão recuperado que foi capaz de descer as escadas para agradecer a Sra. Flowers por suas poções!

Embora o resto de nós – todos humanos –

estarmos completamente exaustos. Nós nem pensamos no que havia acontecido com o buquê, porque não sabíamos que havia algo especial nele. Nós o ganhamos assim que estávamos saindo da Dimensão das Trevas, por um tipo de kitsune branco que estava na cela da frente de Stefan, antes de termos feito uma rebelião dos presos. Ele era tão lindo! Nunca pensei que um kitsune poderia ser tão gentil. Mas ele havia dado a Stefan essas flores.

De qualquer forma, de manhã Damon estava acordado. É claro, ele não poderia contribuir com seu próprio sangue, mas eu acho que se ele pudesse, ele faria. E foi assim que ele voltou ao que era antes.

E é por isso que eu não entendo o medo que estou sentindo nesse exato momento. Como você pode ter medo de alguém que havia lhe beijado tantas vezes... E lhe chamado de "querida", "amorzinho" e "princesa"? E quem havia rido com você com aqueles olhos travessos e dançantes? E quem lhe havia abraçado quando você estava com medo, e dito que não havia nada a temer, não enquanto ele estivesse ali. Alguém que só de relance sabia o que você estava pensando? Alguém que havia lhe protegido, não importando o que lhe custasse, nos dias que se seguiram.

Eu conheço o Damon, conheço seus erros, mas também o conheço por dentro. E ele não é aquilo que as pessoas pensam. Ele não é frio, arrogante ou cruel. Isso é uma fachada para cobrir o seu verdadeiro eu, como se fosse roupas.

O problema é que eu não tenho certeza se ele sabe que ele não é nada disso. E agora ele está tão confuso. Ele deve ter mudado e se transformado no que é hoje por causa disso – porque ele está muito confuso.

O que estou tentando dizer é que nessa manhã, Damon era o único acordado. Ele foi o único que viu o buquê. E uma coisa que

Damon é: curioso.

Ele desamarrou todas as fitas mágicas do buquê e

lá no centro havia uma rosa negra. Damon tem procurado uma rosa negra há muitos anos, somente para admirá-la, eu acho. Mas quando ele viu essa, ele a cheirou... E boom! A rosa desapareceu.

E de repente ele estava doente e tonto, e não conseguia cheirar mais nada, e todos os seus outros sentidos foram entorpecidos também. Foi aí que Sage – oh, eu não mencionei o Sage, mas ele é um vampiro alto, bonito e pálido que tem sido um bom amigo – lhe contou para sugar um pouco de ar e soltá-lo, para aliviar seus pulmões.

Humanos têm que respirar assim, entende?

Não sei quanto tempo demorou para que Damon se tocasse que ele era mesmo um humano, sem brincadeira, e não havia nada que alguém pudesse fazer a respeito. A rosa negra fora feita para Stefan; e ela poderia ter realizado seu sonho de virar um humano novamente. Mas quando Damon percebeu que a magia fez efeito nele...

Foi quando eu o vi me olhando fixamente, como se só existisse eu ali naquela sala da minha espécie – uma espécie que ele começou a odiar e desprezar.

Desde então, eu não tenho coragem de encará-lo nos olhos novamente. Eu sei que ele me amava há alguns dias atrás. Eu não sabia que esse amor poderia se transformar – bem, nas coisas que ele anda sentindo por ele mesmo.

Você deve pensar que deve ser fácil para Damon se transformar de novo em vampiro. Mas ele quer ser tão poderoso como ele costumava ser – e não há ninguém assim para poder trocar sangue com ele. Até mesmo o Sage sumiu antes mesmo de ele pedir. Então Damon está preso assim até achar algum vampiro forte, poderoso e cheio de prestígio para passar por todo aquele processo de transformá-lo.

E toda vez que olho para os olhos de Stefan, aqueles quentes olhos verde-esmeralda, cheio de

confiança e gratidão – eu sinto medo, também. Medo de que, de alguma forma, ele se vá novamente – para longe dos meus braços. E... Medo que ele descubra o que eu estou sentindo por Damon. Eu mesma nunca percebi o quão importante ele havia se tornado para mim. E eu não consigo... Parar... De me preocupar... Com ele, mesmo com ele me odiando agora.

Oh, por favor, Deus, faça com que ele não me odeie!

Estou sendo egoísta, eu sei, ao falar somente no que está acontecendo comigo e Damon. Quero dizer, as coisas em Fell's Church estão piores do que nunca. Todo dia crianças estão sendo possuídas e aterrorizando seus pais. Todo dia, pais estão ficando bravos com seus filhos possuídos. Não quero nem pensar no que pode acontecer. Se nada mudar, todo o lugar será destruído assim como o último lugar que Shinichi e Misao haviam visitado.

Ao menos somos sortudos em uma coisa: temos a família Saitou. Lembra-se de Isobel Saitou, aquela que havia colocado piercings nela mesma, de um jeito bizarro, quando ela estava possuída? Desde que melhorou, ela se tornou uma boa amiga, e sua mãe, a Sra. Saitou, e sua avó, Obaasan, também. Elas nos deram amuletos – encantamentos que afastam o mal, escritos em Post-It. Estamos gratos por esse tipo de ajuda. Algum dia, talvez, nós possamos retribuir.

Elena Gilbert abaixou sua caneta relutantemente. Fechando seu diário, ela teve que encarar as coisas que havia escrito.

De algum jeito, entretanto, ela se pôs à ativa e desceu as escadas em direção à cozinha para pegar a bandeja de comida da Sra. Flowers, que sorria para ela, encorajando-a.

Assim que ela saiu para o armazém da pensão, ela percebeu que suas mãos estavam tremendo tanto que a bandeja de comida balançava. Não havia como acessar o armazém por dentro, então quem quisesse ver Damon teria que sair pela porta da frente e dar a volta pelo jardim da cozinha. *Toca do Damon*, era assim que todos

chamavam aquele lugar.

Assim que ela passou pelo jardim, Elena olhou de relance para o buraco no meio do campo de angélicas que fora o Portal que lhes trouxera de volta da Dimensão das Trevas.

Ela parou na porta do armazém. Ela ainda estava tremendo, e sabia que assim não era o jeito certo de encarar Damon. Relaxe, ela disse a si mesma. Pense em Stefan.

Stefan teve um desagradável contratempo quando descobriu que não havia sobrado nenhuma rosa, mas logo ele havia recobrado sua humildade e graça de sempre, tocando a bochecha de Elena e dizendo que ele estava agradecido por estar ali com ela. Essa aproximação foi tudo que ele pediu na vida. Roupas limpas, comida decente – *liberdade* – não era nada que se valesse a pena lutar, pois Elena era mais importante.

E logo em seguida, Elena tinha chorado.

Por outro lado, ela sabia que Damon não tinha intenção de permanecer assim do jeito que está por muito tempo. Ele faria qualquer coisa, arriscaria qualquer coisa... Para voltar ao que era antes.

Tinha sido Matt quem havia sugerido a Esfera Estelar como uma solução para o problema de Damon. Matt não havia entendido nada sobre a Esfera Estelar ou da rosa até que lhe fora explicado que essa Esfera, provavelmente a de Misao, continha a maioria ou todo o Poder dela, e ela havia se tornado mais brilhante por causa das vidas que ela havia absorvido. A rosa negra provavelmente devia ter sido feita de algum líquido similar à Esfera – mas ninguém sabia o quanto ou quais ingredientes haviam sido combinados. Matt franziu a testa e perguntou:

— Se uma rosa pôde transformar um vampiro em um humano, uma Esfera Estelar poderia transformar um humano em um vampiro?

Elena não fora a única a perceber uma leve inclinação de cabeça vinda de Damon, e o brilho em seu olhar como se ele viajasse por cada comprimento da sala até a Esfera cheia de Poder. Elena, praticamente, ouvia a lógica dele. Matt poderia estar fora do assunto... Mas havia um lugar onde humanos encontrariam vampiros poderosos. Na Dimensão das Trevas – e havia um Portal no jardim do armazém. O Portal estava fechado... Por carência de Poder.

Ao contrário de Stefan, Damon não sentiria vertigem ao pensar no que poderia acontecer se fosse usado todo o líquido da Esfera Estelar, podendo causar a morte de Misao. Antes de tudo, ela fora uma das raposas que tinham abandonado Stefan para ser torturado.

E os dados foram jogados.

Ok, você está com medo, *agora se conforme*, Elena disse a si mesma ferozmente. Damon tem estado nesse quarto por quase quinze horas, e quem saberia o que ele estaria tramando para pegar a Esfera Estelar? E alguém tinha que levar comida para ele – e quando você diz "alguém", admita, é você.

Elena havia ficado parada na porta por tanto tempo que seus joelhos começaram a travar. Ela deu um longo suspiro e bateu. Não houve resposta, e nenhuma luz vinha de lá de dentro. Damon era humano. E já estava bastante escuro lá fora.

— Damon? — Isso era pra ser bem alto, mas saiu como um sussurro.

Sem resposta. Sem luz.

Elena engoliu em seco. Ele *tinha* que estar ali.

Elena bateu mais forte. Nada. Finalmente, ela tentou a maçaneta. Para seu horror, estava destrancada, e o balançar da porta revelou um lugar tão escuro quanto à noite ao redor de Elena, como um buraco de um poço.

Os pelos da nuca de Elena se eriçaram.

— Damon, estou entrando. — Ela disse em um leve sussurro, como que para se convencer de que com aquela quietude não havia ninguém ali. — Vou ficar perto da luz da varanda. Não consigo ver nada, assim você terá uma vantagem. Estou trazendo uma bandeja com café bem quente, biscoitos e bife, sem tempero. Você deve ser capaz de sentir o cheiro do café.

Isso era muito estranho, no entanto. Os sentidos de Elena lhe diziam que não havia ninguém parado na sua frente, esperando para ela correr para ele. Tudo bem, ela pensou. Comece engatinhando. Primeiro passo. Segundo passo. Terceiro passo – eu devo estar no meio do quarto já, mas ainda estava muito escuro para ver alguma coisa. Quarto passo...

Um forte braço saiu da escuridão e a prendeu em um abraço de ferro em volta de sua cintura, e uma faca fora pressionada contra sua

garganta.

Elena viu uma rede cinza lhe cobrir toda, enquanto uma escuridão avassaladora a cobria completamente.

2

Elena soltou-se em questão de segundos. Quando ela saiu, tudo continuava igual — embora ela se perguntasse como ela não havia cortado sua própria garganta letalmente com a faca.

Ela sabia que a bandeja com os pratos e o copo havia voado pela escuridão no instante em que ela não pôde evitar de levantar seus braços. Mas agora ela reconhecia aquele aperto, ela reconhecia aquele cheiro, e compreendeu a razão para a faca. Ela estava feliz por ter compreendido, pois ela estava prestes a se orgulhar de fraquejar, assim como Sage teria feito. Ela não era uma fraca!

Ela relaxou nos braços de Damon, exceto onde a faca estava. Para *mostrar-lhe* que ela não era uma ameaça.

— Oi, princesa. — Uma voz como veludo preto disse em seu ouvido.

Ela sentiu um arrepio interior — mas não de medo. Não, era mais como se o seu interior estivesse derretendo. Mas ele não mudou o modo de segurá-la.

— Damon... — Ela disse roucamente — Estou aqui para ajudá-lo. *Por favor*, me deixe te ajudar. Para o seu bem.

Tão abruptamente quanto tinha chegado, o punho de ferro foi retirado de sua cintura. A faca parou de ser pressionada contra sua carne, embora aquele pressentimento, aquela dor em sua garganta foi o suficiente para lembrá-la de que Damon a tinha deixado preparada para uma próxima vez. Presas substitutas.

Houve um click, e de repente o quarto estava muito brilhante.

Lentamente, Elena virou-se para olhar Damon. E mesmo agora, mesmo quando ele estava pálido, abatido e desfigurado por não comer, ele estava tão lindo que seu coração parecia cair na escuridão. Seu cabelo preto, caindo em todas as direções sobre a testa; suas características perfeitas e esculpidas, sua boca arrogante e sensual agora comprimida em uma linha de condescendência...

— Onde está, Elena? — Ele perguntou brevemente.

Não o que é. *Onde* está. Ele sabia que ela não era idiota, e, claro, ele sabia que os humanos na pensão estavam escondendo a Esfera Estelar dele deliberadamente.

— Isto é tudo que você tem a me dizer? — Ela sussurrou.

Ela viu o amolecer indefeso em seus olhos, e ele deu um passo em sua direção como se não pudesse evitar, mas no instante seguinte, ele parecia triste.

— Diga-me, e então talvez eu diga mais.

— Eu... Compreendo. Bem, nós fizemos um sistema, dois dias atrás — Elena disse calmamente — Todos tiram um papel. Então, a pessoa que receber o papel com o X leva-o da mesa da cozinha e todos vão para seus quartos e permanecem lá até que a pessoa com a Esfera Estelar a esconda. Eu não tive sorte hoje, então sei onde ela está. Mas você pode — me testar.

Elena pôde sentir seu corpo se encolhendo quando ela disse as últimas palavras, sentindo-se mole, indefesa e fácil de ser ferida.

Damon esticou o braço e lentamente deslizou a mão sob seus cabelos. Ele poderia bater a cabeça dela contra a parede, ou jogá-la por todo o cômodo. Ele poderia simplesmente apertar a faca sobre seu pescoço até que sua cabeça caísse. Elena sabia que ele estava com vontade de desligar suas emoções de ser humano, mas ela não fez nada. Não disse nada. Apenas se levantou e olhou em seus olhos.

Lentamente, Damon inclinou-se sobre ela roçou seus lábios — suavemente — contra os dela. Os olhos de Elena se fecharam. Mas no momento seguinte, Damon estremeceu e deslizou sua mão para fora de seu cabelo.

Foi aí que Elena se tocou no que aconteceu com a comida que ela estava trazendo para ele. O café quase escaldante espirrou sobre sua mão e braço e molhou seu jeans em uma das coxas. A xícara e o pires estavam em pedaços no chão. A bandeja e os biscoitos tinham saltado para detrás de uma cadeira. O prato de bife tártaro, no entanto, pousou milagrosamente no sofá, virado para cima. Havia diversos talheres por toda parte.

Elena sentiu a cabeça e ombros se inclinarem de medo e dor. Aquele era o seu universo, naquele momento — cheio de dor e medo. Esmagando-a. Ela não era uma chorona, mas ela não pôde evitar as lágrimas lhe encherem os olhos.

* * *

Mas que droga! Damon pensou.

Era *ela*. Elena. Ele estava tão certo que era um adversário a espioná-lo, que um de seus inimigos o havia seguido e estava montando uma armadilha... Alguém que tivesse descoberto que ele estava tão fraco quanto uma criança agora. Não tinha sequer lhe ocorrido que poderia ser *ela*, até que ele estava segurando seu corpo macio com um braço, e cheirando o perfume de seus cabelos enquanto segurava uma lâmina lisa em sua garganta com a outra. E então ele acendeu a luz e viu o que ele já tinha adivinhado.

Inacreditável! Ele não a havia *reconhecido*. Ele estava lá fora, no jardim, quando ele viu a porta do armazém escancarada e soube que lá havia um intruso. Mas, com seus poderes reduzidos, ele não foi capaz de dizer quem estava lá dentro.

Não havia desculpas que pudessem cobrir os fatos. Ele havia machucado e aterrorizado Elena. *Ele* a havia machucado. E, ao invés de se desculpar, ele havia forçado-a a dizer a verdade para os seus próprios desejos egoístas.

E agora, sua garganta...

Seus olhos foram atraídos para a linha fina de gotículas vermelhas na garganta de Elena, onde a faca a havia cortado quando ela se apavorou antes de ir a encontro a ele. E se ela tivesse desmaiado? Ela poderia ter morrido naquele momento, em seus braços, se ele não tivesse sido rápido o bastante para arremessar a faca para longe.

Ele continuava dizendo a si mesmo de que não tinha medo dela. Que ele estava apenas segurando a faca distraidamente. Ele não havia se convencido.

— Eu estava lá fora. Você sabe que nós, *humanos*, não podemos enxergar muito bem. — Ele disse, sabendo que soava indiferente, sem arrependimento. — É como estar em volta de um algodão o tempo todo, Elena: não podemos enxergar, não podemos cheirar, não podemos ouvir. Meus reflexos são como os de uma tartaruga, e estou *faminto*.

— Então, porque você não experimenta meu sangue? — Elena

perguntou, soando inesperadamente calma.

— Não posso. — Damon disse, tentando não olhar para o delicado colar de rubi que descia pela garganta fina e branca de Elena.

— Eu já me cortei. — Elena disse, e Damon pensou: cortou *a si mesma*? Sim, Deus, a garota era impagável. Como se ela tivesse tido um pequeno acidente de cozinha. — Assim, poderíamos saber o gosto que o sangue humano tem para você agora.

— Não.

— Você sabe que você quer. Eu sei que você sabe. Mas não temos muito tempo. Meu sangue não vai se derramar para sempre. Oh, Damon... Depois de tudo... Na última semana...

Ele estava olhando para ela tempo demais, ele sabia. Não só por causa do sangue. Sua gloriosa beleza dourada, como se uma criança que emanava raios solares e lunares tivesse entrado em seu quarto e, inofencivamente, tinha-o banhado em luz.

Com um assobio, estreitando os olhos, Damon segurou os braços de Elena. Ele esperava um recuo automático como quando ele a agarrou por trás. Mas não houve nenhum recuo. Em vez disso, era algo como um salto ansioso à chama naqueles olhos grandes e lindos. Os lábios de Elena se estreitaram involuntariamente.

Ele sabia que havia sido involuntário. Ele havia tido muitos anos para estudar o comportamento de garotas adolescentes. Ele sabia o que significava quando ela olhou primeiro para seus lábios antes de seguir para seus olhos.

Eu não posso beijá-la novamente. Não posso. O modo como ela o afetava, era uma fraqueza *humana*. Ela não percebia o que é ser tão jovem e tão impossivelmente bonita. Ela aprenderia; algum dia. Na verdade, eu poderia ensiná-la agora mesmo.

Como se ela pudesse ouvi-lo, Elena fechou seus olhos. Ela deixou sua cabeça cair para trás e, de repente, Damon se pegou meio que segurando seu corpo. Ela estava entregando todos os seus pensamentos, mostrando a ele que ela ainda confiava nele, que ainda...

... O amava.

O próprio Damon não sabia o que ia fazer quando se inclinou sobre ela. Ele estava faminto. A fome rasgava-o como garras de lobo.

Ela fazia com que se sentisse confuso, tonto e fora do controle. Meio milênio deixou-o acreditando que a única coisa que lhe aliviaria a fome era a fonte carmesim de uma artéria cortada. Uma voz sombria que poderia ter vindo da própria Corte Infernal sussurrou que ele poderia fazer o que alguns vampiros faziam, rasgando uma garganta como um lobisomem. Carne fresca poderia aliviar a fome de um humano. O que ele poderia fazer, estando tão perto dos lábios de Elena, tão perto de sua garganta sangrenta?

Duas lágrimas saíram dos cílios negros e deslizaram um pouco por seu rosto antes de cair no cabelo dourado. Damon pegou- se experimentando uma antes que pudesse pensar.

Ainda uma donzela. Bem, isto era de se esperar; Stefan era fraco demais para dar conta do recado. Mas, por cima deste pensamento cínico veio uma imagem, e algumas palavras: um espírito tão puro quanto à neve.

Ele, de repente, conheceu uma fome diferente, uma sede diferente. O único lugar que aliviaria *isto* estava bem próximo. Desesperadamente, com urgência, ele procurou e encontrou os lábios de Elena. E então, ele se viu perder todo o controle. O que ele mais precisava estava ali; e Elena poderia tremer, mas não chegou a afastá-lo.

Assim, tão perto, ele foi banhado em uma aura tão dourada quanto o cabelo que ele estava tocando gentilmente nas pontas. Ele estava satisfeito consigo mesmo quando ela tremeu de prazer, e ele percebeu que podia sentir seus pensamentos. Ela era um projetor forte, e a telepatia dele fora o único Poder que restara. Ele não fazia ideia de como ainda o tinha, mas ele continuava lá. E neste momento, ele queria se sintonizar com Elena.

Porcaria! Ela não estava pensando em nada! Elena havia oferecido sua garganta, entregando-se totalmente, abandonando todos os pensamentos, menos aquele em que ela queria ajudá-lo, que os desejos dele eram os dela.

Ela está apaixonada por você, uma pequena parte dele que ainda podia pensar disse.

Ela nunca disse isso! Ela está apaixonada por Stefan! Agora visceral respondeu.

Ela não precisa dizer. Ela está *demonstrando*. Não finja ao dizer

que você nunca percebeu isto antes! Mas Stefan...!

Ela está pensando em Stefan agora? Ela abriu seus braços para a fome de lobo que há em você. Isso não é pouca coisa, como uma refeiçãozinha, ou um doador constante. Era *a própria Elena.*

Então, eu estive me aproveitando disto. Se ela está apaixonada, ela não tem como se proteger. Ela é só uma criança. Tenho que fazer alguma coisa.

Os beijos chegaram a certo ponto que até mesmo a pequena voz da razão estava desaparecendo. Elena tinha perdido a capacidade de ficar em pé. Ele teria que colocá-la em algum lugar, ou dar a ela a chance de voltar ao normal.

Elena! Elena! Mas que droga, eu sei que você pode me ouvir. Responda! Damon? — fracamente. *Oh, Damon, agora você entende? Perfeitamente bem, minha princesa. Eu Influenciei você, eu devia saber. Você...? Não, você está mentindo!*

Porque eu mentiria? Por algum motivo, minha telepatia está forte como sempre. Eu ainda consigo o que quero. Mas você deveria pensar por um minuto, donzela. Sou humano e neste momento estou faminto. Mas não por essa porcaria de hambúrguer sangrento que você me trouxe.

Elena soltou-se dele. Damon, deixe-a ir.

— Acho que você está mentindo. — Ela disse, encontrando diretamente seus olhos, sua boca inchada por causa do beijo. Damon trancou aquela visão dela dentro da pedra cheia de segredos que ele carregava consigo. Ele deu seu melhor olhar vazio.

— Porque eu mentiria? — Ele repetiu. — Eu só achei que você merecia a chance de fazer a sua escolha. Ou você já decidiu abandonar meu maninho. Enquanto ele está fora de campo?

A mão de Elena ergueu-se, mas logo ela a deixou cair.

— Você usou Influência sobre mim. — Disse ela amargamente. — Esta aqui não sou eu. Eu nunca abandonaria Stefan... Principalmente quando ele precisa de mim.

Aí esta, o fogo de essência em seu núcleo, e a verdade de fogo dourada. Agora, ele poderia sentar e deixar a amargura lhe corroer, enquanto este espírito puro seguia com sua consciência.

Ele estava pensando nisso, já sentindo a perda de sua luz reluzente recuando quando percebeu que já não mais segurava a faca. Um instante depois, o medo tomou conta de sua mão, ele tirou a faca

da garganta dela. Sua explosão telepática foi inteiramente reflexiva:

O que diabos você está fazendo? Matar-se só por causa do que eu disse? Essa lâmina é igual uma navalha!

Elena vacilou.

— Estava fazendo só um corte...

— Você quase fez um corte que jorrasse a um metro de distância. — Pelo menos, ele foi capaz de falar novamente, apesar do aperto em sua garganta.

— Eu disse que sabia que você sabia que você teria que experimentar sangue antes de comer. Parece que está jorrando de novo de meu pescoço. Desta vez, não vamos desperdiçar.

Ela simplesmente dizia a verdade. Pelo menos, ela não havia se ferido letalmente. Ele podia ver que o sangue fresco fluía do novo corte que, imprudentemente, ela fez. Desperdiçar seria idiotice.

Agora, totalmente desapaixonado, Damon pegou seus ombros novamente. Ele inclinou seu queixo para olhar a garganta, macia e arredondada. Vários novos cortes de rubi estavam fluindo livremente.

Meio milênio de instinto dizia a Damon que *aquele* era o néctar e a ambrosia. Só lá havia sustância, repouso e euforia. Só aqui, onde seus lábios estavam enquanto ele inclinava-se sobre ela uma segunda vez... E ele teria apenas que experimentar — que beber...

Damon recuou, tentando forçar-se a engolir, determinado a não cuspir. Não era... Não era *totalmente* revoltante. Ele entendia como os humanos, com seus sentidos desgraçados, podiam fazer uso das variedades de sangue dos animais. Mas *essa* coisa coagulante, com gosto de minério, não era *sangue*... Não tinha nenhum buquê perfumado, riqueza inebriante, o doce aveludado e provocador que dá vida, atributos *indispensáveis* de sangue.

Parecia uma piada de mau gosto. Ele foi tentado a morder Elena, apenas roçando um canino numa carótica comum, para que ele pudesse experimentar a pequena explosão em seu paladar, para comparar, para ter certeza que aquela realidade não estava dentro dele, em algum lugar. Na verdade, ele foi mais que tentado; ele que *fez* isto acontecer. Mas nenhum sangue estava saindo.

Sua mente parou no meio de um pensamento. Ele havia feito um arranhão bem... Superficial. Ele ainda não havia quebrado a

camada externa da pele de Elena.

Dente cego.

Damon pegou-se pressionando um canino contra sua língua, desejando entender, dispondo toda sua alma frustrada em afiá-lo.

E... Nada. *Nada.* Mas ele havia passado o dia inteiro fazendo a mesma coisa. Lastimosamente, ele deixou com que a cabeça de Elena voltasse ao seu lugar.

— Só isso? — Ela disse com voz trêmula.

Ela estava se esforçando para ser bravo com ele! Pobre alma condenada com seu amante demoníaco.

— Damon, você pode tentar de novo. — Ela lhe disse. — Você pode morder mais forte.

— Isso não é bom. — Ele retrucou. — Você é inútil.

Elena quase escorregou para o chão. Ele a manteve de pé, enquanto rosnava em seu ouvido:

— Você sabe o que eu quis dizer. Ou você prefere ser meu jantar, ao invés de ser minha princesa?

Elena simplesmente balançou a cabeça em silêncio. Ela descansou em seu braço, sua cabeça contra seu ombro. Não era de se admirar que ela precisasse descansar depois de tudo o que ele a fez passar. Mas, por enquanto, ela encontrou em seus ombros um conforto... Bem, isso ia além dele.

Sage! Damon enviou furioso pensamento acima de todas as freqüências que ele podia acessar; como ele havia feito o dia inteiro. Se ao menos ele pudesse encontrar Sage, todos seus problemas seriam resolvidos. *Sage*, ele exigiu, *cadê você*?

Sem resposta. Tudo que Damon sabia era que Sage havia operado o Portal da Dimensão das Trevas que agora estava parado, sem poderes e inútil no jardim da Sra. Flowers. Deixando Damon aqui. Sage sempre fora rápido quando decolava.

E por que ele havia decolado?

Uma Convocação Imperial? Às vezes, Sage as recebia. Dos Anjos Caídos, que viviam na Corte Infernal, aos confins da Dimensão das Trevas. E quando Sage as recebia, ele era esperado naquela dimensão, saindo no meio de alguma palavra, no meio de alguma carícia, no meio de... Qualquer coisa. Por enquanto, Sage sempre havia comprido seu prazo, Damon sabia disto. Ele sabia, porque Sage

ainda estava vivo.

Na tarde da catastrófica investigação do buquê de Damon, Sage havia deixado uma nota em cima da lareira, agradecendo à gentil Sra. Flowers por sua hospitalidade, deixando seu cachorro gigantesco, Sabber, e seu falcão, Talon, para protegerem a casa. Sem dúvida a nota havia sido pré-preparada. Ele havia ido embora como sempre fazia, tão imprevisível quanto o vento, e sem dizer adeus. Sem dúvida, ele pensava que Damon o encontraria para resolver o problema facilmente. Havia muitos vampiros em Fell's Church. Sempre houve. As linhas de Poder no solo os chamavam, mesmo nos tempos normais.

O problema era que, agora, todos esses vampiros estavam infestados com malach — parasitas controlados pelos malignos espíritos-raposa. Eles não poderiam estar mais abaixo na hierarquia dos vampiros.

E é claro que Stefan estava fora de questão. Mesmo se ele não estivesse fraco demais para transformar Damon em um vampiro, podendo matá-lo; mesmo que sua ira por Damon ter "roubado sua humanidade" pudesse ser amenizada, ele simplesmente nunca concordaria, pois sentia que o vampirismo era uma maldição.

Os humanos não sabiam da hierarquia dos vampiros porque isso não era de suas contas, até que de repente, eles sabiam, pois tinham transformados a si mesmos em vampiros. A hierarquia dos vampiros era rigorosa, desde o inútil até o aristocrata. Os Antigos se encaixavam nesta categoria, assim como outros que foram particularmente ilustres ou poderosos.

O que Damon queria era se transformar em um vampiro a partir de uma mulher que Sage conhecia, e ele estava determinado a fazer Sage encontrar uma vampira de qualidade para ele, uma que valesse a pena.

Outras duas coisas atormentavam Damon, que gastou dois dias inteiros sem dormir pensando nisto. Seria possível que o kitsune branco, que havia dado a Stefan o buquê, havia engenhado uma rosa que tornasse a primeira pessoa que a cheirasse em um humano *permanentemente*? Este teria sido o maior sonho de Stefan.

A raposa branca havia ouvido *dia após dia* as divagações de Stefan, não tinha? Ele tinha visto Elena chorando sobre Stefan. Ele

havia visto os dois pombinhos juntos, Elena alimentando um Stefan quase morto com sua mão através de arame farpado. Só Deus sabia que idéias haviam passado pela cabeça branca e peluda da raposa quando ele preparou a rosa que "curou" Damon de sua "maldição". Se isso se tornasse em uma "cura" irreversível...

Se Sage se tornasse inalcançável...

De repente, veio à mente de Damon que Elena estava fria. Isso era estranho, pois a noite estava quente, mas ela estava tremendo violentamente. Ela precisava de sua jaqueta ou...

Ela não está com *frio*, à pequena voz em algum lugar dentro dele disse. E ela não está tremendo. Ela está *agitada* por causa de tudo que você pôs em sua mente.

Elena?

Você se esqueceu completamente de mim. Você estava me segurando, mas esqueceu-se completamente de minha existência...

Somente por... Pensou amargamente. *Você está marcada em minha alma.*

Damon, subitamente, ficou furioso. Mas era diferente do ódio pelo kitsune, por Sage e pelo mundo. Era o tipo de raiva que fazia sua garganta fechar e fazia com que seu peito parecesse muito apertado.

Era uma raiva que o fez pegar a mão queimada de Elena, rapidamente aparecendo manchas vermelhas, e as examinou. Ele sabia o que teria feito se ainda fosse um vampiro: acariciaria as queimaduras com a língua de seda fria, gerando produtos químicos para acelerar a cura. E agora... Não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

— Não dói. — Elena disse.

Agora, ela era capaz de ficar em pé por si só.

— Você está mentindo, princesa. — Ele disse. — Suas sobrancelhas estão erguidas. Isso é dor. E seu pulso está acelerado...

— Você pode sentir isso sem me tocar?

— Eu posso *ver*, através de suas têmporas. *Vampiros...* Com ênfase, para mostrar que ainda era um, na essência.

—... Notam coisas como essas. Eu fiz você se machucar. E não posso fazer nada para ajudar. Também — Ele encolheu os ombros — Você é uma bela mentirosa. Refiro-me à Esfera Estelar.

— Você *sempre* pode sentir quando estou mentindo?

— Anjo, — Ele disse cansado — é fácil. Você é a sortuda que guardou a Esfera Estelar hoje... Ou sabe quem é. De novo, a cabeça de Elena despencou de pavor.

— Ou então, — Damon disse ligeiramente — toda essa história de papelzinho com X é uma mentira.

— Pense o que quiser. — Elena disse, com um pouco de seu fogo de sempre. — E você pode arrumar essa bagunça, também. Quando ela se virou para ir embora, Damon revelou:

— A Sra. Flowers! — Ele exclamou.

— Errado. — Elena estalou.

Elena, eu não me referia à Esfera Estelar. Dou a você minha palavra. Você sabe como é difícil mentir telepaticamente... Sim, eu sei disso, portanto, se há algo neste mundo que você... Praticaria...

Ela não conseguia terminar. Ela não podia dizer o discurso. Elena sabia o quanto a palavra valia para Damon.

Nunca te direi onde está! Ela enviou telepaticamente para Damon. *E juro que a Sra. Flowers também não.*

— Eu acredito em você, mas ainda vamos lá vê-la.

Ele pegou Elena facilmente e pisou em cima do copo e pires quebrados. Elena, automaticamente, pegou seu pescoço com as duas mãos para se equilibrar.

— Querido, o que você está fazendo? — Elena gritou, e então parou, com os olhos arregalados e dois de seus dedos queimados voaram para seus lábios.

Parada na porta, a menos de dois metros deles, estava à pequenina Bonnie McCullough, uma garrafa de vinho Black Magic, não alcoólico, mas misteriosamente emocionante, erguida em sua mão. Mas, como Elena observara. A expressão de Bonnie mudara por um instante. *Tinha* sido uma alegria triunfante. Mas agora era choque. Descrença que ela não conseguia conter. Elena sabia exatamente o que ela estava pensando. Toda casa havia dedicado-se a fazer com que Damon ficasse confortável, enquanto Damon roubava o que pertencia por direito a Stefan: Elena. Além disso, ele tinha mentido sobre não ser mais um vampiro. E Elena não estava lutando com ele. Ela o estava chamando de "querido".

Bonnie largou a garrafa e foi embora, correndo.

3

Damon saltou. Em algum momento no meio do salto, Elena sentiu-se ser tomada pelos caprichos da gravidade. Ela tentou enrolar-se como uma bola, a fim de que o impacto fosse para uma de suas nádegas.

O que aconteceu foi estranho — quase milagroso. Ela caiu, virada para cima, no sofá, bem do lado onde o prato de bife tártaro estava. O prato deu um pequeno salto sozinho, três ou quatro centímetros, talvez, e então voltou onde estava.

Elena também foi sortuda o bastante de ter uma visão perfeita do final do ato heróico — que envolvia Damon mergulhando ao chão e pegando a garrafa do precioso vinho Black Magic antes que ele alcançasse o chão e se quebrasse. Ele podia não ter mais os reflexos-relâmpagos que costumava ter, mas ele estava longe, bem longe de ser um humano comum. Arremessar a garota, deixando-a cair em algo confortável, virar-se para dar um mergulho e, por fim, pegar a garrafa, antes que esta se quebrasse. Incrível.

Mas, por outro lado, Damon não era mais igual a um vampiro... Ele não era invencível em cair em superfícies duras. Elena só percebeu isso quando ela o ouvir arfar, tentando respirar e não conseguindo.

Elena procurou, descontroladamente, em sua mente todos os acidentes que ela pudesse se lembrar que envolviam atletas, e — sim, ela se lembrou de um, quando Matt ficou completamente sem fôlego. O treinador teve que agarrá-lo pelo colarinho e bater-lhe nas costas.

Elena correu para Damon e pegou seus braços, deixando-o de costas ao chão. Ela colocou toda sua força para puxá-lo e deixá-lo sentado. Fingindo ser Meredith, que tinha uma média de 0,225 no time de beisebol da Robert E. Lee, ela bateu o mais forte que pôde em Damon, batendo com os pulsos em suas costas.

E funcionou!

De repente, Damon chiou, e depois respirou novamente. Um

laço entre eles aflorou, Elena ajoelhou-se e tentou arrumar suas roupas. Assim que ele conseguiu respirar corretamente, os membros dele deixaram de ser tão flexíveis sob os dedos dela. Delicadamente, ele colocou as mãos dela nas suas. Elena perguntou-se se era possível eles terem ido longe demais, onde palavras não eram necessárias, e se era possível eles poderem voltar ao que eram antes.

Como aquilo tudo aconteceu? Damon a havia pego no colo — talvez porque sua perna estava queimada, ou talvez porque ele havia decidido que era a Sra. Flowers quem estava com a Esfera Estelar. Ela mesma havia dito: "Damon, o que você está fazendo?" Perfeitamente séria. E no meio da sentença ela se ouviu dizer "querido" — mas quem acreditaria nela? — isso não tinha nada a ver com o que eles fizeram à agora pouco. Foi um acidente, sua língua escorregara.

Mas ela havia dito na frente de Bonnie, a única pessoa que levaria isto a sério e para o lado pessoal. E então, Bonnie se foi antes mesmo que ela pudesse se explicar.

Querido! Justo quando eles haviam começado a discutir.

Parecia uma piada. Porque ele estava bem sério em conseguir a Esfera Estelar. Ela viu isto em seus olhos.

Para chamar Damon de "querido", você precisaria estar — estar... Irremediavelmente... Impotente... Desesperadamente... Ai, *Deus.*

Lágrimas começaram a cair até as bochechas de Elena. Mas essas eram lágrimas de revelação. Ela sabia que ela não estava na sua melhor forma hoje. Não dormira durante três dias seguidos — muitos conflitos de emoções — muito medo genuíno neste momento.

Ainda, ela estava com medo de descobrir que algo fundamental havia mudado *dentro* dela.

Não era algo que ela houvesse pedido. Tudo que ela pediu foi que os dois irmãos parassem de brigar. E ela havia *nascido* para amar Stefan; ela sabia disso! Uma vez, ele estava disposto a se casar com ela. Bem, desde então ela foi uma vampira, um espírito e uma nova encarnação caída do céu, e ela esperava que, um dia, ele estivesse disposto a casar com essa nova Elena, também.

Mas a nova Elena estava confusa com seu novo sangue que parecia como combustível de foguete, ao invés de simples gasolina que a maioria das garotas carregava em suas veias. Com seus Poderes

de Asa, assim como as *Asas da Redenção*, a maioria ela não compreendia e não conseguia controlar nenhuma. Embora, ultimamente, ela tenha visto o começo de uma nova, e ela sabia que eram as *Asas da Destruição*. Que, pensou sombriamente, poderia ser bastante útil algum dia.

É claro que várias delas já haviam sido úteis a Damon, que deixara de ser um simples aliado, tornando-se um inimigo-aliado. Ele queria roubar algo que a cidade inteira precisava.

Elena não pediu para se apaixonar por Damon... Mas, ai, Deus, e se ela já estivesse apaixonada? E se ela não conseguisse fazer com que esses sentimentos parassem? O que ela poderia *fazer*?

Silenciosamente, ela sentou e começou a chorar, sabendo que nunca poderia contar nada disso a Damon. Ele tinha o dom de ver através das emoções, mas *dessa* em particular, disso ela sabia. Se ela contasse o que estava em seu coração, antes que ela descobrisse, ele a seqüestraria. Ele acreditaria que ela havia esquecido Stefan de uma vez por todas, assim como o havia esquecido por alguns instantes esta noite.

— Stefan, — Ela sussurrou — eu sinto muito...

Ela também não poderia deixar Stefan saber disso... E Stefan *estava* em seu coração.

* * *

— Temos que nos livrar *rapidamente* de Shinichi e Misao — Matt estava dizendo, mal-humorado. — Quero dizer, eu preciso estar em boas condições ou a Kent State me enviará uma carta estampada com um "Rejeitado".

Ele e Meredith estavam sentados na cozinha quente da Sra. Flowers, mordiscando biscoitos de gengibre e vendo como ela trabalhava apressadamente em fazer bifes carpaccio — a segunda das duas receitas de carne crua que estava em seu livro antigo de culinária.

— Stefan está melhorando tão rapidamente que logo, logo ele poderá voltar a jogar no campo de futebol — Ele acrescentou, com sarcasmo presente em sua voz. — Se ao menos a cidade parasse de ser estranhamente *possuída*. Ah, sim, se ao menos os policiais parassem de me perseguir por ter violentado Caroline.

Ao mencionar o nome de Stefan, a Sra. Flowers espiou dentro de um caldeirão, que há um bom tempo estava borbulhando e agora emitia um odor terrível que Matt não sabia do que ter mais pena: do cara ter de aquela pilha enorme de carne crua, ou aquilo que havia dentro daquela panela.

— Então... Presumindo que você esteja vivo... Você ficaria feliz em abandonar Fell's Church, quando o momento chegar? — Meredith perguntou calmamente.

Matt sentiu como se ela tivesse batido nele.

— Você está brincando, né? — Ele disse, acariciando Sabber com um pé nu e bronzeado. A fera estava fazendo uma espécie de ronronar que crescia constantemente. — Quero dizer, antes disso, seria legal bater uma bolinha com Stefan de novo... Ele é o melhor quarterback que eu já conheci.

— Ou conhecerá — Meredith lembrou-lhe. — Não acho que muitos vampiros se interessem por futebol, Matt, então nem pense em sugerir que ele e Elena sigam você para a Kente State. Além disso, estarei na sua cola, tentando convencê-los a vir à Harvard *comigo*. O pior é que ambos perdemos para a Bonnie, porque aquela faculdade... Tanto-faz-o-nome... É o mais perto de Fell's Church e de todas as coisas daqui que eles amam.

— De todas as coisas daqui que *Elena* ama. — Matt não pôde evitar corrigi-la. — Tudo que Stefan quer é estar junto da Elena.

— Chega, chega. — A Sra. Flowers disse. — Vamos deixar as coisas acontecerem ao seu tempo, né, meus queridos? *Mama* disse que precisamos ficar fortes. Ela está preocupada comigo... Sabe, ela não pode ver tudo que acontece. Matt assentiu, mas teve que engolir em seco antes de dizer à Meredith:

— Então, você desistiu da ideia de ingressar na Ivied Walls, é isso?

— Se não fosse por Harvard... Se ao menos eu pudesse ter um ano livre, mantendo minha bolsa de estudos... — A voz de Meredith foi sumindo, mas o anseio era inconfundível.

A Sra. Flowers deu uma palmadinha no ombro de Meredith, e então disse:

— Estou preocupada com o querido Stefan e a Elena. Depois de tudo, com todos pensando que ela está morta, Elena não pode viver

aqui e ser vista.

— Acho que eles desistiram da ideia de irem para algum lugar distante. — Matt disse. — Aposto que agora eles pensam serem os guardiões de Fell's Church. Eles já são, de alguma forma. Elena pode raspar a cabeça.

Matt estava tentando parecer neutro, mas as palavras afundaram-se assim como balões após saírem de sua boca.

— A Sra. Flowers se referia à *universidade*. — Meredith disse num tom pesado. — Eles serão super-heróis à noite e vão apenas curtir o resto do tempo? Se eles querem ir a algum lugar no ano que vem, eles precisam pensar nisso agora.

— Oh... Bem, acho que há o Dalcrest.

— Onde?

— Você sabe, o pequeno campus em Dyer. É pequeno, mas o time de futebol de lá é bem... Acho que Stefan não se importaria o quão bom eles são. Mas é apenas uma hora daqui.

— Oh, *esse* lugar. Bem, os esportes podem ser fantásticos, mas tenho certeza que não são uma Ivy, muito menos uma Harvard. — Meredith, a não-sentimental e enigmática Meredith, soava como se estivesse com o nariz entupido.

— É — Matt disse, e somente por um segundo ele pegou a mão fina e fria de Meredith e a apertou. Ele ficou ainda mais surpreso quando ela interligou seus dedos nos dele, segurando sua mão.

— *Mama* disse que o quer que esteja predestinado, acontecerá em breve. — A Sra. Flowers disse serenamente. — A coisa mais importante, a meu ver, é salvar a amada, amada cidade. Assim como sua população.

— Claro que é — Matt disse. — Faremos o nosso melhor. Graças a Deus que temos alguém que entendo de demônios japoneses.

— Orime Saitou. — A Sra. Flowers disse com um sorrisinho. — Abençoada seja por seus amuletos.

— É, ambas. — Matt disse, pensando na avó e na mãe que dividiam o mesmo nome. — Acho que vamos precisar de muitos desses amuletos que elas fazem. — Ele adicionou sombriamente.

A Sra. Flowers abriu a boca, mas Meredith falou, ainda focada em seus próprios pensamentos.

— Sabe, Stefan e Elena podem não precisar desistir tão cedo de irem para longe — Ela disse tristemente. — Desde que nenhum de nós sobreviva para fazer nossas próprias faculdades...

Ela deu de ombros.

Matt ainda estava segurando sua mão quando Bonnie passou pela porta da frente, veementemente. Ela tentou correr em direção à escada, evitando a cozinha, mas Matt soltou Meredith e ambos bloquearam seu caminho. Instantaneamente, todos estavam em modo de combate. Meredith segurou o braço de Bonnie firmemente. A Sra. Flowers entrou no hall de entrada, limpando as mãos num pano de prato.

— Bonnie, o que aconteceu? São Shinichi e Misao? Estamos sendo atacados? — Meredith perguntou calmamente, mas com uma intensidade de cortar a histeria.

Algo disparou como um raio de gelo no corpo de Matt. Ninguém sabia onde Shinichi e Misao estavam agora. Talvez no mato, que foi tudo que restou de Old Woods — talvez bem aqui, na pensão.

— Elena! — Ele gritou. — Ai, Deus, ela e Damon estão lá fora. Eles estão feridos? Shinichi os pegou? Bonnie fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Bonnie, fique comigo. Fique calma. É o Shinichi? É a polícia? — Meredith perguntou. Virando para Matt: — É melhor você dar uma olhada pelas cortinas.

Mas Bonnie continuava sacudindo a cabeça.

Matt não viu nenhuma sirene de polícia através das cortinas. Nem sinal de Shinichi e Misao atacando.

— Se *não* estamos sendo atacados — Matt pôde ouvir Meredith dizer à Bonnie — então, o que está acontecendo? Irritantemente, Bonnie somente balançou a cabeça.

Matt e Meredith olharam-se por cima dos cachos de morango de Bonnie.

— A Esfera Estelar — Meredith disse delicadamente, justo quando Matt rosnou:

— Aquele *filho da mãe*.

— Elena não lhe diria nada, além daquela história. — Meredith disse.

E Matt concordou, tentando tirar da cabeça uma imagem do Damon fazendo Elena sofrer em agonia.

— Talvez sejam as crianças possuídas... Aquelas que andam por aí machucando a si mesmas e agindo de um modo estranho.

— Meredith disse, dando uma olhadela em Bonnie, e apertando bem forte a mão de Matt. Matt ficou aturdido e atrapalhou-se nas palavras. Ele disse:

— Se aquele F.D.P. estivesse tentando pegar a Esfera Estelar, Bonnie não teria fugido. Ela é a mais corajosa quando está com medo. E a menos que ele tenha matado Elena, não há razão para ela estar assim... Para Meredith, sobrou o trabalho pesado:

— *Fale* conosco, Bonnie. — Disse em sua voz mais confortante de irmã mais velha. — Algo deve ter acontecido para ter deixado você nesse estado. Respire fundo e diga-me o que você viu.

E então, em uma corrente, palavras começaram a serem cuspidas dos lábios de Bonnie.

— Ela... Ela o estava chamando de *querido* — Bonnie disse, colocando a outra mão de Meredith entre as suas. — E havia sangue espalhado por todo o seu pescoço. E... Ah, eu deixei cair! A garrafa de Black Magic!

— Ora, pois — A Sra. Flowers disse gentilmente. — Não adianta chorar pelo vinho derramado. Tudo que temos que...

— Não, você não *entende* — Bonnie arfou. — Eu os ouvi conversando enquanto me aproximava... Eu tive que ir devagar, porque não é difícil escorregar. Estavam falando sobre a Esfera Estelar! Primeiro, eu pensei que eles estavam discutindo, mas... Ela tinha seus braços em volta do pescoço do Damon. E todo aquele lance dele não ser mais um vampiro? Ela tinha sangue por todo o pescoço e ele o tinha por toda sua boca! Assim que eu cheguei lá, ele a pegou e a arremessou para que eu não pudesse ver, mas ele não foi rápido o bastante. Ela deve ter dado a Esfera Estelar para ele! *E ainda por cima, ficou chamando-o de "querido".*

Os olhos de Matt encontraram os de Meredith, ambos coraram e olharam rapidamente para outro lugar. Se Damon fosse um vampiro novamente... Se ela, de alguma forma, pegou a Esfera Estelar de seu esconderijo... Se Elena só havia ido lá "dar-lhe comida" para dar-lhe seu sangue...

Meredith ainda estava com um olhar distante.

— Bonnie... Você não está exagerando muito nas coisas? Aliás, o que aconteceu com a bandeja de comida da Sra. Flowers?

— Estava... Por toda parte! Eles simplesmente a jogaram para longe. Mas ele a estava segurando com uma mão sob seus joelhos e a outra sob seu pescoço, e a cabeça dela despencava no ar, assim seu cabelo caía sob os ombros dele!

Houve um silêncio enquanto todos tentavam imaginar várias posições que corresponderiam com as últimas palavras de Bonnie.

— Você quer dizer que ele a estava segurando para ela não cair? — Meredith perguntou, sua voz de repente era quase um sussurro.

Matt entendeu o que ela quis dizer. Stefan, provavelmente, estava dormindo no andar de cima, e Meredith queria que ele continuasse assim.

— Não! Eles... Estavam tendo uma *troca de olhares*. — Bonnie gritou. — Olhando. Um nos olhos do outro. A Sra. Flowers falou suavemente:

— Mas amada Bonnie... Talvez Elena tenha caído e Damon simplesmente a ajudou a se levantar. Agora, Bonnie falava sem nenhum remorso e fluentemente.

— Isso só acontece com aquelas mulheres nas capas daqueles livros de romance... Como é mesmo que se chama?

— Romances eróticos? — Meredith sugeriu, quando ninguém mais se pronunciou.

— Exato! Romances eróticos. Era bem desse jeito que ele a estava segurando! Quero dizer, sabemos que algo estava acontecendo entre eles na Dimensão das Trevas, mas eu pensei que isso pararia quando encontrássemos Stefan. Mas não parou!

Matt sentiu uma pontada em seu estômago.

— Quer dizer que neste exato momento Elena e Damon estão... Se beijando e fazendo outras coisas?

— Eu não sei o quê eu quero dizer! — Bonnie exclamou. — *Eles estavam falando sobre a Esfera Estelar! Ele a estava segurando como se ela fosse uma noiva! E ela não estava se debatendo!*

Com um calafrio de medo, Matt previu problemas, e pôde perceber que Meredith previra também. E pior, eles estavam olhando

para duas direções diferentes. Matt estava olhando para as escadas, onde Stefan havia aparecido. Meredith estava olhando para a porta da cozinha, que uma olhadela mostrou a Matt que Damon estava entrando na casa.

O que Damon estava fazendo na cozinha? Matt se perguntou. Estávamos lá agora pouco. E ele estava fazendo o quê, nos espionando do lado de fora?

Nesta situação, Matt deu um tiro no escuro.

— Stefan! — Ele disse com uma voz saudável que o fez tremer por dentro. — Preparado para engolir sangue, ao estilo futebolístico?

Uma pequena parte de Matt pensou: Olhe para ele. Apenas três dias fora da prisão e já tem sua antiga aparência novamente. Três noites atrás ele era um esqueleto. Hoje, ele parecia... Magro. Estava bonito o bastante para fazer com que as garotas caíssem em cima dele de novo.

Stefan deu um sorriso amarelo para ele, apoiando-se sobre o corrimão. Em seu rosto pálido, seus olhos estavam notavelmente vivos, um verde vibrante que faziam brilharem como se fossem jóias. Ele não parecia chateado, e fez com que o coração de Matt se acelerasse. Como ele poderia contar a ele?

— Elena está ferida. — Stefan disse, e de repente houve uma pausa, um silêncio profundo, enquanto todos do recinto congelavam. — Mas Damon não pôde ajudá-la, então ele a trouxe para a Sra. Flowers.

— Verdade. — Damon disse friamente bem atrás de Matt. — Não pude ajudá-la. Se eu fosse um vampiro... Mas não sou. Acima de tudo, Elena tem queimaduras. Tudo que pude pensar foi em um saco de gelo ou um pouco de cataplasma. Desculpe por contestar suas teorias espertinhas.

— Ai, meu Deus! — Gritou a Sra. Flowers. — Quer dizer que a amada Elena está neste momento esperando na cozinha por um pouco de cataplasma?

Ela saiu da sala, correndo em direção à cozinha. Stefan ainda descia as escadas, dizendo:

— Sra. Flowers, ela queimou o braço e a perna... Ela disse que Damon não a reconheceu na escuridão e deu-lhe um encontrão. E que ele pensou ser um intruso em seu quarto, e cortou seu pescoço com a

faca. O resto de nós estará na sala, se precisar de ajuda.

Bonnie gritou:

— Stefan, talvez ela seja inocente... Mas *ele* não é! De acordo com você, ele a queimou... Isso é *tortura*... E colocou uma *faca* em seu pescoço! Talvez ele a tenha ameaçado para dizer a nós o que quiséssemos ouvir. Talvez ela ainda seja refém dele e não sabemos.

Stefan corou.

— É difícil de explicar. — Ele disse delicadamente. — E eu continuo tentando entender. Mas até então... Alguns dos meus Poderes têm crescido... Mais rápido do que minha habilidade de controlá-los. Na maioria do tempo estou dormindo, mas isso não importa. Estava dormindo até poucos minutos atrás. Mas acordei e Elena estava dizendo a Damon que a Sra. Flowers não tinha a Esfera Estelar. Ela estava chateada, e ferida... E eu pude sentir onde ela estava ferida. Então, de repente, eu ouvi você, Bonnie. Você é uma telepata muito forte. Então, ouvi o resto de você falando sobre a Elena...

Ai, meu Deus. Que loucura, Matt estava pensando. Sua boca balbuciava algo parecido como "Claro, claro, foi erro nosso" em palavras ininteligíveis, e seus pés seguiram os de Meredith até a sala, como se ele fosse atraído por aquelas sandálias italianas.

Mas o sangue na boca de Damon...

Devia haver alguma razão para o sangue, também. Damon havia dito que Damon a havia ferido com a faca. O sangue poderia ter espirrado; bem, isso não soava como vampirismo para Matt. Ele havia sido um doador para Stefan uma dúzia de vezes nos últimos dias e o processo sempre fora muito limpo.

— Eu tento não ouvir pensamentos, a menos que eu seja convidado e tenho um bom motivo para tal. — Stefan disse. — Mas quando alguém menciona Elena, especialmente quando essa pessoa parece perturbada... Eu não consigo evitar. É como se você estivesse em um lugar barulhento e mal consegue ouvir, mas quando alguém diz seu nome, você ouve instantaneamente.

— Isso se chama Pareidolia — Meredith disse. Sua voz estava quieta e cheia de remorso, como se ela estivesse tentando acalmar uma Bonnie atormentada.

Matt sentiu outra aceleração em seu coração.

— Bem, vocês podem chamar isso do que quiserem — Ele disse —, mas então quer dizer que você pode ouvir nossos pensamentos sempre que quiser.

— Nem sempre. — Stefan disse, estremecendo. — Quando eu estava bebendo sangue animal eu não era forte o bastante a menos que realmente me esforçasse. Aliás, saibam, meus amigos, que eu voltarei a caçar animais a partir de amanhã ou no dia seguinte, dependendo do que a Sra. Flowers disser. — Ele adicionou, dando uma olhada significativa em todos na sala.

Seus olhos pousaram em Damon, que estava encostado na parede perto da janela, com uma aparência desgrenhada e muito, muito perigosa.

— Mas isso não significa que esquecerei quem salvou minha vida quando estava prestes a morrer. Por isso, eu respeito e agradeço a todos vocês... E, bem, teremos uma festa um dia desses. — Ele piscou várias vezes e olhou para longe.

As duas garotas olharam-se — até mesmo Meredith fungou. Damon soltou um suspiro exagerado.

— Sangue animal? Ah, brilhante. Torne-se o mais fraco possível, maninho, mesmo com três ou quatro doares dispostos ao seu redor. Então, quando o confronto final com Shinichi e Misao chegar, você será tão útil quanto um pedaço de papel molhado.

— Haverá um confronto... Em breve? — Bonnie começou.

— Assim que Shinichi e Misao estiverem prontos. — Stefan disse calmamente. — Acho que eles preferem não me dar tempo até eu melhorar. A cidade inteira está prestes a ficar em chamas e cinzas, vocês sabe. Mas não posso continuar pedindo a você, à Meredith, a Matt... E à Elena... Para doarem sangue para mim. Vocês já me mantiveram vivo nesses últimos dias, e não sei como recompensá-los por isso.

— Nos recompense ficando o mais forte possível. — Meredith disse em sua voz quieta e controlada. — Mas, Stefan, posso lhe fazer algumas perguntas?

— Claro. — Stefan disse, apoiando-se em uma cadeira. Ele não se sentou até que Meredith, com Bonnie praticamente em seu colo, tivesse afundado no sofá em formato de coração.

Então, ele disse:

— Pode começar.

4

— Primeiro, — Meredith perguntou — o Damon está certo? Se você voltar para o sangue animal, você será seriamente enfraquecido?

Stefan sorriu.

— Estarei do jeito que era antes, quando eu conheci vocês. — Ele disse. — Forte o bastante para fazer isso.

Ele inclinou-se em direção a um objeto de ferro embaixo do cotovelo de Damon, murmurando distraidamente "*Scusilo per favore*" enquanto pegava o atiçador de lareira.

Damon revirou os olhos. Mas quando Stefan, em um rápido movimento, dobrou o atiçador em formato de U, desdobrando-o de novo e colocando-o novamente em seu lugar, Matt podia jurar que havia uma expressão de inveja no rosto Damon, que nunca expressava nada.

— E isso era ferro, que é resistente a todas as forças sobrenaturais. — Meredith disse uniformemente, enquanto Stefan afastava-se da lareira.

— Mas é claro que ele esteve bebendo de vocês três, garotas charmosas, nos últimos dias... Sem mencionar o poder nuclear que a amada Elena se tornou. — Damon disse, batendo palmas três vezes, lentamente. — Ah... Mutt. *Sono spiacente*... Quero dizer, eu não quis adicionar você ao grupo de garotas. Sem ofensas.

— Não me ofendi. — Matt disse entre dentes.

Se ele pudesse, somente uma vez, tirar aquele sorrisinho brilhante do rosto de Damon, ele morreria feliz, ele pensou.

— Mas a verdade é que você tem sido um doador... Muito... Disposto para o meu Querido Irmão, não é mesmo? — Damon adicionou, seus lábios se contraindo um pouco, como se o atrito o controlasse de sorrir.

Matt deu dois passos em direção a Damon. Era tudo que *ele* poderia fazer sem dar uma na cara do Damon, apesar de algo em seu cérebro sempre gritar *suicídio* quando ele tinha pensamentos como

este.

— Tem razão. — Ele disse o mais calmamente possível. — Eu tenho doado sangue a Stefan assim como as garotas. Ele é meu amigo, e há alguns dias atrás parecia que ele tinha acabado de sair de um campo de concentração.

— Claro. — Damon murmurou, como se estivesse sido castigado, mas logo voltou a um tom mais suave: — Meu maninho sempre foi popular com ambos os... Bem, com senhoritas presentes, eu direi *gêneros*. Até mesmo com um kitsune macho; que, é claro, é o motivo de eu estar nesta confusão.

Matt viu, literalmente, a cor vermelha, como se olhasse para uma névoa de sangue em cima Damon.

— Falando nisso, o que aconteceu com o Sage, Damon? Ele era um vampiro. Se pudéssemos encontrá-lo, seu problema seria resolvido, não? — Meredith perguntou.

Foi uma boa resposta, assim como todas as respostas que Meredith dava. Mas Damon falou com seus olhos negros fixos no rosto de Meredith:

— Quanto menos você souber e falar de Sage, será melhor. Eu não falaria *dele* tão deliberadamente... Ele tem amigos lá embaixo. Mas a resposta para sua pergunta: Não, eu não deixaria Sage me transformar em vampiro. Isso só complicaria as coisas.

— Shinichi nos deu boa em descobrir que ele é — Meredith disse, ainda calma. — Você sabe o que ele quis dizer com isso? Damon deu de ombros.

— O que eu sei é somente da minha conta. Ele gasta o tempo dele no lugar mais baixo e sombrio da Dimensão das Trevas. Bonnie explodiu.

— Porque Sage se foi? Oh, Damon, ele se foi por *nossa* causa? Por que ele deixou Sabber para cuidar de nós? E... Oh... Oh...

Oh... Damon, sinto muito! *Sinto muitíssimo!*

Ela deslizou para fora do assento em formato de coração e inclinou a cabeça de modo que somente seus cachos de morango estavam visíveis. Com sua mãos pequenas e pálidas abraçando seu corpo, ela parecia que estava prestes a colocar a cabeça entre os pés.

— Isso é tudo culpa minha e agora todos estão zangados... Mas aquilo era tão horrível e eu tive que acreditar na pior coisa que eu

pudesse imaginar.

Isso foi um quebra-gelo. Logo, todos estavam rindo. Era tão típico da *Bonnie*, e era uma verdade para eles. Típico de humano. Matt queria pegá-la e colocá-la de volta no assento em formato de coração. Meredith sempre fora o melhor remédio para Bonnie. Mas quando ele se encontrou indo alcançá-la, ele ficou confuso ao ver dois pares de mãos fazendo a mesma coisa.

Uma eram as de Meredith, esbeltas e morenas, e os as outras eram do sexo masculino, mais longas e afiadas.

As mãos de Matt se fecharam em um punho. Deixe Meredith pegá-la, pensou ele, e seu punho desajeitado... De algum jeito... Ficou no caminho dos de Damon. Meredith levantou Bonnie facilmente e sentou novamente no assento de coração. Damon levantou os olhos escuros para Matt e Matt viu compreensão lá.

— Sério, você devia perdoá-la, Damon. — Meredith, sempre com referência imparcial, disse sem rodeios. — Eu não acho que ela conseguirá dormir esta noite de outra forma.

Damon deu de ombros, frio como um iceberg.

— Talvez... Um dia.

Matt podia sentir seus músculos se contraírem. Que tipo de filho da mãe poderia dizer isso para a Bonniezinha? Porque, é claro, ela estava ouvindo.

— Vai se ferrar. — Matt disse em voz alta.

— O que disse? — A voz de Damon não era mais lânguida e falsamente educada, mas sim como um chicote.

— Você me ouviu. — Matt resmungou. — E se não ouviu, talvez seria melhor que fôssemos lá fora para que eu pudesse dizer mais alto. — Ele adicionou, soando mais corajoso.

Ele ignorou um gemido de "Não!" de Bonnie, e um educado "Quietos" de Meredith. Stefan disse "Os dois..." em uma voz de comando, mas vacilou e tossiu, dando a chance para Matt e Damon saírem pela porta.

Estava bem quente lá fora, na varanda da pensão.

— Esse será o terreno de matança? — Damon perguntou preguiçosamente quando eles tinham descido as escadas e ficado ao lado do caminho de cascalho.

— Está ótimo para mim. — Disse Matt, seus ossos sabendo

que Damon jogaria sujo.

— Sim, definitivamente é bem perto. — Disse Damon, dando um sorriso brilhante desnecessário em direção a Matt. — Você pode pedir por ajuda, enquanto meu maninho está na sala, e ele terá tempo bastante para salvá-lo. E agora, vamos resolver o problema de você se meter na minha vida e do por que você...

Matt deu-lhe um soco no nariz.

Ele não tinha ideia do que Damon pretendia fazer. Se você pede para um cara para ir lá fora, então vocês vão lá. Então, você vai em cima do cara. Você não fica bate-papo. Se fizesse isso, você seria rotulado de "covarde" ou de coisa pior. Damon não era o tipo que se precisasse dizer isso.

Mas Damon sempre havia sido capaz de repelir qualquer ataque contra ele, enquanto ele falava alguns insultos... Antes. Antes, ele teria quebrado cada osso em minha mão e me batido, Matt deduziu. Mas agora... Estou quase tão rápido quanto ele, e ele simplesmente foi pego de surpresa.

Matt flexionou sua mão cautelosamente. Sempre machucava, é claro, mas se Meredith pôde fazer isso com Caroline, então ele poderia fazer com...

Damon?

Mas que droga, eu nocauteei o *Damon*?

Corra, Honeycutt, ele parecia ouvir a voz do seu velho treinador dizendo-lhe. Corra. Fuja da cidade. Mude de nome. Já tentei isso. Não funcionou. Nem sequer tinha uma camisa, Matt pensou amargamente.

Mas Damon não estava pulando como um demônio de fogo do inferno, com os olhos de um dragão e a força de um touro furioso para aniquilar Matt. Parecia e soava mais como se ele estivesse chocado e indignado com seu cabelo desgrenhado e suas botas manchadas de terra.

— Sua... Criança... Ignorante... — Ele ficava alternando entre inglês e italiano.

— Olha — Matt disse. — Estou aqui para brigar, está bem? E o cara mais inteligente que eu conheço uma vez me disse: "Se você vai brigar, não converse. Se vai conversar, não brigue."

Damon tentou rosnar enquanto erguia-se e tirava os espinhos

de seus jeans. Mas o rosnado não se saiu muito bem. Talvez seja por causa da forma de seus caninos. Talvez ele simplesmente não estivesse com muita convicção.

Matt havia visto garotos derrotados o suficiente para saber que essa briga estava acabada. Uma estranha exaltação veio sobre ele. Ele continuaria com seus membros e órgãos! Aquele era um momento muito, muito precioso.

Ok, será que eu devo lhe oferecer uma ajuda? Matt se perguntou, sendo respondido logo por: *Claro, seria o mesmo que ajudar um crocodilo temporariamente aturdido. Para quê você precisa de dez dedos inteiros, afinal?*

Ora, pois, ele pensou, virando-se para voltar à porta da frente. Enquanto ele vivesse... O que, ele admitiu, poderia não ser por muito tempo... Ele se lembraria deste momento.

Quando ele entrou, ele deu um encontrão com Bonnie, que estava prestes a sair.

— Oh, Matt, oh, *Matt*. — Ela gritou. Ela o avaliava loucamente. — Você *o* machucou? *Ele* machucou *você*? Matt bateu uma vez seu punho em sua outra mão.

— Ele ainda está caído lá fora. — Ele adicionou proveitosamente.

— Oh, *não*! — Bonnie arfou, e saiu pela porta.

Ok. A parte menos espetacular da noite. Mas ainda era uma boa noite.

* * *

— Eles fizeram *o quê*? — Elena perguntou a Stefan.

Frios cataplasmas presos por bandagens apertadas foram envoltos em torno de seu braço, mão e coxa — a Sra. Flowers havia cortado seu jeans transformando-o em short — e a Sra. Flowers limpou o sangue seco com ervas.

Seu coração estava batendo com mais dor. Mesmo que ela não tivesse percebido que Stefan estava em sintonia com todos da casa quando ele estava acordado. Tudo que ela podia pedir a Deus era que ele estivesse dormindo quando ela e Damon... Não! Ela tinha que parar de pensar nisso, e agora!

— Eles foram lá fora lutar — Stefan disse. — É idiotice, é claro. Mas é uma questão de honra, também. Não posso interferir.

— Bem, *eu* posso... Isso se você tiver terminado, Sra. Flowers.

— Sim, amada Elena. — A Sra. Flowers disse, prendendo um band-aid no pescoço de Elena. — Agora, você não deve pegar tétano.

Elena parou no meio de uma ação.

— Pensei que você contraísse tétano a partir de lâminas enferrujadas. — Ela disse. — Da... Essa parecia nova em folha.

— Tétano se pega a partir de *lâminas* sujas, minha querida. — A Sra. Flowers a corrigiu. — Mas essa... — Ela segurava uma garrafa — É uma receita da própria *Vovó* a que mantém qualquer ferida livre de qualquer doença durante séc... Durante anos.

— Uau. — Elena disse. — Eu nunca tinha ouvido falar da *Vovó*. Ela era uma... Curandeira?

— Ah, sim. — A Sra. Flowers disse sinceramente. — Na verdade, ela fora acusada de ser uma bruxa. Mas no seu julgamento, não se pôde provar nada. Aqueles que a acusaram não pareciam poder falar coerentemente.

Elena olhou para Stefan somente para descobrir que ele estava olhando para ela. Matt estava em perigo de ser arrastado ao tribunal... Alegando ter agredido Caroline Forbes enquanto estava sob alguma droga desconhecida e terrível. Nada relacionado com tribunais interessava a ambos. Mas ao olhar para o rosto preocupado de Stefan, Elena decidiu não prosseguir com o assunto. Ela apertou sua mão.

— Temos que ir agora, mas falaremos sobre a *Vovó* mais tarde. Ela me parece ser fascinante.

— Eu só lembro-me dela como uma velha reclusa e excêntrica que não se enganava com a felicidade e que achava que todos eram tolos. — Disse a Sra. Flowers. — Acho que estava indo pelo mesmo caminho até que vocês, crianças, chegaram e me fizeram acordar. Obrigada.

— Somos nós que devemos agradecer — Elena começou, abraçando a velha senhora, sentindo seu coração parar de bater. Stefan estava olhando para ela com amor. Tudo ia ficar bem... Para ela.

Estou preocupada com Matt, ela pensou para Stefan, testando

águas mais vigorosas. *Damon ainda é bem rápido... E ele não gosta de Matt nem um pouco.*

Eu acho, Stefan retornou com um sorriso torto, *que isso é um eufemismo bastante impressionante. Mas eu também acho que você não deve se preocupar até ver quem voltou ferido.*

Elena olhou aquele sorriso, e pensou por um momento sobre o impulso e atlético Matt. Depois de um instante, ela sorriu de volta. Ela estava se sentindo culpada e protetora... E salva. Stefan sempre a fazia se sentir salva. E agora, ela queria prejudicá-lo.

No jardim da frente, Bonnie humilhava a si mesma. Ela não conseguia deixar de pensar, mesmo agora, sobre o quão belo Damon parecia, o quão sombrio, selvagem e bonito. Ela não pôde evitar pensar nas vezes em que ele sorrira para ela, rira para ela, viera para salvá-la numa ligação de emergência. Ela tinha o pensamento de que, um dia... Mas agora, ela sentiu como se o seu coração estivesse quebrado em dois.

— Eu só queria poder arrancar a minha língua. — Ela disse. — Eu não devia ter assumido nada do que vi.

— Como você teria sabido que eu *não estava* roubando Elena de Stefan? — Damon disse cansadamente. — Esse seria o tipo de coisa que eu faria.

— Não, não é! Você fez tanta coisa para libertar Stefan da prisão... Você sempre encarou os maiores perigos... E você evitou que nos machucassem. Você fez tanta coisa por outras pessoas...

De repente, os braços de Bonnie estavam sendo segurados por mãos tão fortes que sua mente foi inundada de clichês. Um aperto de ferro. Forte como tiras de aço.

E uma voz como uma corrente gelada veio até ela.

— Você não sabe nada sobre mim, ou sobre o que eu quero, ou sobre o que eu faço. Tudo que você sabe é que eu poderia estar armando alguma neste momento. Então, não quero ouvir você falando sobre algumas coisas, ou imaginando que eu não lhe mataria se você entrasse em meu caminho. — Damon disse.

Ele saiu e deixou Bonnie sentada ali, encarando-o. E ela estava errada. Ela não estava chorando, no final das contas.

5

— Eu pensei que você quisesse sair para que pudéssemos conversar com Damon — Stefan disse, ainda de mãos dadas com Elena enquanto ela fazia uma curva acentuada à direita para a escada bamba que os levou para os quartos no segundo andar e, acima deste, para o sótão de Stefan.

— Bem, a menos que ele tenha matado Matt e fugido, não há nada que nos impeça de falar com ele amanhã. — Elena olhou para Stefan e mostrou-lhe suas covinhas — Segui seu conselho e pensei um pouco. Matt é um quarterback bem forte e ambos são somente humanos, certo? Enfim, é hora do seu jantar.

— Jantar? — Os caninos de Stefan responderam automaticamente... Embaraçosa e rapidamente... À palavra.

Ele estava mesmo precisando dar uma palavrinha com o Damon e fazer com que Damon entendesse que ele era um convidado na pensão — nada mais que isso —, mas era verdade: ele poderia fazer isso amanhã. Poderia até ser mais eficaz amanhã, quando a própria ira reprimida de Damon se fosse.

Ele pressionou sua língua contra seus caninos, tentando forçá-los a voltarem ao normal, mas a pequena estimulação deixou- os mais afiados, cortando seus lábios. Agora, eles doíam com prazer. Tudo isso em resposta a apenas uma palavra: *jantar*.

Elena deu-lhe um olhar provocante e riu. Ela era uma daquelas garotas sortudas com uma risada bonita. Mas esta era claramente uma risadinha maliciosa, vinda de seus planos vingativos de sua infância. Isso fez com Stefan tivesse vontade de fazer cócegas nela só para poder ouvir mais; isso fez com que ele risse com ela; fez com ele a pegasse e exigisse saber qual era a graça.

Ao invés disso, ele disse:

— O que foi, amor?

— Alguém tem dentes pontudos. — Ela respondeu inocentemente, rindo novamente.

Ele se perdeu em admiração por um segundo e também, de repente, perdeu sua mão.

Rindo como uma cascata branca e musical caindo sobre uma pedra, ela correu até as escadas em sua frente, tanto para provocar quanto para mostrar que ela estava em boa forma, ele pensou. Se ela tivesse tropeçado, ou vacilado, ela saberia que ele decidiria que sua doação de sangue a machucaria.

Até agora, não pareceu ser prejudicial para nenhum de seus amigos, ou ele teria insistido em dar um descanso para essa pessoa. Mas mesmo Bonnie, tão delicada quanto uma libélula, não parecia estar pior do que ela.

Elena correu até as escadas sabendo que Stefan estava sorrindo por trás dela, e não havia uma sombra de desconfiança em sua mente. Ela não merecia isso, mas só isso a deixava mais ansiosa para agradá-lo.

— Você já teve o *seu* jantar? — Stefan perguntou assim que alcançaram seu quarto.

— Já faz um bom tempo; rosbife... Cozido. — Ela sorriu.

— O que o Damon disse, assim que viu que era você e viu o que você havia trazido?

Elena riu novamente. Não havia problema em ter lágrimas em seus olhos; suas queimaduras e cortes doíam e o episódio com Damon justificava qualquer sinal de choro.

— Ele chamou de hambúrguer sangrento; sendo que era bife tártaro. Mas, Stefan, eu não quero falar sobre ele agora.

— Não, claro que não quer, amor.

Stefan estava imediatamente arrependido. E ele estava tentando tanto não parecer ansioso para se alimentar... Mas ele não pôde controlar seus caninos.

E Elena também não estava com disposição para brincadeiras. Ela se empoleirou sobre a cama, tirando com cuidado os curativos que a Sra. Flowers havia posto. Stefan, de repente, pareceu perturbado.

Amor... Ele parou abruptamente.

O que foi? Ela terminou com as bandagens, estudando o rosto de Stefan.

Bem, talvez pudéssemos tirar do seu braço dessa vez? Você já está com dor

*e eu não quero trapacear com o tratamento anti- tétan*ico *da Sra. Flowers.*

Ainda há espaço aqui. Elena disse alegremente.

Mas uma mordida em cima desses cortes... Ele parou de novo.

Elena olhou para ele. Ela conhecia o seu Stefan. Havia algo que ele queria dizer.

Diga-me, ela o pressionou.

Stefan finalmente a olhou nos olhos, então colocou seus lábios em seu ouvido:

— Eu posso curar as feridas. — Ele sussurrou. — Mas... Isso significa ter de abri-las novamente para que possa sangrar. Isso vai doer.

— Isso pode envenená-lo. — Elena disse rispidamente. — Você não entende? A Sra. Flowers colocou Deus sabe o que nisto... Ela pôde sentir a risada dele, que enviou um formigamento quente por sua coluna vertebral.

— Não se pode matar um vampiro tão facilmente. — Ele disse. — Só morremos se você atravessar uma estaca em nossos corações. Mas eu não quero machucá-la... Mesmo se isso a ajudar. Eu te Influenciar para não sentir nada... Mais uma vez, Elena o interrompeu.

— Não! Eu não me importo se doer. Contanto que você receba o tanto de sangue que precisa.

Stefan respeitava Elena o suficiente para saber que ele não devia fazer a mesma pergunta duas vezes. E ele mal podia mais se conter. Viu-a deitar-se e, em seguida, estendido ao seu lado, inclinou-se para chegar até os cortes manchados de verde. Ele lambeu gentilmente, num primeiro momento, as feridas, e depois correu a língua de cetim sobre elas. Ele não tinha idéia de como o processo funcionava ou quais produtos químicos estavam indo para as lesões de Elena. Era tão automático quanto respirar para os seres humanos. Mas depois de um minuto, ele riu baixinho.

O quê foi? O que foi? Ela perguntou, sorrindo como se o seu hálito lhe fizesse cócegas.

Seu sangue está misturado com erva-cidreira, Stefan respondeu. *A receita de cura da Vovó tem erva-cidreira e álcool! Erva- cidreira e vinho!*

Isso é bom ou ruim? Elena perguntou incerta.

É bom... Mudar o cardápio. Mas ainda o seu sangue o melhor de todos.

Está doendo muito?

Elena sentiu-se corar. Damon tinha curado sua bochecha desta forma, lá na Dimensão das Trevas, quando Elena tinha protegido, com seu próprio corpo, uma escrava ensangüentada de uma chicotada. Ela sabia que Stefan conhecia a história, e ele devia saber que a linha branca em sua bochecha havia sido apenas a carícia da cura.

Comparado com aquilo, esses arranhões não são nada, ela enviou. Mas um súbito arrepio passou sobre ela.

Stefan! Eu nunca implorei por seu perdão por ter protegido Ulma, correndo o risco de não ser capaz de salvá-lo. Ou pior... Por dançar enquanto você estava morrendo de fome... Para manter a fachada até que pudéssemos pegar as Chaves Gêmeas...

Você acha que eu me importo com isso? A voz de Stefan simulava raiva enquanto ele fechava um corte em sua garganta. *Você fez o que tinha que fazer para me encontrar... Para me salvar... Depois de eu tê-la deixado aqui sozinha. Você acha que eu não compreendo? Eu não merecia ser salvo...*

Agora, Elena sentia um pequeno soluço sufocá-la.

Nunca diga isso! Nunca! E eu acho... Acho que eu sabia que você me perdoaria ou eu teria sentido cada jóia que eu usei queimar. Nós tivemos que ir atrás de você como cães atrás de raposas... E estávamos com tanto medo de que um passo em falso poderia significar o seu enforcamento... Ou o nosso.

Stefan estava abraçando-a mais forte agora.

Como eu posso fazer você entender? Ele perguntou. *Você desistiu de tudo... Até de sua liberdade... Por mim. Vocês se transformaram em escravas. Você... Você... Foi Disciplinada.*

Elena perguntou descontroladamente:

Como você sabe? Quem te contou?

Você me contou, amada. Em seu sono... Em seus sonhos. Mas, Stefan... Damon tirou a dor de mim. Você sabia disso? Stefan ficou em silêncio por um instante, depois respondeu: *Eu... Entendo. Eu não sabia disso.*

Cenas diversas da Dimensão das Trevas borbulhavam na mente de Elena. Aquela cidade de bugigangas manchada de brilho ilusório, onde uma chicotada que espalhava sangue na parede era tão apreciado quanto um punhado de rubis espalhados na calçada...

Amor, não pense nisso. Você me seguiu, e você me salvou, agora estamos aqui juntos, Stefan disse.

O último corte fora fechado, ele deitou a bochecha sobre a dela.

Isso é tudo que me importa. Você e eu... Juntos.

Elena quase estava tonta de tão feliz que estava por ser perdoada, mas havia algo dentro dela, algo que tinha crescido e crescido e *crescido* durante a semana em que ela estava na Dimensão das Trevas. Um sentimento por Damon que não foi resultado de sua necessidade pela ajuda dele. Um sentimento que Elena pensou que Stefan pudesse compreender. Um sentimento que até poderia mudar o relacionamento entre eles três: ela, Stefan e Damon. Mas agora, Stefan pareceu assumir que tudo voltaria ao que era antes dele ser seqüestrado.

Ah, bem, por que se preocupar com o amanhã, quando esta noite fora suficiente para fazê-la chorar de alegria?

Este era o melhor sentimento do mundo: o conhecimento de que ela e Stefan estavam juntos, e ela fez Stefan lhe prometer repetidamente que ele nunca a deixaria para ir a outra busca, não importasse o quão breve, não importasse a causa.

Mesmo agora, Elena não pôde se concentrar no que ela estava preocupada até poucos instantes.

Ela e Stefan sempre tinham encontrado o céu nos braços um do outro. Eles estavam destinados a ficarem juntos para sempre. Nada mais importava, agora que ela estava em casa.

"Casa", era onde ela e Stefan estavam — juntos.

6

Bonnie não conseguiu dormir depois da conversa com Damon. Ela queria falar com Meredith, mas havia uma massa uniforme e surda na cama de Meredith.

A única coisa que ela pôde pensar foi em ir à cozinha e preparar uma xícara de chocolate quente, sozinha em sua miséria. Bonnie não era boa em ficar a sós consigo mesma.

Mas quando ela se decidiu, quando ela chegou ao térreo, ela não foi para a cozinha. Ela passou direto. Tudo estava escuro e com uma aparência estranha na penumbra silenciosa. Acender uma luz só tornaria as coisas mais escuras ainda. Mas ela conseguiu, com os dedos trêmulos, apertar o interruptor que estava ao lado do sofá. Agora, se ela pudesse encontrar um livro ou coisa parecida...

Ela estava agarrada ao seu travesseiro como se fosse um ursinho de pelúcia, quando a voz de Damon disse atrás dela:

— Pobre passarinho. Você não devia estar acordada a essa hora, você sabe. Bonnie começou a falar e mordeu seus lábios.

— Espero que você não esteja mais ferido. — Ela disse friamente, com toda sua dignidade, mas suspeitou que não havia sido muito convincente.

Mas o que ela devia fazer?

A verdade é que Bonnie não tinha nenhuma chance em vencer um duelo de esperteza com Damon — e ela sabia disso. Damon quis dizer "Ferido? Para um vampiro, um soquinho como aquele era..."

Mas, infelizmente, *ele* também era humano. E doeu.

Não por muito tempo, ele prometeu a si mesmo, olhando para Bonnie.

— Pensei que você nunca mais quisesse me ver. — Disse ela, com o queixo tremendo. Parecia ser cruel demais usar um passarinho vulnerável. Mas que escolha ele tinha?

Eu vou fazer as pazes com ela de qualquer forma, algum dia, eu juro, ele pensou. E ao menos eu posso ser agradável agora.

— Não foi isso o que eu disse. — Ele respondeu, esperando que Bonnie não se lembrasse exatamente do que ele *havia* dito. Se ele pudesse influenciar aquela menina-mulher antes dele...Mas ele não podia. Ele era humano agora.

— Você disse que me mataria.

— Olha, eu tinha acabado de me transformar em humano. Eu não acho que você saiba o que isso signifique, mas isso não tem acontecido comigo desde que eu tinha 12 anos de idade, e ainda era um humano comum.

O queixo de Bonnie continuou tremendo, mas as lágrimas haviam parado. Você *é* a mais corajosa *quando* está com medo, Damon pensou.

— Estou mais preocupado é com os outros. — Ele disse.

— Os outros? — Ela piscou.

— Em quinhentos anos de vida, a pessoa tende a fazer uma quantidade notável de inimigos. Não sei, talvez seja só eu. Ou talvez seja o simples fato de ser um vampiro.

— Oh. Oh, *não*! — Bonnie gritou.

— Qual o problema, passarinho? A vida tende a ser curta, sendo ela longa ou breve.

— Mas... Damon...

— Não se aflija, gatinha. Tenho um dos remédios da Natureza. — Damon tirou de seu bolso do peito um pequeno cantil que cheirava a Black Magic.

— Oh... Você o salvou! Que esperteza a sua!

— Que experimentar? Senhoras... Deixe-me consertar... Jovens primeiro.

— Oh, eu não sei. Eu costumo ficar meio bobona.

— O mundo é bobo. A vida é uma bobagem. Especialmente quando você foi condenada por seis pessoas antes mesmo do café-da-manhã.

Damon abriu o cantil.

— Oh, tudo bem!

Claramente emocionada em "beber com o Damon", Bonnie tomou um elegante gole. Damon engasgou para encobrir uma risada.

— É melhor você tomar goles maiores, passarinho, ou vai demorar a noite toda até que chegue a minha vez.

Bonnie respirou fundo, e depois deu um gole profundo. Após cerca de mais três deles, Damon decidiu que ela estava pronta. Bonnie ria sem parar agora.

— Eu acho... Você acha que eu já tive o bastante?

— Que cores você está vendo lá fora?

— Rosa? Violeta? É isso mesmo? Não estamos mais no anoitecer?

— Bem, talvez as Luzes do Norte estejam nos visitando. Mas você está certa, eu deveria levar você para a cama.

— Oh, não! Oh, sim! Oh, não! Nãonãonão*sim*!

— Shh...

— SHHHHHH!

Que maravilha, Damon pensou, eu exagerei.

— Quero dizer, colocar você na cama. — Ele disse firmemente. — *Só* você. Aqui, eu vou levá-la à cama do primeiro andar.

— Porque eu poderia cair das escadas?

— Pode se dizer que sim. E este quarto é muito mais agradável do que o que você compartilha com Meredith. Agora você irá dormir e não dirá nada a ninguém sobre o nosso encontro.

— Nem mesmo para a *Elena*?

— Para ninguém. Ou eu posso ficar com raiva de você.

— Oh, não! Eu não vou, Damon. Juro pela sua vida!

— Isso é... Bem preciso. — Disse Damon. — Boa noite.

* * *

O luar encapsulava a casa. Um nevoeiro se misturava ao luar. Uma figura esbelta e encapuzada aproveitou as sombras tão habilmente que ele teria passado despercebido mesmo se alguém estivesse olhando lá para fora — e não havia ninguém.

7

Bonnie estava em seu novo quarto do primeiro andar, e estava se sentindo muito confusa. Black Magic sempre a fazia se sentir risonha, em seguida, com muito sono, mas de alguma forma esta noite seu corpo se recusou a dormir. Sua cabeça doía.

Ela estava prestes a acender a luz da cabeceira, quando uma voz familiar lhe disse:

— Que tal um pouco de chá para a sua dor de cabeça?

— *Damon*?

— Eu peguei um pouco das ervas da Sra. Flowers e decidi fazer um copo para você também. Você não é uma menina sortuda?

Se Bonnie tivesse ouvido atentamente, ela poderia ter ouvido algo parecido com aversão por trás daquelas palavras dóceis — mas ela não ouviu.

— Sim — Bonnie disse, se referindo à primeira coisa.

A maioria dos chás da Sra. Flowers tinham um cheiro bom e eram deliciosos. Este aqui estava especialmente gostoso, mas granulava em sua língua.

Não só o chá estava bom, mas Damon também ficou para conversar com ela enquanto ela bebia tudo.

O estranho era que este chá feito para ela não a deixava sonolenta, mas sim como se ela só pudesse se concentrar em uma coisa de cada vez. Damon nadou pelo seu campo de visão.

— Sentindo-se mais relaxada? — Ele perguntou.

— Sim, obrigada.

Estranho, muito estranho. Até mesmo sua voz soava lenta e arrastada.

— Queria me certificar de que ninguém estava pegando pesado com você só por causa daquele erro bobo sobre a Elena. — Ele explicou.

— Eles não estavam, é sério — Ela disse. — Na verdade, todos estavam mais interessados em ver você e Matt brigando... Bonnie

colocou a mão por cima de sua boa.

— Oh, não! Eu não quis dizer isso. Sinto muito!

— Tudo bem. Devo melhorar amanhã.

Bonnie não conseguia imaginar por que alguém estaria com tanto medo de Damon, que foi tão bom a ponto de pegar sua caneca de chá e dizer que ele iria colocá-la na pia. Isso era bom, porque ela estava se sentindo como se não fosse capaz de levar. Que acolhedor. Que confortável.

— Bonnie, posso te perguntar uma coisinha? Damon pausou.

— Eu não posso te dizer o porquê, mas... Eu tenho que descobrir onde a Esfera Estelar de Misao está guardada. — Disse ele sinceramente.

— Oh... Isso. — Bonnie disse vagamente. Ela deu uma risadinha.

— Sim, isto. E sinto muitíssimo ao perguntar para você, porque você é jovem e inocente... Mas sei que me dirá a verdade. Após este elogio e conforto, Bonnie sentiu como se pudesse voar.

— Foi no mesmo lugar o tempo todo. — Disse ela com um desgosto sonolento. — Eles tentaram me fazer pensar que a haviam mudado de lugar... Mas quando eu o vi descendo à dispensa, eu soube que não fizeram isso. No escuro, houve uma agitação de pequenos cachos e, em seguida, um bocejo.

— Se eles realmente fossem mudá-la de lugar... Eles deveriam ter me mandado ir lá para fora ou algo assim.

— Bem, talvez eles estivessem preocupados com sua vida.

— Quê? — Bonnie bocejou mais uma vez, não tendo certeza do que ele disse. — Quero dizer, um velhíssimo cofre com combinação? Eu disse para eles... Que esses cofres antigos... Poderiam... Ser facilmente... — Bonnie soltou algo como um suspirou depois parou.

— Estou feliz que tivemos essa conversa. — Damon disse no silêncio. Não houve resposta vinda da cama.

Puxando a coberta de Bonnie o mais alto possível, ele a puxou um pouco para baixo. Ela cobria todo rosto dela.

Agora... "*eu o vi descendo à dispensa*". Damon pensou enquanto ele lavava a caneca com cuidado e colocando-a de volta ao armário. A fala soava estranha, mas ele quase tinha matado a charada agora, e na verdade foi tudo bem simples. Tudo que ele precisava era de mais

doze cápsulas de dormir da Sra. Flowers e dois pratos cheios de carne crua. Ele tinha todos os ingredientes... Mas nunca tinha ouvido falar de uma dispensa.

Pouco tempo depois, ele abriu a porta para o porão. Não. Não correspondia aos critérios de "dispensa" que ele havia visto em seu celular. Irritado e sabendo que a qualquer momento alguém provavelmente desceria as escadas para pegar alguma coisa, Damon deu meia-volta, frustrado. Havia um painel em madeira elaboradamente talhado em frente ao porão, mas nada mais.

Maldição! Ele *não* seria impedido, não neste momento. Ele teria sua vida como vampiro de volta, ou não iria querer nenhuma outra!

Para enfatizar esse sentimento, ele bateu o punho contra o painel de madeira na frente dele. A batida soou oca.

Imediatamente, toda a frustração desapareceu. Damon examinou o painel com muito cuidado. Sim, havia dobradiças em suas bordas, onde nenhuma pessoa em sã consciência esperaria delas. Não era um painel, mas uma porta — sem dúvida, para a dispensa onde a Esfera Estelar estava.

Não demorou muito para que seus dedos sensíveis — até mesmo os seus dedos humanos eram mais sensíveis que os da maioria — encontrassem o local onde ele apertaria um botão e a porta se abriria toda. Ele pôde ver as escadas. Ele colocou seu embrulho embaixo do braço e desceu.

A partir da iluminação da pequena lanterna que ele tinha pegado do armazém, a dispensa era como fora descrita: uma sala úmida de terra para armazenar frutas e legumes antes que as geladeiras fossem inventadas. E o cofre era do jeito que Bonnie havia dito: um antigo cofre de combinação enferrujado que qualquer um o abriria mais ou menos em sessenta segundos. Damon levaria cerca de seis minutos, com seu estetoscópio (ele tinha ouvido dizer, uma vez, que você poderia encontrar *qualquer coisa* na pensão, se você procurasse com vontade, e parecia ser verdade) e cada átomo do seu ser se concentrando num pequeno barulho de vidro.

Antes, porém, havia a Besta para se conquistar. Sabber, o hellbound negro havia se revelado, acordado e alerta a partir do momento em que a porta secreta tinha sido aberta. Sem dúvida, eles usaram as roupas de Damon para ensiná-lo a uivar loucamente ao

odor de seu perfume.

Mas Damon tinha seu próprio conhecimento sobre ervas e tinha saqueado a cozinha da Sra. Flowers até encontrar um punhado de hamamélia, uma pequena quantidade de vinho de morango, anis, alguns óleos de menta, e alguns outros óleos essenciais que ela tinha em estoque, doces e fortes. Misturou tudo, e isto criou uma loção pungente, que ele teve o cuidado de aplicar em si mesmo. A mistura feita para Sabber tinha um emaranhado de odores fortes.

A única coisa que o cão sabia era que *não* era Damon quem estava sentado nos degraus e lançando-lhe bolhas de hambúrguer e delicadas tiras de filé mignon. Cada um dos quais ele engoliu todo. Damon assistia com interesse enquanto o animal consumia a mistura de sonífero e carne, com a cauda batendo no chão.

Dez minutos depois, Sabber, o hellbound, estava esparramado, feliz e inconsciente. Seis minutos depois disto, Damon estava abrindo o cofre de ferro.

Um segundo depois, ele estava puxando uma fronha do antigo cofre da Sra. Flowers.

Sob o brilho da lanterna, ele descobriu que realmente segurava a Esfera Estelar, mas que agora ela tinha pouco mais que a metade de seu Poder.

Agora, o que isso significava? Havia um pequeno buraco perfurado na parte superior do globo, de modo que nenhuma gota preciosa seria desperdiçada — não mais do que o necessário.

Mas quem tinha usado o resto do líquido — e por quê? Damon havia visto a Esfera cheia até o topo com um líquido opalescente e brilhante há poucos dias atrás.

De alguma forma, entre aquele dia e agora, alguém tinha usado a energia que equivalia à vida de cem mil indivíduos.

Será que os outros tentaram fazer algum ato notável com ela e falharam, custando a queima de tanto Poder? Stefan estava frágil demais para usar isso tudo, Damon estava certo disso. A não ser...

Sage.

Com uma Convocação Imperial em mãos, Sage estava propenso a fazer qualquer coisa. Então, algum tempo depois que a Esfera tinha sido trazida para a pensão, Sage derramara quase metade da força de vida da Esfera Estelar e, em seguida, sem dúvidas, deixou-a para trás,

para que Mutt ou alguém a fechasse.

E uma quantidade tão colossal de energia só poderia ter sido usada para... Abrir o Portal para a Dimensão das Trevas.

Muito lentamente, Damon deixou escapar um suspiro e sorriu. Havia apenas algumas maneiras de se entrar na Dimensão das Trevas, e como agora ele era humano, ele não poderia dirigir até o Arizona e passar por um Portal público, assim como fizera na primeira vez com as garotas. Mas agora, ele tinha algo ainda melhor: uma Esfera Estelar para abrir o seu próprio Portal privado. Ele não conhecia nenhuma outra formar de ir, a menos que ele tivesse a sorte de segurar umas das quase-místicas Chaves Mestras que permitiam que qualquer um vagasse pelas dimensões à vontade.

Sem dúvida, algum dia no futuro, em algum canto, a Sra. Flowers encontraria outra nota de agradecimento: dessa vez, com algo que fosse valioso — algo requintado e de valor inestimável e, provavelmente, de uma dimensão muito longe da Terra. Era assim que Sage operava.

Tudo estava quieto lá em cima. Os humanos foram depender de seu companheiro animal para mantê-los seguros. Damon deu uma olhadinha pela dispensa e não viu nada além de uma sala escura e completamente vazia, exceto pelo cofre que agora estava fechado. Colocando sua própria parafernália sob a fronha, ele deu um tapinha em Sabber, que gentilmente roncou, e virou-se em direção aos degraus.

Foi quando ele viu uma figura em pé na porta. A figura, em seguida, escondeu-se atrás dela, mas Damon havia visto o suficiente.

Em uma mão, a figura segurava uma imensa estaca de combate. Isso significava que ela era uma caçadora. De vampiros.

Damon conhecera vários caçadores — brevemente — durante o tempo. Eram, segundo sua opinião, intolerantes, irracionais, e ainda mais estúpidos do que a maioria dos humanos, porque eles geralmente haviam sido criados sob lendas de vampiros com dentes em forma presas que arrancavam as gargantas de suas vítimas e as matavam. Damon seria o primeiro a admitir que havia alguns vampiros assim, mas a maioria era mais contida. Caçadores de vampiros habitualmente trabalhavam em grupos, mas Damon tinha um palpite de que este estaria sozinho.

Agora, ele subia os degraus devagar. Ele estava bastante certo sobre a identidade desta caçadora, mas, se ele estivesse enganado, ele teria que desviar de uma estaca lançada direto para ele como se fosse um dardo. Não haveria problema — se ele ainda fosse um vampiro. Seria um pouquinho mais difícil, estando ele desarmado e em grande desvantagem tática.

Ele alcançou o topo das escadas ileso. Esta foi realmente a parte mais perigosa da escalada, pois um tiro certeiro poderia tê- lo levado de volta para baixo. É claro que um vampiro não seria permanentemente ferido por causa disso, mas — novamente — ele não era mais um vampiro.

Mas a pessoa que estava na cozinha lhe permitiu subir todo o caminho da dispensa sem impedimentos. Uma assassina com honra. Que adorável.

Ele virou-se lentamente para encarar sua caçadora. Ele ficou imediatamente impressionado. Não havia sido a força óbvia da caçadora, que seria capaz de acabar com uma figura alta como ele com aquela estaca, que o impressionou. Foi a arma em si. Perfeitamente equilibrada, ela foi feita para se ser segurada no meio, e o design de jóias em seu punho mostrava que o seu criador tinha bom gosto. As extremidades mostravam que ele tinha um senso de humor também. As duas extremidades da estaca foram feitas de madeira-ferro para mostrar força — mas elas também foram decoradas. Em geral, elas foram feitas para se assemelhar a uma das mais antigas armas da humanidade: a lança dos homens das cavernas. Mas havia pequenos pedaços de objetos na estaca, fixadas firmemente. Esses minúsculos pedaços eram feitos de materiais diferentes: prata para lobisomens, madeira para vampiros, cinza branca para os Antigos, ferro para todas as outras criaturas místicas, e alguns que Damon não conseguiu descobriu para que serviam.

— Elas são recarregáveis. — A caçadora explicou. — Agulhas hipodérmicas injetadas com o impacto. E, é claro, diferentes venenos para diferentes espécies... Rápidas e simples para contra humanos; wolfsbane para aqueles cachorros sarnentos, e por aí vai. Queria tê-la encontrado antes do nosso confronto com Klaus.

Então, ela pareceu voltar à nossa realidade.

— E aí, Damon, como é que vai ser? — Perguntou Meredith.

8

Damon acenou com a cabeça, pensativo, olhando para frente e para trás, entre a estaca de combate e a fronha em sua mão. Será que ele nunca tinha suspeitado de algo assim antes? Subconscientemente? Afinal, havia o ataque ao avô, que havia falhado, tanto na tentativa de matá-lo quanto na de apagar sua memória completamente. A imaginação de Damon pôde preencher o resto: seus pais, não vendo razão de arruinar com a vida de sua filhinha com esta horrível obrigação — com toda essa mudança de cenário —, então decidiram desistir de tudo, ou seja, de proteger Fell's Church.

Se ao menos eles a vissem agora.

Oh, sem dúvida eles se certificaram de que Meredith fizesse aulas de autodefesa e treinasse diversas artes marciais desde que era pequena, enquanto ela jurasse segredo absoluto, até mesmo de suas melhores amigas.

Pois é, Damon pensou. O primeiro enigma de Shinichi já estava resolvido. "*Um de vocês esconde um segredo de todos*". Eu sempre soube que havia algo com essa menina... E aí está. Aposto minha vida que ela é faixa preta.

Houve um longo silêncio. Agora, Damon o quebrou:

Seus ancestrais eram caçadores também? Ele perguntou, como se ela fosse telepata. Ele esperou por um momento... Ainda silêncio.

Ok. Nada de telepatia. Essa foi boa.

Ele acenou com a cabeça para a majestosa estaca.

— Isso, certamente, foi feito para um lorde ou para uma lady.

Meredith não era idiota. Ela falou sem tirar os olhos dele. Ela estava pronta para que, a qualquer instante, ela pudesse entrar no modo de matar.

— Somos somente pessoas comuns tentando fazer nosso trabalho para que as outras pessoas possam ficar a salvo.

— De serem mortas por um vampiro ou dois.

— Bem, até agora a história de "você vai apanhar se fizer besteira" não fez com que os vampiros se tornassem vegetarianos. Damon teve que rir.

— É uma pena você não ter nascido antes para converter o Stefan. Ele poderia ter sido seu maior triunfo.

— Você acha isso engraçado, mas fazemos com que eles se convertam.

— Sim. As pessoas dirão qualquer coisa enquanto vocês estiverem apontando um pedaço de pau para eles.

— Pessoas que sentem que é *errado* Influenciar outras, fazendo-as acreditarem que elas estão algo em troca.

— É isso aí, Meredith! Deixe-me Influenciar você. Dessa vez, foi Meredith quem riu.

— Não, estou falando sério! Quando eu for um vampiro novamente, deixe-me Influenciar você para não ter tanto medo de mordidas. Não demorará mais do que um segundo. Mas me dará tempo para lhe mostrar...

— Uma grande casa de doces que jamais existiu? Um parente morto há mais de dez anos que teria se abominado com a ideia de você tirar uma memória minha e usá-la como uma isca? Um sonho de acabar com a fome no mundo, ao invés de colocar comida em uma boca?

Essa garota, Damon pensou, é perigosa. É como se ela fosse do clube Contra-Influência, onde isto lhe era ensinado aos seus membros. Querendo que ela visse que os vampiros, ou os ex-vampiros, ou os Vampiros de Antes e os Vampiros de Depois, tinham qualidades boas — como coragem...

Ele soltou a fronha e agarrou o fim da estaca de combate com as duas mãos. Meredith levantou uma sobrancelha.

— Eu não te disse que algumas partes desta estaca que você acabou de tocar são venenosas? Ou você não estava ouvindo? Ela tinha automaticamente tocado na estaca também, acima da parte perigosa.

— Disse — Ele disse incompreensivamente.

— Eu disse "venenosa tanto para humanos quanto para lobisomens e outras coisas"... Lembra-se?

— Disse isso também. Mas eu prefiro morrer a viver como

humano, então: que os jogos comecem. E com isso, Damon começou a empurrar a estaca em direção ao coração de Meredith.

Imediatamente, ela segurou com mais força a estaca, empurrando-a em direção a ele. Mas ele tinha três vantagens, ambos logo perceberam: ele era um pouquinho mais alto e mais forte do que a ágil e atlética Meredith; ele segurava mais partes da estaca do que ela; e ele havia assumido uma posição mais agressiva.

Mesmo que ele pudesse sentir o veneno nas palmas das mãos, ele continuou empurrando, até chegar à área de matar, próximo ao coração dela. Meredith afastou-se com uma quantidade surpreendente de força e, de repente, de alguma forma, eles voltaram à estaca zero.

Damon olhou para cima para ver como aquilo tinha acontecido, e viu, para sua surpresa, que ela também havia compreendido que a estaca estava na zona de matança. Agora, as mãos dela gotejavam sangue ao chão, assim como as dele.

— Meredith!

— O que foi? Eu levo meu trabalho a sério.

Apesar de sua jogada, ele era mais forte. Centímetro por centímetro, ele forçou suas mãos perfuradas com braços, para exercer pressão. E centímetro por centímetro, ela foi forçada a ir para trás, recusando-se a desistir — até que não havia mais espaço para recuar.

E lá estavam eles, toda a extensão da estaca entre eles, e a geladeira encostada em Meredith.

Tudo que Damon pôde pensar foi em Elena. Se ele, de alguma forma, sobrevivesse — e Meredith não —, o que aqueles olhos cristalinos lhe diriam? Como ele poderia viver com o que eles lhe dissessem?

E, em seguida, em um tempo exasperante, como um jogador de xadrez que derruba o seu próprio rei, Meredith soltou a estaca, cedendo sobre a força superior de Damon.

Depois disso, como se ela não tivesse medo de lhe dar as costas, ela pegou um frasco cheio de bálsamo em um armário da cozinha, pegando um bocado do conteúdo, e fez para sinal para Damon dar-lhe as mãos. Ele franziu o cenho. Ele nunca tinha ouvido falar de um veneno que penetrasse no sangue e que pudesse ser curado pelo lado externo.

— Eu não pus veneno de verdade na parte humana — Ela disse calmamente. — Mas suas mãos foram perfuradas e isso aqui será um excelente remédio. Ela é antiga, passada por gerações.

— Que bondade a sua de me contar. — Disse, sendo nitidamente irônico. — E agora, o que faremos? Começaremos tudo de novo? — Ele adicionou, enquanto Meredith calmamente começou a esfregar pomada em suas próprias mãos.

— Não. Caçadores têm um código, você sabe disso. Você ganhou a Esfera. Eu suponho que você esteja planejando fazer o que o Sage fez. Abrir o Portal para a Dimensão das Trevas.

— Abrir o Portal para as *Dimensões* das Trevas. — Ele corrigiu. — É provável que eu devesse ter mencionado: há mais de uma. Mas tudo que eu quero é me tornar um vampiro novamente. E podemos conversar enquanto caminhamos, uma vez que estamos vestindo nossos trajes de ladrões.

Meredith estava vestida do mesmo jeito que ele: calça jeans pretas e uma blusa leve e preta. Com seu cabelo escuro brilhando, ela estava inesperadamente bonita. Damon, quem estava considerando matá-la com estaca, como era a obrigação de sua espécie, encontrava-se agora vacilando. Se ela não lhe desse problemas em seu caminho em direção à porta, ele a deixaria ir, ele decidiu. Ele estava se sentindo magnânimo — pela primeira vez, ele havia enfrentado e conquistado a assustadora Meredith, e, além disso, ela tinha um código, assim como ele. Ele sentiu uma espécie de parentesco com ela. Com uma gargalhada irônica, acenou com a cabeça para ela ir à frente, mantendo a fronha e a estaca com ele.

Enquanto Damon silenciosamente fechava a porta da frente, viu que o amanhecer estava prestes a chegar. O timing era perfeito. A estaca pegou os primeiros raios de luz.

— Eu tenho uma pergunta para você. — Disse ele para os cabelos longos, escuros e sedosos de Meredith. — Você disse que não havia achado esta linda estaca antes de Klaus, aquele Antigo maligno, estar morto. Mas se você é de uma família de caçadores, você poderia ter sido mais útil em ajudar a despachá-lo. Como por exemplo,estas cinzas brancas poderiam tê-lo matado.

— É que os meus pais não seguiram ativamente com os negócios da família... Eles não sabiam. Ambos são descentes de

caçadores, é claro... É preciso ser, para deixar esse assunto fora dos tablóides e...

—... Dos arquivos da polícia...

— Você quer que eu fale, ou prefere ficar aqui sozinho fazendo piadinhas?

— Vá para o assunto principal. — Referindo-se à estaca — Eu ouvirei.

— Mas mesmo que eles optaram por não estarem ativos, eles sabiam que um vampiro ou um lobisomem poderia decidir raptar sua filha, caso descobrissem sua identidade. Assim, durante a escola, eu fazia "aulas de luta" e "aulas de equitação" uma vez por semana... Eu as fiz desde que tinha três anos. Eu sou faixa preta em Shihan e Saseung Taekwondo. Devo começar a fazer Dragon Kung Fu...

— Voltando ao ponto principal. Mas como exatamente você encontrou essa maravilhosa arma?

— Depois de Klaus estar morto, enquanto Stefan estava dando uma de babá da Elena, de repente o vovô começou a falar... Somente algumas palavras... Mas isso fez com que eu fosse dar uma olhada no nosso sótão. Eu encontrei isso.

— Então, você não sabia como usá-la?

— Só havia começado a praticar quando Shinichi apareceu. Mas, não, eu não tinha nenhuma ideia de como usá-la. Embora eu seja ótima usando o Bō[1], então eu usei a usei do mesmo jeito.

— Você não a usou como se fosse um Bō em mim.

— Estava tentando *persuadir* você, não matá-lo. Eu não saberia explicar à Elena como eu quebrara todos os seus ossos. Damon segurou-se para não rir — ou quase isso.

— Então, como é que um casal de caçadores *inativos* acabou se mudando para uma cidade com centenas de linhas de atração?

— Eu acho que eles não sabiam o que essa linha de Poder natural era. E Fell's Church *parecia* pequena e pacífica... Até agora. Eles descobriram que o Portal estava igual desde a última vez que Damon havia o visto: um elegante pedaço retangular cortando na terra, com cerca de cinco metros de profundidade.

— Agora, sente-se lá. — Ele esconjurou para Meredith, colocando-a no canto oposto de onde estava a estaca.

— Você já pensou... Mesmo que por um instante... O que vai

acontecer com Misao se você derramar *todo* o líquido lá dentro?

— Na verdade, não. Não valeria a pena, nem por um microssegundo. — Damon disse alegremente. — Por quê? Você acha que ela faria o mesmo por mim?

Meredith suspirou.

— Não. Esse é o problema com vocês dois.

— Certamente, ela é o *seu* problema no momento, embora eu possa dar uma passadinha por aqui depois que a cidade estiver destruída para trocar uma ideia com o irmão dela sobre manter o juramento.

— Só depois que você estiver forte o bastante para derrotá-lo.

— Bem, por que *você* não faz alguma coisa? É sua cidade que eles estão devastando, afinal. — Damon disse. — Crianças atacando a si mesmas e aos outros; e agora, os adultos atacando as crianças...

— Ambos estão morrendo de medo ou sendo possuídos por aqueles malach que as raposas ainda estão espalhando por aí...

— Sim, e o medo e a paranoia continuam sendo espalhados por aí também. Fell's Church pode ser pequena, comparado com os outros genocídios que eles causaram, mas ela é um lugar importante por estar situada acima...

—... Das linhas de atração cheias de Poder... Sim, sim, eu sei. Mas *você* nem ao menos se importa? E quanto a nós? Os nossos planos para o futuro? *Nada* disso importa para você? — Meredith exigiu.

Damon pensou na pequena criatura no quarto do primeiro andar e sentiu um enjoo.

— Eu já disse — Retrucou. — Voltarei para conversar com Shinichi.

Então, cuidadosamente, ele começou a derramas o líquido da Esfera Estelar em um canto do retângulo. Agora que ele estava realmente no Portal, ele percebeu que não tinha ideia do que ele devia fazer. O procedimento correto poderia ser o de entrar no buraco e derramar o líquido de toda a Esfera Estelar no meio. Mas quatro cantos pareciam ditar quatro lugares diferentes para se derramar, e ele estava aderindo a isto.

Ele esperava que Meredith trapaceasse de alguma forma. Correr até a casa. Fazer algum barulho, pelo menos. Atacá-lo por trás, agora ele tinha deixado cair a estaca. Mas, aparentemente, seu

código de honra a proibiu.

Que menina estranha, ele pensou. Mas vou deixar-lhe a estaca, uma vez que realmente pertence à sua família e, de qualquer maneira, ela me mataria no instante em que eu chegasse à Dimensão das Trevas. Um escravo carregando uma arma — especialmente uma arma como esta — não teria nenhuma chance.

Sensatamente, ele derramou *quase* todo o líquido à esquerda da última curva e deu um passo para trás para ver o que aconteceria.

SSSS-bah! Branca. Uma ardente luz branca. Foi tudo que seus olhos ou sua mente pôde perceber em primeiro lugar. E então, como uma corrente de adrenalina, ele pensou: Consegui! O Portal está aberto!

— Para o centro da Dimensão das Trevas, por favor. — Disse ele educadamente para o buraco em chamas. — Um beco isolado, provavelmente, seria melhor, se você não se importa. E então, ele pulou no buraco.

Só que ele não pulou. Quando ele estava prestes a dobrar os joelhos, algo o agarrou pela direita.

— Meredith! Eu pensei...

Mas não era Meredith. Era Bonnie.

— Você me enganou! Você não pode ir lá! — Ela estava chorando e gritando.

— Sim, eu posso! Agora, me solta... Antes que ele desapareça. — Ele tentou erguê-la, enquanto sua mente girava inutilmente. Ele havia deixado aquela garota, tipo, uma hora ou mais atrás, num sono tão profundo que ela parecia estar morta. Quanto será que este corpinho agüenta?

— *Não*! Eles vão te matar! E *Elena* vai *me* matar! Mas serei morta primeiro, porque ainda estarei aqui! Desperto, ele pôde montar as peças do quebra-cabeça.

— Humana, eu disse para me *soltar* — Ele rosnou.

Ele arreganhou os dentes para ela, que só fez com que ela enterrasse a cabeça em seu casado, agarrando-se no estilo bebê-coala.

Umas boas bofetadas devem afastá-la, ele pensou. Ele ergueu sua mão.

9

Damon deixou sua mão cair. Ele simplesmente não podia fazer isso. Bonnie fraca, boba, indefesa, fácil de enganar... É isso, ele pensou. Eu vou usar isso! Ela é tão ingênua...

— Me solte só por um *segundo* — Ele persuadiu. — Então, poderei pegar a estaca.

— Não! Você vai pular, se eu fizer isso! O que é uma estaca? — Bonnie disse, tudo em um só fôlego.

... E teimosa e inflexível...

— Bonnie — disse ele em voz baixa — Estou falando sério. Se você não me soltar, eu *farei* com que me solte... E você não vai gostar disso, é uma promessa.

— Faça o que ele diz — Meredith pediu em algum lugar ali perto. — Bonnie, ele está indo para a Dimensão das Trevas! Você acabará indo com ele e vocês dois se tornarão escravos desta vez! Pegue minha mão!

— Pegue a mão dela! — Damon rugiu, enquanto a luz piscava, um pouco menos brilhante.

Ele pôde sentir Bonnie começar a soltá-lo, tentando ver onde Meredith estava, e então, ele a ouviu dizer:

— Eu não posso...

E então, eles estavam caindo.

A última vez em que tinham viajado através de um Portal, eles tinha sido fechados em uma caixa que parecia um elevador. Dessa vez, eles estavam simplesmente voando. Havia uma luz, e lá estavam eles, tão cegos que falar parecia ser impossível. Havia apenas a bela, brilhante e flutuante luz...

E então, eles estavam num beco, tão estreito que mal permitia que eles olhassem um para o outro, e entre os edifícios, tão altos que não havia quase nenhuma luz lá embaixo, onde eles estavam.

Não... Esse não era o motivo, Damon pensou. Ele se lembrava daquela luz vermelha-sangue que estava sempre presente. Ela não

estava vindo de um lado ou de outro daquele beco; isso significava que eles estavam dentro daquele crepúsculo cor de vinho.

— Você percebe onde estamos? — Damon exigiu num sussurro furioso. Bonnie concordou, parecendo feliz por já ter deduzido.

— Basicamente, estamos nas profundezas da...

— Merda!

Bonnie olhou ao seu redor.

— Não sinto cheiro de nada. — Ela disse com cautela, e examinou a solas dos pés.

— Nós estamos — Damon disse devagar e calmamente, tentando acalmar a si mesmo durante cada palavra. — num mundo onde podemos ser açoitados, esfolados e decapitados simplesmente por estamos pisando no chão.

Bonnie deu um pequeno salto e, em seguida, um mais alto, como se diminuir sua interação com o chão pudesse ajudá-los de alguma forma. Ela olhou para ele em busca de mais instruções.

De repente, Damon a segurou e a olhou com vivacidade, enquanto uma revelação lhe ocorreu.

— Você está bêbada! — Ele finalmente sussurrou. — Você nem ao mesmo está acordada! Esse tempo todo estive querendo fazer com que você ouvisse a voz da razão, e você simplesmente é uma sonâmbula bêbada!

— Não sou! — Bonnie disse. — E... Digamos que eu seja, você deveria ser um pouco mais agradável comigo. Você que fez com que eu ficasse desse jeito.

Alguma parte distante de Damon concordou, dizendo-lhe que isto era verdade. Ele fora o único que tinha embebedado a menina e, em seguida, embebedado-a com soro da verdade e remédio para sono.

Mas isso era simplesmente um fato, e não tinha nada a ver com como ele se sentia sobre isso. Com como ele sentia não ser capaz de continuar com aquela criatura delicada demais.

Claro, a coisa mais sensata seria se afastar dela o mais rápido possível, e deixar a cidade, essa grande metrópole do mal, engoli-la com suas presas, o que certamente aconteceria caso ela desse doze passos pela rua sem ele.

Mas, como antes, algo dentro dele simplesmente não podia fazer isso. E, ele percebeu, quanto mais cedo ele admitisse isso, mais

cedo ele poderia encontrar um lugar para colocá-la e começar a cuidar de seus próprios negócios.

— O que é isso? — Disse ele, pegando uma de suas mãos.

— Meu anel de opala. — Bonnie disse cheia de orgulho. — Está vendo? Combina com tudo, por causa de suas cores. Eu sempre o uso; para roupas casuais ou de gala.

Ela, toda feliz, deixou com que Damon o tirasse e o examinasse.

— São diamantes verdadeiros nas laterais?

— Impecáveis, branco puro. — Bonnie disse, ainda com orgulho. — O noivo de Lady Ulma, Lucen, os fez para o caso de precisarmos tirá-los para vendê-los...

Ela parou e disse logo em seguida:

— Você tirá-los para vendê-los! Não! Não, não, não, não, não!

— Sim! Eu preciso, caso você queira ter alguma chance de sobreviver. — disse Damon. — E se você disser mais uma palavra, ou deixar de fazer exatamente o que eu digo, eu *vou* deixá-la aqui sozinha. E então você vai *morrer*. — Ele estreitou seus olhos ameaçadores sobre ela.

Bonnie abruptamente se transformou em um pássaro assustado.

— Tudo bem. — Ela sussurrou, lágrimas reunindo-se em seus cílios. — Vai usá-los em quê?

* * *

Trinta minutos depois, ela estava na prisão; ou aquilo era igual a um. Damon a tinha instalado no segundo andar de um apartamento com uma janela coberta por persiana, e lhe dera instruções rigorosas sobre deixá-las assim. Ele havia penhorado o opala e um diamante com sucesso, e pagou para que uma mulher azeda e mal-humorada trouxesse a Bonnie duas refeições por dia, que lhe levasse ao banheiro quando necessário, e, caso contrário, que se esquecesse de sua existência.

— Ouça — Ele disse à Bonnie, que ainda estava chorando em silêncio após a mulher tê-los deixado. —, vou tentar voltar em três dias. Se não vier dentro de uma semana, então quer dizer que estou morto. Então, você... Não chore! Preste atenção! *Então*, você precisará

usar estas jóias e seu dinheiro para tentar percorrer todo esse caminho *daqui* até *aqui*, onde esperamos que Lady Ulma ainda esteja.

Ele lhe deu um mapa e um saco cheio de jóias e moedas que haviam sobrado de troco do pão e da comida.

— *Se* isso acontecer... E tenho certeza absoluta que não vai, sua melhor oportunidade é caminhar durante o dia, quando todos estarão ocupados, e mantenha seus olhos abaixados, sua aura pequena, e não fale com *ninguém*. Vista essas roupas e carregue este saco de comida. Reze para ninguém lhe perguntar nada, mas tente parecer como se você estivesse em uma missão para o seu mestre. Ah, sim.

Damon enfiou a mão no bolso do casaco e tirou duas pequenas pulseiras ferro para escravos, ele as comprou quando conseguiu o mapa.

— *Nunca* as tire, nem quando você estiver dormindo, nem quando estiver comendo... *Jamais*.

Ele olhou para ela sombriamente, mas Bonnie já estava no limite de um ataque pânico. Ela estava tremendo e chorando, mas temerosa demais para dizer uma palavra. Desde que entraram na Dimensão das Trevas, ela vem mantendo sua aura tão baixa quanto possível, suas defesas psíquicas elevadas; não era preciso dizer a ela para fazer isso. Ela estava em perigo. Ela sabia disso.

Damon terminou um pouco mais tolerante:

— Eu sei que parece difícil, mas eu posso dizer que, pessoalmente, não tenho a menor intenção de morrer. Vou tentar visitá- la, mas atravessar as fronteiras dos diferentes setores é perigoso, e é isso que terei de fazer para vir aqui. Basta ter paciência, e você ficará bem. Lembre-se, o tempo passa diferentemente aqui do que na Terra. Podemos ficar aqui durante semanas e voltarmos praticamente no instante em que partimos. E, olhe... — Damon fez um para o contorno da sala —... Dezenas de Esferas Estelares! Você pode assistir a todas elas.

Elas eram as mais comuns das Esferas Estelares, do tipo que não tinham poderes, mas sim memórias, histórias, ou lições. Quando você a segurava em sob sua temporada, você era imerso em qualquer material que havia sido impresso na Esfera.

— Muito melhor do que a TV — Damon disse.

Bonnie concordou com a cabeça ligeiramente. Ela ainda estava abalada, e ela era tão pequena, tão fraca, sua pele era tão pálida e fina, seu cabelo era como uma chama que brilhava na penumbra carmesim que se infiltrava através das persianas, que, como sempre, Damon pegava-se a encarando.

— Você tem alguma pergunta? — Ele perguntou finalmente.

— E... Você vai estar...? — Bonnie disse bem devagar.

— Comprando a nossa versão de *Quem é Quem* e o *Livro da Nobreza*. — Disse Damon. — Estou procurando por uma lady de qualidade.

* * *

Após Damon ter saído, Bonnie olhou em volta da sala.

Era horrível. Marrom escuro e horrível! Ela estava tentando salvar Damon de voltar para à Dimensão das Trevas porque lembrou-se da maneira terrível que os escravos, que em suma eram seres humanos, eram tratados.

Mas ele agradeceu por isso? Agradeceu? Nem um pouco! E então, quando ela tinha caído na luz com ele, ela pensou que, pelo menos, eles estariam indo à casa de Lady Ulma, a mulher com uma história parecida com a da Cinderela, quem Elena havia resgatado e que, em seguida, recuperara sua riqueza e status e tinha projetado lindos vestidos, para que as meninas pudessem ir a festas chiques. Poderiam ter tido grandes camas com lençóis de cetim e empregadas domésticas que trariam morangos e creme de leite no café da manhã. Teriam a doce Laksmi para conversar, o impaciente Dr. Meggar e...

Bonnie olhou em volta da sala marrom e para aquela coisa velha e puída que era seu cobertor. Ela pegou uma Esfera Estelar com indiferença e, em seguida, deixou-a cai de seus dedos.

De repente, uma sonolência grande a encheu, fazendo sua cabeça girar. Era como se uma névoa estivesse entrando dentro dela. Não havia razão para resistir. Bonnie tropeçou em direção à cama, caiu sobre ela, e já estava dormindo quase antes de cobrir-se com o cobertor.

* * *

— É muito mais minha culpa do que sua. — Stefan estava dizendo à Meredith. — Elena e eu estávamos... Dormindo profundamente... Senão, ele nunca teria conseguido executar qualquer parte deste plano. Eu devia ter notado que ele estava falando com Bonnie. Já devia ter percebido que ele estava *te* fazendo de refém. Por favor, não se culpe, Meredith.

— Eu devia ter tentado avisá-los. Não esperava que Bonnie viesse correndo e o agarrasse. — disse Meredith.

Seus olhos escuros e cinzentos brilhavam com lágrimas não derramadas. Elena apertou sua mão, com uma pitada de dor na boca do estômago.

— Você não podia esperar tentar combater Damon. — Stefan disse, sem rodeios. — Sendo humano ou vampiro, ele é treinado, ele sabe movimentos que você nunca poderia adivinhar. Você *não pode* se culpar.

Elena estava pensando a mesma coisa. Ela estava preocupada com o desaparecimento de Damon e aterrorizada por Bonnie. No entanto, em outro nível de sua mente, ela estava pensando nas lacerações na palma de Meredith que ela tentava aquecer. O mais estranho é que parecia que as feridas tinham sido tratadas, esfregadas com loção. Mas ela não ia se incomodar em perguntar à Meredith sobre isto num momento como este. Especialmente quando a culpa era da Elena. Ela fora a única que tinha seduzido Stefan na noite anterior. Ah, eles tinham estado... Bem profundamente na mente um do outro.

— De qualquer forma, se formos culpar alguém, que culpemos Bonnie. — Stefan disse com pesar. — Mas agora estou preocupado com ela. Damon não vai estar disposto a cuidar dela se ele não queria que ela fosse.

Meredith abaixou a cabeça.

— Será *minha* culpa se ela se machucar.

Elena mordeu o lábio inferior. Havia alguma coisa errada. Algo sobre Meredith, que Meredith não estava dizendo a ela. Suas mãos estavam realmente feridas, e Elena não conseguia descobrir como elas poderiam ter ficado daquela maneira.

Quase como se ela soubesse o que Elena estava pensando,

Meredith escondeu suas mãos de Elena e olhou para elas. Olhou para ambas as palmas, lado a lado. Elas estavam igualmente feridas e rasgadas.

Meredith inclinou sua cabeleira negra para frente, quase se dobrando sobre o local onde ela se sentara. Então, ela se endireitou, jogando a cabeça para trás como quem tinha acabado de tomar uma decisão.

Ela disse:

— Há algo que eu preciso contar a você...

— Espere — Stefan murmurou, colocando uma mão no ombro dela. — Ouçam. Há um carro chegando. Elena prestou atenção. Em algum momento, ela ouviu também.

— Eles estão vindo para a pensão. — disse ela, perplexa.

— Ainda é cedo — disse Meredith — O que significa...

— Que deve ser a polícia atrás de Matt. — Stefan terminou. — É melhor eu subir e acordá-lo. Vou colocá-lo na dispensa. Elena rapidamente arrolhou a Esfera Estelar com suas fortes ondas de líquido.

— Ele pode levar isto com ele.

Elena havia começado, quando Meredith, de repente, correu para o lado oposto do Portal. Ela pegou um objeto fino e comprido que Elena não pôde reconhecer, mesmo com o Poder canalizado para os olhos. Ela viu Stefan piscar e olhar fixamente para o objeto.

— Isto precisa ir para a dispensa também. — disse Meredith — E provavelmente há pistas de terra saindo da dispensa, e sangue na cozinha. Nestes dois lugares.

— Sangue? — Elena começou, furiosa com Damon, mas então ela balançou a cabeça e se reorientou.

À luz da aurora, ela podia ver um carro de polícia, chegando na pensão como se fosse um grande tubarão.

— Vamos nessa. — disse Elena. — Vão, vão, vão!

Todos eles corriam de volta à pensão, agachando-se para ficarem rente ao chão enquanto corriam. Enquanto eles iam, Elena sussurrou:

— Stefan, você tem que Influenciá-los, se puder. Meredith, você tenta limpar o chão e o sangue. Vou pegar o Matt, pois é menos provável que ele dê um soco em mim quando eu disser que ele tem

que se esconder.

Eles apressaram-se para suas funções designadas. No meio de tudo isso, a Sra. Flowers apareceu, vestida com uma camisola de flanela com um manto nebuloso e rosa sobre ela, e chinelos come cabeças de coelhinho. Quando a primeira batida soou pela porta, ela já tinha sua mão na maçaneta, e o policial começara a gritar:

— É A POLÍCIA! ABRAM A... — E encontrou-se berrando diretamente sobre a cabeça de uma velhinha que não poderia ter parecido mais frágil ou inofensiva. Terminou com um sussurro: —... Porta?

— Está aberta. — A Sra. Flowers disse docemente. Ela abriu um pouco mais, para que Elena pudesse ver dois oficiais, e para que os oficiais pudessem ver Elena, Stefan e Meredith, todos aqueles que tinham acabado de chegar à cozinha.

— Queremos falar com Matt Honeycutt. — a policial disse. Elena observou que a viatura era do Departamento do Xerife de Ridgemont. — A mãe dele nos disse que ele estava aqui, após a interrogarmos.

Eles estavam entrando, passando pela Sra. Flowers. Elena olhou para Stefan, que estava pálido, com gotículas de suor visíveis em sua testa.

Ele estava olhando fixamente para a policial, mas ela não parava de falar.

— A mãe dele diz que, praticamente, ele vive nesta pensão. — disse ela, enquanto o outro policial realizava algum tipo de papelada.

— Temos um mandado de busca nas instalações. — disse ele categoricamente.

A Sra. Flowers parecia duvidosa. Ela olhou de volta para Stefan, mas deixou seu olhar passar para os outros adolescentes.

— Talvez seja melhor se eu fizesse a todos uma boa xícara de chá?

Stefan ainda estava olhando para a mulher, o rosto pálido e mais elaborado do que nunca. Elena sentiu uma embreagem de pânico subido em seu estômago. Ai, Deus, mesmo com o presente de seu sangue ontem à noite... Stefan estava fraco, fraco demais até mesmo para usar a Influência.

— Posso fazer uma pergunta? — Meredith disse em sua voz

calma e baixa. — Não se trata do mandado — acrescentou, acenando para o papel. — Como está lá fora, em Fell's Church? Vocês sabem o que está acontecendo?

Ela estava arranjando tempo, Elena pensou, e mesmo assim todos pararam para ouvir a resposta.

— Uma mutilação. — a xerife respondeu após um momento de pausa. — É como se fosse uma zona de guerra lá fora. Pior que isso, porque são crianças que estão... — Ela parou e balançou a cabeça. — Isso não é da nossa conta. Nosso trabalho é encontrar um fugitivo da justiça. Mas, primeiro, enquanto estávamos vindo para seu hotel, vimos uma coluna de luz muito brilhante. Não era de um helicóptero. Suponho que vocês saibam do que se trata?

Só um Portal através do tempo e espaço, Elena estava pensando, enquanto Meredith respondeu, ainda calmamente:

— Talvez um transmissor de energia explodindo? Ou algum tipo de relâmpago? Ou você se refere... A um OVNI? — Ela abaixou ainda mais a voz suave.

— Não temos tempo para isso. — Disse o xerife, olhando com nojo. — Estamos aqui para encontrar o senhor Honeycutt.

— Vocês são bem-vindos para procurar. — A Sra. Flowers disse. Eles já estavam fazendo isso.

Elena se sentiu chocada e nauseada ao mesmo tempo. "*O senhor Honeycutt*", *o senhor, não o garoto*. Matt já tinha mais de dezoito. Ele ainda era adolescente? Se não, o que fariam com ele, quando ele acabasse preso?

E então, havia Stefan. Stefan tinha sido tão certeiro... Tão... Convincente... Em seus anúncios sobre estar bem novamente. Toda aquela conversa sobre voltar à caçar animais... Mas a verdade é que ele precisava de mais sangue humano para se recuperar.

Agora, sua mente girava em modo de planejamento, mais e mais rápida.

Stefan, obviamente, não seria capaz de Influenciar ambos os policiais, sem uma doação bem grande de sangue humano.

E se Elena desse... A sensação de mal estar no estômago aumentou e ela sentiu os pequenos pelos em seu corpo eriçar-se... Se ela desse, quais eram as chances de ela se tornar uma vampira?

Grandes, uma voz calma e racional em sua mente respondeu.

Muito grandes, considerando que há menos de uma semana ela havia trocado sangue com Damon. Frequentemente.

Desinibidamente.

O que fez com que só sobrasse um plano no qual ela podia pensar. Esses xerifes não iriam encontrar Matt, mas Meredith e Bonnie tinham dito a ela que outro xerife de Ridgemont havia chegado e perguntado sobre Matt... E sobre a namorada de Stefan. O problema é que ela, Elena Gilbert, havia "morrido" há nove meses. Ela não deveria estar aqui, e ela teve a sensação de que estes oficiais seriam curiosos.

Eles precisavam dos Poderes de Stefan. Agora. Não havia outro jeito, outra escolha. Stefan. Poder. Sangue humano.

Ela virou-se para Meredith, que tinha sua cabeleira escura para baixo e estava inclinada para o lado como se estivesse ouvindo os dois xerifes que subiam a escada.

— Meredith...

Meredith virou-se para ela e Elena quase deu um passo para trás, em choque. O tom normalmente presente em Meredith estava cinza, e sua respiração estava vindo rápida e superficialmente.

Meredith, a calma e serena Meredith, já sabia o que Elena ia pedir dela. Sangue suficiente que a deixaria fora de controle enquanto ele lhe era tirado. E rápido. Isso a assustava. Era muito mais do que medo.

Ela não consegue fazer isso, Elena pensou. Estamos perdidos.

10

Damon estava andando até bela treliça coberta de rosas abaixo da janela do dormitório da M. le Princess Jessalyn D'Aubigne, uma garota muito rica, bonita e muito admirada, que tinha mais sangue azul do que qualquer outro vampiro da Dimensão das Trevas, de acordo com os livros que ele havia comprado. Na verdade, ele ouviu isso dos próprios moradores e havia rumores de que o próprio Sage a tinha transformado, há dois anos, e tinha lhe dado este castelo de jóias para morar. Parecido com uma jóia, o pequeno castelo já apresentava a Damon vários problemas. Havia aquela cerca de arame farpado, onde ele rasgara sua jaqueta de couro; um guarda extraordinariamente hábil e obstinado, quem ele teve pena em estrangular; um fosso profundo que quase o pegou de surpresa; e alguns cães que ele cuidara igual como fizera com Sabber: usando os soníferos da Sra. Flowers que ele havia trazido consigo da Terra. Teria sido muito mais fácil envenená-los, mas Jessalyn tinha a fama de ter um coração muito mole com animais e ele precisaria dela pelo menos nos próximos três dias. Isso deveria ser o bastante até que ele se tornasse um vampiro... Se eles não fizessem nada mais durante esses dias.

Agora, enquanto ele pulava em silêncio para a treliça, ele acrescentou mentalmente aquelas grandes rosas espinhentas à sua lista de inconveniências. Ele também ensaiou seu primeiro discurso para Jessalyn. Ela tinha... Teria... Para sempre... Dezoito anos. Mas ela ainda era *jovem*, já que ela só tivera dois anos de experiência de ser uma vampira.

Ele consolou-se com isso enquanto entrava silenciosamente pela janela.

Ainda em silêncio, movendo-se lentamente para o caso da princesa ter animais guarda-costas em seu dormitório, Damon abriu camada por camada daquelas cortinas translúcidas e transparentes que impediam a luz vermelho-sangue do Sol de brilhar dentro da

câmara. Suas botas afundavam na pilha espessa de um tapete preto. Tirando-o de perto das cortinas, Damon viu que toda a câmara fora decorada por um tema simples feito por um mestre do contraste. Preto e brilhante e preto neutro.

Ele gostou muito.

Havia uma cama enorme, com mais cortinas pretas e transparentes quase a cercando. A única maneira de entrar era pelo pé da cama, onde as cortinas translúcidas eram mais finas.

Estando lá, no silêncio que lembrava a uma catedral, na grande câmara, Damon olhou para a figura ligeira sob os lençóis de seda preta, entre dezenas de pequenas almofadas.

Ela era uma jóia, assim como o castelo. Ossos delicados. Um olhar de inocência absoluta enquanto ela dormia. Um rio etéreo de cabelos finos escarlate derramando-se sobre ela. Ele podia ver cada fio de cabelo que estava sobre o lençól. Ela se parecia um pouco com Bonnie.

Damon estava satisfeito.

Ele pegou a mesma faca que tinha colocado na garganta de Elena, e apenas por um momento hesitou... Mas não, não era o momento para se estar pensando no calor dourado de Elena. Tudo dependia desta garota de ombros fragéis que estava em sua frente. Ele colocou a ponta da faca em seu peito, para o caso de um pouco de sangue ser derramado... E tossiu.

Nada aconteceu. A princesa, que estava vestindo uma lingerie preta que mostrava seus frágeis, finos e pálidos branços, parecidos com porcelana, continuava a dormir. Damon percebeu que as unhas de seus pequenos dedos estavam pintadas da mesma cor escarlate que seu cabelo.

As duas grandes velas pretas num pilarexalavam um perfume sedutor, funcionando também como relógios: assim que elas queimavam, era possível dizer as horas. A iluminação era perfeita... Tudo estava perfeito... Exceto que Jessalyn ainda estava dormindo.

Damon tossiu novamente, mais alto — e deu um tropicão na cama.

A princesa acordou, levantando-se e, simultaneamente, tirou duas lâminas de seu cabelo.

— Quem é? Tem alguém aí? — Ela estava olhando para todas

as direções, menos para a certa.

— Sou só eu, Vossa Alteza. — Damon usou sua voz baixa, mas cheia de necessidade não correspondida. — Você não precisa ter medo. — Acrescentou, agora que ela finalmente havia chegado à direção certa e o viu.

Ele se ajoelhou ao pé de sua cama.

Seus cálculos estavam um pouco errados. A cama era tão grande e alta que o peito e a faca ficaram muito abaixo da linha de visão de Jessalyn.

— Veja, tirarei minha vida. — Anunciou ele, muito alto para se certificar de que Jessalyn estava acompanhando a encenação. Depois de um momento ou dois, a princesa foi com a cabeça em direção ao pé da cama. Ela equilibrou-se entre suas duas mãos, os ombros estavam mais próximos dela. A esta distância, ele podia ver que seus olhos eram verdes — um verde complicado consistido de muitos anéis e manchas.

No início, ela apenas sibilou para ele e levantou suas lâminas, cujos dedos mostravam as unhas vermelhas. Damon se aborreceu com ela. Ela iria aprender, com o tempo, que isto não era realmente necessário, que na verdade isto já tinha saído de moda há decadas atrás no mundo real, e só era mantido vivo por causa dos filmes antigo e de ficção.

— Aqui, aos seus pés, eu *me* matarei. — disse ele novamente, para ter certeza que ela não perdera nenhuma sílaba, ou a frase inteira, desta conversa.

— Você... Vai? — Ela ficou desconfiada. — Quem é você? Como entrou aqui? Por que você faria uma coisa dessas?

— Cheguei aqui através de minha loucura. Fiz isso porque sei que é loucura e não posso mais conviver com ela.

— Que loucura? E você vai fazer isso agora? — A princesa perguntou com interesse. — Porque, se não for, eu terei que chamar meus guardas e... Espere um minuto. — Ela interrompeu-se.

Ela pegou a faca antes que ele pudesse detê-la e a lambeu.

— Isto é uma lâmina metálica. — Ela lhe disse, jogando-a fora.

— Eu sei. — Damon deixou cair a cabeça, para que seu cabelo cobrisse seus olhos, e disse dolorosamente: — Eu sou... Um ser humano, Vossa Alteza.

Ele secretamente observou através de seus cílios e viu que Jessalyn se iluminou.

— Eu pensei que você fosse só algum tipo de vampiro fraco e inútil. — disse ela distraidamente. — Mas agora que posso olhar para você... — Uma língua cor-de-rosa igual a uma pétala saiu e lambeu seus lábios. — Não há razão para desperdiçar as coisas boas, não é?

Ela se parecia a com Bonnie. Ela dissera o que estava pensando, quando ela pensou. Algo dentro de Damon quis rir.

Ele se levantou novamente, olhando para a garota na cama com todo o fogo e paixão que era capaz... E sentiu que não era suficiente. Pensar na real Bonnie, sozinha e infeliz, era... Bem, brochante. Mas o que mais ele poderia fazer?

De repente, ele sabia o que podia fazer. Antes, quando ele parou de pensar em Elena, ele havia cortado qualquer tipo de paixão ou desejo autêntico. Mas ele estava fazendo isso tanto *pela* Elena, quanto para si mesmo. Ela não podia ser sua Princesa das Trevas, se ele não pudesse ser o seu Príncipe.

Desta vez, quando ele olhou para a M. le Princess, era diferente. Ele podia sentir a mudança de atmosfera.

— Alteza, não tenho nem o direito de falar com você. — disse ele, deliberadamente colocalando uma bota nos arabescos de metal que formavam a estrutura da cama. — Você sabe tão bem quanto eu que você pode me matar com um único golpe... Digo, aqui. — apontando para uma área em seu queixo. — Mas você já me matou...

Jessalyn parecia confusa, mas esperou.

—... Com amor. Eu me apaixonei por você no momento em que te vi. Você poderia quebrar meu pescoço, ou... Como eu diria caso pudesse tocar suas pálidas e perfumadas mãos... Você poderia colocar seus dedos ao redor do meu pescoço e me estrangular. Peço a você que faça isso.

Jessalyn estava começando a ficar intrigada, mas animada. Corando, ela estendeu uma de suas mãozinhas para Damon, mas claramente sem qualquer intenção de estrangulá-lo.

— Por favor, você deve fazer isso. — disse Damon sinceramente, sem nunca tirar os olhos dela. — Essa é a única coisa que peço a você: que você me mate, ao invés de chamar seus guardas,

para que a última visão que eu tenha seja o seu belo rosto.

— Você está doente. — Jessalyn decidiu, ainda olhando confusa. — Houve várias outras mentes desequilibradas que entraram pelo meu castelo, embora nunca tenham entrado em meus aposentos. Vou te levar ao médico para que ele possa fazer com que você se sinta melhor.

— Por favor — disse Damon, que havia forjado sua entrada pelas cortinas negras e que agora estava de pé perante a princesa sentada. — Conceda-me a morte instantânea, ao invés de deixar-me morrer um pouco a cada dia. Você não sabe o que eu tenho feito. Eu não consigo parar de sonhar com você. Eu a seguia de loja em loja. Eu já estou morrendo agora enquanto você me violenta com sua nobreza e esplendor, sabendo que não sou mais que pedras na calçada em que você pisa. Nenhum médico pode mudar isso.

Jessalyn estava claramente considerando. Obviamente, ninguém nunca havia falado com ela *desse* jeito.

Seus olhos verdes fixaram-se nos lábios dele, o de baixo ainda estava sangrando. Damon deu uma risada pouco indiferente e disse:

— Um de seus guardas me pegou e tentou me matar antes que eu pudesse alcançá-la e pudesse pertubar seu sono. Receio tê-lo matado para chegar até aqui. — disse ele, de pé entre um pilar e a garota na cama, de forma que sua sombra fora jogada sobre ela.

Os olhos de Jessalyn se arregalaram de aprovação, mesmo quando o resto parecia mais frágil do que nunca.

— Ainda está sangrando. — ela sussurrou. — Eu poderia...

— Você pode fazer o que quiser. — Damon a incentivou com um caprichado sorriso irônico nos lábios. Era verdade. Ela podia.

— Então, venha aqui. — Ela bateu em um lugar mais próximo ao travesseiro da cama. — Como você se chama?

— Damon. — disse ele, tirando a jaqueta e deitando-se, o queixo apoiada pelo cotovelo, com ar de quem não estava a fazer tal tipo de coisa.

— Damon? Só isso?

— Você pode cortá-lo para algo mais curto. Não sou nada além de Vergonha agora. — respondeu ele, tomando mais um minuto para pensar em Elena e prender hipnoticamente os olhos de Jessalyn. — Eu fui um vampiro... Um poderoso e orgulhoso... Na Terra... Mas fui

enganado por um kitsune...

Ele lhe contou uma versão distorcida da história de Stefan, omitindo Elena ou qualquer bobagem de querer ser humano. Ele disse que quando conseguiu escapar da prisão, que havia tirado sua "vampiricidade", ele decidiu acabar com sua vida humana.

Mas naquele momento, ele tinha visto a princesa Jessalyn e pensou que, ao servi-la, ele ficaria feliz com seu pesar. Ai de mim, disse ele, isso apenas havia alimentado seus sentimentos vergonhosos por Sua Alteza.

— Agora, a minha loucura me levou a abordá-la em seus próprios aposentos. Faça de mim um exemplo, Vossa Alteza, que fará com que os outros malfeitores tremam. Me queime, me açoite ou esquarteje, coloque minha cabeça em praça pública para fazer com que aqueles que possam te querer mal se incendeem primeiro.

Ele estava, agora, na cama com ela, recostando-se um pouco para expor sua garganta nua.

— Não seja bobo. — Jessalyn disse, sua voz um pouco melosa. — Até mesmo o pior dos meus servos quer viver.

— Talvez os que nunca a viram matando. Talvez os ajudantes de cozinha, ou o cocheiro, mas *eu* não posso viver, sabendo que nunca poderei ter você.

A princesa viu Damon terminar, corou, olhou por um momento em seus olhos.... E então, ela o mordeu.

* * *

— Vou levar Stefan até a dispensa. — Elena disse a Meredith, que estava secando com raiva as lágrimas dos olhos.

— Você sabe que não podemos fazer isso. Com a polícia aqui na casa.

— Então, *eu* farei isso...

— Você *não* pode! Você *sabe* que não pode, Elena, ou você não teria vindo a mim! Elena olhou para a amiga de perto.

— Meredith, você foi a doadora de sangue o tempo todo. — Ela sussurrou. — Você nunca pareceu nem um pouco incomodada...

— Ele sempre bebia menos... Sempre tirava menos de mim do que dos outros. E sempre do meu braço. Eu fingia que estava tirando

sangue. Sem problemas. Essa não é a parte ruim, já que Damon está de volta à Dimensão das Trevas.

— Mas agora... — Elena piscou. — E agora, como fica?

— Agora — Meredith disse com uma expressão distante. —, Stefan *sabe* que eu sou uma caçadora. Que eu tenho uma estaca de combate. E agora tenho que... Me submeter...

Elena tinha arrepios. Ela sentiu como se a distância entre ela e Meredith naquela sala estava ficando cada vez maior.

— Uma caçadora? — Disse ela, perplexa. — E o que é uma estaca de combate?

— Não há tempo para explicar isso agora! Ah, Elena...

Se o Plano A era Meredith e o Plano B era Matt, não havia nenhuma outra escolha. O Plano C *tinha* que ser a própria Elena. O sangue dela era muito mais forte do que qualquer outro, afinal, tão cheio de energia que Stefan só precisaria de um...

— Não! — Meredith sussurrou ao ouvido direito de Elena, de alguma forma para administrar a palavra num assobio. — Eles estão descendo as escadas. Temos que encontrar Stefan agora! Pode dizer a ele para se encontrar comigo no quartinho atrás do saguão?

— Sim, mas...

— Faça isso!

E eu ainda não sei o que é uma estaca de combate, Elena pensou, permitindo que Meredith fosse para o quarto. Mas sei o que parece ser uma "caçadora", e definitivamente não me agrada. E aquela arma... Faz com que uma estaca de madeira se pareça com uma faca de plástico para piquenique.

Ainda assim, ela enviou a Stefan, que voltava ao térreo com o xerifes:

Meredith vai doar sangue, tanto quanto você precise para Influenciá-los. Não há tempo para discutir. Volte rapidamente e, pelo amor de Deus, saudável e tranquilo.

Mas Stefan não parecia cooperar.

Eu não posso tirar o suficiente dela sem que nossas mentes se toquem. Poderia...

Elena perdeu a paciência. Ela estava assustada, ela ficou desconfiada de uma de suas melhores amigas... Um sentimento horrível... E ela estava desesperada. Ela queria que Stefan fizesse

exatamente o que ela havia dito.

Vai lá depressa! Fora tudo que ela tinha projetado, mas teve a sensação de que ela o atingiu com todoas as suas forças, porque de repente ele se ficou preocupado e gentil.

Eu irei, amor, ele disse simplesmente.

Enquanto a oficial de polícia estava procurando na cozinha, enquanto o oficial procurava na sala, Stefan entrou no pequeno quarto de hóspedes do primeiro andar, com sua cama de solteiro amarrotada. As lâmpadas estavam desligadas, mas com sua visão noturna, ele pôde ver Elena e Meredith perfeitamente pelas cortinas. Meredith estava se segurando rigidamente como um acrobata de bungee jump.

Beba tudo que você precisar sem machucá-la permanentemente... E tente colocá-la para dormir, também. E não invada sua mente tão profundamente.

Eu assumo daqui. É melhor você ficar no corredor, deixando-os ver ao menos um de nós, amor, Stefan respondeu silenciosamente.

Elena estava, obviamente, tanto assustada quanto na defensiva por sua amiga, entrando logo no modo mandona. Ao menos isso era uma coisa boa, se havia alguma coisa que Stefan sabia... Se isso fosse a única coisa que ele soubesse... Seria como tirar sangue.

— Quero fazer um pedido de paz entre nossas família. — ele disse, esticando uma mão para Meredith.

Ela hesitou e Stefan, mesmo tentando fazer seu melhor, não pôde evitar de ouvir seus pensamentos, como se fossem pequenas criaturas de vigia dentro de sua mente. No que ela estava se comprometendo? Em qual sentido ele quis dizer com "família"?

É simplesmente uma formalidade, ele lhe disse, tentando ganhar terreno em outro lugar: em sua aceitação com o toque de seus pensamentos com os dela. *Deixa para lá.*

— Não. — Meredith disse. — É importante. Quero confiar em você, Stefan. Só em você, mas... E não tinha a estaca antes de Klaus estar morto.

Ele pensou rapidamente.

— Então, você não sabia que era...

— Não. Eu sabia. Mas meus pais nunca foram ativos. Foi meu avô que me disse sobre a estaca. Stefan sentiu uma onde de prazer inesperado.

— Portanto, seu avô está melhor agora?

— Não... Mais ou menos. — Os pensamentos de Meredith eram confusos.

A voz dele mudou, ela estava pensando. *Stefan estava mesmo feliz por vovô estar melhor. Mesmo a maioria dos humanos não se importaria... Não realmente.*

— Claro que me importo. — disse Stefan. — Por um lado, ele ajudou a salvar a nossas vidas... E a cidade. Por outro, ele é um homem muito corajoso... Deve ter sido um... Por sobreviver a um ataque de um Antigo.

De repente, a mão fria de Meredith estava morna em torno de seu punho e palavras foram caindo de seus lábios em uma corrida que Stefan mal conseguia entender. Mas seus pensamentos estavam brilhantes e claros sob essas palavras, e através deles que ele teve o significado.

— Tudo que sei sobre o que aconteceu quando era mais jovem, é o que me fora dito. Meus pais me disseram coisas. Meus pais mudaram meu aniversário... Eles realmente *mudaram o dia* de celebrarmos o meu aniversário... Porque um vampiro atacou meu avô, e depois meu avô tentou me matar. Eles sempre disseram isso. Mas como eles sabem disso? Eles não estavam lá... Isso é o que eles dizem. E o que é mais provável, foi o meu avô quem me atacou, ou foi o vampiro? — Ela parou, ofegante, tremendo toda como uma corça de rabo branco capturada na floresta. Presa, e pensando que ela estava condenada, e que era incapaz de correr.

Stefan tirou sua mão que havia transformado as frias de Meredith em quentes.

— Eu não vou atacá-la. — disse ele simplesmente. — E eu não vou perturbar as suas antigas memórias. Tudo bem? Meredith assentiu. Depois de sua história purgativa, Stefan sabia que ela queria falar o menos possível.

— Não tenha medo. — Ele murmurrou, assim como ele havia feito para acalmar a mente dos animas que ele havia perseguido em Old Wood. *Está tudo bem. Não há razão para ter medo*.

Ela não podia deixar de ter medo, mas Stefan a acalmava igual quando ele acalmava os animais da floresta, puxando-a para o lado mais sombrio do quarto, acalmando-a com palavras suaves, mesmo

quando seus caninos gritavam para ele a morder. Ele teve de dobrar o lado de sua blusa para expor seu longo pescoço cor verde-oliva, enquanto fazia com que as palavras calmantes se tranformasse em carinhos suaves, do tipo que tranquilizava bebês.

E por fim, quando a respiração de Meredith havia diminuído e seus olhos estavam quase se fechando, ele, com o maior cuidado, deslizou seus dentes, que estavam doendo, em sua artéria.

Meredith quase estremeceu. Tudo era suavidade enquanto ele facilmente deslizava sobre a superfície de sua mente, também vendo apenas o que já sabia sobre ela: sua vida com Elena, Bonnie e Caroline. Festas e escola, planos e ambições. Piqueniques. Uma piscina de natação. Risos. Tranquilidade que se espalhava como uma grande piscina. A necessidade de calma, de controle. Tudo issovoltava para ela, enquanto ela se lembrava...

As mais distantes profundezas que ela se lembrava estava aqui no centro... Onde ela caíra de cabeça. Stefan tinha prometido a si mesmo que não iria se aprofundar em sua mente, mas ele estava sendo puxado, impotente, sendo arrastado por aquele vórtice. As águas fecharam-se sobre sua cabeça e ele foi atraído em uma velocidade tremenda para as profundezas, estas memórias nem tão tranquilas, mas sim raivosas e apavorantes.

E então, ele viu o que tinha acontecido, o que estava acontecendo, o que sempre aconteceria... Lá, no centro da mente de Meredith.

11

Depois da M. le Princess Jessalyn D'Aubigne ter bebido do sangue de Damon — e ela estava muito sedenta — foi a vez de Damon. Ele fez um esforço para continuar paciente quando Jessalyn vacilou e franziu a testa ao ver a faca pontuda. Mas Damon brincava e a gracejava, correndo atrás dela naquela imensa cama para cima e para baixo, e quando ele finalmente a pegou, ela mal sentiu o ferrão da faca em sua garganta.

Damon estava com a boca sobre o sangue vermelho escuro, porém, tirou-a imediatamente. Tudo que ele tinha feito, desde dar Black Magic à Bonnie até derramar o líquido da Esfera Estelar nos quatro cantos do Portal para chegar até as defesas desta pequena jóia, foram para chegar a *este* momento. Este momento, quando seu paladar humano pudesse saborear o néctar que era o sangue de um vampiro.

E era... Divino!

Era a segunda vez na vida que ele havia experimentado como humano. Katerina — Katherine, como ele pensava nela, em inglês — havia sido a primeira, é claro. E como ela pôde ter ido embora e fingido ter morrido, vestindo apenas seu pequeno vestido de musselina, que deixava de olhos arregalados aquele *garotinho* que fora seu irmão, ele jamais compreenderia.

Sua inquietação se espalhou para Jessalyn. Isso não devia acontecer. Ela tinha que ficar calma e tranqüila, enquanto ele tirava o máximo possível de seu sangue. Nem ao menos a machucava, e isso fazia toda a diferença para ele.

Afastando sua consciência do puro prazer elementar que ele estava fazendo, ele começou, com muito cuidado, muito delicadamente, a se infiltrar em sua mente.

Não foi difícil de chegar bem fundo. Quem quer que arrancara esta delicada, frágil e ossuda menina do mundo humano e a dotado com a natureza de um vampiro, não havia lhe feito favor algum. Não

que ela tivesse alguma objeção moral ao vampirismo. Ela tinha levado a vida bem boa, aproveitando de tudo. Ela teria sido uma boa caçadora da natureza. Mas neste castelo? Com estes servos? Era como ter cem garçons arrogantes e duzentos sommerlier[2] condescendentes, olhando-a sempre que ela abrisse a boca para dar uma ordem.

Este quarto, por exemplo. Ela queria um pouco de cor nele — apenas um respingo de violeta aqui, um pouco de malva ali — naturalmente, ela percebeu que o dormitório de uma princesa vampira tinha que ser, em sua *maioria*, preto. Mas quando ela timidamente mencionou o tema de cores para uma das empregadas, a garota havia fungado e abaixado a narina perante Jessalyn, como se ela tivesse pedido para que um elefante fosse instalado ao lado de sua cama. A princesa não havia tido coragem de mencionar o assunto com a governanta, e dentro de uma semana, três cestos cheios de almofadas pretas brilhantes e pretas neutras haviam chegado. Essa era sua "cor". E, no futuro, será que a Sua Alteza seria boa o bastante para consultar sua governanta antes de uma equipe viesse aqui para fazer seus caprichos?

Sério, ela havia dito "caprichos", Jessalyn pensou enquanto ela arqueava o pescoço para trás e corria as unhas afiadas pelo cabelo grosso e macio e Damon. *E... Oh, isso não é bom. Eu não sou boazinha. Sou uma princesa vampira, e posso olhar as peças, mas não posso escolher.*

Cada parte sua é de uma princesa, Sua Alteza. Damon a acalmou. *Você precisa de alguém que faça com que cumpram suas ordens. Alguém que não tenha dúvidas sobre a sua superioridade. Seus servos são escravos?*

Não, são todos livres.

Bem, isso torna as coisas um pouquinho mais complicado, mas você sempre pode gritar mais alto com eles.

Sentiu se sentiu inchado com sangue de vampiro. Dois dias com mais disto e ele seria, se não o seu antigo eu, então, ao menos, algo parecido: um vampiro completo, livre para caminhar sobre a cidade, como ele gostava. E com o Poder e status de um príncipe vampiro. Era quase o bastante para equilibrar os horrorres que ele tinha passado nos últimos dias. Pelo menos, ele poderia dizer a si mesmo que tentou e acreditou.

— Escuta — Ele disse abruptamente, soltando o corpo ligeiro

de Jessalyn, olhando-a nos olhos na melhor forma possível. — Vossa Gloriosa Alteza, deixe-me fazer um favor a você antes de eu morrer de amor, ou antes de você me matar por imprudência. Deixe-me trazer "cor"... E então, deixe-me ficar ao seu lado, se algum de seus lacaios não reclamar.

Jessalyn não estava acostumada a este tipo de decisão repentina, mas não podia deixar de ser levada junto com o entusiasmo ardente de Damon. Ela arqueou a cabeça para trás novamente.

Quando ele finalmente saiu do palácio de jóias, Damon foi pela porta da frente. Ele tinha um pouco do dinheiro que sobrou ao penhorar as jóias, mas isso foi mais que suficiente para o propósito que tinha em mente. Ele estava certo que da próxima vez que ele saísse, seria voando.

Ele parou numa dúzia de lojas e gastou até que o seu último tostão se fosse. Ele pretendia fazer uma visitinha à Bonnie também enquanto estava fazendo seu serviço, mas o mercado era do lado oposto ao que ele a havia deixado, e no fim, não havia tempo. Ele não se preocupou muito enquanto andava de volta ao castelo de jóias. Bonnie, pequena e frágil como parecia, tinha um núcleo dura que ele tinha certeza que faria com que ela ficasse dentro do quarto por três dias. Ela podia agüentar. Damon sabia que ela podia.

Ele bateu no pequeno portão do castelo até que um guarda carrancudo a abriu.

— O que você quer? — O guarda cuspiu.

* * *

Bonnie estava entediada. Tinha se passado apenas um dia desde que Damon a tinha deixado — ela só conseguia contar por causa do número de refeições trazidas para ela, uma vez que o enorme sol vermelho ficava para sempre no horizonte e a luz vermelho-sangue nunca variava, a menos quando chovia.

Bonnie queria que estivesse chovendo. Ela desejava estar nevando, ou que houvesse um incêndio ou um furacão ou um pequeno tsunami. Ela tinha dado uma chance a uma das Esferas Estelares e achou um novela ridícula que ela mal conseguia entender.

Agora, ela queria que nunca tivesse tentado impedir Damon de vir aqui. Ela desejou que ele tivesse jogado-a longe antes que eles tivessem caído no buraco. Ela desejou que ela tivesse pegado a mão de Meredith e tivesse deixado Damon ir.

E esse havia sido só o primeiro dia.

* * *

Damon sorriu para o guarda carrancudo.

— O que eu quero? Só o que eu já tenho. Uma porta aberta.

Ele não havia entrado, entretanto. Ele perguntou o que M. le Princess estava fazendo e ouviu que ela estava almoçando. Um doador.

Perfeito.

Logo bateu diferentemente no portão, no qual Damon exigiu que fosse aberto. Os guardas claramente não gostavam dele, pois eles tinham juntado o desaparecimento daquele que parecia ser o capitão da guarda com a intrusão deste homem estranho. Mas logo havia algo ameaçador nele, mesmo estando neste mundo.

Eles obedeceram.

Logo depois, houveram várias outras batidas calmas e mais outras e mais outras e assim sucessivamente até que doze homens e mulheres, com os braços cheios de papel pardo e perfumado, seguiram discretamente Damon até o sombrio quarto de M. le Princess.

Jessalyn, entretanto, teve uma longa e abafada reunião pós-almoço, entretendo alguns de seus consultores financeiros, que pareciam velhos demais para ela, apesar de terem sido transformados em seus vinte anos. Seus músculos eram suaves e com falta de uso, ela se viu pensando. E, naturalmente, eles vestiam mangas compridas e calças pretas, exceto por um babado em suas gargantas, com interior escarlate por causa do eterno Sol vermelho-sangue.

A princesa tinha acabado de vê-los se retirar de sua presença quando perguntou, ainda mais irritada, onde o humano Damon estava. Vários empregados, com malícia por trás de seus sorrisos, explicaram que ele tinha ido com uma dúzia de... Seres humanos... Até o seu dormitório.

Jessalyn quase voou para a escada e subiu muito rapidamente, deslizando, pois ela sabia que este era um movimento esperado de uma boa vampira. Ela chegou às portas góticas e ouviu sons abafados de despeito, indignados por terem de esperar. Mas antes mesmo que a princesa pudesse perguntar o que estava acontecendo, ela estava envolta em uma grande onda quente de odores. Não o odor gostoso e cheio de sustância de sangue, mas algo mais leve, mais doce e, no momento, enquanto sua sede por sangue fora saciada, mais deliciosa. Ela empurrou a porta dupla. Ela deu um passo em seu dormitório e depois parou, espantada.

O quarto que lembrava a uma catedral negra estava cheio de flores. Havia bancos de lírios, vasos cheios de rosas, tulipas de todas as cores e tons, vários abróteas e narcisos, enquanto as perfumadas madressilvas e os morango silvestres estavam em arvoredos.

Os vendedores de flores tinham convertido a sombria e convencional sala negra neste espetáculo fantástico. Os mais sagazes e perspicazes fixadores de M. le Princess haviam ajudado, trazendo grandes vasos ornamentados.

Damon, ao ver Jessalyn entrar no quarto, foi imediatamente se ajoelhar aos seus pés.

— Você tinha ido embora quando eu acordei! — A princesa disse, irritada, e Damon sorriu, fracamente.

— Perdoe-me, Vossa Alteza. Mas já que estou morrendo, de qualquer modo, eu pensei que poderia trazer-lhe estas flores. As cores e os aromas são satisfatórios?

— Os aromas? — O corpo inteiro de Jessalyn parecia derreter. — Parece... Uma orquestra para o meu nariz! E essas cores não se comparam com o que eu já tenha visto antes!

Ela deu uma gargalhada, os olhos verdes iluminados, com o cabelo ao redor dos ombros, como se fossem cachoeiras. Então, ela levou Damon a um canto escuro. Damon teve que se controlar para não rir, mas isso parecia muito com um gatinho perseguindo uma folha de outono.

Mas uma vez que chegaram no canto, enrolados na cortina, próximos a uma janela, Jessalyn assumiu uma expressão muito séria.

— Eu ganharei um vestido, da mesma cor que aqueles profundos e escuros cravos roxos. — Ela sussurrou. — Ele *não é preto.*

— Sua Alteza vai estar maravilhosa nele. — Damon sussurrou em seu ouvido. — Tão impressionante, tão ousado...

— Posso até usar meu espartilho *dentro* do vestido. — Ela olhou para ele através de seus pesados cílios. — Ou... Isso seria demais?

— Nada é demais para você, minha princesa. — Damon sussurrou de volta. Ele parou um momento para pensar seriamente.

— O espartilho... Combinaria com o vestido, ou seria preto? Jessalyn considerou.

— Que tal da mesma cor? — Ela se aventurou.

Damon assentiu, satisfeito. Ele mesmo não seria pego em qualquer outra cor a não ser preta, mas ele estava disposto a aturar — até mesmo a incentivar — as esquisitices de Jessalyn. Elas poderiam levá-lo a se transformar em um vampiro mais rapidamente.

— Eu quero o seu sangue. — A princesa sussurrou, como se para provar que ele estava certo.

— Aqui? Agora? — Damon sussurrou de volta. — Na frente de todos os seus servos?

Então, Jessalyn o surpreendeu. Ela, que havia sido tão tímida antes, saiu das cortinas e bateu palmas, pedindo silêncio. Ele veio imediatamente.

— Todo mundo para fora! — Ela disse imperiosamente. — Vocês fizeram um belo jardim no meu quarto, e sou grata. O mordomo — Ela apontou para um jovem que estava todo vestido de preto, mas que sabiamente colocara uma rosa escura sobre a lapela — dará algo para que vocês possam comer... E beber... Antes de irem!

Nisto, houve um murmurinho de elogios que fez com que a princesa corasse.

— Eu tocarei a campainha, caso precise de você. — Disse ao mordomo.

Na verdade, somente dois dias depois que ela chegou a alcançar e, com uma pequena relutância, a tocar a campainha. E isso foi meramente para dar a ordem de que fosse feito um uniforme para Damon o mais rápido possível. Um uniforme de capitão da guarda.

* * *

No segundo dia, Bonnie teve que se virar com as Esferas

Estelares enquanto ela procurava por entretenimento. Depois de ver suas vinte e oito esferas, ela descobriu que vinte e cinco delas eram sobre novelas, do primeiro ao último capítulo, e duas eram de experiências tão assustadoras e tão hediondas que ela as rotulou em sua mente como *Nunca Mais Lembrar*. As últimas se chamavam *Quinhentas Histórias Para Crianças*, e Bonnie rapidamente descobriu que essas histórias poderiam ser úteis, para denominar as coisas que uma pessoa poderia encontrar ao redor da cidade. O conteúdo das esferas eram sobre uma família de lobisomens chamada Düz-Aht-Bhi'iens. Bonnie prontamente os apelidou de Dustbins. A série, composta por episódios, mostrava como a família vivia dia-a-dia: como eles compraram um novo escravo no mercado para substituir um que havia morrido, e onde eles foram caçar presas humanas, e como Mers Dustbin jogava um importante torneio de bashik na escola.

Hoje, a última história era quase feliz. Mostrava a pequena Marit Dustbin indo à Sweetmeat Shop e comprando um bombom. O doce custava exatamente cinco dólares. Bonnie teve a experiência de comer parte dele com Marit, e estava bom.

Depois de ler a história, Bonnie, com muito cuidado, espiou pela borda da janela e viu um letreiro numa loja que ela já havia visto muitas vezes. Então, ela segurou a Esfera Estelar em sua têmpora.

Sim! Era exatamente o mesmo letreiro. E ela não só sabia o que queria, mas também o quanto iria custar.

Ela estava morrendo de vontade de sair de seu quarto e tentar o que ela acabara de aprender. Mas diante de seus olhos, a luz da loja de doces ficou escura. Deve ter fechado.

Bonnie jogou a Esfera Estelar pelo quarto. Ela desligou um pouco a lâmpada de gás para que somente brilhasse fracamente, e depois deitou-se sobre a cama cheia de pressa, puxou as cobertas... E descobriu que não conseguia dormir. Tateando no crepúsculo rubi, ela encontrou uma Esfera Estelar com os dedos e a colocou na têmpora novamente.

Intercaladas com o conjunto de histórias sobre a família Dustbin, haviam contos de fadas. A maioria deles eram tão horríveis que Bonnie não conseguia experimentá-los sempre, e quando era hora de dormir, ela deitava tremendo sobre a cama. Mas desta vez a história parecia ser diferente. Após o título, *A Casa de Portais dos Sete*

Tesouros Kitsune, ela ouviu uma pequena rima:

Em meio a uma planície de neve e gelo
Aí reside o paraíso kitsune.
E bem ao lado, um prazer proibido: Mais seis portais de tesouros kitsune.

A palavra *kitsune* era assustadora. Mas, Bonnie pensou, a história poderia ser pertinente, de alguma forma. Eu posso fazer isso, ela pensou e colocou a Esfera Estelar em sua têmpora.

A história não começou com alguma coisa horripilante. Era sobre uma garota e um garoto kitsune que foram encontrar o mais sagrado e secreto dos "sete tesouros kitsune", o paraíso kitsune. Um tesouro, Bonnie aprendera, poderia ser algo tão pequeno quanto uma jóia; ou tão grande quanto um mundo inteiro. Este, com o passar da história, estava na média, porque o "paraíso" era uma espécie de jardim, com flores exóticas florescendo por toda parte, e pequenos riachos borbulhantes abaixo de pequenas cachoeiras, piscinas clãs e profundas.

Era tudo maravilhoso, Bonnie pensou, vivenciando a história como se ela mesma estivesse vendo um filme torno dela, mas um filme que incluía as sensações de tato, paladar e olfato. O paraíso era um pouco como a Warm Springs, onde, às vezes, havia piqueniques em volta das casas.

Na história, os kitsune tiveram que ir ao "topo do mundo", onde houve algum tipo de ruptura na crosta que ia para o lugar mais alto da Dimensão das Trevas — onde Bonnie estava neste momento. Eles, de alguma forma, conseguiram descer, descendo cada vez mais baixo, passando por vários testes de coragem e inteligência antes de chegarem à seguinte e mais baixa dimensão: o Mundo Inferior.

O Mundo Inferior era completamente diferente da Dimensão das Trevas. Era um mundo de gelo e neve escorregadia, de geleiras e fendas, tudo banhado em um crepúsculo azul de três luas que brilhavam acima.

As crianças kitsune quase morreram de fome no Mundo Inferior, porque havia muito pouco para uma raposa caçar. Eles sobreviveram graças a pequenos animais do frio: ratos e pequenas ratazanas brancas, e até insetos ocasionais (Ai, eca, Bonnie pensou).

Eles sobreviveram até que, através da névoa e neblina, eles viram um muro muito alto e preto. Eles seguiram a parede até que finalmente chegaram à frente da Casa que tinha grandes torres altas escondidas nas nuvens. Escrito em cima da porta, em uma língua antiga e quase ilegível, eles viram as palavras: *Os Sete Portais.*

Eles entraram em uma sala em que havia oito entradas ou saídas. Uma deles era a porta pela qual eles haviam acabado de entrar. E enquanto eles observavam, cada Portal brilhou para que eles pudessem ver que os sete Portais levavam para sete mundos diferentes, um dos quais era o paraíso kitsune. No entanto, outro Portal levava para um campo de flores mágicas, e outro mostrava borboletas que voavam em volta de uma fonte que jorrava água. Outro ia para uma caverna escura e cheia de garrafas de vinho Clarion Loess Black Magic. Um Portal conduzia a uma mina profunda, com jóias do tamanho de um punho. E então, um Portal mostrou a mais estimada de todas as flores: a Radhika Real. Ela mudava de momento a momento, indo de rosas para cravos, e depois para orquídeas.

Através do último Portal, eles só conseguiram ver uma árvore gigantesca, onde havia rumores de que o tesouro final seria uma imensa Esfera Estelar.

Agora, o menino e a menina se esqueceram de tudo sobre o paraíso kitsune. Cada um deles queria algo dos outros Portais, mas eles não conseguiram concordar sobre qual. A regra era que qualquer pessoa ou grupo poderia entrar em apenas um e depois voltar. Mas enquanto a garota queria um raminho da Radhika Real, para mostrar que tinha completado sua missão,o menino queria um pouco do vinho Black Magic, para sustentá-los no caminho de volta. Não importava o quanto eles discutissem, eles não conseguiam chegar a um acordo. Então, finalmente, decidiram trapacear. Eles iriam, simultaneamente, abrir uma porta e saltar para dentro, pegar o que queriam e sair antes que pudessem ser capturados.

Quando eles estavam prestes a fazer isso, uma voz os advertiu, dizendo: “Um Portal somente os dois devem entrar, e depois voltar de onde vieram.”

Mas o menino e a menina optaram por ignorar a voz. Imediatamente, o menino entrou no Portal que dava para as garrafas

de vinha Black Magic e, no mesmo instante, a menina entrou na porta que dava para a Radhika Real. Mas quando cada um se virou, já não havia mais nenhuma porta ou portal. O menino tinha muita coisa para se beber, mas ele fora deixado para sempre na escuridão e no frio, e suas lágrimas congelaram em suas bochechas. A garota tinha uma linda flor para admirar, mas nada para comer ou beber, e assim, sob o Sol amarelo brilhante, ela definhou.

Bonnie estremeceu; aquele arrepio delicioso que um leitor tinha quando conseguia o que esperava. O conto tinha uma moral: "Não seja ganancioso", assim como ela havia ouvido daqueles velhos livros de contos de fada, quando ela se sentava no colo de sua avó.

Ela sentiu muita falta de Elena e Meredith. Ela tinha uma história para contar, mas ninguém para ouvi-la.

12

— Stefan! Stefan! — Elena estava muito nervosa para ficar fora do quarto por mais de cinco minutos que foram necessários para se mostrar aos xerifes. Era Stefan quem os oficiais queriam e não conseguiam encontrar, e eles pareciam não considerar que alguém poderia recuar e se esconder em um quarto que eles já houvessem revistado.

E agora, Elena não poderia tirar a responsabilidade de Stefan, que estava trancado em um abraço com Meredith, com a boca prensada firmemente nas duas pequenas feridas que ele havia feito.

Elena teve que sacudi-lo pelos ombros, sacudir a ambos, ordenando ter alguma resposta.

Em seguida, Stefan recuou de repente, mas ainda segurou Meredith, que teria caído. Ele rapidamente lambeu o sangue de seus lábios. Pela primeira vez, porém, Elena não estava focada nele, mas em sua amiga... Na amiga em que ela havia dado permissão para fazer isso.

Os olhos de Meredith estavam fechados, mas havia círculos escuros, quase cor de ameixa, sob eles. Seus lábios se separaram, e seu cabelo escuro estava molhado, onde as lágrimas haviam caído.

— Meredith? Merry? — O velho apelido simplesmente escapou dos lábios de Elena. E então, quando Meredith não deu sinal de tê-la ouvido: — Stefan, qual o problema?

— Eu a Influenciei para que dormisse quando acabasse. — Stefan soltou Meredith e a pôs na cama.

— Mas o que aconteceu? Por que ela está chorando... E o que há de errado *contigo*? — Ela não pôde evitar notar que, apesar do resplendor saudável nas bochechas de Stefan, seus olhos estavam sombreados.

— Algo que eu vi... Na mente dela. — Stefan disse brevemente, puxando Elena para detrás de suas costas. — Aqui vai um deles. Fique aqui.

A porta se abriu.

Era o xerife, que estava com o rosto vermelho e ofegante, e que tinha claramente dado uma geral na pensão, retornando para esta sala depois de ter procurado no primeiro andar inteiro.

— Eu tenho todo num único quarto... Todos, menos o fugitivo. — O xerife disse para um grande celular. A xerife deu uma breve resposta.

Então o xerife com rosto vermelho voltou a falar com os adolescentes:

— Agora, o lance é o seguinte: eu estava procurando *você* — ele apontou para Stefan —, enquanto minha parceira procurava por *vocês duas*. — Sua cabeça sacudiu em direção à Meredith — Qual o problema dela, afinal?

— Nada que você pudesse entender. — Stefan respondeu calmamente.

O xerife olhava como se ele não pudesse acreditar no que havia sido dito. Então, de repente, ele olhou como se pudesse, e pôde, e deu um passo em direção à Meredith.

Stefan rosnou.

O som fez Elena, que estava atrás dele, pular. Era um rosnado baixo e selvagem de um animal que estava protegendo sua companheira, seu bando, seu território.

O policial de rosto corado, de repente, parecia pálido e em pânico. Elena deduziu que ele estava olhando para uma boca cheia de dentes muito mais afiados que os seus, e tingidos com sangue também.

Elena não queria que isso virasse uma merd... Quer dizer... Uma confusão.

Enquanto o xerife falava com sua parceira: "Talvez precisemos de algumas daquelas balas de prata, afinal", Elena falou com seu amado, que agora estava fazendo um ruído como se fosse um grande zumbido, e viu que podia sentir isso até mesmo em seus dentes.

— Stefan, o Influencie! A outra está chegando, e ela já pode ter ligado chamando reforços.

Ao seu toque, Stefan parou de fazer aquele som, e então, quando ele se virou, ela pôde ver que seu rosto havia mudado, saindo daquele animal selvagem com dentes arreganhados e voltando para

os próprios e queridos olhos verdes.

Ele deve ter tirado *muito* sangue de Meredith, ela pensou, com uma pontada em seu estômago. Ela não tinha certeza em como se sentia a respeito disto.

Mas não havia como negar os efeitos causados. Stefan virou-se para o xerife e disse secamente:

— Você vai para o corredor da frente. Você permanecerá ali, em silêncio, até que eu diga para se mover ou falar.

Então, se olhar para ver se o oficial estava obedecendo ou não, ele colocou os cobertores mais firmemente em Meredith. Embora Elena estivesse olhando o xerife, e ela percebeu que ele não hesitara em nenhum instante. Ele deu meia-volta e marchou para frente do hall.

Então, Elena se sentiu segura o bastante para olhar para Meredith de novo. Ela não pôde achar algo de errado no rosto da amiga, exceto por sua palidez anormal e aquelas sombras violetas ao redor de seus olhos.

— Meredith? — Ela sussurrou. Sem resposta.

Elena seguiu Stefan para fora do quarto.

Ela fez isso até chegarem ao hall, quando a xerife os emboscou.

Descendo as escadas, empurrando a frágil Sra. Flowers em sua frente, ela gritou:

— No chão! Todos vocês! — Ela deu um duro empurrão na Sra. Flowers. — Pro chão, agora!

Quando a Sra. Flowers quase caiu esparramada no chão, Stefan pulou e a pegou, e então voltou para a outra mulher. Por um momento, Elena pensou que ele rosnaria de novo, mas ao invés disso, em uma voz firme com auto-controle, ele disse:

— Junte-se ao seu parceiro. Você não pode se mover ou falar sem minha permissão. Ele levou a trêmula Sra. Flowers a uma cadeira à esquerda do hall.

— Aquela... Mulher... Te machucou?

— Não, não. Só tirem eles da minha casa, Stefan, querido, e estarei grata. — A Sra. Flowers respondeu.

— Feito. — Stefan disse delicadamente. — Sinto muito por termos causado a você tantos problemas... Na sua própria casa. Ele olhou para ambos os xerifes, com olhos penetrantes.

— Vão embora e não voltem. Vocês procuraram na casa, mas nenhuma das pessoas que vocês estavam procurando estava aqui. Vocês acham que a vigilância não vai dar em nada. Vocês acreditam que fariam melhor ajudando os... Como é mesmo? Ah, sim, a *mutilação* na cidade de Fell's Church. Vocês nunca mais voltarão aqui de novo. Agora, vão para o seu carro e sumam.

Elena sentiu os pelinhos de sua nuca se eriçar. Ela pôde sentir o Poder por trás das palavras de Stefan.

E, como sempre, foi gratificante ver pessoas cruéis ou raivosas se tornarem dóceis sob o Poder da Influência de um vampiro. Aqueles dois ainda ficaram parados por mais dez segundos, e então eles simplesmente saíram pela porta da frente.

Elena ouviu o som o carro dos xerifes se afastando e uma grande sensação de alívio dominando-a que ela quase entrou em colapso. Stefan colocou seus braços ao seu redor, e Elena o abraçou de volta com força, sabendo que seu coração estava martelando. Ela pôde sentir em seu peito e nas pontas dos dedos.

Acabou. Tudo foi resolvido, Stefan pensou para ela e Elena, de repente, sentiu algo diferente. Ela se sentiu orgulhosa.

Stefan havia feito seu trabalho e afastado para longe os oficiais.

Obrigada, ela pensou para Stefan.

— Acho que seria melhor tirar Matt da dispensa. — Ela adicionou.

* * *

Matt estava infeliz.

— Obrigado por me esconderem... Mas vocês sabem o quanto demoraram? — Ele exigiu de Elena enquanto subiam as escadas novamente. — E não havia luz, exceto pela pequena Esfera Estelar. E não havia sons... Não consegui ouvir nada lá embaixo. E o que é *isso*?

Ele segurava aquela madeira longa e pesada, com pequenos espinhos ao fim. Elena sentiu um pânico súbito.

— Você não se cortou, né? — Ela pegou as mãos de Matt, deixando aquela coisa cair ao chão. Mas Matt não parecia ter nenhum arranhão.

— Eu não sou idiota a ponto de segurar nas pontas. — Ele

disse.

— Meredith a segurou, por algum motivo. — Elena disse. — Suas mãos estavam cobertas de feridas. E eu nem ao menos sei o que é isso.

— Eu sei. — Stefan disse silenciosamente. Ele pegou a estaca.

— Mas isto é um segredo de Meredith, na verdade. Quero dizer, isso é propriedade de Meredith. — Ele adicionou apressadamente enquanto todos os olhos se fixaram nele ao dizer *segredo*.

— Bem, eu não sou cego. — Matt disse em sua maneira direta e franca, tirando alguns cabelos do rosto, a fim de ver melhor a coisa. Ele ergueu seus olhos azuis para Elena. — Eu sei exatamente que cheiro é esse, é verbena. E eu sei o que isso se parece, com essas pontas afiadas saindo das pontas. Parece uma arma para se exterminar cada monstro Chefão que anda pela Terra.

— E vampiros, também. — Elena adicionou apressadamente.

Ela sabia que Stefan estava de bom humor e, definitivamente, ela não queria ver Matt, quem ela se importava profundamente, deitado no chão com o crânio esmagado.

— Até mesmo humanos... Acho que esses espinhos injetam veneno.

— Veneno? — Matt olhou para suas próprias mãos precipitadamente.

— Não há nada de errado contigo — Elena disse. — Eu me certifiquei. E, além disso, seria um veneno de rápido efeito.

— Sim. Eles iriam querer acabar com a luta o mais rápido possível. — Stefan disse. — Então, se você está vivo agora, é melhor continuar deste jeito. Agora, o monstro Chefão aqui quer voltar para a cama. — Ele virou-se em direção ao sótão.

Ele deve ter ouvido a respiração de Elena, rápida e involuntariamente, porque ele logo se virou e ela pôde ver que ele estava arrependido.

Seus olhos eram de um verde-esmeralda escuro, tristes, mas ardentes, sem o uso de nenhum Poder.

Eu acho que teremos um café da manhã tardio, Elena pensou, sentindo diversas emoções agradáveis passando sobre ela. Ela apertou a mão de Stefan, e sentiu, com prazer, ele apertando de volta.

Ela pôde ver o que ele tinha em mente; eles estavam bem próximos e ele estava ocultando o que realmente queria... E ela estava tão ansiosa quanto ele para chegar lá em cima.

Mas naquele momento, Matt, com os olhos naquela coisa cheia de espinhos, disse:

— Meredith tem algo a ver com *isto*?

— Eu não devia ter comentado nada. — Stefan respondeu. — Mas se você quer mesmo saber, seria melhor perguntar à própria Meredith. Amanhã.

— Tudo bem. — Matt disse, finalmente compreendendo. Elena estava com um pé à frente.

— Uma arma como esta... Só pode *ser*... Para matar todos os tipos de monstros que andam pela Terra. E Meredith...

Meredith, que tem um corpo magro e atlético como o de uma bailarina e é faixa preta, e *oh*! Aquelas aulas! As aulas que Meredith sempre adiava quando as garotas estavam fazendo algo naquele exato momento, mas que sempre, de alguma forma, conseguia tempo para fazê-las.

Mas uma garota mal podia carregar por aí um cravo, quem dirá uma arma como esta. Além disso, Meredith disse que odiava fazer essas aulas, então suas melhores amigas deixaram para lá. Isso tudo fazia parte do mistério de Meredith.

E aulas de equitação? Elena poderia apostar que essas eram genuínas. Meredith gostaria de saber como escapar rapidamente montando em algo disponível.

Mas se Meredith não estava praticando para um pequeno recital, ou para estrelar na Hollywood Western... Então, o que ela estava fazendo?

Treinando, Elena deduziu. Havia muitos dojôs por aí, e se Meredith fazia isto desde que aquele vampiro atacara o seu avô, ela devia ser muito boa.

E quando lutamos conta aquelas coisas terríveis, quando eu a olhava nos olhos, aquela sombra cinza e suave a mantinha longe dos holofotes? Um monte de monstros deviam ter sido nocauteados por ela.

A única pergunta que precisava ser respondida era por que Meredith não mostrara para eles a estaca contra monstros Chefões,

ou por que não a usou em alguma luta... Digo, contra Klaus. Elena não sabia, mas ela poderia perguntar à Meredith. Amanhã, quando Meredith acordar. Mas ela confiava que seria uma resposta bem simples.

Elena tentou abafar um bocejo de forma elegante.

Stefan? Ela perguntou. *Podemos sair daqui... Sem que você me pegue no colo... E vamos para o seu quarto*?

— Acho que tivemos estresse o suficiente por essa manhã. — Stefan disse na sua própria e gentil voz. — Sra. Flowers, Meredith está no quarto do primeiro andar... Ela, provavelmente, vai dormir até tarde. Mat...

— Eu sei, eu sei. Eu não sei como vamos abordar o assunto, mas poderei agüentar durante a noite. Stefan parecia surpreso.

Querido, você não pode ter muito sangue no organismo, Elena pensou para ele, séria e sem rodeios.

— A Sra. Flowers e eu estaremos na cozinha. — Ela disse em voz alta. Quando elas estavam lá, a Sra. Flowers disse:

— Não se esqueça de agradecer a Stefan por defender a pensão por mim.

— Ele fez isso porque aqui é nossa casa. — Elena disse, e voltou para o hall, onde Stefan estava agradecendo um Matt corado.

E então, a Sra. Flowers chamou Matt para a cozinha e Elena se viu em braços ágeis e rígidos e, em seguida, eles começaram a subir a escadaria de madeira, que fazia pequenos gemidos de protesto. E, finalmente, eles estavam no quarto de Stefan, e Elena estava em seus braços.

Não havia melhor lugar para se estar, nem algo a mais que ela quisesse agora, Elena pensou e levantou seu rosto enquanto Stefan abaixava o seu, e então eles deram um beijo longo e lento.

E então, o beijo foi mais profundo, e Elena teve que se agarrar a Stefan, que já a estava segurando com aqueles braços que poderiam quebrar granito, mas que apenas a apertava como ela desejava.

13

Elena, dormindo serenamente de mãos dadas com Stefan, sabia que ela estava tendo um sonho extraordinário. Não, não era um sonho... Era uma experiência fora do corpo. Mas não era como as antigas experiências que ela tivera ao visitar Stefan em sua cela. Ela estava deslizando pelo ar tão rapidamente que ela não conseguia distinguir o que estava em sua frente.

Ela olhou ao seu redor e, de repente, para o seu espanto, outra figura apareceu ao seu lado.

— Bonnie! — Ela disse... Ou meio que tentou dizer. Mas, é claro, não houve som algum.

Bonnie parecia uma edição transparente de si mesma. Como se alguém tivesse feito ela em vidro fundido, e então apenas colocara tons mais fracos em seus cabelos e olhos. Elena tentou telepatia.

Bonnie?

Elena! Oh, tenho tanta saudade de você e Meredith! Estou presa neste buraco...

Buraco? Elena pôde sentir o pânico em sua própria telepatia. Isso fez Bonnie estremecer.

Não um buraco de verdade. Uma pocilga. Uma pousada, eu acho, mas estou presa e eles só me alimentam duas vezes ao dia, e me levam ao banheiro somente uma vez... Meu Deus! Como você se meteu aí?

Bem... Bonnie hesitou. *Eu acho que a culpa é minha.*

Não importa! Quanto tempo você tem estado lá, exatamente? H'mmm... Esse é meu segundo dia. Eu acho.

Houve uma pausa.

Então, Elena disse:

Bem, alguns dias num lugar ruim podem parecer uma eternidade. Bonnie tentou deixas as coisas mais claras.

É que eu estou tão entediada e sozinha. Tenho tanta saudade de você e Meredith! Ela repetiu.

Eu andei pensando em você e Meredith, também, Elena disse.

Mas Meredith está aí com você, não é? Ai, meu Deus, ela não caiu também, né? Bonnie desabafou. *Não, não! Ela não caiu*. Elena não se decidia se devia contar à Bonnie sobre Meredith ou não. *Talvez, não por enquanto*, ela pensou.

Ela não conseguia ver o que estava à sua frente, embora ela pudesse sentir que elas estavam desacelerando.

Você consegue ver alguma coisa?

Ei, sim, atrás de nós! Tem um carro! Devemos ir lá? Claro. Podemos ir de mãos dadas?

Elas descobriram que não podiam, mas isso só fez com que elas ficassem mais próximas uma da outra. E outro momento, elas estavam entrando através do telhado do pequeno carro.

Hey! É o Alaric! Bonnie disse.

Alaric Saltzman era o namorado-quase-noivo de Meredith. Ele tinha quase vinte três anos agora, e seu cabelo de areia e olhos de avelã não haviam mudado desde que Elena o vira há quase dez meses atrás. Ele era um parapsicólogo em Duke, prestes a fazer doutorado.

Tentamos entrar em contato com ele há muito tempo, Bonnie disse.

Eu sei. Talvez, esse seja o jeito de contatá-lo. Onde é que devia estar, afinal?

Em algum lugar estranho no Japão. Esqueci como se chama, mas basta olhar no mapa que está no banco do passageiro.

Ela e Bonnie se fundiram enquanto olharam, suas formas fantasmagóricas atravessando-se.

Unmei no Shima: A Ilha da Desgraça, estava escrito no topo de um título de um mapa. O mapa tinha um grande e vermelho X com o subtítulo: *O Campo das Virgens Castigadas*.

O campo do quê? Bonnie perguntou indignadamente. *O que isso significa?*

Eu não sei. Mas vejo, essa névoa é real. E está chovendo. E essa estrada é terrível. Bonnie mergulhou para fora.

Ooh, que estranho. A chuva passa direto por mim. E não acho que isso seja uma estrada.

Elena disse:

Volte aqui para dentro e vejo isso. Não há outras cidades na ilha, apenas um nome. Dr.ª Celia Connor, patologista forense. O que é um patologista forense?

Eu acho, Elena disse, *que eles investigam assassinatos e coisas assim. E eles desenterram mortos para descobrirem como eles morreram*.

Bonnie estremeceu.

Eu acho que não gosto disso.

Nem eu. Mas veja lá fora. Isso havia sido um vilarejo, uma vez, eu acho.

Não havia sobrado quase nada do vilarejo. Somente algumas ruínas de alguns prédios de madeira, que agora estavam podres, e algumas estruturas de pedra enegrecidas.

Havia um grande edifício com uma enorme lona amarela sobre ele.

Quando o carro alcançou esse prédio, Alaric deslizou até parar por completo, pegou o mapa e uma pequena maleta, e correu em meio à chuva e lama até chegar ao abrigo.

Elena e Bonnie o seguiram.

Ele fora encontrado próximo à estrada, ao lado de uma jovem mulher negra, cujo cabelo fora cortado elegantemente em torno de seu rosto de elfo. Ela era pequena, nem ao menos alcançava a altura de Elena. Ela tinha olhos que dançavam de entusiasmo, até tinha dentes muito brancos que fariam com que Hollywood sorrisse.

— Dr.ª Connor? — Alaric disse, parecendo impressionado.

Meredith não vai gostar disso, Bonnie disse.

— Só Celia, por favor. — A mulher disse, pegando sua mão. — Alaric Saltzman, eu presumo.

— Só Alaric, por favor... Celia.

Meredith certamente não iria gostar disso, Elena disse.

— Então, você investigador de fantasmas. — Celia estava dizendo abaixo deles. — Bem, precisamos de você. Esse lugar tem fantasmas... Ou já teve. Eu não sei se eles ainda estão aqui ou não.

— Parece interessante.

— Está mais para triste e mórbido. Triste, *estranho* e mórbido. Tenho escavado todos os tipos de ruínas, principalmente aquelas onde há uma chance de genocídio. E vou te dizer: essa ilha não se parece com nenhum outro lugar que eu já estive — Celia disse.

Alaric já estava tirando coisas de sua maleta: uma pilha espessa de papéis, uma câmera de vídeo pequena, um notebook. Ele ligou a câmera e olhou pelo visor, então a apoiou sobre alguns papéis. Quando, aparentemente, ele tinha Celia em foco, ele pegou o notebook também.

Celia parecia estar se divertindo.

— Quantos meios você precisa para conseguir informação?

Alaric deu um tapa no lado de sua cabeça e a sacudiu tristemente.

— Todos os possíveis. A memória começa a falhar. — Ele olhou ao redor. — Você não está sozinha aqui, né?

— Tirando o zelador e o cara que me leva de volta à Hokkaido, sim. Tudo começou como uma expedição normal... Havia quatorze de nós. Mas um por um, os outros haviam morrido ou ido embora. Eu nem ao menos posso re-enterrar os espécimes... As garotas... Que nós escavamos.

—Quanto as pessoas que foram embora ou morreram em sua expedição...

— Bem, primeiro, as pessoas morreram. Então, essas coisas fantasmagóricas fizeram o resto partir. Eles estavam temerosos por suas vidas.

Alaric franziu a testa.

— Quem morreu primeiro?

— Sem ser da nossa expedição? Ronald Argyll. Especialista em cerâmica. Ele estava examinando dois jarros que havíamos encontrado... Bem, deixarei essa história para depois. Ele caiu de uma escada e quebrou o pescoço.

As sobrancelhas de Alaric se ergueram.

— Isso foi fantasmagórico?

— Para um cara como ele, que esteve neste negócio por quase vinte anos... Sim.

— Vinte anos? Talvez um ataque cardíaco? E quando ele caiu da escada... boom. — Alaric fez um gesto de queda.

— Talvez seja isso mesmo que aconteceu. Você poderia ser capaz de nos explicar nossos mistérios. — A mulher chique com cabelo curto mostrou suas covinhas como se fosse uma menina moleca.

Ela estava vestida como uma também, Elena percebeu: um jeans Levi's e uma blusa azul e branca com mangas arregaçadas sobre uma camisola branca.

Alaric se tocou, como se tivesse percebido que ele era culpado em ficar encarando. Bonnie e Elena se olharam por cima de sua cabeça.

— Mas o que aconteceu com todas as pessoas que viveram na ilha, em primeiro lugar? Aqueles que construíram as casas?

— Bem, nunca houve nenhum deles, para começo de conversa. Estou deduzindo que o local já se chamava Ilha da Desgraça antes do desastre que minha equipe estava investigando. Mas até onde eu pude descobrir, houve meio que uma guerra por aqui... Uma guerra civil. Entre crianças e adultos.

Dessa vez, quando Bonnie e Elena se olharam, seus olhos estavam arregalados.

Assim como lá em casa...

Bonnie começou, mas Elena disse:

Shh, Ouça.

— Uma guerra civil entre crianças e seus pais? — Alaric repetiu bem devagar. — Agora, isso é fantasmagórico.

— Bem, é um processo de eliminação. Entenda, eu gosto de túmulos, desde os construídos até os simples buracos cavados no chão. E aqui, os moradores não parecem terem sido invadidos. Eles não morreram de fome ou por causa da seca... Havia trigos em abundância no celeiro. Não havia sinais de doença. Eu cheguei a acreditar que *eles mataram uns aos outros*... Pais matando crianças; crianças matando pais.

— Mas como você pode saber?

— Está vendo essa área quadrada na periferia do vilarejo? — Celia apontou para uma área num mapa maior ainda que o de Alaric. — Isso é o que chamamos de *Campo das Virgens Castigadas.* É um lugar onde fora cuidadosamente construído os túmulos atuais, então, ele foi feito antes da guerra vir à tona. Até agora, escavamos vinte e dois corpos de garotas... A mais velha, ainda na adolescência.

— Vinte e duas garotas? Todas são garotas?

— Todas são garotas, pelo menos nesta área. Os garotos vieram depois, quando os caixões não estavam mais sendo feitos. Eles não estão tão bem preservados, porque todas as casas foram queimadas ou desabaram, e eles foram expostos ao tempo. As garotas foram cuidadosa e, às vezes, elaboradamente enterradas; mas as marcas em seus corpos indicavam que elas foram submetidas a duras punições físicas em algum momento próximo às suas mortes. E então... Eles levaram estacas em seus corações.

Os dedos de Bonnie voaram para seus olhos, como se isso afastasse a terrível visão. Elena olhou Alaric e Celia com seriedade. Alaric engoliu em seco.

— Havia estacas em seus corações? — Ele perguntou inquietamente.

— Sim. Agora eu sei o que você deve estar pensando: Mas o Japão não tem qualquer tipo de tradição com vampiros. Kitsune... Raposas... São, provavelmente, o mais próximo análogo.

Agora, Elena e Bonnie pairavam sobre o mapa.

— E kitsunes bebem sangue?

— Só kitsune. A língua japonesa tem um modo interessante de expressar o plural. Mas a resposta para a sua pergunta: não. Eles são lendários brincalhões, e um exemplo do que eles fazem é possuir garotas e mulheres, e levar homens à destruição... Enterrando-os em pântanos ou coisa parecida. Mas aqui... Bem, você quase poder ler como se fosse um livro.

— Você faz parecer como se fosse um. Mas não seria um que eu pegaria para ter momentos de prazer. — Alaric disse, e ambos riram friamente.

— Então, continuando com o lance do livro, parece que a doença se espalhou, com o tempo, em todas as crianças da cidade. Houve batalhas mortais. Os pais nem ao menos conseguiram chegar aos seus barcos de pesca para tentarem escapar da ilha.

Elena...

Eu sei. Pelo menos, Fell's Church não se localiza em uma ilha.

— E temos aquilo que achamos no santuário da cidade. Posso te dizer que... Foi por isso que Ronald Argyll morreu.

Ambos foram para dentro do edifício, até que Celia parou ao lado de dois grandes jarros, que estavam em cima de pedestais, com uma coisa hedionda entre eles. Parecia um vestido, que se tornara quase branco por causa do tempo, e que mostrava, através dos furos da roupa, ossos. O pior, havia um osso sem carne e bem esbranquiçado em cima de um dos jarros.

— Era nisso que Ronald estava trabalhando lá no campo, antes dessa chuva toda vir. — Celia explicou. — Provavelmente, essa foi a última morte dos habitantes originais e foi um suicídio.

— Como você pode saber disso?

— Me deixe ver se consigo explicar à base das notas de Ronald. A sacerdotisa aqui não tem qualquer outro dano do que aquele que causou sua morte. O santuário fora um edifício de pedra... Um dia. Quando chegamos aqui, encontramos somente um andar, no qual todos os degraus de pedra despencaram, de todas as formas possíveis. Daí o porquê de Ronald ter caído da escada. É uma coisa bem técnica, mas Ronald Argyll foi um grande patologista forense e confio em *sua* leitura da história.

— Que seria? — Alaric estava filmando o interior dos jarros e os ossos com sua câmera.

— Alguém... Que não sabemos quem... Fez um furo em cada jarro. Isso foi antes do caos começar. Os registros da cidade fizeram nota como se fosse um ato de vandalismo, uma brincadeira feita por uma criança. Mas muito tempo depois, os buracos foram fechados novamente, exceto naquele onde a sacerdotisa tem suas mãos mergulhadas até o pulso.

Com infinito cuidado, Celia levantou a tampa do jarro que não tinha um osso pendurado nele para revelar outro par de ossos alongados, ligeiramente menos esbranquiçados, e com tiras do que haviam sido suas roupas. Pequenos ossos dos dedos das mãos estavam dentro do jarro.

— O que Ronald pensou foi que essa pobre mulher morreu tentando fazer um último e desesperado ato. Muito inteligente, se você ver por esse ângulo. Ela cortou seu pulso... Você pode ver como o tendão está murcho no braço mais preservado... E então, ela deixou todo o conteúdo de seu fluxo sanguíneo cair no jarro. Sabemos que o jarro tem grandes quantidades de sangue em seu interior. Ela estava tentando atrair alguma coisa ou, talvez, tentando afastar algo. Ela morreu tentando, e, provavelmente, esperava usar seus últimos momentos de consciência para segurar seus ossos nos jarros.

— Caramba! — Alaric passou a mão pela testa, mas tremia ao mesmo tempo.

Tire fotos! Elena mandava mentalmente para ele, usando todo o seu Poder para transmitir a ordem. Ela pôde ver que Bonnie fazia o mesmo, de olhos fechados, punhos cerrados.

Como se obedecesse a seus comandos, Alaric tirava fotos o mais rápido que podia.

Finalmente, ele terminou. Mas Elena sabia que, sem um estímulo, ele não mandaria essas imagens à Fell's Church antes que ele mesmo chegasse à cidade — no qual, nem mesmo Meredith sabia quando iria ser.

O que fazemos? Bonnie perguntou à Elena, parecendo angustiada. *Bem, as minhas lágrimas eram reais quando Stefan estava na prisão. Você quer que a gente chore em cima dele*?

Não, Elena disse, nem tão paciente. *Mas estamos parecendo fantasmas... Vamos agir como tal. Tente assoprar atrás do pescoço dele.*

Bonnie assoprou, e ambas viram Alaric tremer, olhar para os lados e fazer com que seu blusão ficasse mais próximo de seu corpo.

— E quanto as outras mortes, aquelas que ocorreram na sua expedição? — Ele perguntou, encolhendo-se, olhando à sua volta, aparentemente sem rumo.

Celia começou a falar, mas nem Elena ou Bonnie estavam ouvindo. Bonnie continuou assoprando o pescoço de Alaric em diferentes direções, conduzindo seu olhar para a única janela que não estava quebrada. Lá, Elena havia escrito uma frase com seus dedos no vidro frio. Uma vez que ela via Alaric olhando para aquela direção, ela soltava seu hálito na sentença: *mande tudo para meredith agora!* Toda vez que Alaric olhava para a janela, ela assoprava para atualizar as palavras.

E finalmente, ele viu.

Ele deu um pulo de quase cinco centímetros para trás. Então, bem devagar, ele rastejou de volta à janela.

Elena atualizou a escrita para ele. Dessa vez, ao invés de pular, ele simplesmente passou a mão sobre os olhos e olhou novamente.

— Hey, Sr. Caça-Fantasmas — Disse Celia. — Tá tudo bem?

— Eu não sei. — Alaric admitiu. Ele passou a mão sobre os olhos de novo, mas Celia estava chegando e Elena não soprou sobre a janela.

— Pensei ter visto uma... Uma mensagem dizendo para mandar cópias das fotos desses jarros para Meredith. Celia ergueu uma sobrancelha.

— Quem é Meredith?

— Oh. Ela... Ela é uma de minhas estudantes recém-formadas. Acho que isso a interessaria. Ele olhou para a câmera.

— Ossos e jarros?

—Bem, você se interessou por eles ainda jovem, se sua reputação estiver correta.

— Oh, sim. Eu adorava assistir um pássaro morto se decompor, ou encontrar ossos e tentar descobrir de qual animal ele era.

— Celia disse, sorrindo de novo. — Quando eu tinha uns seis anos. Mas eu não era como a maioria das garotas.

— Bem... Nem Meredith é. — Alaric disse.

Elena e Bonnie olhavam-se seriamente agora. Alaric havia implícito que Meredith era especial, mas ele não havia *dito* isso, e ele não havia mencionando o quase-noivado deles.

Celia chegou mais perto.

— Você vai mandar isso tudo para ela? Alaric riu.

— Bem, toda essa atmosfera e tudo o mais... Eu não sei. Deve ter sido minha imaginação.

Celia virou-se justo quando ela o havia alcançado e Elena atualizou mais um vez a mensagem. Alaric jogou suas mãos para cima, em gesto de desistência.

— Acho que a Ilha da Desgraça não tem conexão com satélite. — Ele disse, impotente.

— Não. — Celia disse. — Mas a balsa estará de volta em um dia, e você poderá mandar tudo o que quiser... Se você realmente for fazer isso.

— Acho que é o melhor a se fazer. — Alaric disse.

Elena e Bonnie estavam ao seu lado, uma de cada lado.

Mas foi aí que as pálpebras de Elena começaram a se fechar.

Oh, Bonnie, me desculpe. Eu queria conversar contigo depois de tudo isso, e ter certeza de que você está bem. Mas estou caindo... Não consigo...

Ela conseguiu deixar as pálpebras abertas. Bonnie estava em posição fetal, dormindo profundamente.

Tenha cuidado, Ela sussurrou, sem saber ao certo se sussurrara. E enquanto ela flutuava para longe, ela prestou atenção em Celia e no modo como Alaric falava com aquela mulher linda e talentosa, somente um ano mais velha que ele. Ela teve medo por Meredith, que estava acima de qualquer coisa.

14

Na manhã seguinte, Elena percebeu que Meredith ainda parecia pálida e lânguida, e que seus olhos se afastavam caso acontecesse de Stefan olhar para ela. Mas era um momento de crise, e assim que a louça do café da manhã estava lavada, Elena fez uma reunião na sala. Lá, ela e Stefan explicaram o que Meredith havia perdido durante a visita dos xerifes. Meredith sorriu palidamente quando Elena contou como Stefan os havia banido como se fosse cachorros vira-latas. Então, Elena contou a história de sua experiência fora do corpo. Ao menos, provava que Bonnie estava viva e relativamente bem. Meredith mordeu o lábio quando a Sra. Flowers disse isso, o que fez com que ela quisesse ir pessoalmente à Dimensão das Trevas para tirar Bonnie de lá.

Mas, por outro lado, Meredith queria ficar e aguardar as fotografias de Alaric. Se isso pudesse salvar Fell's Church...

Ninguém na pensão poderia questionar o que havia acontecido na Ilha da Desgraça. Estava acontecendo aqui, no outro lado do mundo. Até alguns pais em Fell's Church tiveram seu filhos levados pelo Departamento de Serviços de Proteção a Crianças de Virgínia. As punições e os retalhamentos já haviam começado. Quanto tempo demoraria antes que Shinichi e Misao transformassem todas as crianças em armar letais... Ou será que eles já as haviam transformado? Quanto tempo demoraria até que um pai histérico matasse uma criança?

O grupo sentado na sala discutiu planos e métodos. No fim, eles decidiram fazer jarros idênticos aos que Elena e Bonnie haviam visto, e rezaram para que pudessem reproduzir a escrita. Esses jarros, eles tinha certeza, eram onde Shinichi e Misao foram isolados originalmente do resto da Terra.

Portanto, Shinichi e Misao caberiam nas pequenas acomodações dos jarros. Mas o que grupo de Elena faria para atraí-los de volta para dentro?

Poder, eles decidiram. Somente uma boa quantidade de Poder que fosse irresistível para os gêmeos kitsune. É por isso que a sacerdotisa havia tentado atraí-los com seu próprio sangue. Agora, isso significava derramar inteiramente um líquido de uma Esfera Estelar... Ou derramar sangue de um vampiro extraordinariamente poderoso. Ou de dois vampiros. Ou de três.

Todos estavam concentrados, pensando a respeito. Eles não sabiam o quanto de sangue seria necessário... E Elena temia que fosse mais do que eles pudessem bancar. Havia sido mais do que a sacerdotisa pôde bancar.

E então, houve um silêncio que só Meredith pôde preencher:

— Tenho certeza que vocês estiveram se perguntando a respeito disso. — Ela disse, produzindo aquela arma do nada, enquanto Elena assistia.

Como ela conseguiu *fazer* isso? Elena se perguntou. Ela não a tinha há poucos segundos, e agora lá estava ela. Todos olharam para a beleza e elegância que a luz do Sol proporcionava para a arma.

— Quem quer que tenha feito isso — Matt disse —, tinha uma grande imaginação.

— Foi um dos meus ancestrais. — Meredith disse. — E não irei contestar isso.

— Eu tenho uma pergunta — Elena disse. — Se você tinha isso desde o começo do seu treinamento; se você fora criada neste mundo, você alguma vez tentou matar Stefan? Você tentou *me* matar quando eu me transformei em uma vampira?

— Queria poder ter uma boa resposta para isso. — Meredith disse, seus olhos acinzentados se entristeceram. — Mas não tenho. Tenho pesadelos a respeito disso. Mas o que posso dizer que teria feito se eu fosse uma pessoa diferente?

— Eu não te perguntei isso. Perguntei, para a pessoa que você é, se você fora treinada...

— *O treinamento é uma lavagem cerebral*. — Meredith disse severamente. Sua face composta parecia estar prestes a desmoronar.

— Ok, esqueça. Você teria matado Stefan, se tivesse essa coisa?

— Se chama estaca de combate. E *nós* somos chamados... Pessoas como minha família, exceto por meus pais que deram pra trás... De caçadores.

Houve uma espécie de suspiro ao redor da mesa. A Sra. Flowers serviu para Meredith mais chá de ervas, que estava próximo a um tripé.

— Caçadores. — Repetiu Matt com certo deleite. Não era difícil de dizer em quem ele estava pensando.

— Vocês podem nos chamar assim. — Meredith estava dizendo. — Ouvi dizer que há Caça-Assassinos lá fora. Mas aqui, seguimos com a tradição.

Elena, de repente, se sentiu como se fosse uma garotinha perdida. Ali estava Meredith, sua irmã mais velha Meredith, dizendo essas coisas. A voz de Elena estava quase suplicante.

— Mas você não respondeu quanto a Stefan.

— Não, não respondi. E, não, eu não acho que teria coragem de matar alguém... A menos que tivesse sofrido uma lavagem cerebral. Mas eu *sabia* que Stefan te amava. *Sabia* que ele nunca te transformaria em uma vampira. O problema era que... Não tinha certeza absoluta quanto a Damon. Eu não sabia se você estava brincando com os dois. Acho que *ninguém* sabia. — A voz de Meredith estava angustiada também.

— Exceto por mim — Elena disse, corando, com um sorriso torto. — Não fique triste, Meredith. Tudo se resolveu.

— Você chama ter de abandonar sua família e sua cidade, porque todos pensam que você está morta, de resolvido?

— Sim. — Elena respondeu desesperadamente. — Se isso significa que eu possa ficar com Stefan.

Ela fez o seu melhor para não pensar em Damon.

Meredith olhou para ela fixamente por um instante, em seguida colocou seu rosto em suas mãos.

— Você quer contar a eles, ou devo fazer as honras? — Ela perguntou, levantando o rosto e encarando Stefan. Stefan parecia assustado.

— Você se lembra?

— Provavelmente o tanto quanto você conseguiu arrancar de minha mente. Alguns pedaços. Coisas que eu não *quero* lembrar.

— Ok.

Agora, Stefan se sentia aliviado, e Elena sentia-se com medo. Stefan e Meredith tinham um segredo juntos?

— Sabemos que Klaus fez, no mínimo, duas visitas à Fell's Church. Sabemos que ele era... Completamente maligno... E que na segunda visita que planejava uma matança em série. Ele matou Sue Carson e Vicki Bennett.

Elena interrompeu quietamente.

— Ou, ao menos, ajudou Tyler Smallwood a matar Sue, assim, Tyler pôde ser iniciado como um lobisomem. E então, Tyler deixou Caroline grávida.

Matt limpou a garganta, como se algo lhe ocorresse.

— H'm... Caroline tem que matar alguém para ser um lobisomem por completo, também?

— Acho que não. — Elena disse. — Stefan disse que só por ter um bebê lobisomem já é o suficiente. De qualquer forma, sangue foi derramado. Caroline será um lobisomem por completo quando ela tiver seus gêmeos, mas ela começará a se transformar involuntariamente antes disso. Certo?

Stefan concordou.

— Certo. Mas voltando ao Klaus: O que ele deve ter feito em sua primeira visita? Ele atacou... Sem matar... Um senhor que exercia o ofício de Caçador.

— Meu avô. — Meredith sussurrou.

— E ele mexeu tanto com a cabeça do avô de Meredith que esse senhor tentou matar sua esposa e sua neta de três anos. Então, o que há de errado nesta história?

Elena estava realmente apavorada agora. Ela não queria ouvir o que estava prestes a vir.

Ela pôde sentir o gosto de sua bile, e ficou feliz por ter só comido uma torrada de café da manhã. Se houvesse alguém com que se preocupar, como a Bonnie, ela se sentiria melhor.

— Desisto. O que *há* de errado? — Matt perguntou abruptamente. Meredith estava com um olhar distante novamente.

Finalmente, Stefan disse:

— Com o risco de parecer uma novela chata... Meredith tinha, ou tem, um irmão gêmeo.

Um silêncio mortal caiu sobre o grupo na sala. Até mesmo a *Mama* da Sra. Flowers não havia dito uma palavra.

— *Tinha* ou *tem*? — Matt finalmente disse, quebrando o

silêncio.

— Como podemos saber? — Stefan disse. — Ele pode ter sido morto. Imagine Meredith tendo que ver isso. Ou ele pode ter sido raptado. Para ser morto mais tarde... Ou para se transformar em um vampiro.

— E você acha mesmo que os pais dela não contariam algo como isso? — Matt exigiu. — Ou tentariam fazê-la esquecer? Quando ela tinha... O que, já três anos?

A Sra. Flowers, que havia estado quieta o tempo todo, agora falava tristemente.

— A própria amada Meredith deve ter decidido bloquear a verdade. Para uma criança de três anos, é difícil de dizer. Se elas não tiverem um ajuda profissional... — Ela dava um olhar questionador à Meredith.

Meredith sacudiu a cabeça.

— Contra o código. — Ela disse. — Quer dizer, estritamente falando, eu não devia estar contando nada disso a vocês, especialmente a Stefan. Mas não pude agüentar mais... Tendo tão bons amigos e, constantemente, os enganando.

Elena levantou-se e abraçou Meredith bem forte.

— Nós entendemos. — Ela disse. — Não sei o que aconteceria no futuro caso você decidisse ser uma Caçadora ativ...

— Posso prometer que meus amigos não estariam na minha lista de vítimas. — Meredith disse. — Aliás — Ela adicionou. — Shinichi sabe. Eu sou a pessoa que manteve um segredo dos meus amigos a minha vida toda.

— Não mais. — Elena disse, e a abraçou de novo.

— Pelo menos, não há mais segredos. — A Sra. Flowers disse gentilmente,e Elena olhou para ela bem nitidamente. Nada era assim tão simples. E Shinichi havia feito um punhado de previsões.

Então ela olhou para os olhos azuis e suaves da velha mulher, e soube que o que mais importava agora não eram verdades ou mentiras, mas simplesmente dar um conforto à Meredith. Ela ergueu os olhos para Stefan, enquanto ainda estava abraçando Meredith, e viu o mesmo olhar em seus olhos.

E isso, de alguma forma, fez com que ela se sentisse melhor.

Porque, se fosse verdade esse *lance* de "sem mais segredos",

então ela teria que descobrir seus sentimentos sobre Damon. E ela tinha mais medo disso do que de encarar Shinichi, o que era de se esperar, na verdade.

— Pelo menos, temos o instrumento para se fazer cerâmica... Em algum lugar. — A Sra. Flowers estava dizendo. — Eu tenho um fogãozinho também, embora ele esteja coberto de Devil's Shoestring. Costumava fazer vasinhos e colocá-los no lado de fora da pensão, mas aí vieram as crianças e os destruíram. Acho que posso fazer um jarro igual ao que você viu se você puder desenhá-lo para mim. Mas, talvez, seja melhor esperar pelas fotos do Sr. Saltzman.

Matt estava murmurando algo para Stefan.

Elena não pôde entender até que ela ouviu a voz de Stefan em sua mente.

Ele disse que Damon uma vez lhe contara que essa casa é como uma toca, onde você pode encontrar qualquer coisa se procurar com vontade.

Não foi Damon que descobriu isso! Acho que a Sra. Flowers havia dito primeiro, e ele só repassou a mensagem, Elena retornou animadamente.

— Quando conseguirmos as fotos — A Sra. Flowers estava dizendo intensamente — podemos pedir às Saitou para traduzirem a escrita.

Finalmente, Meredith se afastou de Elena.

— E até lá, podemos rezar para que Bonnie não se meta em problemas. — Ela disse, e sua voz e rosto estavam calmos novamente. — Eu vou começar agora.

Bonnie tinha certeza que podia ficar longe de problemas.

Ela havia tido um sonho estranho... Um, no qual, ela saía de seu corpo e ia com Elena para a Ilha da Desgraça. Felizmente, parecia ser uma real experiência fora do corpo, e não algo que ela tivesse de refletir e tentar encontrar um significado oculto. Isso não queria dizer que *ela* estava condenada ou coisa assim.

Além do mais, ela conseguira sobreviver outra noite no quarto marrom, e Damon viria buscá-la logo. Mas não antes de ela comprar um bombom. Ou dois.

Sim, ela havia sentido o gosto de um na história da noite passada, mas Marit era uma menininha tão boazinha que havia esperado até o jantar para comer mais. O jantar estava na próxima história dos Dustbins, que ela plugara em sua mente na nesta manhã.

Mas havia o horror ao ver a pequena Marit experimentando sua primeira caça: um pedaço de fígado cru, ainda fresco. Rapidamente, Bonnie tirou a Esfera Estelar de sua têmpora, e havia determinado a não fazer nada que pudesse levá-la ao canibalismo.

Mas então, compulsivamente, ela estaca contando o seu dinheiro. Ela tinha dinheiro. Ela sabia onde era a loja. E isso significava... Ir às compras!

Quando o horário de ir ao banheiro chegou, ela teve uma conversinha com o garoto que geralmente a levava ao banheiro externo. Dessa vez, ela o deixara bastante corado e após dar-lhe um puxão na orelha, ela implorou para que ele desse a chave para que ela fosse sozinha — como se ela já não soubesse o caminho. Ele cedeu e a deixou ir, só pedindo para que se apressasse.

E ela se apressou... Indo para o outro lado da rua, adentrando na lojinha, que cheirava a chocolate e caramelo puxado a mão, além de outros cheiros deliciosos que ela teria descoberto de olhos vendados.

Ela também sabia o que queria. Ela pôde imaginá-lo com base na história, sem falar no sabor daquele que Marit havia comprado.

O bombom era redondo como uma ameixa, e ela já havia experimentado tâmaras, amêndoas, algumas especiarias, mel... E algumas passas, também. Devia custar somente cinco dólares, de acordo com a história, mas Bonnie havia levado consigo quinze, no caso de alguma emergência.

Uma vez lá fora, Bonnie olhou cautelosamente à sua volta. Havia muitos clientes na loja, talvez seis ou sete. Uma menina com cabelo castanho estava usando os mesmos trapos que Bonnie, e parecia exausta. Disfarçadamente, Bonnie avançou em sua direção e colocou uma nota de cinco na mão rachada da garota, pensando: Aqui... Agora, ela poderá comprar um bombom também; isso deve animá-la.

E animou: a garota deu-lhe o tipo de sorriso que a Mãe Dustin muitas vezes teria dado à Marit, caso ela tivesse feito algo adorável.

Será que devo falar com ela?

— Aqui parece bem movimentado. — Ela sussurrou, A garota sussurrou de volta:

— Tem estado mesmo. Ontem, eu fiquei esperando o dia todo,

mas sempre aparecia um nobre quando outro saía.

— Quer dizer que você tem que esperar a loja estar vazia para...?

— Mas é claro... A menos que você esteja comprar algo para seu amo.

— Qual o seu nome? — Bonnie sussurrou.

— Kelta.

— Sou Bonnie.

Nisso, Kelta explodiu em gargalhadas silenciosas e convulsivas. Bonnie se sentiu ofendida.

Ela havia dado a Kelta um bombom... Ou ao menos, o preço de um, e agora a garota estava rindo dela.

— Desculpe. — Kelta disse quando sua crise passou. — Mas você não acha engraçado que, neste tempo, muitas garotas mudaram seus nomes para Alianas, Mardeths e Bonnas? Até alguns escravos tiveram permissão de mudar.

— Mas por quê? — Bonnie sussurrou com verdadeiro e espanto. Kelta disse:

— Por quê? Para ficar igual à história, é claro. Para ser nomeada assim depois que elas mataram a velha Bloddeuwedd enquanto ela voava enlouquecida pela cidade.

— Isso foi importante?

— Você não sabe? Depois que ela morreu, todo o seu dinheiro foi para o quinto setor, onde viveu; e há tanto dinheiro que se pôde criar um feriado. Eu sou de lá. E costumava ter tanto medo quando era mandada para enviar uma mensagem ou coisa parecida depois de escurecer, porque ela poderia estar acima de você e você nem ao menos saber, até... — Kelta havia colocado todo seu dinheiro em um bolso e então imitou o com sua mão inocente uma garra.

— Mas você é uma Bonna de verdade. — Kelta disse, mostrando dentes branquíssimos ao invés de sujos. — Pelo menos, é o que você diz.

— Sim, — Bonnie disse, sentindo-se vagamente triste. — Sou Bonna, isso aí! A seguir, ela se iluminou.

— A loja está vazia! Vazia! Oh, você é sinônimo de boa sorte, Bonna! Estive aqui esperando por dois dias.

Ela se aproximou do balcão com uma falta de medo que fora

encorajador para Bonnie. Então, ela pediu algo chamado gelatina de sangue que lembrava à Bonnie aqueles pacotinhos de Jell-O[3], com algo bem escuro dentro. Kelta sorriu para Bonnie embaixo de seus longos e despenteados cabelos e foi embora.

O homem que gerenciava a loja de doces continuava olhando para a porta, claramente esperando que alguém que fosse livre — um nobre — entrasse. Nenhum entrou, entretanto, e por fim ele virou-se para Bonnie.

— E o que você quer? — Ele exigiu.

— Só um bombom, por favor? — Bonnie tentou fazer com que sua voz não tremesse. O homem estava entediado.

— Me mostro o seu passaporte. — Ele disse bem irritado.

Foi neste momento que Bonnie, de repente, soube que tudo estava indo muito errado.

— Vamos, vamos, me mostre! — Ainda olhando para seus livros de contabilidade, o homem estalou os dedos.

Enquanto isso, Bonnie corria sua mão pelos seus trapos, no qual ela sabia que não havia um bolso, quem dirá um passaporte.

— Mas eu pensei que não fosse preciso, exceto para atravessar os setores. — Ela balbuciou finalmente. O homem, agora, inclinou-se sobre balcão.

— Então, me mostre o seu passaporte de liberdade. — Ele disse.

Então, Bonnie fez a única coisa que pôde pensar. Ela virou-se e correu, mas antes que pudesse chegar à porta ela sentiu uma ardência, seguida de uma dor, nas costas; então, tudo ficou embaçado e ela nunca soube quando deu de cara com o chão.

15

Bonnie acordou lentamente, e se viu num lugar escuro.

Então, ela desejou não ter acordado. Ela estava em um lugar sem portas — com paredes que bloqueavam o horizonte onde o Sol pendia-se para sempre. Ao seu redor havia muitas garotas, todas com aproximadamente a sua idade. Isso era intrigante, para começo de tudo. Se você pegasse aleatoriamente uma garota na rua, muitas gritariam por suas mães, e não havia ninguém ali com idade de uma mãe para tomar conta delas. Até que poderia haver de ter algumas mulheres mais velhas por ali. Esse lugar se parecia...

... Ai, Deus, parecia com um daqueles depósitos de escravos que eles haviam passado na última vez que vieram à Dimensão das Trevas. Aqueles que Elena havia ordenado para que elas não olhassem ou ouvissem ao que estava acontecendo. Mas Bonnie tinha certeza de que estava dentro de um, e não havia como olhar para os rostos, para os olhos amedrontados ou para as bocas trêmulas que estavam ao seu redor.

Ela queria falar, tentar achar um jeito — pois haveria um jeito, Elena insistiria — de sair dali. Mas primeiro, ela reuniu todo o seu Poder ao seu comando, envolveu-o em um grito, e gritou em silêncio:

Damon! Damon! Socorro! Eu preciso muito de você!

Tudo que ela ouviu em resposta foi o silêncio.

Damon! É a Bonnie! Estou num depósito de escravos! Socorro!

De repente, ela teve um pressentimento, e abaixou suas barreiras psíquicas. Ela foi imediatamente esmagada. Mesmo ali, na periferia da cidade, o ar estava embargado de mensagens longas e curtas: gritos de impaciência ou de camaradagem, de saudação ou de ajuda. Os mais longos, e menos impacientes, eram conversas, desde instruções e provocações até histórias.

Ela não pôde acompanhar. Tornou-se uma onda ameaçadora de sons psíquicos que poderiam quebrar sua cabeça, ou esmagá- la em um milhão de pedacinhos.

E então, de repente, todo o tumulto telepático desapareceu.

Bonnie era capaz de focar seus olhos em uma garota loira, um pouco mais velha que ela e quase quatro centímetros mais alta.

— Eu disse, você está bem? — A garota estava repetindo; obviamente, ela estava dizendo isso fazia um bom tempo.

— Sim. — Bonnie disse automaticamente. Não! Bonnie pensou.

— Você deve se preparar para andar. Eles soaram o primeiro apito para o jantar, mas você parecia meio desligada. Eu esperarei pelo segundo.

O que eu devo dizer? *Obrigada* parecia satisfatório.

— Obrigada. — Bonnie disse.

Então, sua boca disse por conta própria:

— Onde estou?

A loira parecia surpresa.

— No depósito de escravos fugitivos, é claro. Bem, aí está.

— Mas eu não fugi. — Ela protestou. — Estava indo atrás de um bombom.

— Eu não sei de nada. Eu estava tentando fugir, mas eles finalmente me capturaram. — A garota bateu o punho em sua outra mão aberta. — Eu sabia que não devia ter confiado naquele carregador de liteiras. Trouxe-me direto às autoridades, me enganando descaradamente.

— Quer dizer que você havia abaixado a cortina das liteiras? — Bonnie estava perguntando, quando um apito estridente a interrompeu.

A loira pegou seu braço e começou a arrastá-la para longe.

— Esse é o segundo apito para o jantar... Não queremos perder esse, porque depois eles fecham tudo. Sou Eren. Você é?

— Bonnie.

Eren bufou e sorriu.

— Por mim, tudo bem.

Bonnie deixou-se ser levada escada acima, para uma cafeteria suja. A loira, quem parecia se considerar a guardiã de Bonnie, pegou para ela uma bandeja e a puxou consigo. Bonnie não pegou nada do que eles tinham, nem mesmo vetar sobre o macarrão que se contorcia um pouco, mas no fim ela conseguiu roubar um pãozinho extra.

Damon!

Ninguém havia dito que ela não podia ficar mandando mensagens, então ela continuava fazendo isso. Se ela fosse ser punida, ela pensou desafiadoramente, ela seria por tentar sair dali.

Damon, estou num depósito de escravos! Ajude-me!

A Loira Eren pegou um garfo, então Bonnie fez o mesmo. Não havia facas. Havia finos guardanapos, o que deixou Bonnie aliviada, pois eram lá que o Macarrão Contorcido terminaria.

Sem Eren, Bonnie nunca teria encontrado um lugar nas mesas, que estavam abarrotas de jovens garotas comendo.

— Vai pra lá, vai pra lá. — Eren continuava dizendo, até que houve espaço para Bonnie e ela. O jantar era o teste de coragem de Bonnie... E também o quão alto ela poderia gritar.

— Por que você está fazendo isso tudo por mim? — Ela disse em direção ao ouvido de Eren, quando houve uma pausa naquelas conversas ensurdecedoras.

— Ah, bem, por você ser ruiva e tudo o mais... Coloquei na cabeça a mensagem de Aliana, você sabe. Aquela para a Bonny real. — Ela pronunciava estranhamente, meio que engolindo o "y", mas pelo menos não era Bonna.

— Qual delas? Quero dizer, qual mensagem? — Bonnie gritou. Eren deu-lhe um olhar de *você-está-de-gozação*.

— Ajude quando puder, acolha quando tiver um quarto, guie quando você souber aonde ir. — Ela disse numa espécie de canto impaciente, então, envergonhada, acrescentou: — E seja paciente com os mais lentos.

Ela atacou sua comida com ar de quem havia dito tudo que tinha para se dizer. Ai, Deus, Bonnie pensou. Alguém devia ter inventado e espalhado por aí.

Elena nunca havia dito algo como isso.

Sim, mas... Mas talvez ela tenha *vivenciado* tudo aquilo, Bonnie pensou, um formigamento passando por todo o seu corpo. E talvez alguém havia visto e escrito as palavras. Pode ter sido aquele cara com aparência estranha que ela tinha dado seu brincou ou bracelete, ou coisa assim. Ela havia dado seus brincos às pessoas que possuíam cartazes, também. Cartazes que diziam: FAÇO POESIA EM TROCA DE COMIDA.

O resto do jantar foi de pegar a comida com o garfo e não olhar

para ela, mastigar uma vez, e então decidir de cuspia no guardanapo ou tentava engolir sem nem ao menos sentir o sabor.

Depois, as garotas foram marchando em direção ao outro prédio, esse cheio de paletes de madeira, pequenos e não tão confortáveis enquanto Bonnie estava deitada sobre eles. Agora, ela tinha medo de tentar sair do quarto. Lá, ela estava segura, ela teria comida que se pudesse comer, poderia se divertir — até mesmo os Dustbins eram uma lembrança boa e bonita... E ela teria a chance de Damon encontrá-la. Aqui, ela não tinha nada.

Mas Eren parecia ter alguma influência hipnótica nas garotas ao seu redor, ou todas a consideravam a própria Aliana, pois quando ela gritou "Onde tem um palete? Tenho uma garota nova no meu quarto. Vocês acham que ela vai dormir neste chão imundo?" logo apareceu um palete poeirento que foi passado de mão em mão até o "quarto" de Eren: um grupo de paletes que tinha suas cabeças próximas uma das outras, no meio da sala. E então, Eren entregou a Bonnie um guardanapo.

— É dando que se recebe. — Ela disse firmemente, e Bonnie se perguntou se ela pensava que Aliana havia dito isso também. Um apito estridente.

— Dez minutos para as luzes se apagarem. — Gritou uma voz rouca. — Quem não estiver em seu palete em dez minutos, será punida. Amanhã a sessão C subirá.

— Tudo bem! Estaremos surdas antes mesmo de sermos vendidas. — Eren murmurou.

— Antes mesmo de sermos vendidas? — Bonnie repetiu estupidamente, mesmo ela já sabendo o que aconteceria, desde o primeiro momento em que ela havia reconhecido este depósito de escravos.

Eren virou e cuspiu.

— Sim. — Ela disse. — Assim, você poderá ter outro colapso, e então acabou. Só irão duas por cliente, e amanhã você desejará ser uma delas.

— Eu não ia perguntar isso. — Bonnie disse, com toda sua coragem sob seu controle. — Ia perguntar em como iremos ser vendidas. É um desses horríveis lugares públicos em que temos que ficar na frente de uma multidão?

— Sim, é assim que a maioria de nós estará. — Uma menina jovem, que esteve chorando silenciosamente durante esse tempo todo, disse em uma voz delicada. — Mas aquelas que eles escolherem como itens especiais terão que esperar. Eles nos darão banho e uma roupa especial, mas é somente para parecermos mais apresentáveis para os clientes. Assim, os clientes podem nos *inspecionar* bem de perto. — Ela murmurou.

— Você está assustando a garota nova, Ratinha. — Eren repreendeu. — Chamamos ela de Ratinha, porque ela sempre está com medo. — Ela disse à Bonnie.

Damon!

Bonnie gritou silenciosamente.

* * *

Damon estava vestindo seu novo terno de capitão da guarda. Estava bom, sendo preto sobre preto, com riscas pretas um pouco mais claras (até mesmo Damon teve que reconhecer a necessidade do contraste). Ele tinha um manto.

E ele era cem por cento vampiro novamente, tão poderoso e tão cheio de prestígio que ele jamais chegou a imaginar. Por um momento, ele simplesmente deleitou-se com o trabalho bem feito.

Então, ele flexionou seus músculos de vampiro com mais força, chegando onde estava Jessalyn, vendo que ela se encontrava no andar de cima, em um sono profundo, enquanto liberava seu Poder por toda a Dimensão das Trevas, para ver o que estava acontecendo nos diferentes bairros.

Jessalyn... Aí estava o dilema. Damon sentia que devia deixar-lhe uma nota ou coisa parecida, mas não sabia ao certo o que dizer.

O que ele poderia dizer a ela? Que ele havia ido embora? Ela veria por si mesma. Que ele sentia muito? Bem, obviamente ele não sentia muito por ter ido embora. Que ele tinha deveres em outro lugar? Espera. Isso pode até funcionar. Ele poderia dizer que precisava checar os territórios dela, e ao ficar aqui, ele duvidava que pudesse fazer algo. Ele poderia dizer que voltaria... Logo. Logo, logo. Bem loguinho.

Damon pressionou sua língua contra um canino e sentiu com

nitidez e gratificação o comprimento. Ele queria muito experimentar aqueles programas de luta vampíricas. Ele queria caçar, essa era a verdade. É claro, havia ali muito vinho Black Magic, bastava ele parar um servo e pedir um pouquinho que logo o servo traria uma garrafa. Damon tinha pegado algumas garrafas, uma vez ou outra, mas o que ele *queria* mesmo era caçar. Não queria um escravo ou um *animal*, e não parecia muito justo ficar vagando pelas ruas na esperança de encontrar uma nobre e, assim, conhecê-la melhor.

Foi neste momento que ele se lembrou de Bonnie.

Em questão de três minutos, ele tinha tudo pronto, incluindo uma entrega anual de rosas para a princesa em seu nome. Jessalyn havia lhe dado um salário *bem* vantajoso, e já tinha adiantado o primeiro pagamento.

Em outros cinco minutos, ele estava voando, embora isso fosse um jeito bem mal-educado de se agir na cidade, e parou na área de comércio.

Dentro de quinze minutos, ele tinha em suas mãos o pescoço da dona de onde Bonnie estava, no qual ele havia pagado bastante para que ela esquecesse tudo o que havia acontecido.

Dezesseis minutos depois, a mulher oferecia cruelmente a vida de seu jovem e não tão inteligente escravo como recompensa. Ele ainda estava usando seu uniforme de capitão da guarda. Ele poderia matar o garoto, torturá-lo, fazer o que quiser... Ele poderia até ter seu dinheiro de volta...

— Eu não quero o seu escravo imundo. — Ele rosnou. — Eu quero a minha de volta! Ela vale... Ele parou, tentando calcular quantas meninas comuns Bonnie valia. Cem? Mil?

—... Ela vale *infinitamente* mais! — Ele havia começado, quando a mulher o surpreendeu ao interrompê-lo.

— Por que você a deixou num lixão como esse, então? — ela disse. — Ah, sim, eu sei como é a aparência do meu estabelecimento. Se ela é assim tão preciosa, porque você a deixou *aqui*?

Porque ele a *havia* deixa neste lugar? Damon não podia pensar nisso agora. Ele estava em pânico, meio que fora de controle... Isso que dá ser humano outra vez. Ele esteve só pensando em si mesmo, enquanto a Bonniezinha — a frágil Bonnie, o seu passarinho — esteve presa em um lugar imundo. Ele não queria continuar a pensar

nisso. Isso fez com que se sentisse quente e frio ao mesmo tempo.

Ele mandou que fizessem uma procura nos prédios vizinhos. Alguém tinha que ter visto alguma coisa.

Bonnie havia acordado bem cedo, separando-se de Eren e Ratinha. Ela imediatamente teve uma vontade de perder o controle, de ter um colapso, tudo de uma vez. Ela estava se tremendo toda.

Damon! Socorro!

Então, ela viu uma garota que não conseguia levantar de seu palete, e viu uma mulher com braços de homem vindo com uma vara de cinzas brancas para aplicar a punição.

E então, algo pareceu passar pela mente de Bonnie. Elena ou Meredith teriam tentado detê-la, ou até tentado sair deste lugar em que ela estava presa, mas Bonnie não conseguia. A única coisa que pôde fazer foi não tentar entrar em colapso.

Ela tinha uma música grudada na cabeça, e não era uma que ela gostava, mas se repetia infinitamente enquanto os escravos eram desumanizados, transformando-se em corpos mecânicos, mas limpos, e sem mentes.

Ela estava sendo limpa impiedosamente por duas mulheres musculosas, cuja toda sua vida, sem dúvida, consistia em esfregar meninas de rua encardidas para parecem bonitas — pelo menos, por uma noite. Mas finalmente seus protestos fizeram com que as mulheres olhassem para ela — para sua limpa e quase translúcida pele — e então elas se concentraram em lavar seu cabelo, mas mais parecia que eles estavam sendo arrancado de suas raízes. Finalmente, ela estava pronta e lhe fora dado uma toalha adequada para se secar. A seguir, no que ela percebeu que parecia mais uma linha grande de montagem, gentis mulheres rechonchudas tiraram-na a toalha, colocaram-na em um sofá e começaram uma massagem com óleo. Justo quando ela estava começando a se sentir melhor, ela foi empurrada para que o óleo fosse removido, exceto o que havia penetrado em sua pele. Mulheres, então, apareciam, chamando cada uma por um número, onde logo Bonnie fora encaminhada para um guarda-roupa, onde três vestidos a esperavam em um cabide. Havia um preto, um verde e um cinza.

Eu vou pegar o verde por causa do meu cabelo, Bonnie pensou sem demonstrar expressão, mas depois de ela ter experimentado os

três, uma mulher havia levado o verde e o cinza, deixando Bonnie com aquele vestidinho preto e cheio de bolhas, sem alça, com um toque brilhante de algum tipo de material branco no pescoço.

Logo à frente havia uma grande sala de banheiros, onde seu vestido fora cuidadosamente coberto por um robe. Ela foi levada a uma cadeira com secador de cabelo e vários tipos de maquiagem, no qual uma mulher com roupa branca havia aplicado em excesso no rosto de Bonnie.

Então, enquanto o secador balançava sobre sua cabeça, Bonnie, com um lenço roubado, atreveu-se a tirar um pouco de maquiagem. Ela não queria parecer bonita, não queria ser vendida. Quando ela terminou, ela ainda tinha cílios prateados, um toque de blush e batom aveludado rosa-avermelhado que não queriam sair.

Só depois de ela ter penteado seu cabelo com as mãos até que eles ficassem secos é que a antiga máquina fez o seu *ping*. A próxima estação era quase igual ao Dia de Ação de Graças dentro de uma loja de sapatos. As meninas mais fortes ou as mais determinadas conseguiam os melhores sapatos de suas irmãs mais fracas e perdidas, conseguindo colocar somente um só sapato no pé, e assim recomeçava o processo novamente. Bonnie estava com sorte. Ela viu um pequeno sapato preto que tinha um arco ligeiramente prateado descend até a rampa e manteve seus olhos nele enquanto ele passava de menina e menina, até que alguém os deixou cair e mergulhou e os experimentou.

Ela não sabia o que havia feito até que percebeu que o sapato coube. Mas coube, e ela foi para a próxima estação para pegar o próximo par. Enquanto ela estava esperando, outras garotas estavam experimentando perfumes.

Bonnie viu garotas escondendo dois fracos de perfume em seus espartilhos e se perguntou se elas iriam vendê-los ou se envenenar com eles. Havia flores também.

Bonnie já estava tonta com tanto perfume e decidiu não usar nenhum, mas uma mulher alta borrifou algo por cima de sua cabeça e uma fragrância de morango silvestre fora fixado em seus cachos, sem ninguém ao menos ter pedido.

A última estação era a mais difícil de suportar. Ela não estava usando nenhuma jóia e teria posto somente um bracelete para

combinar com o vestido. Mas foram lhe dado dois: braceletes de plásticos finos e inquebráveis, cada um com um número — sua identidade a partir de agora, lhe contaram.

Braceletes de escravos. Ela havia sido lavada, embalada e carimbada, para que pudesse ser convenientemente vendida.

Damon!

Ela gritou sem voz, mas algo dentro dela havia morrido, e ela soube que suas chamadas não seriam respondidas.

— Ela foi recolhida como uma escrava fugitiva e foi confiscada. — O homem da loja de doces disse a Damon impacientemente. — E isso é tudo que eu sei.

Damon saiu com um sentimento que ele não experimentava geralmente. Muito medo. Ele estava começando a acreditar que todo esse tempo fora perdido; que ele nunca conseguiria salvar o seu passarinho. Que ela veria cenários terríveis antes que ele pudesse salvá-la.

Ele não podia ficar perdendo tempo visualizando tais coisas. O que ele faria se não a encontrasse a tempo...?

Ele estendeu a mão e sem o menor esforço agarrou a garganta do homem da loja de doces, levantando-o do chão.

— Precisamos bater um papinho. — Ele disse, mostrando seus olhos ameaçadores para os esbugalhados de sua presa. — Sobre *como* ela fora confiscada. Nem tente lutar. Se você não machucou a menina, você não tem o que temer. Caso contrário...

Ele puxou o homem aterrorizado pelo balcão e disse gentilmente:

— Caso contrário, então, teremos problemas. De qualquer forma, não fará diferença alguma no fim... Se é que você me entende.

As garotas foram postas nas maiores carruagens que Bonnie já vira na Dimensão das Trevas, três magras meninas sentadas em dois bancos estreitos em cada carruagem. Ele teve um sobressalto desagradável, porém, quando percebeu que aquela coisa seria puxada por suados escravos nos cantos. Era liteira gigante e Bonnie imediatamente enterrou seu nariz no aroma de morango silvestre em seus cabelos.

Havia uma função adicional ao fazer isso: esconder suas lágrimas.

— Você tem alguma ideia em quantas casas, halls, salões de dança e teatros as garotas serão vendidas esta noite? — A Guardiã com cabelo loiro dourado disse para ele ironicamente.

— Se eu soubesse, — Damon disse com seu sorriso frio e sinistro. — Eu não estaria aqui perguntando a você. A Guardiã deu de ombros.

— Nosso trabalho é somente manter a paz por aqui... E você pode ver como somos bem sucedidos. É um trabalho para pouco de nós; estamos com falta de pessoal. Mas posso te dar uma lista de locais onde as garotas serão vendidas. Ainda assim, como eu disse, duvido que você seja capaz de encontrar sua fugitiva antes de amanhecer. A propósito, estamos de olho em você, por causa desses seus critérios de procura. Se sua fugitiva não for uma escrava, ela será propriedade Imperial... Nenhum humano é livre aqui. Se ela for, e você a libertou, conforme fora reportado pelo padeiro do outro lado da rua...

— Vendedor de doces.

— Que seja. Então, ele teve todo o direito de usar uma arma tranquilizante quando ela correu. Melhor pra ela, verdade, do que ser propriedade Imperial; eles costumam ser rudes, se é que você entende. Em níveis cada vez mais baixos.

— Mas se ela fosse uma escrava... *Minha* escrava...

— Então, você pode levá-la. Mas há uma certa punição obrigatória *antes* que você possa tê-la. Queremos desestimular esse tipo de coisa.

Damon olhou para ela com olhos que a fizeram encolher-se e olhar para o lado, abruptamente perdendo sua autoridade.

— Por quê? — Ele exigiu. — Pensei que você tinha alegado ser da outra Corte. A Celestial, sabe?

— Queremos desencorajar fugas por que houve muitas desde que uma menina chamada Alianna chegou. — A Guardiã disse, sua veia visivelmente em sua têmpora. — E então, eles são capturados e há mais razões para se tentar novamente... E todas estão ligadas à garota, eventualmente.

* * *

Não havia ninguém no Grande Salão quando Bonnie e as outras garotas foram empurradas das grandes liteiras para o prédio.

— É um prédio novo, então não está nas listas. — Ratinha disse, inesperadamente em seu ombro. — Não haverá muitas pessoas que saberão disso, então só ficará cheio bem mais tarde, quando a música tocar bem alto.

Ratinha parecia estar se agarrando nela em busca de conforto. Isso era bom, mas Bonnie precisava de algum conforto para si só. No minuto seguinte, ela viu Eren e, trazendo Ratinha consigo, ela se dirigiu em direção à loira.

Eren estava parada com as costas contra a parede.

— Bem, podemos ficar por aí como várias solitárias, — ela disse, enquanto alguns homens se aproximavam. — Ou podemos fingir que estamos nos divertindo muito. Alguém conhece uma história?

— Ah, eu conheço. — Bonnie disse distraidamente, pensando na Esfera Estelar com a *Quinhentas Histórias Para Crianças.*

Instantaneamente houve um tumulto.

— Conte!

— Sim, por favor, conte!

Bonnie tentou pensar nos contos de fadas que havia experimentado. É claro. Havia aquela sobre o tesouro kitsune.

16

— Era uma vez — Começou Bonnie. — um casal de garotos... Ela foi imediatamente interrompida.

— Quais eram os seus nomes?

— Eles eram escravos?

— Onde eles viviam?

— Eles eram vampiros?

Bonnie quase esqueceu de sua situação e riu.

— Seus nomes eram... Jack e... Jill. Eles eram kitsune, e viviam bem ao norte, na seção kitsune ao redor das Grandes Fronteiras... — E ela continuou, embora houvesse algumas interrupções, contando a história que ela conseguira da Esfera Estelar.

— Então — Bonnie concluiu nervosamente, enquanto abria seus olhos e percebia que havia atraído a atenção de uma multidão com sua história. —, essa é a história dos Sete Tesouros, e... E acho que moral é: não seja muito ganancioso, ou você acabará terminando sem nada.

Houve muitos risos, alguns risinhos nervosos das garotas e um tipo de risada "Haw! Haw! Haw!" das pessoas atrás delas. No qual, Bonnie percebeu que eram todas de homens.

Uma parte de sua mente começou, inconscientemente, a trabalhar no modo de paquera.

Outra parte desistiu da ideia imediatamente. Esses não eram garotos à procura de uma dança; esses eram ogros, vampiros, kitsunes e até mesmo homens com bigode — e eles queriam *comprá-la* com o seu vestido preto de bolhas, e por mais bonito que fosse o vestido, não era nada comparado com aqueles longos e preciosos que Lady Ulma fizera para elas. Então, elas viraram princesas, usando jóias que valiam uma fortuna em suas gargantas, pulso e cabelo — além disso, elas estavam protegidas sempre que as usavam.

Mas agora, ela estava usando algo que lhe caía como uma camisola baby doll e pequenos e delicados sapatos com arcos

prateados. E ela não estava protegida por que essa sociedade diz que você precisa ter um homem para ser protegida, e o pior... Ela era uma escrava.

— Eu me pergunto — disse um homem de cabelos dourados, movendo-se através das meninas ao seu redor, todas saindo de seu caminho rapidamente, exceto por Ratinha e Eren. — se você iria comigo lá em cima e, talvez, *me* contasse uma história... Em particular.

Bonnie tentou engolir seu suspiro. Agora, ela era a única que estava dependurada em Ratinha e Eren.

— Todos os pedidos devem vir direitamente para mim. Ninguém leva uma garota para fora da sala a menos que eu aprove.

— Anunciou uma mulher com vestido de comprimento alto, com uma cara quase idêntica a de uma Madonna simpática. — Isso seria considerado roubo das propriedades de minha patroa. E tenho certeza que ninguém vai querer ser preso por ser pego carregando um troféu. — Ela disse e riu brevemente.

Houve outras risadas breves também, e movimentos em direção à mulher — quase como uma corrida cortês.

— Você conta boas histórias. — Ratinha disse em sua voz delicada. — É mais divertido do que usar uma Esfera Estelar.

— A Ratinha aqui está certa. — Eren disse, sorrindo. — Você conta mesmo boas histórias. Pergunto-me se esse lugar realmente existe.

— Bem, eu *tirei* a história de uma Esfera Estelar. — Bonnie disse. — Uma em que a garota... H'mmm, Jill, colocou suas memórias, eu acho... Mas então, como isso foi sair da torre? Como ela sabia o que aconteceu com o Jack? E li uma história sobre um dragão gigante que parecia bem real também. Como eles fizeram isso?

— Ah, eles te enganaram. — Eren disse, agitando a mão indiferentemente. — Eles tinham alguém que fora para um lugar bem frio para criar o cenário... Um ogro, provavelmente, por causa do tempo.

Bonnie concordou. Ela já havia visto pele de ogro malva antes. Eles só eram diferentes dos demônios no nível de estupidez. E neste nível, eles tendem a ser estúpidos perante a sociedade, e ela ouvira Damon dizer que aqueles que não estavam presentes na sociedade

eram contratados por causa de seus músculos. Para serem bandidos.

— E eles fingiram o resto, de algum jeito... Eu não sei. Nunca pensei a respeito. — Eren olhou para Bonnie. — Você é bem estranha, não é, Bonny?

— Sou? — Bonnie perguntou.

Ela e as duas garotas deram meia-volta, sem soltarem as mãos. Isso deixou um espaço atrás de Bonnie. Ela não gostava disso. Mas também ela não gostava de ser uma escrava. Ela estava começando a hiperventilar. Ela queria Meredith. Ela queria Elena. Ela queria *sair dali*.

— H'mmm... Vocês, meninas, não vão querer mais se associar comigo então. — Ela disse inconfortavelmente.

— Hã? — Disse Eren.

— Por quê? — Perguntou Ratinha.

— Porque vou sair por aquela porta. Tenho que dar o fora. Eu tenho.

— Menina, calma. — Eren disse. — Continue respirando.

— Não, vocês não entendem. — Bonnie abaixou sua cabeça, para esconder-se do mundo. — Não posso *pertencer* a alguém. Eu vou endoidar.

— Shh, Bonny, eles vão...

— Eu não posso *ficar* aqui. — Bonnie explodiu.

— Bem, será melhor começarmos. — Uma voz terrível, bem em sua frente, disse. Não! Ai, Deus. Não, não, não, não, não!

— Quando começamos em um novo negócio, trabalhamos arduamente. — A voz da mulher que parecia a Madonna disse. —

Procuramos por clientes em potencial. Não somos rudes, ou somos punidos.

E mesmo que sua voz fosse doce como uma torta de noz, Bonnie soube, de algum jeito, que aquela voz áspera que gritara na noite passada para que elas achassem um palete ainda continua ali; era a mesma mulher.

E agora havia uma mão sobre seu queixo e Bonnie não pôde lutar contra a força do estranho que empurrava sua cabeça para cima, nem pôde cobrir sua boca quando ela começou a gritar.

Em sua frente, com orelhas delicadas e pontudas de raposa, e uma cauda que varria o chão, mas ainda com parecendo humano,

com aparência de uma cara normal vestindo jeans e suéter, estava Shinichi.

E dentro de seus olhos, ela pôde ver uma pequena chama escarlate que só combinava com a ponta de sua cauda e seu cabelo que caía sobre a sobrancelha.

Shinichi. Ele estava ali. É claro que ele podia viajar entre dimensões; ele ainda tinha uma Esfera Estelar intacta que o grupo de Elena não pôde encontrar, assim como aquelas chaves mágicas que Elena havia contado à Bonnie. Bonnie lembrou-se da noite terrível em que as árvores, árvores de verdade, se transformaram em algo que podiam obedecê-lo. Sobre como elas agarraram cada braço e perna deles, como se estivessem planejando arrancá-los. Ela pôde sentir lágrimas saindo de seus cílios fechados.

E Old Wood. Ele havia controlado cada parte de lá, cada trepadeira, cada árvore para que caíssem em cima do seu carro. Até que Elena explodiu tudo, menos o matagal em Old Wood; lá estava cheio de criaturas-inseto que Stefan chamada de malach.

Mas então, as mãos de Bonnie estavam em suas costas e ela ouviu algo rápido e muito parecido com um barulho de click.

Não... Ah, por favor, não...

Mas suas mãos estavam algemadas. E então, alguém — um ogro ou um vampiro — a ergueu enquanto a adorável mulher deu a Shinichi uma pequena chave de seu molho cheio de outras chaves idênticas. Shinichi entregou-a para um grande ogro, que tinha dedos tão grandes que eclipsaram a chave. E então, Bonnie, que estava gritando, foi levada rapidamente quatro lances de escada e uma porta pesada fora fechada atrás dela. O ogro que a carregava seguia Shinichi, cuja cauda escarlate elegantemente balançava com alegria de um buraco em seu jeans, para frente e para trás, para frente e para trás.

Bonnie pensou: Que satisfatório. Ele pensa que já ganhou o jogo.

Mas a menos que Damon tivesse realmente se esquecido dela, ele machucaria Shinichi por causa disso. Talvez ele o matasse. Até que isso era estranhamente reconfortante. Até mesmo ro...

Não, isso não é romântico, sua imbecil! Você tem que encontrar um jeito de sair dessa bagunça!

A morte não é romântica, é horrível!

Eles haviam alcançado as últimas portas no fim do corredor. Shinichi virou-se para a direita e andou até o fim. Lá, o ogro usou a chave para abrir a porta.

A sala tinha um abajur a gás ajustável. Estava bem fraquinho e Shinichi disse numa falsa voz educada:

— Podemos ter um pouco de iluminação, por favor?

E o ogro correu e aumentou ao máximo o nível de luminosidade.

A sala era uma espécie de quitinete, do tipo que você deseja obter em um hotel decente. Ela tinha um sofá e algumas cadeiras. Havia uma janela, fechada, no lado esquerdo da sala. Havia também uma janela do lado direito da sala, onde todos os quartos restantes deviam estar alinhados. Essa janela não tinha cortinas ou persianas que pudessem ser fechadas e refletia o rosto pálido de Bonnie de volta para ela. Ela soube imediatamente o que aquilo era: um espelho de duas vias, onde pessoas do outro quarto pudessem ver o que acontecia neste aqui sem *serem* vistas. O sofá e as cadeiras estavam posicionados para encará-la.

Além da sala de estar, à sua esquerda, estava a cama. Não era uma cama muito chique, somente cobertas brancas que pareciam rosas, porque havia uma janela de verdade daquele lado que estava quase em lineamento com o Sol, que como sempre, pendia-se ao horizonte. Neste momento, Bonnie estava odiando isso mais do que nunca por que sempre transformavam as cores do quarto em rosa ou em vermelho. Ela ia morrer saturada com cor de sangue.

Algo nas profundezas de sua mente a disse que ela estava pensando em coisas fúteis, que até mesmo pensar em morrer em cores juvenis era sair do foco em questão: morrer a qualquer momento. O ogro que a carregava a movimentou pela sala como se ela não pesasse nada, e Bonnie continuou pensando — ou será que aquilo eram premonições? Ai, Deus, tomara que não sejam premonições! — em sair pela aquela janela, jogando-se, o vidro não a impedindo devido à força tremenda. Quantos andares eles haviam subido? O suficiente, a propósito, para não haver esperanças de cair ao chão sem... Bem, morrer.

Shinichi sorriu, descansando ao lado da janela vermelha,

brincando com as cortinas.

— Eu nem ao menos sei o que você quer de mim! — Bonnie encontrou-se dizendo a Shinichi. — Eu nunca fui capaz de te machucar. Sempre foi você machucando as outras pessoas... Como eu... O tempo todo.

— Bem, há os seus amigos. — Murmurou Shinichi. — Embora eu raramente aplique minha terrível vingança em jovens com cabelos vermelhos e brilhantes.

Ele relaxou ao lado da janela e a examinou, murmurando:

— Cabelos vermelhos e brilhantes; coração puro e corajoso. Talvez, uma rabujenta...

Bonnie sentiu vontade de gritar. Ele não se lembrava dela? Ele certamente parecia ter se lembrado de seus amigos, já que ele mencionara vingança.

— O que você *quer*? — Ela arfou.

— Temo que você seja um obstáculo. E acho você muito suspeita... E deliciosa. Jovens com cabelos vermelhos sempre são ardilosas.

Bonnie não pôde encontrar nada para se dizer. De tudo que ela havia visto, ela sabia que Shinichi era um maluco. Um maluco psicopata e muito perigoso. E tudo que ele gostava de fazer era destruir coisas.

A qualquer momento, ela poderia pular pela janela — e então ela estaria suspensa no ar. E então começaria a queda. Como seria a sensação? Ou ela já começaria caindo? Ela só esperava que tudo terminasse rapidamente.

— Você aprendeu bastante sobre o *meu* povo. — Shinichi disse. — Mais do que a maioria.

— Por favor — Bonnie disse desesperadamente. — Se está se referindo à história... Tudo que eu sei sobre kitsune é que vocês estão destruindo minha cidade. E...

Ela parou no meio da frase, percebendo que ela não podia deixá-lo saber sobre o que havia acontecido em sua experiência fora do corpo. Então, ela não podia mencionar sobre os jarros ou ele saberia que eles sabiam como capturá-lo.

— E vocês não vão parar. — Ela terminou desajeitadamente.

— E ainda assim, você encontrou uma Esfera Estelar antiga

com histórias sobre tesouros lendários.

— Quê? Você quer dizer aquela pequena Esfera Estelar? Olha, se você me deixar ir embora, eu a *darei* a você. — Ela sabia exatamente onde a havia deixado, também, bem ao lado de seu travesseiro.

— Ah, nós a deixaremos ir... No seu devido tempo, posso lhe assegurar. — Shinichi disse com um sorriso enervante.

Ele tinha um sorriso igual ao de Damon, mas aquele não significava "Olá, eu não vou te machucar." Estava mais para "Alô! Aí está o meu almoço!"

— Me parece... Curioso. — Shinichi continuou, ainda brincando com as cortinas. — Muito curioso que, no meio de nossa batalha, você venha aqui à Dimensão das Trevas novamente, sozinha, sem nenhum temor, e disposta a barganhar pela Esfera Estelar. Uma esfera que conta a localização de nossos mais preciosos tesouros que foram roubados de nós... Há muito, muito tempo atrás.

Você não se importa com ninguém, apenas consigo mesmo, Bonnie pensou. Você age com pose de patriota, mas em Fell's Church você não fingiu se importar com algo além de machucar pessoas.

— Na sua cidadezinha, assim como nas outras ao longo da história, me fora ordenado a fazer o que eu fiz. — Shinichi disse, e o coração de Bonnie mergulhou para os seus sapatos.

Ele era um telepata. Ele sabia o que ela estava pensando. Ele a ouvira pensar a respeito dos jarros. Shinichi sorriu maliciosamente.

— Cidadezinhas como Unmei no Shima precisam ser varridas da face da Terra. — Ele disse. — Você não viu o número de linhas de Poder embaixo dela? Outro sorriso malicioso.

— Mas é claro, você não estava *realmente* lá, então provavelmente não viu.

— Se você sabe dizer o que estou pensando, então você sabe que a história dos tesouros é apenas um conto. — Bonnie disse.

— Estava dentro da Esfera Estelar chamada *Quinhentas Histórias Para Crianças.* Não é *real*.

— Que estranho que coincida exatamente com os Sete Portais Kitsune.

— Estava no meio de uma pá de histórias sobre os... Os Düz-Aht-Bhi'iens. Quero dizer, sua história antecessora fora sobre uma

criança compra doces. — Bonnie disse. — Então, por que você não vai lá e pega a Esfera Estelar ao invés de tentar me assustar?

Sua voz estava começando a ficar trêmula.

— Está no prédio do outro lado da rua da loja em que eu fui... Detida. Vai lá e pegue-a!

— É óbvio que já tentamos isso. — Shinichi disse impacientemente. — A mulher foi bem cooperativa depois de termos dado a ela... Uma compensação. Não há nenhuma história naquela Esfera Estelar.

— Não é possível! — Bonnie disse. — Onde eu conseguiria essas informações, então?

— É isso que *estou* perguntando a *você*. Com o estômago revirando, Bonnie disse:

— Quantas Esferas Estelares você olhou dentro do quarto marrom?

Os olhos de Shinichi ficaram embaçados por alguns instantes. Bonnie tentou ouvir, mas obviamente ele estava falando telepaticamente com alguém ali perto, em uma frequência particular.

Finalmente, ele disse:

— Vinte e oito Esferas Estelares, precisamente.

Bonnie sentiu como se tivesse sido espancada. Ela *não estava* ficando louca... Ela *não estava*.

Ela poderia ter vivenciado aquela história. Ela conhecia cada fissura em cada pedra, cada sombra na neve. As únicas alternativas eram: ou a verdadeira Esfera Estelar tinha sido roubada, ou... Ou, talvez, eles não procuraram o suficiente naquelas que possuíam.

— A história está lá. — Ela insistiu. — Antes, a história é sobre a pequena Marit indo à...

— Nós sondamos cada conteúdo. Há uma história sobre uma criança e... — Ele olhou desdenhoso. — Uma loja de doces. Mas não há outra.

Bonnie simplesmente balançou a cabeça.

— Eu *juro* que estou dizendo a verdade.

— Por que eu deveria acreditar em você?

— Por que isso *importa*? Como eu poderia inventar algo deste tipo? E por que eu contaria uma história que *sabia* que me colocaria em problemas? Isso não faz sentido.

Shinichi olhou para ela duramente. Então, ele deu de ombros, suas orelhas abaixadas em sua cabeça.

— Que pena que você continua dizendo isso.

De repente, o coração de Bonnie estava batendo bem forte em seu peito, e em sua garganta apertada.

— Por quê?

— Porque — Shinichi disse friamente, abrindo totalmente as cortinas para que Bonnie fosse abruptamente encharcada pela cor de sangue fresco. — Temo que agora eu tenha que te matar.

O ogro que a segurava foi em direção à janela. Bonnie gritou. Em lugares como este, ela sabia que gritos não eram ouvidos. Mas ela não sabia o que mais ela poderia fazer.

17

Meredith e Matt estavam sentados na mesa de café da manhã, que parecia bem vazia sem Bonnie. Era incrível como um corpinho como ele parecia preencher tanto espaço, e como todos ficavam mais sérios sem sua presença. Meredith sabia que se Elena tivesse se empenhado mais, ela poderia ter resolvido isso. Mas ela também sabia que Elena tinha outra coisa em sua mente, que estava acima de tudo, e essa coisa era Stefan, quem se sentia culpado por ter deixado seu irmão ter levado Bonnie consigo. Entretanto, Meredith também sabia que tanto ela quanto Matt estavam se sentindo culpados também, porque hoje eles estariam deixando a pensão, mesmo que fosse só à noite. Cada um fora convocado pelos seus pais para estarem em casa na hora do jantar.

A Sra. Flowers claramente não queria que eles se sentissem tristes.

— Com toda a ajuda que vocês me deram, eu poderei fazer nossos jarros. — Ela disse. — Já que Matt achou a parafernália...

— Na verdade, eu não a achei. — Matt disse baixinho. — Ela na dispensa o tempo todo e ela caiu em cima de mim.

—... E como Meredith recebeu as fotos... Junto, eu presumo, com um e-mail do Sr. Saltzman... Talvez ela possa dar zoom nelas ou algo assim.

— Claro; e mostrá-las para as Saitou, também, para termos certeza de que os símbolos significam aquilo de que precisamos.

— Meredith prometeu. — E Bonnie pode... Ela parou no meio da frase.

Idiota! Ela era uma idiota, ela pensou. E como uma Caçadora, ela devia ter a mente fresca e sempre manter o controle. Ela se sentiu horrível quando olhou para Matt e viu que o medo estava presente em seu rosto.

— A amada Bonnie está logo, logo em casa. — A Sra. Flowers terminou por ela.

E todos nós sabemos que isso é uma mentira, e eu não tenho que ser psíquica para detectar isso, Meredith pensou. Ela percebeu que a Sra. Flowers ainda não havia dito nada como porta-voz de Mama.

— Nós ficaremos a salvo aqui. — Elena disse, finalmente pegando a deixa ao perceber que a Sra. Flowers a olhava com um olhar de angústia. — Vocês dois pensam que somos dois bebezinhos que precisam de cuidados. — Ela disse, sorrindo para Matt e Meredith. — Mas vocês também são! Vazem daqui! Mas tenham cuidado.

Eles se foram, Meredith dando a Elena uma última olhadela. Elena concordou com a cabeça levemente, então se virou bruscamente, como se estivesse segurando uma baioneta. Ela estava em posição de guarda.

* * *

Elena deixou Stefan ajudá-la a lavar a louça — todos o deixavam fazer pequenas coisas agora que ele parecia bem melhor. Eles gastaram a manhã toda tentando entrar em contato com Bonnie, de formas diferentes. Mas então, a Sra. Flowers pediu à Elena se ela poderia pregar as últimas tábuas das janelas do porão, e Stefan não se conteve. Matt e Meredith haviam feito, até agora, coisas bem perigosas.

Eles penduraram duas lonas na viga da casa, cada uma pendurada de um lado de telhado principal. Em cada lona estavam os caracteres que a mãe de Isobel havia colocado em Post-It e lhes dado, escritas em letras grandes e escuras. Stefan fora permitido apenas olhar e dar sugestões pela janela de seu quarto no sótão. Mas agora...

— Pregaremos essas tábuas juntos. — Ele disse firmemente, e saiu para pegar um martelo e pregos.

Não era um trabalho difícil, afinal. Ela segurou os pregos e Stefan manejou o martelo, e ela esperou que ele não acertasse seus dedos, o que significa que eles rapidamente terminariam o serviço.

Era um dia perfeito — limpo, ensolarado, com uma leve brisa. Elena se perguntou o que estaria acontecendo com Bonnie, *neste momento*, e se Damon estava cuidando dela apropriadamente — ou

dando ao menos algum cuidado. Ela parecia ser incapaz de esquecer seus problemas ultimamente: sobre Stefan, Bonnie e até mesmo sobre a cidade. Talvez se ela fugisse...

Por Deus, não! Stefan disse em sua mente.

Quando ela virou-se, ele estava cuspindo prego e parecia tanto horrorizado quanto envergonhado. Pelo visto, ela esteve conjurando seus pensamentos.

— Sinto muito. — Ele disse antes que Elena pudesse tirar os pregos de sua própria boca. — Mas você sabe melhor do que ninguém o porquê de não poder partir.

— Mas é *irritante* não saber o que está acontecendo. — Elena disse, depois de ter se livrado de seus pregos. — Não sabemos de nada. O que é que está acontecendo com Bonnie, qual o estado de nossa cidade...

— Vamos terminar isso aqui. — Stefan disse. — E então, deixe-me te abraçar.

Quando eles terminaram de pregar as tábuas, Stefan ergueu-a, não ao estilo de uma noiva, mas sim ao estilo de uma criança, colocando os dedos do pé dela em cima de seus pés. Eles dançaram um pouco, rodopiando algumas vezes, e então voltando ao normal novamente.

— Eu conheço o seu problema. — Ele disse sobriamente. Elena olhou para cima rapidamente.

— Conhece? — Ela disse, alarmada. Stefan balançou a cabeça, e disse:

— É excesso de amor. Significa que a paciente tem muitas pessoas com que se preocupar, e ela não fica feliz enquanto cada um deles esteja são e salvo.

Elena deliberadamente saiu de cima de seus pés e olhou para ele.

— Alguns mais do que outros. — Ela disse hesitantemente. Stefan olhou para ela e segurou seus braços.

— Eu não sou tão bom quanto você. — Ele disse enquanto o coração de Elena batia com vergonha e remorso por já ter tocado em Damon, por ter dançado com ele, por tê-lo beijado. — Se *você* estiver feliz, é tudo o que eu quero, principalmente depois do que aconteceu naquela prisão. Posso viver; posso morrer... Pacificamente.

— Se *nós* estivermos felizes. — Elena corrigiu.

— Não vou deixar isso nas mãos dos deuses. Deixarei *você* decidir.

— Não, você não pode fazer isso! Não entende? Se você desaparecesse novamente, eu me preocuparia demais e o seguiria. Até o Inferno, se fosse preciso.

— Levarei você comigo onde quer que eu vá. — Stefan disse apressadamente. — Se *você* fizer o mesmo.

Elena relaxou um pouco. Era isso o que ela poderia fazer, por enquanto. Enquanto Stefan estivesse com ela, ela poderia suportar qualquer coisa.

Eles se sentaram abraçados, embaixo do céu azul, próximos a um bordo e lindas faias que pareciam estar acenando. Ela estendeu sua aura um pouquinho e sentiu tocar a de Stefan. Paz começou a preenchê-la, e todos os pensamentos sombrios ficaram para trás.

Quase todos.

— Desde a primeira vez que eu te vi, eu te amei... Mas era um amor errado. Sabe quanto tempo eu demorei para descobrir isso? — Elena sussurrou no oco de sua garganta.

— Desde a primeira vez que eu te vi, eu *te* amei... Mas eu não sabia quem você era. Você parecia um fantasma de um sonho. Mas você me pôs no caminho certo rapidamente. — Stefan disse, obviamente feliz por poder gabar-se sobre ela. — E nós sobrevivemos... A tudo. Eles dizem que relacionamentos à longa distância podem ser bem difíceis. — Ele disse, rindo, e então parou, colocando toda a sua atenção nela, parando de respirar para poder ouvi-la melhor.

— Mas então, aconteceu aquilo com Bonnie e Damon. — Ele disse antes que ela pudesse pensar ou dizer alguma coisa. — Temos que encontrá-los logo... E eles ficarão bem, desde que fiquem juntos... Ou que essa seja a escolha de Bonnie.

— Tem esse lance da Bonnie e do Damon. — Concordou Elena, feliz por poder compartilhar seus pensamentos sombrios com alguém. — Eu nem consigo pensar neles. Eu *não* posso pensar neles. Temos que encontrá-los, *rapidamente*... Mas rezo para que eles estejam com Lady Ulma neste momento. Talvez Bonnie esteja indo para um baile ou uma festa. Talvez Damon esteja caçando enquanto

conversamos.

— Desde que ninguém se machuque.

— Sim. — Elena tentou ficar mais perto de Stefan. Ela queria... Se aproximar ainda mais dele, de alguma forma. Daquele jeito que eles estavam quando ela esteve fora de seu corpo e pôde afundar-se nele.

Mas é claro, com corpos normais, eles não podiam... Mas é claro que *podiam*. Agora. Com seu sangue...

Elena não soube qual deles pensou nisso primeiro. Ela olhou para longe, envergonhada por ter pensado nisso — e percebeu que Stefan também estava com o olhar distante também.

— Acho que não temos o direito — Ela sussurrou. — de sermos... Felizes... Quando todos estão extremamente infelizes. Temos que fazer coisas pela cidade, e pela Bonnie.

— Claro que não temos. — Stefan disse firmemente, mas ele teve que engolir em seco primeiro.

— Não. — Elena disse.

— Não. — Stefan disse firmemente, e então, bem no meio deste eco de "nãos", ele a puxou para mais perto e a beijou, sem fôlego.

E é claro, Elena não podia deixá-lo fazer isso, mesmo ela querendo muito.

Assim, ela mandou, ainda sem fôlego, mas quase com raiva, que ele dissesse "não" novamente, e quando ele disse, ela o segurou e o beijou.

— Você estava feliz. — Ela acusou momentos depois. — Eu senti.

Stefan era cavalheiro demais para acusá-la de estar feliz por qualquer coisa que ela tenha feito. Ele disse:

— Não pude evitar. Aconteceu naturalmente. Senti nossas mentes juntas, e isso me fez ficar feliz. Mas então eu lembrei da pobrezinha da Bonnie. E...

— Do pobrezinho do Damon?

— Bem, não precisamos ir tão longe assim para chamá-lo de "pobrezinho". Mas eu me lembrei dele, sim. — Ele disse.

— Tudo bem. — Elena disse.

— É melhor nós entrarmos. — Stefan disse. E então, apressadamente, ele disse:

— Quer dizer, primeiro, vamos descer daqui. Talvez possamos pensar em algo a mais para se fazer por eles.

— Como *o quê*? Não há nada que *eu* possa pensar. Eu tentei meditar e Entrar em Contato via Experiência Fora do Corpo...

— Desde às nove e meia até às dez e meia da manhã. — Stefan disse. — Neste meio tempo, estive tentando todas as freqüências telepáticas possíveis. Sem resposta.

— Então, tentamos com uma mesa Ouija.

— Por quase uma hora... Tudo que obtivemos não faziam sentido.

— Ela nos disse que o barro estava chegando.

— Eu acho que aquilo estava me direcionando para o "sim".

— Então eu tentei entrar em contato com as linhas de Poder que cercam Fell's Church...

— Das onze até às onze e meia, mais ou menos. — Stefan recitou. — Enquanto eu tentei hibernar para ter um sonho profético...

— *Realmente*, nós tentamos bastante. — Elena disse severamente.

— E então nós pregamos os últimos pregos do telhado. — Stefan adicionou. — O que nós trás aqui, pouco mais de meia- noite e meia.

— Você consegue pensar em algum Plano... Devemos estar no G ou H agora... Que nos permita ajudá-los?

— Não, eu não consigo. — Stefan disse. Então, ele adicionou, hesitantemente:

— Talvez a Sra. Flowers tenha algum serviço doméstico para nós. Ou — Ainda mais exitante, experimentando o terreno — podemos ir até a cidade.

— Não! Não somos fortes o bastante para isso! — Elena disse rispidamente. — E não há mais nenhum serviço doméstico. — Ela adicionou.

Então, ela jogou tudo ao vento.

Todas as responsabilidades. Toda a racionalidade. Bem assim, desse jeito. Ela começou a rebocar Stefan para dentro de casa, assim eles chegariam mais rápido.

— Elena...

Estou esquecendo um pouco dos outros! Ela disse teimosamente, e de repente ela não se importava mais.

E se Stefan se importasse, ela o *morderia*. Mas então, como se um feitiço a atingisse, ela sentiu que morreria sem o seu toque. Ela queria tocá-lo. Queria que ele a tocasse. Queria ele fosse seu companheiro.

— Elena! — Stefan pôde ouvir o que ela estava pensando.

Stefan era um intrometido, é claro, Elena pensou. Stefan fora um. Mas como ele ousava se intrometer *nisto*? Ela virou-se para encará-lo, com os olhos em chamas.

— Você não me quer!

— Não quero que você faça isso e então descubra que eu a estive Influenciando.

— Você esteve me *Influenciando*? — Ela gritou. Stefan ergueu suas mãos para o alto e gritou:

— Como eu posso saber quando eu a desejo tanto? Ah. Bem, assim estava melhor.

Houve um pequeno brilho no canto do olho de Elena e ela percebeu que a Sra. Flowers havia fechando uma janela silenciosamente.

Elena lançou uma olhadela para Stefan. Ele estava tentando não corar. Ela tentava fazer o mesmo, e tentava também não rir. Então, ela subiu em seus pés novamente.

— Talvez *mereçamos* uma hora a sós. — Disse perigosamente.

— Uma hora inteira? — O sussurro de Stefan fez parecer com que uma hora fosse uma eternidade.

— Nós merecemos. — Elena disse, encantada. Ela começou a rebocá-lo novamente.

— Não. — Stefan a puxou de volta, erguendo-a – ao estilo de noiva – e então eles estavam subindo, bem rapidamente. Eles subiram três andares e um pouquinho mais e pararam na sacada de seu quarto.

— Mas está trancada por dentro...

Stefan deu um pisão na janela — com força. A porta desapareceu. Elena estava impressionada.

Eles desceram para o quarto de Stefan no meio de um feixe de luz e partículas de pó que pareciam vaga-lumes e estrelas.

— Estou um pouco nervosa. — Elena disse.

Ela descalçou as sandálias e despiu seus jeans e seu top, indo logo em seguida para a cama... Somente para encontrar Stefan já lá.

Eles são rápidos, ela pensou. Mais rápidos do que você pensa, sempre bem mais rápidos.

Ela virou-se para Stefan na cama. Ela estava usando uma camisola e uma calcinha. Ela estava com medo.

— Não tenha. — Ele disse. — Eu nem ao menos preciso te morder.

— Faça isso. Só temo por causa desse lance estranho do meu sangue.

— Ah, sim. — Ele disse, como se tivesse esquecido.

Elena poderia apostar que ele não havia esquecido uma palavra a respeito de seu sangue... Que permitia que os vampiros fizessem coisas que eles jamais imaginariam.

Eles são espertos, ela pensou.

— Stefan, as coisas não deviam ser assim! Eu devia estar desfilando na sua frente com um lingerie dourado desenhado por Lady Ulma, com joias de ouro feitas por Lucen... No qual, não possuo nenhum dos dois. E devia haver pétalas de rosa espalhadas pela cama e pequenas velas de baunilha sobre tigelas pequenas.

— Elena — Stefan disse. —, vem cá.

Ela foi para o seu braço, e respirou seu aroma natural, quente e picante, com um pequeno traço de prego enferrujado.

Você é minha vida, Stefan disse silenciosamente. *Não iremos fazer nada esta noite. Mas não temos muito tempo, e você merece a lingerie dourada, as rosas e as velas. Se não for feito por Lady Ulma, que seja pelo estilista mais famoso da Terra, no qual o dinheiro pode providenciar. Mas, por enquanto... Me beija?*

Elena o beijou com vontade, feliz por ele querer esperar.

O beijo foi quente e reconfortante e ela não se importou com o leve gosto de ferrugem. Era maravilhoso estar com alguém que providenciava exatamente aquilo que ela precisava, mesmo que fosse via pensamento, mas que a fazia se sentir segura...

E então, uma energia os atingiu. Parecia vir de ambos ao mesmo tempo, e em seguida, involuntariamente, Elena apertou os dentes nos lábios de Stefan, tirando-lhe sangue.

Stefan colocou seus braços em volta dela, e mal esperou que ela se afastasse um pouco antes de tomar-lhe seu lábio inferior com seus próprios dentes e... Depois de um momento de tensão que parecia durar uma eternidade... Mordê-lo com força.

Elena quase chorou. Ela quase que soltou suas *Asas da Destruição* em cima dele. Mas duas coisas a pararam. A primeira, Stefan nunca, jamais tinha machucado-a antes. E segunda, ela estava começando a mergulhar em algo antigo e místico que *não podia* parar agora.

Um minuto depois, Stefan tinha duas feridas alinhadas. Sangue saía dos lábios de Elena, em conexão direta com as feridas menos sérias de Stefan, causando um refluxo. Seu sangue indo até os lábios dele.

E então, o mesmo aconteceu com o sangue de Stefan; um pouco dele, rico em Poder, correu para Elena.

Não era perfeito. Uma gota de sangue ficara brilhando nos lábios de Elena. Mas Elena nem ao menos se importou. Um momento mais tarde, a gota foi para a boca de Stefan e ela sentiu com toda a certeza o quanto ele a amava.

Ela se concentrava neste pequeno sentimento, que vivia dentro daquela tempestade que eles estavam vivenciando. Esse tipo de troca de sangue — ela tinha certeza disso — era do modo antigo, onde dois vampiros pudessem compartilhar sangue, amor e suas almas. Ela estava começando a mergulhar na mente de Stefan. Ela sentiu sua alma, pura e livre, turbilhando ao seu redor com milhões de emoções diferente, lágrimas do passado, alegria do presente, todas abertas sem nenhum constrangimento para ela.

Ela sentiu a própria alma neste encontro, nem tão brilhante, mas sem medo. Stefan, há muito tempo atrás, viu egoísmo, vaidade e ambição nela — mas perdoou tudo. Ele havia visto todas as suas faces, e a amava completamente, mesmo com esses lados ruins.

E assim que ela o viu, toda a escuridão, ternura, quietude, gentileza e por aí vai, se projetou como asas negras protetoras ao seu redor...

Stefan, eu... Amor... Eu sei...

Foi quando alguém bateu na porta.

18

Depois do café da manhã, Matt entrou online para encontrar duas lojas, nenhuma em Fell's Church, que vendiam a quantidade de barro que a Sra. Flowers precisava e que havia dito que faziam entregas.

Mas depois disso, havia o lance deles se afastarem da pensão e passarem pelos últimos restos solitários que haviam sido Old Wood. Ele já dirigira por aquele pequeno matagal, onde Shinichi aparecera como o Flautista Demoníaco de Hamelin com as crianças possuídas em seu encalço — o mesmo local onde o xerife Mossberg sumira depois de segui-los e nunca mais saiu. Onde, mais tarde, estava protegido por Post-It mágicos, e no qual ele e Tyrone Alpert haviam tirado um fêmur mastigado e exposto.

Hoje, ele descobriu que a única forma de passar pelo matagal era dirigindo bem devagar com o seu carro velho, e ele já tinha mais de sessenta anos quando ele o atravessou completamente. Nenhuma árvore caiu sobre ele, nem ao menos enxames de insetos imensos.

Ele sussurrou um "Ufa", com o alívio de ter chegado em casa.Ele estava com medo — só o fato de dirigir por Fell's Church já era horrível, fazendo-o colocar sua língua no céu da boca. Parecia... A cidade bonita e inocente no qual ele havia crescido — como se fosse uma daquelas vizinhanças em que você vê na TV ou na Internet que foram bombardeadas ou sofreram por causa de um incêndio desastroso, ou algo assim. E aqui, bem que parecia que ocorrera isso, pois uma em cada quatro casas eram simplesmente ruínas. Algumas eram meio-ruínas, com fitas de policiais cercando-as, o que significava que o que quer que tivesse acontecido mais cedo com elas fora o suficiente para a polícia se importar — ou ao menos, tentar.

Ao redor da área queimada, a vegetação florescia estranhamente: um arbusto decorativo de uma casa cresceu de modo que seus galhos encontravam-se na casa ao lado. Videiras juntavam uma árvore à outra, e à outra, como se fosse uma selva antiga.

Sua casa estava bem ao meio de um grande quarteirão de casas cheias de crianças — e no verão, quando, inevitavelmente, os netos vinham fazer uma visita, havia ainda *mais* crianças.

Matt esperava que essa parte das férias de verão houvesse acabado... Mas Shinichi e Misao deixariam as crianças irem para casa? Matt não tinha ideia. E, se eles fossem para casa, eles continuariam espalhando a doença em suas próprias cidades? Quando isso ia acabar?

Mas, ao dirigir em seu quarteirão, Matt não viu nada hediondo. Havia crianças brincando nos gramados da frente, ou nas calçadas, agachados sobre o mármore ou subindo em árvores. Não havia nenhuma evidência no qual ele pudesse apontar com o dedo como estranho.

Ele ainda estava inquieto. Mas ele já havia alcançado sua casa agora, aquela com o grande e velho carvalho sombreando a varanda, então ele poderia sair do carro. Ele parou bem embaixo da árvore e estacionou próximo à calçada. Ele pegou uma grande quantidade de roupa suja do banco de trás. Ele esteve acumulando-as durante as semanas na pensão e não parecia justo pedir à Sra. Flowers para lavá-las.

Assim que ele saiu do carro, trazendo as roupas consigo, ele só conseguiu ouvir o canto dos pássaros parar.

Um momento depois, ele se perguntou o que havia acontecido. Ele sabia que algo estava errado, algo havia sido interrompido. Isso fez com que o ar ficasse mais pesado. Parecia que até o cheiro da grama havia mudado. Então, ele percebeu. Cada pássaro, incluindo os corvos barulhentos que viviam nos carvalhos, haviam se silenciado.

Todos de uma vez.

Matt sentiu uma torção em sua barriga ao olhar para cima à sua volta. Havia duas crianças embaixo do carvalho, bem ao lado do seu carro. Sua mente teimosamente tentava se prender em: Crianças. Brincando. Tudo bem. Seu corpo foi mais esperto. Sua mão já estava em seu bolso, tirando alguns Post-It: aqueles papeizinhos que geralmente paravam a magia negra.

Matt esperava que Meredith tivesse se lembrado de pedir à mãe de Isobel mais amuletos. Seus pensamentos eram lentos, e...

... E havia duas crianças brincando sob o carvalho. Só que elas não estavam. Elas estavam o encarando. Um menino estava de cabeça para baixo e o outro estava comendo alguma coisa... Que estava dentro de um saco de lixo. O menino de cabeça para baixo estando dando-lhe um olhar estranhamente aguçado.

— Alguma vez você já se perguntou como é estar morto? — Ele perguntou.

E agora que a cabeça do outro saiu do saco e apareceu, mostrava um leve brilho vermelho ao redor de seus lábios. Brilho vermelho...

... *Sangue*. E... O que quer que estivesse dentro daquele saco, estava se mexendo. Chutando. Debatendo-se fracamente. Tentando sair.

Uma onda de náusea tomou conta de Matt. Ácido atingiu sua garganta. Ele estava prestes a vomitar.

O garoto do saco estava olhando para ele com olhos pretos-como-pedra. O garoto de cabeça para baixo estava sorrindo.

E então, como se o vento tivesse assoprado um hálito quente, Matt sentiu os finos pelos de sua nuca se eriçarem. Não eram somente os pássaros que haviam ficado quietos. Tudo havia ficado. Nenhuma voz de criança havia aumentado para demonstrar briga, canto ou falatório.

Ele virou-se e descobriu por que. Eles estavam olhando para *ele*.

Cada criança no quarteirão silenciosamente o encarava. Então, com uma precisão assustadora, ele virou para olhar os garotos da árvore, o resto estava começando a se aproximar dele.

Só que eles não estavam andando.

Eles estavam rastejando. Ao estilo de um lagarto. É por isso que alguns pareciam estar brincando com bolinha de gude na calçada. Todos estavam se movendo da mesma forma, barrigas próximas ao chão, queixos erguidos, mãos sendo usadas como patas dianteiras e joelhos abertos para os lados.

Agora ele podia sentir o gosto de sua bile. Ele olhou para o outro lado da rua e encontrou outro grupo rastejando. Dando sorrisos artificiais. Parecia que alguém havia puxado suas bochechas, puxado-as *bastante*, assim, seus sorrisos quase quebravam seus rostos ao meio.

Matt percebeu algo a mais. De repente, eles haviam parado, e enquanto ele os observava, eles ficaram parados. Perfeitamente imóveis, encarando-o de volta. Mas quando ele olhou para longe, viu mais figuras rastejantes na esquina.

Ele não teria Post-It para todos eles.

Você não pode fugir disto tudo. Parecia que uma voz exterior gritara em sua cabeça.

Telepatia. Mas talvez fosse porque a cabeça de Matt havia se transformado em uma nuvem turva e vermelha, flutuando pelo céu.

Felizmente, seu corpo percebeu isso e, de repente, ele estava dentro do carro novamente, e pegou o menino que estava de cabeça para baixo. Por um momento, ele teve o impulso de soltá-lo. O garoto ainda olhou para ele, com olhos misteriosos que estavam invertidos, por causa de sua posição. Em vez de soltá-lo, Matt colocou um Post-It na testa do garoto, ao mesmo tempo em que o colocava na parte de trás do carro.

Uma pausa e, em seguida, um lamento. O garoto devia ter no mínimo quatorze anos, mas cerca de trinta segundos depois após Banir Todo o Mal (em versão compacta), tudo sumiu. Ele estava chorando — chorando de verdade.

Depois, todas as crianças que rastejavam soltaram um silvo. Parecia um motor a vapor gigante. Hsssssssssssssssssssssss.

Eles começaram a inspirar e expirar rapidamente, como se funcionassem de outra forma.

Depois de rastejar, começaram a engatinhar. Mas eles estavam respirando tão rápido que Matt pôde ver seus troncos subirem e descerem.

Quando Matt virava-se para olhar um grupo deles, eles congelavam, exceto pela respiração incomum. Mas ele pôde sentir que os outros atrás dele continuavam a se aproximar.

Neste instante, o coração de Matt estava batendo em seus ouvidos. Ele poderia lutar com um grupo deles... Mas não com outro grupo em suas costas. Alguns deles pareciam ter somente dez ou onze anos. Matt lembrou o que as meninas possuídas haviam feito na última vez que ele as encontrara, e sentiu uma repulsão violenta.

Mas ele sabia que ficar olhando para aquele menino do saco o deixaria doente. Ele podia ouvir as lambidas, os sons de mastigação...

E ele pôde ouvir o assovio fino de dor que vinha daquela coisinha fraca dentro do saco.

Ele girou novamente, para manter afastado as crianças do outro lado, e em seguida olhou para cima. Com um estalo tranquilo, o saco de lixo caiu quando ele o agarrou, mas o garoto continuava a segurar o que havia em seu conteúdo...

Ai, meu Deus. Ele está comendo um bebê! Um bebê! Um...

Ele pegou o garoto embaixo da árvore e suas mãos automaticamente colocaram um Post-It nas costas do garoto. E então... Então, graças a Deus, ele viu a pele. Não era um bebê. Era pequeno demais para ser um, até mesmo para um recém-nascido. Mas estava comido.

O garoto ergueu seu rosto ensanguentado para Matt, e Matt viu que era Cole Reece, que só tinha treze anos e vivia na casa ao lado. Matt não o havia reconhecido antes.

A boca de Cole estava bem aberta e com medo, seus olhos estavam saltados de terror e tristeza, e lágrimas e catarro corriam por sua face.

— Ele fez com que eu comesse Toby. — Ele começou como um sussurro que se transformou em um grito. — Ele fez com que eu comesse meu porquinho da índia! Ele fez... Por que, por que, por que ele fez isso? EU COMI O TOBY!

Ele vomitou em cima dos sapatos de Matt. Vômito vermelho-sangue. Uma morte misericordiosa para o animal. *Rápida*, Matt pensou.

Mas isso seria a coisa mais difícil que ele teria de fazer. Como ele poderia — pisar na cabeça de um animal? Ele não podia. Ele tinha que tentar outra coisa, primeiro.

Matt tirou um Post-It e colocou no animal, tentando não olhar para sua pele. E assim, tudo estava acabado. O porquinho da índia se foi. O feitiço que o mantinha vivo até esse ponto havia se desfeito.

Havia sangue e vômito nas mãos de Matt, mas ele fez com que se virasse para Cole. Matt se tocou de uma coisa.

— Vocês querem um pouco *disso*? — Ele gritou, segurando os Post-It como se fosse revólver que ele havia deixado com a Sra.

Flowers.

Ele virou-se novamente e gritou:

— *Vocês* querem um pouco? E quanto a *você*, Josh? — Ele estava começando a reconhecer os rostos agora. — Você, Madison? E você, Bryn? *Venham! Venham todos!* VENHAM TO...

Algo tocou seu ombro. Ele girou, com Post-It já preparado.

Então ele parou, o alívio brotando nele como brotava na água Evian[4], presente em algum restaurante chique. Ele estava olhando diretamente para o rosto da Dr.ª Alpert, a médica da cidade. Ela tinha o seu SUD estacionado ao lado de seu carro, no meio da rua.

Atrás dela, dando-lhe retaguarda, estava Tyrone, que seria o próximo quarterback, no ano seguinte, na Robert E. Lee. Sua irmã, que estava quase indo para o segundo ano de faculdade, estava tentando sair do carro também, mas ela parou quando Tyrone a viu.

— *Jayneela*! — Ele rugiu em uma voz que só o Tyre-minator poderia fazer. — Volte e aperte o cinto. Você sabe o que a mamãe disse! Volte *agora*!

Matt encontrou-se segurando as mãos marrom-chocolate da Dr.ª Alpert. Ele sabia que ela era uma boa mulher e boa zeladora, que havia adotado seus filhos quando a mãe deles havia morrido de câncer. Talvez ela o ajudaria, também. Ele começou babulciando:

— Ah, Deus, eu tenho que tirar minha mãe daqui. Minha mãe vive aqui sozinha. E tenho que tirá-la daqui. Ele sabia que estava suando. Só esperava que não estivesse chorando.

— Ok, Matt. — A médica disse em sua voz rouca. — Estou indo embora com minha família nesta tarde. Vamos ficar com uns parentes ao oeste de Virgínia. Ela é bem-vinda, se quiser vir.

Não podia ser assim tão simples. Matt sabia que tinha lágrimas nos olhos agora. Ele se recusou a piscar e as deixou caírem.

— Eu não sei o que dizer... Mas se você pudesse... Você é uma adulta, entende? Ela não me dará ouvidos. Ela *ouvirá* a você. Esse quarteirão está todo infectado. Esse menino, Cole...

Ele não pôde continuar. Mas a mulher pôde ver por si só: o animal, o garoto com sangue nos dentes e sua boca ainda vomitava.

A Dr.ª Alpert não reagiu. Ela só pegou um pacote de lenços umedecidos de Jayneela, que estava dentro do SUV e segurava o garoto, enquanto limpava vigorosamente seu rosto.

— Vá para casa. — Ela disse para ele severamente.

— Você tem que deixar os infectados irem também. — Ela

disse para Matt, com um olhar terrível em seus olhos. — Por mais cruel que pareça, eles só transmitiram a doença para poucos que ainda estavam bem.

Matt começou a dizer a ela os efeitos dos Post-It, mas ela já estava dizendo:

— Tyrone! Vem aqui para vocês enterrarem este pobre animal. Assim, você poderá colocar as coisas da Sra. Honeycutt dentro da vã. Jayneela, faça o que o seu irmão disser. Eu terei um conversinha com a Sra. Honeycutt agora.

Ela não aumentou muito sua voz. Nem era preciso. O Tyre-minator já estava obedecendo, voltando para Matt, olhando as últimas crianças rastejantes que se afastaram depois do grito de Matt.

Ele é rápido, Matt pensou. Mais rápido do que eu. Isso parecia um jogo. Enquanto você estivesse olhando para eles, eles não se moviam.

Eles se revezavam ao serem aquele que observava e aquele que manipulava a pá. A terra aqui era dura igual uma pedra, cheia de erva daninhas. Mas, de alguma forma, eles conseguiram cavar um buraco e o trabalho os ajudou mentalmente. Eles enterraram Toby, e Matt ficou arrastando os pés na grama igual a um zumbi, tentando tirar o vômito de seus sapatos.

De repente, ao lado deles, houve um barulho de uma porta se abrindo e Matt correu, correu para sua mãe, que estava tentando segurar uma maleta imensa, muito pesada para ela, que estava atravessando a porta.

Matt pegou a maleta dela e sentiu-se englobado num abraço dela, mesmo que ele teve de ficar na ponta dos pés para fazer isso.

— Matt, eu não posso abandoná-lo...

— Ele é um dos que está tentando tirar a cidade desta bagunça. — A Dr.ª Alpert disse, substituindo-a. — Ele a colocará em ordem. Agora, temos que sair daqui antes que o deixemos mais abalado ainda. Matt, só para você saber, eu ouvi dizer que os McCullough estão indo embora também. Parece que o Sr. e a Sra. Sulez ainda não irão partir, nem os Gilbert-Maxwell. — Ela disse as duas últimas palavras com uma ênfase distinta.

Os Gilbert-Maxwell eram: a tia de Elena, Judith, seu marido,

Robert Maxwell, e a irmã caçula de Elena, Margaret. Não havia motivo para mencioná-los. Mas Matt sabia por que a Dr.ª Alpert os mencionou. Ele se *lembrou* de ter visto Elena quando essa confusão toda começou. Apesar da purificação que Elena fez nos bosques onde a Dr.ª Alpert estava, a médica se lembrara.

— Eu direi... À Meredith. — Matt disse, e olhando em seus olhos, ele era o mesmo que dissesse "E direi à Elena, também."

— Algo mais para trazer? — Tyrone perguntou.

Ele estava segurando uma gaiola de canários, com um pássaro dentro batendo as asas freneticamente, e uma mala um pouco menor.

— Não, mas como poderei agradecer? — A Sra. Honeycutt disse.

— Agradeça depois... Agora, todos para dentro. — Disse a Dr.ª Alpert. — Estamos dando o *fora* daqui.

Matt abraçou sua mãe e deu um pequeno empurrãozinho nela em direção ao SUV, que já tinham a gaiola e as malas.

— Adeus! — Todos estavam gritando.

Tyrone apareceu com sua cabeça para fora da janela para dizer:

— Me ligue quando quiser! Quero ajudar! E então, eles se foram.

Matt mal podia acreditar que isso tinha acabado; havia acontecido tão rápido.

Ele correu para dentro da casa e pegou seus tênis de corrida, só para o caso da Sra. Flowers não conseguir arrumar o cheiro daqueles que ele estava usando.

Quando ele saiu novamente da casa, ele teve que piscar. Ao invés do SUV branco, havia outro carro branco estacionado ao lado do seu.

Ele olhou ao redor do quarteirão. Sem crianças. Nenhuma. E o canto dos pássaros havia voltado.

Havia dois homens dentro do carro. Um deles era branco e o outro era negro e ambos estavam na idade de serem considerados pais. De qualquer forma, eles tinham bloqueado sua saída, pelo modo como o carro deles estava estacionado. Ele não teve escolha senão ir até eles. Assim que o fez, ambos saíram do carro, olhando-o como se ele fosse um kitsune perigoso.

No instante em que eles fizeram isso, Matt sabia que ele havia

cometido um erro.

— Você é Matthew Jeffrey Honeycutt? Matt não tinha escolha a não concordar.

— Diga sim ou não, por favor.

— Sim.

Matt pôde ver o interior do carro branco agora. Era um carro de polícia discreto, um com a sirene lá dentro, pronta para ser fixada no teto caso os policiais quisessem que você soubesse desse segredo.

— Matthew Jeffrey Honeycutt, você está preso por violentar e agredir Caroline Beula Forbes. Você tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo que disser poderá ou será usado contra você no tribunal...

— Vocês não viram aquelas crianças? — Matt estava gritando. — Vocês devem ter visto uma ou duas delas! Aquilo não significa *nada* para vocês?

— Vá para frente do carro e coloque suas mãos nele.

— Elas vão destruir toda a cidade! Vocês estão ajudando ao fazer isso!

— Você conhece os seus direitos...?

— *Você* entende o que está acontecendo com Fell's Church?

Houve uma pausa dessa vez. E então, numa perfeita entonação, um deles disse:

— Somos de Ridgemont.

19

Bonnie decidiu, em preciosos segundos que pareceram se esticar por horas, que o que quer que fosse acontecer, aconteceria, não importasse o que ela fizesse. Havia também a questão do seu orgulho. Ela sabia que havia pessoas que iriam rir disso, mas era verdade. Tirando os Poderes de Elena, Bonnie era a única que estava bem acostumada a confrontar as trevas. Ela, de alguma forma, sobrevivera a tudo isso. E em breve, ela não sobreviveria. Mas do jeito que as coisas iam, seu orgulho era a única coisa que lhe restara.

Ela ouviu gritos bem sonoros e então ela os ouviu parar.

Bem, isso foi tudo que ela pôde fazer no momento: parar de gritar.

A escolha havia sido feita. Ela iria cair, intacta, desafiadora... E em silêncio.

No momento em que ela parou de gritar, Shinichi fez um gesto e o ogro que a carregava parou de levá-la até a janela.

Ela devia sabia. Ele era um valentão. Valentões querem *ouvir* dor ou pessoas em estágios miseráveis. O ogro levantou seu rosto ao nível do de Shinichi.

— Animada com sua viagem só de ida?

— Empolgada. — Ela disse sem demonstrar expressão.

Hey, ela pensou, eu não sou tão ruim neste lance de ser corajosa.

Mas tudo dentro dela tremia duplamente, o que compensava o seu rosto de pedra. Shinichi abriu a janela.

— Continua empolgada?

Agora que *isso* havia sido feito, a janela ter sido aberta, ela não teria que bater seu rosto no vidro até que ele se quebrasse e ela saísse voando pelo céu. Não haveria dor até que ela alcançasse o chão e ninguém notaria nada, nem mesmo ela.

Continue firme e conforme-se, Bonnie pensou.

A brisa fresca da janela a havia dito que esse... Lugar... Esse

depósito de escravos... Era onde os clientes tinham permissão para vasculhar os escravos até que eles encontrassem algo de errado... Estava bem ventilado por ali.

Eu estarei fresquinha, mesmo que por um segundo ou mais, ela pensou.

Quando uma porta próxima a eles fora aberta, Bonnie quase saiu das garras do ogro, e quando a sua própria porta fora aberta, ela quase saiu de sua própria pele.

Será possível? Algo loucamente disparou sobre ela. *Estou salva!* Só tive que bancar um pouco a valente e agora...

Mas era a irmã de Shinichi, Misao. Misao aparentava estar gravemente doente, com sua pele acinzentada, segurando-se na porta para manter-se de pé. A única coisa que não estava acinzentada nela eram seus brilhantes cabelos pretos, com pontas vermelhas nas extremidades, iguais às de Shinichi.

— Espere! — Ela disse a Shinichi. — Você nem ao menos perguntou...

— Você acha que uma cabeça de vento como ela saberia? Mas façamos do seu jeito. — Shinichi sentou Misao no sofá, massageando seus ombros para deixá-la confortável. — Eu perguntarei.

Então era *ela* que estava no quarto do espelho de duas vias, Bonnie pensou. Ela parece estar bem mau. Tipo, prestes a morrer.

— O que aconteceu com a Esfera Estelar de minha irmã? — Shinichi exigiu e então Bonnie viu como tudo se transformava em um círculo, com um começo e um fim; e ao entender isso, ela sabia morreria com um pouco de dignidade.

— A culpa é minha. — Ela disse com um sorrisinho, enquanto se lembrava. — Ou tenho metade da culpa. Sage usou-a para abrir o Portal lá na Terra. E então...

Ela lhes contou a história, como nunca havia feito antes, colocando ênfase em como *ela* havia dado a Damon as pistas para encontrar a Esfera Estelar de Misao, e que havia sido Damon quem havia usado-a para abrir um Portal ao topo da Dimensão das Trevas.

— Isso tudo é um círculo. — Ela explicou. — Que volta para *vocês*. E então, apesar da situação, ela começou a rir.

Em dois passos, Shinichi havia atravessado a sala e começado a bater nela.

Ela não soube quantas vezes ele fez isso. A primeira vez foi o suficiente para fazê-la arfar e parar com os risos. Depois de sentir suas bochechas inchadas, como se estivesse com um caso muito doloroso de caxumba, seu nariz começou a sangrar.

Ela tentou limpá-lo no ombro, mas não parava. Por fim, Misao disse:

— Eca. Solte as mãos dela e lhe dê uma toalha ou algo assim. O ogro se moveu enquanto Shinichi ainda lhe dava a ordem.

Shinichi, agora, estava sentado ao lado de Misao, falando com ela delicadamente, como se ele estivesse falando com um bebê ou com um adorado animal de estimação. Mas os olhos de Misao, com suas pequenas chamas dentro deles, eram claros e adultos enquanto ela olhava para Bonnie.

— Onde minha Esfera Estelar está neste momento? — Ela perguntou com um terrível olhar acinzentado e intenso. Bonnie, que estava limpando o nariz, sentindo-se feliz por não estar algemada pelas costas, se perguntou por que ela não estava tentando pensar em uma mentira. Tipo, me liberte e eu os levarei até ela. Então, lembrou que Shinichi tinha sua maldita telepatia kitsune.

— Como eu poderia saber? — Ela disse logicamente. — Eu estava tentando afastar Damon do Portal quando ambos caímos. Ela não veio conosco. Pelo o que eu sei, a poeira pode tê-la derrubado e seu líquido todo se derramou.

Shinichi levantou-se para machucá-la novamente, mas ela estava simplesmente dizendo a verdade. Misao já estava falando:

— Sabemos que isso não aconteceu por que eu ainda estou... — Ela parou para respirar: — Viva. Ela virou seu rosto chupado e acinzentado para Shinichi e disse:

— Você está certo. Ela é inútil, e não possui as informações no qual precisamos. Jogue-a fora. Um ogro a pegou, com toalha e tudo. Shinichi chegou pelo outro lado.

— Você *entende* o que fez com minha irmã? *Entende*?

Não há mais tempo. Só um Segundo para pensar se ela iria bancar a durona ou não. Mas o que ela poderia dizer para demonstrar que era corajosa? Ela abriu sua boca, sem ao menos saber se o que estava prestes a sair por ali era um grito ou palavras.

— Ela vai estar com uma aparência bem pior quando meus

amigos acabarem com ela. — Ela disse, e então viu nos olhos de Misao que ela havia acertado na mosca.

— Jogue-a *fora*! — Shinichi gritou, lívido em fúria. E então, o ogro a arremessou pela janela.

Meredith estava sentada com seus pais, tentando entender o que estava acontecendo. Ela havia terminado sua incumbência em tempo recorde: dando zoom nas escritas dos jarros feitos; ligando para a família Saitou e descobrir que elas não estariam em casa antes do meio-dia. Então, ela havia examinado e numerado individualmente cada caractere que havia nas fotos que Alaric havia mandado.

As Saitou estavam... Tensas. Meredith não ficara surpresa, uma vez que Isobel havia sido uma das primeiras inocentes a transportarem aqueles terríveis malach dos kitsune. Uma das piores vítimas havia sido seu namorado, Jim Bryce, que havia adquirido o malach de Caroline e passado para Isobel sem saber o que estava fazendo. Ele mesmo havia sido possuído pelos malach de Shinichi e havia demonstrado ter todos os hediondos sintomas da Síndrome de Lesch-Nyhan, comendo seus próprios lábios e dedos, enquanto a pobre Isobel usou agulhas enferrujadas — às vezes, algumas tachinhas — em várias partes de seu corpo, sem falar que ela havia cortado sua língua com uma tesoura.

Isobel estava fora do hospital e estava se recuperando. Ainda assim, Meredith estava confusa. Ela obteve êxito com o zoom nos caracteres dos jarros por causa das Saitou mais velhas: Obaasan (avô de Isobel) e a Sra. Saitou (mãe de Isobel) — mas elas discutiam, tentando entrar em um acordo, sobre cada caractere em japonês. Ela estava prestes a entrar no carro quando Isobel correu de sua casa com um pacote de Post-It em suas mãos.

— Mamãe os fez... No caso de vocês precisarem. — Ela arfou em sua nova voz enrolada e suave.

Meredith pegou o pacote dela agradecida, murmurando algo estranho sobre fazer algo por elas em troca.

— Não, mas... Mas posso dar uma olhadinha nos seus Post-It? — Isobel ofegou. Por que ela estava ofegando tanto? Meredith se perguntou.

Mesmo se ela tivesse corrido do último andar até o carro de

Meredith isso não teria acontecido. E então, Meredith se lembrou: Bonnie havia dito que Isobel tinha o coração "acelerado".

— Veja bem — Isobel disse com o que parecia ser vergonha e um pedido de compreensão. — Obaasan está quase cega... E faz um bom tempo desde que Mamãe esteve na escola... Mas *eu* estou fazendo aulas de japonês.

Meredith estava tocada. Obviamente, Isobel sentia-se mal-educada por contrariar um adulto, quando ele estava próximo. Mas aqui, sentada no carro, Isobel havia pegado cada Post-It e escrito atrás uma caractere similar, mas bem diferente.

Demorou vinte minutos. Meredith se sentiu admirada.

— Mas como você se lembra de todos eles? Como você não escreve outro, por engano? — Ela deixou escapar, depois de ver os símbolos complicados que só se diferenciavam por causa de algumas linhas.

— Com ajuda de dicionários. — Isobel havia dito, e, pela primeira vez, deu uma risada. — Não, estou falando sério... Para escrever uma carta muito boa, você não usa um Dicionário de Sinônimos, um Corretor Autográfico ou...?

— Eu uso isso tudo para *qualquer coisa*! — Meredith riu.

Foi um momento bem legal, ambas sorrindo, relaxadas. Sem problemas. O coração de Isobel estava bem.

E então, Isobel havia corridor para dentro, e quando ela se foi, Meredith ficou olhando para um círculo redondo e úmido que estava no banco do passageiro. Uma lágrima. Mas por que Isobel estava chorando?

Porque ela havia se lembrado do malach? Ou por causa de Jim?

Porque levaria muitas cirurgias plásticas antes que suas orelhas voltassem a ser o que eram antes?

Nenhuma das respostas que Meredith pensou fazia sentindo. E ela teve que correr para chegar em sua própria casa — e estava atrasada.

Foi só então que Meredith foi atingida por um fato. A família Saitou sabia que Meredith, Matt e Bonnie eram amigos. Mas nenhuma delas havia perguntado sobre Bonnie ou Matt.

Que estranho.

Se ela ao menos soubesse o quão estranho a visita à sua família

seria...

20

Meredith sempre achava que seus pais eram engraçados, bobinhos e queridos. Eles eram solenes sobre coisas erradas, como: "Certifique-se, querida, que você realmente conhece Alaric... Antes que... Antes que..."

Meredith não tinha nenhuma dúvida a respeito de Alaric, e ele era outro daquelas pessoas bobinhas, queridas e valentes, que falam sobre as coisas sem irem direto ao assunto.

Hoje, ela estava surpresa em ver que não havia fileiras de carros ao redor da casa ancestral. Talvez as pessoas tiveram que ficar em casa para lugar com seus próprios filhos. Ela olhou para o Acura, consciente dos preciosos presentes de Isobel, e tocou a campainha. Seus pais acreditavam em fechaduras.

Janet, a governanta, parecia feliz ao vê-la, mas também aparentava estar nervosa. Aha, Meredith pensou, eles descobriram que sua filha tem assaltado o sótão.

Talvez eles queiram a estaca de volta. Talvez eu devesse tê-la deixado lá na pensão.

Mas ela só percebeu que as coisas estavam bem sérias quando ela entrou e viu que a grande poltrona de descanso La-Z-Boy, versão deluxe, o trono de seu pai, estava vazia.

Seu pai estava sentado no sofá, abraçando sua mãe, que estava soluçando.

Ela havia trazido a estaca consigo, e quando sua mãe a viu, ela rompeu-se em uma explosão de lágrimas.

— Olhem — Meredith disse. —, isso não tem que ser trágico. Eu tenho uma boa ideia do que está acontecendo. Se vocês quiserem me contar como o vovô e eu nos machucamos, seria maravilhoso. Mas eu... Algum dia ia...

Ela parou. Ela mal pôde acreditar. Seu pai estava com um braço em cima dela, como se o volume de suas roupas não importassem. Ela foi em direção a ele bem devagar, desconfortavelmente, e o deixou

abraçá-la sem se importar com seu terno Armani. Sua mãe tinha em sua frente um copo, no qual sobraram algumas gotas, do que parecia ser Coca-Cola, mas Meredith poderia apostar que não havia só Coca lá.

— Esperávamos que aqui fosse um lugar de paz. — Seu pai discursou. Cada sentença que seu pai falava era um discurso. Você meio que se acostumava. — Nunca sonhamos...

E então, ele parou.

Meredith estava aturdida. Seu pai nunca parava no meio de um discurso. Ele não pausava. E, certamente, ele não *chorava*.

— Pai! Paizinho! O que foi? Foram as crianças da vizinha, as malucas? Elas machucaram alguém?

— Temos que te contar a história toda, desde o começo. — Seu pai... Disse.

Ele falava com tanto desespero que não parecia nem um pouco um discurso.

— Nós todos fomos... Atacados.

— Por um vampiro. Seu avô. Ou você sabe?

Longa pausa. Então, sua mãe bebeu o resto que havia em seu copo e disse:

— Janet, mais um, por favor.

— Agora, Gabriella...? — Seu pai disse, repreendendo.

— Nando... Eu não posso suportar. Só de pensar em *mi hija inocente*... Meredith disse:

— Olhem, eu acho que posso facilitar para vocês. Eu já sei... Bem, primeiro, que eu tinha um irmão gêmeo. Seus pais olharam-na horrorizados. Eles se agarraram, arfando.

— Quem te contou? — Seu pai exigiu. — Lá na pensão, como você poderia saber...? Hora de acalmar as coisas.

— Não, não. Pai, eu descobri... Bem, vovô falou comigo. — Isso era uma meia-verdade. Ele havia falado. Mas não sobre seu irmão. — De qualquer forma, foi assim que eu consegui a estaca. Mas o vampiro que nos feriu está morto. Ele era um serial killer, e foi ele que matou Vicki e Sue. Seu nome era Klaus.

— Você pensou que havia só um *vampiro*? — Sua mãe se mostrou presente. Ela pronunciou as coisas de modo hispânico, no qual Meredith sempre achou mais medonho.

Vahm-peer.

O universo pareceu se mover mais devagar ao redor de Meredith.

— Foi só um palpite. — Seu pai disse. — Não sabemos se havia realmente mais do que aquele vampiro fortão.

— Mas vocês sabem sobre o Klaus... Como?

— Nós o vimos. Ele era forte. Ele matou os guardas de segurança no portão com um só fôlego. Nós mudamos para uma nova cidade. Esperávamos que você nunca soubesse que tinha um irmão. — Seu pai limpou seus olhos. — Seu avô falou conosco, logo após o ataque. Mas no dia seguinte... Nada. Ele nem ao menos podia conversar.

Sua mãe colocou seu rosto em suas mãos. Ela só levantou para dizer:

— Janet! Mais um, *por favor*!

— A caminho, madame.

Meredith olhou para os olhos azuis da governanta à procura da solução do mistério, mas não encontrou nada... Simpatia, talvez, mas nenhum sinal de ajuda.

Janet saiu com o copo vazio, com uma trança à francesinha escorrendo pelas costas.

Meredith voltou a olhar seus pais, com olhos e cabelos escuros, pele da cor de azeitona. Eles estavam abraçados novamente, os olhos grudados nela.

— Mãe, pai, eu sei que isso é bem difícil. Mas eu caço esses tipos de pessoa que machucaram o vovô, a vovó e o meu irmão. É perigoso, mas eu tenho que fazer.

Ela ficou em posição de Taekwondo.

— Quero dizer, vocês me treinaram.

— Mas contra a sua própria família? Você poderia fazer isso? — Sua mãe gritou.

Meredith sentou. Ela havia alçado o fim de o fim das memórias que ela e Stefan haviam descoberto.

— Então, Klaus não o matou assim como fez com a vovó. Ele levou meu irmão consigo.

— Cristian. — Lamentou sua mãe. Ele era só *un bebé*. Três anos! Foi quando encontramos vocês dois... E o sangue... Oh, o sangue...

Seu pai se levantou, não para discursar, mas para colocar as mãos nos ombros de Meredith.

— Pensamos que seria mais fácil não contar a você... Que você não teria qualquer lembrança daquilo que aconteceu quando chegamos aqui. E você não tem, não é?

Os olhos de Meredith estavam cheios de lágrimas. Ela olhou para sua mãe, tentando silenciosamente dizer-lhe que ela entendia.

— Ele bebeu meu sangue? — Ela adivinhou. — Klaus?

— Não! — Gritou seu pai enquanto sua mãe sussurrava orações. — Ele bebeu o de Cristian, na hora. Meredith estava ajoelhada no chão agora, tentando olhar para o rosto de sua mãe.

— Não! — Gritou seu pai mais uma vez. Ele estava chocado.

— *La sangre*! — Arfou sua mãe, cobrindo os olhos. — O sangue!

— *Querida*... — Seu pai soluçou, e foi até ela.

— Pai! — Meredith foi atrás dele e sacudiu seu braço. — Você foi além das possibilidades! Eu não entendo. Quem estava bebendo sangue?

— *Você! Você!* — Sua mãe quase gritou. — *Do seu próprio irmão!* Oh, el aterrorizar!

— Gabriella! — Gemeu seu pai.

A mãe de Meredith se abaixou e chorou. A cabeça de Meredith estava girando.

— Eu não sou uma vampira! Eu caço vampiros e os mato.

— *Ele* disse... — Seu pai sussurrou com voz rouca— "Certifiquem-se de que ela tome uma colher de chá por semana. Se querem que ela viva, isso é o bastante. Experimentem um pudim preto." Ele estava rindo.

Meredith não precisou perguntar se eles haviam obedecido. Em sua casa, eles tinham salsicha sangrenta ou pudim preto pelo menos uma vez por semana. Ela cresceu comendo isso. Não era nada de especial.

— Por quê? — Ela quem sussurrara com a voz rouca agora. — Por que ele não me matou?

— Eu não sei! Nós ainda não sabemos! Aquele homem com a boca escorrendo sangue... Seu sangue, do seu irmão, não sabemos! E então, no último minuto ele pegou vocês dois, mas você mordeu bem forte sua mão. — Seu pai disse.

— Ele riu... Riu! Com seus dentes à mostra e as suas mãozinhas tentando se afastar dele, e então disse: "Deixarei essa aqui, então, assim vocês poderão se preocupar com o que ela se tornará. O garoto eu levarei comigo." E então, de repente, parecia que eu havia saído de um feitiço e estava alcançando você novamente, pronto para lutar com ele para ter a ambos. Mas eu não pude. Uma vez que eu tinha você, não pude me mover nem mais um centímetro. E ele saiu da casa ainda rindo... E levou seu irmão, Cristian, consigo.

Meredith pensou: Não é de se imaginar que eles não queriam guardar nenhuma dessas lembranças nos aniversários nos anos seguintes. Sua avó morrera, seu avô enlouqueceu, seu irmão se perdeu e ela... O que? Não era de se admirar que eles celebrassem seu aniversário uma semana depois.

Meredith tentou ficar calma. O mundo estava se despedaçando em pedaços ao seu redor, mas ela tinha que ficar calma. Ficando calma havia deixado ela viva esse tempo todo. Nem era preciso contar que ela estava respirando profundamente, às vezes pelo nariz, às vezes pela boca. Profundas, profundas e claras respirações. Mandando paz para o seu corpo. Só uma parte sua estava ouvindo sua mãe:

— Viemos mais cedo para casa naquela noite por que eu tive uma enxaqueca...

— Shh, *querida*... — Seu pai havia começado.

— Nós chegamos mais cedo. — Sua mãe se ajoelhou. Ô, *Virgen Bendecida*, o que teríamos encontrado caso tivéssemos voltado bem tarde? Poderíamos ter perdido você, também! Meu bebê! Meu bebê com sangue em sua boca...

— Mas chegamos em casa cedo o bastante para salvá-la. — O pai de Meredith disse com voz rouca, como se tentasse acordar sua mãe de um feitiço.

— Ah, *gracias*, *Princesa Divina*, *Virgen pura y impoluto*... — Sua mãe parecia não ser capaz de parar de chorar.

— Papai — Meredith disse urgentemente, sentindo as dores de sua mãe, mas precisando de informações. — Vocês nunca mais o viram novamente? Ou ouviram falar dele? Meu irmão, Cristian?

— Sim. — Seu pai disse. — Ah, sim, nós vimos algumas coisas. Sua mãe arfou.

— Nando, não!

— Uma hora, ela tem que saber a verdade. — Seu pai disse.

Ele vasculhou entre algumas pastas de arquivos de papelão que estavam sobre a mesa.

— Veja! — Ele disse à Meredith. — Veja isso. Meredith olhou com descrença absoluta.

Na Dimensão das Trevas, Bonnie fechou seus olhos. Havia muito vento do topo da janela daquele prédio alto. Isso era tudo que sua mente pensou quando ela saiu pela janela e entrou novamente; o ogro estava rindo e a voz terrível de Shinichi disse:

— Você não achou que fôssemos deixá-la ir sem que eu terminasse o meu *interrogatório*, né? Bonnie ouviu as palavras sem que elas fizessem sentido, e então, de repente, elas fizeram.

Seus sequestradores iriam machucá-la. Eles iriam torturá-la. Eles estavam prestes a levar sua bravura para longe.

Ela pensou que havia gritado algo para ele. Tudo o que ela sabia, porém, foi que houve uma suave explosão de calor atrás dela, e então — *inacreditavelmente* —, lá estava ele, vestindo um manto com distintivos que faziam com que ele parecesse um príncipe militar: Damon.

Damon.

Ele estava tão atrasado que ela havia desistido dele há muito tempo. Mas agora, ele estava dando aquele sorriso de matar para Shinichi, quem estava olhando como se fosse um retardado.

E agora, Damon estava dizendo:

— Temo que a Srta. McCullough tenha outro compromisso no momento. Mas *eu* voltarei para acabar com vocês... O *mais rápido* possível. Andarei pelo quarto e matarei a todos vocês, bem devagar. Obrigado por nos dar o seu tempo e a sua consideração.

E antes que alguém pudesse se recuperar do primeiro choque de sua chegada, ele e Bonnie estavam saindo pela janela. Ele saiu, não recuando para a porta em que havia chegado, mas sim sempre em frente, uma mão na frente de seu corpo, cobrindo-os completamente com o Poder negro e etéreo. Eles passaram pela janela de duas vias no quarto de Bonnie e já haviam passado por mais da metade do outro quarto antes que a mente de Bonnie o denominasse como "vazio". Então, eles estavam passando por uma janela bem elaborada —

fazendo com que as pessoas pensassem que eles tinham uma visão do que estava acontecendo lá de fora —, e voaram acima de alguém que estava deitado sobre uma cama. Então... Houve uma série de destruições, tantas que Bonnie não conseguiu contar. Ela mal tinha um vislumbre do que estava acontecendo em cada quarto. Finalmente...

As destruições pararam. Isso fez com que Bonnie se segurasse em Damon ao estilo coala — ela não era estúpida — e eles foram para bem, bem alto no céu. Na frente deles, e dos lados, pelo o que Bonnie pôde ver, havia mulheres que também estavam voando, mas com a ajuda de máquinas que pareciam a mistura de uma moto com um jet ski. Só que sem a parte debaixo, é claro. As máquinas eram todas douradas, no qual eram da mesma cor que o cabelo de suas motoristas.

Assim, a primeira palavra que Bonnie arfou para seu salvador, depois dele ter feito um imenso túnel no prédio da dona dos escravos para salvá-la, foi:

— *Guardiões*?

— Indispensáveis, considerando o fato de que eu não tinha ideia de onde os vilões tinham te levado e suspeitei que meu tempo estivesse se esgotando. Na verdade, esse foi o último depósito de escravos que eu chequei. Nós finalmente... Reencontramo-nos.

Para alguém que havia tido um reencontro, ele parecia um pouco estranho. Quase... Chocado.

Havia água na bochecha de Bonnie, mas ela havia sumido rápido demais para que ela pudesse limpá-la. Damon estava segurando-a, assim ela não pôde ver seu rosto, e ele a estava segurando bem, bem próximo ao seu corpo.

Esse era o Damon. Ele havia chamado a cavalaria e, apesar do grande empecilho que ocorria neste momento, ele havia a encontrado.

— Eles te machucaram, não é, passarinho? Eu vi... Vi o seu rosto. — Damon disse em sua nova voz chocada.

Bonnie não sabia o que dizer. Mas, de repente, ela não se importava o quão forte ele a apertava. Ela mesma encontrou-se apertando de volta.

De repente, para o seu choque, Damon se desfez do abraço de

coala e a puxou para cima, beijando seus lábios bem gentilmente.

— Passarinho! Estou prestes a voltar lá, e fazer com que eles paguem pelo o que fizeram contigo. Bonnie ouviu-se dizer:

— Não, não vá.

— Não? — Damon repetiu, aturdido.

— Não. — Bonnie disse.

Ela precisava dele junto dela. Ela não se importava com o que aconteceria com Shinichi. Havia uma doçura correndo dentro dela, mas também havia adrenalina em sua cabeça. Era realmente uma pena, mas em alguns minutos ela estaria inconsciente.

Enquanto isso, ela teve três pensamentos na cabeça e todos eles estavam bem claros. Ela temia que eles ficassem menos claros mais tarde, depois dela acordar de seu desmaio.

— Você tem uma Esfera Estelar?

— Tenho vinte e oito Esferas Estelares. — Damon disse, e olhou para ela intrigado. Não foi isso que Bonnie quis dizer; ela queria uma para guardar uma lembrança.

— Você pode se lembrar de três coisas? — Ela disse a Damon.

— Me prenderei nisto.

Desta vez, Damon beijou-a delicadamente em sua testa.

— Primeiro, você arruinou a minha morte digna.

— Podemos voltar e você pode tentar novamente. — A voz de Damon estava menos chocada agora; começando a voltar para a sua normal.

— Segundo, você me deixou lá durante uma semana...

Como se ela pudesse ver dentro de sua mente, ela viu esse lado dele que parecia bem frágil. Ele estava segurando-a tão gentilmente que ela mal podia respirar.

— Eu... Eu não fiz de propósito. Foram só quatro dias, mas eu nunca devia ter feito isso. — Ele disse.

— Terceiro — A voz de Bonnie passou a ser um sussurro: — Não acho que alguma Esfera Estelar tenha sido roubada. O que nunca existiu não pode ser roubada, certo?

Ela olhou para ele. Damon estava olhando sua boca de uma forma que, normalmente, a faria tremer. Ele estava obviamente desestressado. Mas Bonnie mal conseguia se prender consciente.

— E... Quarto... — Ela soltou devagar.

— Quarto? Você disse três coisas. — Damon sorriu, só um pouquinho.

— Eu tenho que dizer isso... — Ela deixou cair sua cabeça em direção ao ombro de Damon, focando toda sua energia, e se concentrou.

Damon soltou o seu abraço um pouquinho. Ele disse:

— Só posso ouvir um barulhinho em minha cabeça. Diga-me normalmente. Estamos longe de todos.

Bonnie continuava insistindo. Ela espremeu todo o seu corpinho e então explodiu uma mensagem. Ela poderia dizer que Damon a captou.

Quarto, eu sei o caminho para os sete tesouros lendários kitsune, Bonnie lhe enviou. Isso inclui a maior Esfera Estelar já feita. Mas se a queremos, teremos que... Ir rápido.

Então, sentindo que ela havia contribuído o bastante para a conversa, ela desmaiou.

21

Alguém *ainda* estava batendo na porta de Stefan.

— Deve ser um pica-pau. — Elena disse quando ela pôde falar. — Eles batem em portas, não é?

— Dentro de casa? — Stefan disse atordoado.

— Ignore e ele vai embora.

Um momento mais tarde, a batido voltou. Elena gemeu:

— Eu não *acredito* nisso.

— Você quer que eu traga a cabeça da coisa? Desvinculando-a de seu pescoço, eu quero dizer?

Elena considerou. Enquanto as batidas continuavam, ela estava começando a ficar mais preocupada e menos confusa.

— É melhor vermos se é um pássaro, eu acho. — Eu disse.

Stefan afastou-se dela, de alguma forma colocando o seu jeans, e cambaleou até a porta. Apesar de tudo, Elena teve pena de quem quer que estivesse do outro lado.

As batidas começaram novamente.

Stefan chegou à porta e quase a arrancou das dobradiças.

— Mas que diab... — Ele parou, de repente moderando sua voz. — *Sra. Flowers*?

— Sim. — A Sra. Flowers disse, deliberadamente sem ver Elena, quem estava usando um lençol e que estava em sua linha de visão.

— Trata-se da amada Meredith. — A Sra. Flowers disse. — Ela está em choque, e precisa vê-lo *agora*, Stefan.

A mente de Elena ligou os pontos como quem monta um quebra-cabeça. Meredith? Em *choque*? Exigindo ver Stefan, mesmo quando, Elena tinha certeza disso, a própria Sra. Flowers devia ter indicado o quão... Ocupado Stefan estava no momento?

Sua mente ainda estava solidamente ligada à de Stefan. Ele disse:

— Obrigado, Sra. Flowers. Estarei lá embaixo em instantes.

Elena, quem estava vestindo suas roupas o mais rápido que podia, enquanto agachava-se pelo outro lado da cama, adicionou uma sugestão telepática.

— Talvez você pudesse fazer para ela um bom copo de... Quero dizer, xícara de chá. — Stefan adicionou.

— Sim, querido, boa ideia. — A Sra. Flowers disse gentilmente. — E se você ver Elena, poderia você dizer a ela que a amada Meredith perguntou por ela, também?

— Ambos já vamos. — Stefan disse automaticamente. E então ele virou-se e rapidamente fechou a porta.

Elena deu-lhe um tempo para que colocasse uma camisa e sapatos, e então ambos desceram para cozinha, onde Meredith estava bebendo uma boa xícara de chá, mas dando voltas como um leopardo enjaulado. Stefan começou:

— O que...

— Eu vou te dizer o que há de errado, Stefan Salvatore! Não... Você me diga! Você esteve em minha mente antes, então você deve saber. Você deve ser capaz... De dizer... Algo sobre mim.

Elena ainda estava conectada com Stefan. Ela sentiu seu desânimo.

— Dizer o que sobre você? — Ele disse gentilmente, puxando uma cadeira da mesa da cozinha para que Meredith pudesse sentar.

O simples ato de sentar-se, de parar de responder, pareceu acalmar Meredith ligeiramente. Mas ainda assim, Elena pôde sentir o seu medo e dor como se uma espada de aço estivesse em sua língua.

Meredith aceitou um abraço e tornou-se ainda mais calma. Um pouco mais parecida com si mesma do que como um animal enjaulado. Mas a batalha era tão visceral e tão clara dentro dela que Elena não pôde suportar deixá-la, mesmo quando a Sra. Flowers depositou quatro canecas ao redor da mesa e aceitou outra cadeira que Stefan ofereceu.

Então, Stefan sentou. Ele sabia que Elena ficaria em pé ou compartilharia a cadeira com Meredith, mas qualquer que fosse sua escolha, seria ela quem decidiria.

A Sra. Flowers estava agitando delicadamente mel em sua caneca de chá e, em seguida, passou o mel justamente para Stefan, que deu para Elena para que ela colocasse a quantidade que

Meredith gostava em sua xícara e então agitou delicadamente, também.

O som comum e civilizado de duas colheres tintilando quietamente parecia acalmar Meredith cada vez mais. Ela pegou a caneca que Elena deu a ela e sorveu, e então bebeu sedentamente.

Elena pôde sentir o suspiro mental de alívio de Stefan enquanto Meredith acalmava-se em níveis cada mais baixos. Ele educamente sorveu de seu próprio chá, que estava quente, mas não queimando, feito de frutas doces e ervas naturais.

— Está bom. — Meredith disse. Ela era quase uma humana agora. — Obrigada, Sra. Flowers.

Elena se sentiu mais leve. Ela relaxou o suficiente para puxar sua própria caneca de chá, despejar muito mel dentro, mexer e dar um gole.

Excelente! Chá calmante!

Isso é camomila e pepino, Stefan lhe disse.

— Camomila e pepino. — Elena disse, balançando a cabeça sabiamente. — Para relaxar.

E então ela corou, porque a Sra. Flowers sorrira para ela e ela sabia exatamente o que havia dentro daquilo.

Elena, às pressas, bebeu mais chá e viu que Meredith pegara mais também e sentiu que tudo começara a parecer *quase* certo. Meredith era completamente Meredith agora, não algum tipo de animal feroz. Elena apertou levemente a mão de sua amiga.

Havia somente um problema. Os seres humanos eram menos assustadores que feras, mas ao menos eles podiam chorar. Meredith, quem nunca chorou, agora estava tremendo e lágrimas caíam em seu chá.

— Você sabe o que é *morcillo*, certo? — Por fim, ela perguntara à Elena.

— Às vezes, tínhamos ensopado disto em sua casa, não? — Ela disse — Servido com *tapas*?

Elena havia crescido com chouriço como refeição ou lanchinho da tarde na casa de sua amiga, e estava acostumada com os pequenos pedaços da deliciosa comida que só a Sra. Sulez sabia fazer.

Elena sentiu o coração de Stefan se afundar. Ela olhou para frente e para trás, dele para Meredith.

— Descobri porque minha mãe nem sempre fazia isso. — Meredith disse, olhando para Stefan agora. — E meus pais tiveram um bom motivo para mudarem a data do meu aniversário.

— Conte-nos tudo. — Stefan sugeriu delicadamente.

E então, Elena sentiu algo que nunca sentira antes. Uma onda... Como uma onda muito gentil, que falava direto do centro de Meredith, no cérebro de Meredith. Isso disse: *Conte tudo e mantenha a calma. Sem raiva. Sem medo.*

Mas não era telepatia. Meredith sentiu o pensamento em seu sangue e osso, mas não escutou com os ouvidos.

Isso era Influência. Antes que Elena pudesse tacar sua caneca em seu amado Stefan por usar Influência em um de seus amigos, Stefan disse, só pra ela:

Meredith está ferida, com medo e com raiva. Ela tem seus motivos, mas precisa de paz. Provavelmente, não conseguirei contê-la, mas tentarei.

Meredith enxugou os olhos.

— Descobri que nada é como eu pensei que fosse... Na noite em que tinha três anos.

Ela descreveu o que seus pais contaram a ela, sobre tudo que Klaus havia feito. Contar a história, mesmo quietamente, estava desfazendo todas as Influências calmantes que haviam ajudado Meredith a manter-se no controle. Ela estava começando a tremer novamente. Antes que Elena pudesse segurá-la, ela estava de pé e caminhando em volta da sala.

— Ele riu e disse que eu precisaria de sangue toda semana... Sangue animal... Ou eu morreria. Não precisaria de muito. Só uma colher ou duas. E minha pobre mãe não queria perder outro filho. Ela fez o que lhe fora dito. Mas o que acontece se eu beber mais sangue, Stefan? O que acontece se eu beber o *seu*?

Stefan estava pensando, desesperadamente tentando ver se durante todos esses anos de experiência ele havia visto algo como isso. Enquanto isso, ele respondeu a parte fácil:

— Se você bebesse o suficiente do meu sangue, você se transformaria em uma vampira. Mas isso aconteceria com qualquer um. Contigo... Bem, deve precisar de menores quantidades. Então, não deixe que nenhum vampiro te engane querendo fazer uma troca de sangue. Uma vez só já deve ser o suficiente.

— Então, eu *não* sou uma vampira? Neste momento? Nenhum tipo de vampiro? *Há* diferentes tipos disso? Stefan respondeu bem seriamente:

— Nunca ouvi falar em "diferentes tipos" de vampiro em minha vida, exceto por Antigos. Posso dizer que você não tem uma aura de vampiro. E quanto aos seus dentes? Você pode fazer com que seus caninos fiquem afiados? Normalmente, é melhor se testar próximo a sangue humano. Mas não do seu próprio sangue.

Elena prontamente estendeu seu braço, a lateral da veia de seu pulso virada para cima. Meredith, com olhos fechados em concentração, fez um grande esforço, no qual Elena sentiu através de Stefan. Então, Meredith abriu seus olhos, sua boca também se abrira para uma inspeção odontológica. Elena começou com seus caninos. Eles pareciam um pouco afiados, mas os de todo mundo pareciam, não é mesmo?

Cuidadosamente, Elena alcançou a ponta de seu dedo lá dentro. Ela tocou um dos caninos de Meredith. Um pouco pontiagudo.

Assustada, Elena se afastou. Ela olhou para seu dedo, onde uma pequena gota de sangue começara a brotar.

Todos ficaram olhando, hipnotizados. Então, a boca de Elena disse sem dar uma pausa para consultar o seu cérebro:

— Você tem dentes de gatinho.

A seguir, Meredith empurrara Elena para o lado e andou freneticamente ao redor da cozinha.

— Eu não serei isso! Eu não serei! Sou uma Caçadora, não uma vampira! *Vou me matar* se eu for uma vampira! Ela estava muito séria.

Elena sentiu Stefan sentindo isso: a perfuração rápida da estaca entre suas costelas, em direção ao seu coração. Ela iria à internet só para encontrar a área certa. Madeira e cinzas brancas perfurando seu coração, aquietando-o para sempre... Acabando com o mal que era Meredith Sulez.

Mantenha a calma! Mantenha a calma! A Influência de Stefan passou por ela. Meredith não estava calma.

— Mas antes, eu tenho que matar meu irmão. — Ela jogou uma fotografia na mesa de cozinha da Sra. Flowers. — Descobri que Klaus ou outro alguém tem mandado uma dessas desde que Cristian tinha

quatro anos... No dia do meu verdadeiro aniversário. *Durante todo esse tempo!* E em todas as fotos vocês podem ver que ele tem dentes de vampiro. *Não* "dentes de gatinho". E então, elas pararam de chegar quando eu tinha dez anos. Mas elas mostravam ele envelhecendo! Com dentes afiados! E ano passado, chegou essa aqui.

Elena saltou em direção à foto, mas ela estava mais próxima de Stefan, que foi mais rápido. Ele a olhou com espanto.

— Envelhecendo? — Ele disse.

Ela pôde ver o quão trêmulo ele estava... E com inveja. Ninguém havia lhe dado essa opção. Elena olhou para Meredith, a andante, e voltou para Stefan.

— Mas isso é impossível, não é? — Ela disse. — Pensei que, uma vez que você fosse mordido, acabou, não é isso? Você nunca mais envelhece... Ou cresce.

— Foi isso o que eu pensei. Mas Klaus era um Antigo e quem sabe o que eles podem fazer? — Stefan respondeu.

Damon vai ficar furioso quando descobrir, Elena disse a Stefan privativamente, alcançando a foto mesmo ela já tendo visto-a pelos olhos de Stefan.

Damon ficava amargo pela altura vantajosa de Stefan... Na verdade, ele ficava amargo com *qualquer* vantagem que alguém tivesse.

Elena trouxe a foto para a Sra. Flowers e ambas a olharam. Mostrava um menino extremamente bonito, com cabelo que era exatamente tão escuro quanto o de Meredith. Ele parecia com Meredith em sua estrutura facial e cor azeitonada. Ele estava usando uma jaqueta de motociclista e luvas, mas sem capacete, e estava rindo alegremente com um conjunto completo de dentes muito brancos. Você podia ver facilmente que seus caninos eram longos e pontudos.

Elena olhou da foto para Meredith, repetidamente. A única diferença que ela pôde ver era que os olhos desse menino pareciam mais claros. Tudo o mais gritava "gêmeos".

— Primeiro, eu o mato. — Meredith disse cansadamente. — Então, eu me mato. Ela tropeçou de volta à mesa e sentou-se, quase derrubando sua cadeira.

Elena pairou perto dela, pegando duas canecas da mesa, para evitar que o braço desajeitado de Meredith jogasse-os no chão. Meredith... Desajeitada! Elena jamais vira Meredith sem jeito ou

desajeitada antes.

Isso era assustador. Isso acontecia devido por ela ser — ao menos, por parte — vampira? Com dentes de gatinho? Elena virou seus olhos apreensivos para Stefan, e sentiu os de Stefan desorientados.

E então, ambos, sem consultarem-se, viraram-se para a Sra. Flowers. Ela lhes deu um discreto sorriso de senhora.

— Tenho que... Encontrá-lo, matá-lo... Primeiramente. — Meredith estava sussurrando enquanto sua cabeça morena estava deitada sobre a mesa, fazendo de seus braços um travesseiro.

— Encontrá-lo... Onde? Vovô... Onde? Cristian... Meu irmão...

Elena escutou silenciosamente até que só houve uma breve respiração para se ser ouvida.

— Você a drogou? — Ela sussurrou para a Sra. Flowers.

— Foi isso que *Mama* pensou ser o melhor. Ela é uma garota forte e saudável. Isso não prejudicará o seu sono desta noite. Desculpe por dizer isso, mas temos outro problema em mãos.

Elena deu uma olhadela para Stefan, viu medo surgindo em seu rosto, e exigiu:

— O que foi?

Absolutamente, nada vinha por sua ligação com Stefan. Ele a havia desligado. Elena virou-se para a Sra. Flowers.

— *O que foi?*

— Estou muito preocupada com o querido Matt.

— Matt. — Concordou Stefan, olhando ao redor da mesa como se isso mostrasse que Matt não estava lá. Ele estava tentando proteger Elena dos calafrios que percorriam seu corpo.

Pela primeira vez, Elena não estava alarmada.

— Eu sei onde ele deve estar. — Ela disse intensamente. Ela estava se lembrando de histórias que Matt havia contado sobre estar em Fell's Church enquanto ela e os outros estavam na Dimensão das Trevas. — Na casa da Dr.ª Alpert. Ou deve ter saído com ela, fazendo visitas hospitalares domésticas.

A Sra. Flowers sacudiu a cabeça, sua expressão era sombria.

— Temo que não, Elena querida. Sophia... A Dr.ª Alpert... Me ligou e disse que ela estava levando a mãe de Matt, sua própria família e muitas outras pessoas com ela, fugindo de Fell's Church. E

não a culpo por isso... Mas Matt não era um destes que estavam indo. Ela disse que ele preferiu ficar e lutar. Isso foi por volta do meio-dia e meia.

Os olhos de Elena automaticamente foram para o relógio da cozinha. Medo tomou conta dela, revirando seu estômago e repercutindo para fora de seus dedos. O relógio marcava 16h35...

16h35! Mas tinha que estar errado. Ela e Stefan haviam juntado suas mentes só há alguns minutos atrás. A raiva de Meredith não durou por muito tempo. Isso era impossível!

— O relógio... Não está certo!

Ela apelou para a Sra. Flowers, mas ouviu ao mesmo tempo a voz telepática de Stefan:

É o cruzamento de pensamentos. Eu não quis apressar as coisas. Mas estava perdido demais nisso... Não é sua culpa, Elena!

— *É* minha culpa. — Elena retrucou em voz alta. — Eu nunca quis esquecer de meus amigos durante uma tarde inteira! E Matt... Matt *nunca* nos assustaria, deixando a gente esperando por sua ligação! Eu devia ter ligado pra ele! E não devia...

Ela olhou para Stefan com olhos tristonhos. A única coisa queimando dentro dela neste momento era a vergonha de ter falhado com Matt.

— Eu liguei para o seu celular. — A Sra. Flowers disse bem gentilmente. — Mama me aconselhou a fazer isso, então, tentei desde o meio-dia e meia. Mas ele não atendeu. Tenho ligado a cada hora, desde então. Mama não dirá mais do que isso: está na hora de olharmos para as coisas diretamente.

Elena correu para a Sra. Flowers e chorou sobre a renda macia no pescoço da velha senhora.

— Você fez a nossa obrigação. — Ela disse. — Obrigada. Mas agora, temos que ir encontrá-lo. Ela virou-se para Stefan.

— Você pode colocar Meredith no quarto do primeiro andar? Tire seus sapatos e coloque-a por cima das cobertas. Sra. Flowers, se você for ficar sozinha aqui, deixaremos Sabber e Talon para tomar conta de você. Então, manteremos contato por celular. E procuraremos em cada casa em Fell's Church... Mas acho que devíamos ir ao bosque primeiro...

— Espere, Elena, minha querida. — A Sra. Flowers tinha seus

olhos fechados.

Elena esperou, impacientemente mudando de um pé para o outro. Stefan estava voltando agora de colocar Meredith na casa.

De repente, a Sra. Flowers sorriu, com os olhos ainda fechados.

— Mama disse que fará todo o possível para ajudar vocês dois, já que vocês estão dedicados a salvarem seu amigo. Ela disse que Matt não está em lugar nenhum em Fell's Church. E ela disse para levar o cachorro, Sabber. O falcão vai cuidar de Meredith enquanto estivermos longe.

Os olhos da Sra. Flowers se abriram.

— Embora possamos colocar Post-It em sua janela e porta. — Ela disse. — Só para garantir.

— Não. — Elena disse secamente. — Sinto muito, mas não vou deixar Meredith e você por conta própria com somente um pássaro como proteção. Vamos levar as duas, coberta com amuletos, se quiser, e então podemos levar a ambos os animais, também. Lá na Dimensão das Trevas, eles trabalharam bem juntos quando Bloddeuwedd tentou nos matar.

— Tudo bem. — Stefan disse uma vez, conhecendo Elena bem o bastante para sabem que uma discussão longa estava prestes a acontecer e que não faria com Elena se rendesse nem um milímetro.

A Sra. Flowers deve ter sabido disso também, pois ela se levantou, quase que imediatamente, e saiu para se arrumar. Stefan levou Meredith para o seu carro. Elena deu um pequeno assobio para Sabber, que ficou em pé imediatamente, parecendo maior do que nunca, e ela correu com ele escada acima para o quarto de Matt. Estava decepcionantemente limpo... Mas Elena pescou um par de cuecas entre a cama e a parede. Ela deu isso para Sabber se deleitar, mas descobriu que não conseguia ficar parada. Finalmente, ela correu até o quarto de Stefan, pegou seu diário de debaixo do colchão e começou a escrever.

Querido diário,

Eu não sei o que fazer. Matt desapareceu. Damon levou Bonnie para a Dimensão das Trevas... Mas será que ele está tomando conta dela?

Não há como saber. Não temos como abrir um

Portal e ir atrás deles. Temo que Stefan mate Damon, e se algo — qualquer coisa — acontecer a Bonnie, eu vou querer matá-lo também. Ai, Deus, que confusão!

E Meredith... De todas as pessoas, descobriu-se que Meredith tinha mais segredos do que todos nós juntos.

Tudo que Stefan e eu podemos fazer é nos abraçar e rezar. Temos lutado com Shinichi por tanto tempo! Sinto como se o fim estivesse prestes chegar... E estou com medo.

— Elena! — O grito de Stefan veio de lá de baixo. — Estamos todos prontos!

Elena rapidamente colocou seu diário de volta sob o colchão. Ela encontrou Sabber esperando nas escadas, e o seguiu, correndo. A Sra. Flowers tinha dois casacos cobertos de amuletos.

Lá fora, um longo assobio de Stefan foi de encontro com um keeeeeeee[5] vindo do céu, e Elena viu um pequeno corpo escuro circulando ao redor do céu branco de Agosto.

— Ela entende. — Stefan disse brevemente, e sentou no banco do motorista.

Elena foi para o banco de atrás que ficava atrás dele, e a Sra. Flowers pegou o banco do passageiro. Uma vez que Stefan havia afivelado Meredith no banco do meio, sobrara o banco da janela para Sabber colocar a sua cabeça e ali ficar ofegando.

— Agora — Stefan disse, ao longo do ronronar do motor —, onde é que estamos indo, exatamente?

22

— Mama disse que ele *não* está em Fell's Church. — A Sra. Flowers repetiu para Stefan. — Isso significa que ele não está no bosque.

— Tudo bem. — Stefan disse. — Se ele não está aqui, então onde ele está?

— Bem — Elena disse devagar. —, deve estar com a polícia, não? Eles devem tê-lo capturado. Parecia que seu coração estava em seu estômago.

A Sra. Flowers suspirou.

— Suponho que sim. Mama deve ter me dito isso, mas a atmosfera estava cheia de influências estranhas.

— Mas o departamento de polícia é em Fell's Church. O que sobrou dele. — Elena protestou.

— Então — A Sra. Flowers disse. —, que tal uma polícia de outra cidadezinha próxima? Tipo aquela que veio procurar por ele antes...

— Ridgemont — Elena disse fortemente. — É de lá que aqueles policiais que procuraram na pensão vieram. É de lá que aquele Mossberg veio, Meredith me disse. — Ela olhou para Meredith, que nem ao menos murmurava. — E é de lá que o pai de Caroline tem amigos poderosos... Assim como o pai de Tyler Smallwood. Eles pertencem àqueles clubes só para homens, com apertos de mão secretos e esses tipos de coisa.

— E temos algum tipo de plano para quando chegarmos lá? — Stefan perguntou.

— Eu meio que tenho um Plano A. — Elena admitiu. — Mas não *sei* se vai funcionar... Você deve saber melhor do que eu.

— Me conte.

Elena contou. Stefan ouviu e teve que reprimir uma risada.

— Eu acho — Ele disse sobriamente depois. — que isso pode funcionar.

Elena imediatamente começou a pensar em Planos B e C, assim eles não ficariam emperrados no lugar caso o Plano A falhasse.

Eles tiveram que dirigir por Fell's Church para chegar à Ridgemont. Elena viu, através de suas lágrimas, casas queimadas e árvores enegrecidas. Essa era sua cidade, a cidade na qual, como espírito, ela havia olhado e protegido. Como isso pôde acontecer?

E, pior, como tudo poderia voltar ao normal? Elena começou a tremer incontrolavelmente.

Matt sentou tristemente na sala de reuniões do júri. Ele a havia explorado há muito tempo atrás, e havia descoberto que a janelas foram fechadas por tábuas pelo lado de fora. Ele não estava surpreso, já que todas as janelas de Fell's Church estavam assim, e além disso, ele havia experimentado essas tábuas e sabia que poderia sair dali se quisesse.

Ele não quis.

Era hora de ele enfrentar seus problemas pessoais. Ele teria encarado isso antes, na época em que Damon levou as garotas à

Dimensão das Trevas, mas Meredith havia conversado com ele sobre isso.

Matt sabia que o Sr. Forbes, pai de Caroline, tinha todos os seus amigos da polícia e do sistema político aqui. Assim como o Sr. Smallwoord, o pai do verdadeiro culpado.

Era pouco provável que eles lhe dessem um julgamento justo. Mas, em qualquer tipo de julgamento, em algum momento eles teriam ao menos que *ouvi-lo*.

E o que eles ouviriam era a plena verdade. Eles poderiam não acreditar nele agora. Mas mais tarde, quando os gêmeos de Caroline tivessem um pouco de controle sobre sua forma de lobisomem e tivessem sua fama por suas presas... Bem, aí eles pensariam em Matt e no que ele dissera.

Ele estava fazendo a coisa certa, ele assegurou a si mesmo. Mesmo quando, neste momento, suas entranhas pareciam serem feitas de chumbo.

Qual a pior coisa que eles podem fazer comigo? Ele se perguntou.

"*Eles podem te colocar na prisão, Matt. Numa prisão de verdade, já que você tem mais de dezoito anos. E enquanto isso possa ser uma boa notícia para os*

antigos e verdadeiros criminosos, viciados, enormes, com tatuagens caseiras e bíceps que parecem galhos de árvore, não será uma boa notícia para você."

E depois de algumas horas na internet:

"*Matt, aqui na Virginia, isso pode dar prisão perpétua. Ou no mínimo cinco anos. Matt, por favor, eu imploro, não deixe que eles façam isso com você! Às vezes, a discrição é a melhor parte da coragem, é verdade. Eles têm todas as cartas e nós estamos andando de olhos vendados, no escuro...*"

Ela tinha trabalho bastante nisso, misturando suas metáforas e tudo o mais, Matt pensou desanimado. Mas não é exatamente como se eu estivesse me oferecendo para fazer isso. E aposto que eles sabem que essas tábuas são bastante frágeis, e se eu sair, serei perseguido daqui até Deus-sabe-onde. E se eu ficar parado, poderei dizer a verdade, pelo menos.

Por um bom tempo, nada aconteceu. Matt pôde ver o Sol pelas fendas das tábuas e viu que já era de tarde. Um homem veio e ofereceu uma visita ao banheiro e uma Coca-Cola. Matt aceitou a ambos, mas também exigiu seu advogado e o seu telefonema.

— Você terá um advogado. — O homem resmungou enquanto Matt saía do banheiro. — Um será designado para você.

— Eu não quero isso. Quero um advogado de verdade. Um que eu *escolha*. O homem olhou enojado.

— Crianças como você não têm dinheiro algum. Você terá o advogado designado a você.

— Minha mãe tem dinheiro. Ela iria querer um advogado contratado, e não um garoto de faculdade de Direito.

— Own. — O homem disse. — Que lindinho. Você quer que a Mamãe cuide de você. E aposto que ela esteja fora de Clydesdale neste instante, com aquela doutora negra. Matt congelou.

Trancado de volta na sala de reuniões do júri, ele tentou pensar freneticamente. Como eles sabiam onde sua mãe e a Drª.

Alpert tinham ido?

Ele tentou pronunciar "*aquela doutora negra*" com sua língua e descobriu que soava ruim, algo como coisa de velho mundo e simplesmente bem estranho. Se a médica fosse homem e caucasiano, soaria algo bobo de se dizer.

"*... vá com aquela médica branquela.*"

Meio que parecido com um filme antigo de Tarzan.

Uma grande raiva estava crescendo em Matt. E junto com isso, um grande medo. Palavras deslizaram por sua cabeça:

vigilância, espionagem, conspiração e acobertamento. E enganação.

Ele deduziu que eram cinco horas, depois de todos que normalmente trabalhavam na corte saírem, e então ele foi levado para a sala de interrogatório.

Eles estão apenas brincando, ele pensou.

Os dois policiais tentaram falar com ele em um quarto apertado com uma pequena câmera de vídeo em um canto da parede, perfeitamente óbvia, embora fosse minúscula.

Eles fizeram turnos, um gritando que ele devia confessar tudo, o outro simpatizou e disse coisas como:

— As coisas saíram um pouco do controle, não é? Temos uma foto do chupão que ela te deu. Ela é uma coisinha linda, né? — Duas piscadelas. — Eu entendo. Mas então ela começou a te dar sinais confusos...

Matt alcançou o ponto que queria.

— Não, não estávamos em um encontro; *não*, ela não me deu um chupão, e quando eu disser ao Sr. Forber que você a chamou de "*coisinha linha*", dando piscadelas, ele vai te *demitir*, senhor. Eu posso ouvir "não" tão bem quanto você, e imagino que "não" signifique "*não*"!

Depois disso, eles bateram um pouco nele.

Matt estava surpreso, mas considerando o modo como ele os havia tratado, sendo insolente, não ficara mais tão surpreso. E então eles pareceram desistir dele, deixando-o sozinho na sala de interrogatório, que, ao contrário da sala do júri, não havia janelas.

Matt disse repetidas vezes para a câmera de vídeo:

— Eu sou inocente e estão se negando a me darem meu telefonema e um advogado. Sou inocente...

Por fim, eles vieram e o buscaram. Ele foi empurrado pelo o policial bom e pelo ruim para um tribunal completamente vazio. Não, não está vazio, ele percebeu. Na primeira fileira estavam alguns repórteres, um ou dois com cadernos de rascunho preparados.

Quando Matt viu isso, assim como num julgamento de verdade, imaginou as fotos que eles tinham esboçado — exatamente como ele havia visto na TV. O chumbo em seu estômago se

transformou em um sentimento de pânico vibrante.

Mas era isso que ele queria, não era? Para que a história se espalhasse?

Ele foi levado a uma mesa vazia. Havia outra mesa, com muitos homens bem vestidos, todos com pilhas de papéis em suas frentes.

Mas a coisa que prendeu a atenção de Matt foi que na mesa estava Caroline. Ele não a havia reconhecido na primeira vez. Ela estava usando um vestido de algodão cinza. Cinza! Sem nenhum tipo de joia, e com maquiagem sutil. A única cor estava em seu cabelo: um castanho bronze. Parecia com o seu antigo cabelo, e não aquela cor malhada que havia sido quando ela estava começando a se tornar um lobisomem. Ela havia conseguido controlar sua forma, afinal? Isso era más notícias. Bem ruins.

E finalmente, com ar de quem pisa em ovos, entrou o júri.

Eles deviam saber o quão irregular isto era, mas eles continuaram entrando, só doze deles, o bastante para preencher os assentos do júri.

Matt de repente percebeu que havia um juiz sentado na mesa mais alta em sua frente. Ele esteve aí o tempo todo? Não...

— Todos de pé pela presença de Justice Thomas Holloway. — Disparou um oficial da justiça. Matt levantou e se perguntou se o julgamentio iria realmente começar sem o seu advogado.

Mas antes que todos pudessem se sentar, portas se abriram e grandes pernas com toneladas de papéis entraram no tribunal, transformando-se em uma mulher nos seus vinte e poucos anos; e então ela jogou os papéis sobre a mesa ao lado dele.

— Gwen Sawicki aqui... Presente. — A jovem mulher arfou.

O pescoço do Juiz Holloway disparou como o de uma tartaruga, trazendo-a para o seu campo de visão.

— Você foi designada em nome da defesa?

— Se for de seu agrado, Meritíssimo; sim, Meritíssimo... Há pouco menos de meia-hora. Não fazia ideia de que fazíamos sessões à noite, Meritíssimo.

— Não seja atrevida comigo! — O Juiz Holloway rebateu.

Enquanto ele passava a permitir que os advogados de acusação se apresentassem, Matt ponderou sobre a palavra “atrevida”. Essa era outra daquelas palavras, ele pensou, que nunca eram usadas para

homens. Um homem atrevido seria engraçado. Já uma mulher atrevida soava bem. Mas por quê?

— Me chame de Gwen. — Uma voz sussurrou ao seu lado, e Matt olhou para ver uma garota com olhos castanhos e cabelos da mesma cor presos num rabo de cavalo.

Ela não era exatamente linda, mas ela parecia honesta e íntegra, o que fez com que ela fosse a coisa mais linda da sala.

— Sou Matt... Bem, é óbvio. — Matt disse.

— Essa é sua namorada? Carolyn?

Gwen estava sussurrando, mostrando uma foto da velha Caroline em alguma festa, com pernas bronzeadas que subiam até quase ir de encontro com uma minissaia preta e rendada. Ela usava uma blusa branca tão apertada em seu busto que dificilmente continha seus bens naturais. Sua maquiagem era exatamente o oposto do sutil.

— Seu nome é Caroline e ela nunca foi minha namorada, mas esse é... O seu verdadeiro eu. — Matt sussurrou. — Antes de Klaus chegar e fazer algo com seu namorado, Tyler Smallwood. Mas eu preciso te contar o que aconteceu quando ela descobriu que estava grávida... Ela enlouqueceu, foi isso que aconteceu. Ninguém sabia onde Tyler estava... Morto, provalmente, depois da luta final contra Klaus, ou só se transformou em lobisomem e fugiu; que seja. Assim, Caroline tentou se firmar com Matt... Até que Shinichi apareceu e virou seu namorado. Mas Shinichi e Misao estavam fazendo um joguinho cruel com ela, fingindo que Shinichi se casaria com ela. Foi depois que ela percebeu que Shinichi não dava a mínima que Caroline havia se transformado em algo basilístico, e tentou fazer com que Matt tampasse o buraco em sua vida.

Matt fez o seu melhor para explicar isso à Gwen para que ela pudesse explicar ao júri, até a voz do juiz o interrompeu.

— Vamos dispensar os argumentos de abertura — Disse o Juiz Holloway —, já está bem tarde. A acusação chamará sua primeira testemunha?

— Espera! Objeção! — Matt gritou, ignorando os puxões de braço de Gwen e seu silvo.

— *Você não pode se opor às decisões do juiz!*

— E o juiz não pode fazer isso comigo. — Matt disse, tirando

sua camiseta que estavam entre os dedos dela. — Eu ainda nem tive a chance de conhecer o meu defensor público!

— Talvez você devesse ter aceito um defensor público mais cedo. — Replicou o juiz, bebendo um copo d'água. Ele então virou sua cabeça para Matt e rebateu:

— E então?

— Isso é ridículo — Gritou Matt. — Vocês não me deixaram dar um telefonema para eu ter um advogado!

— Você chegou a pedir por um telefonema? — O Juiz Holloway rebateu, seus olhos viajando pela sala.

Os dois oficiais que haviam batido em Matt se levantaram solenemente e sacudiram suas cabeças. Nisso, o oficial de justiça, a quem Matt de repente reconheceu como o cara que havia mantido ele na sala do júri por cerca de quatro horas, começou a abanar a cabeça negativamente. Todos os três balançavam, quase como que em uníssono.

— Então, você perdeu esse direito. — O juiz rebateu. Parecia que esse era o único jeito de se falar. — Você não pode exigir isso no meio de um julgamento. Agora, como eu estava dizendo...

— *Objeção!* — Matt gritou ainda mais alto. — Eles estão mentindo! Olhe nas fitas nas quais eles estão me interrogando. Eu sempre continuei dizendo...

— Advogada — O juiz rebateu para Gwen. —, controle o seu cliente ou você será presa por desacato ao tribunal.

— Você tem que *calar a boca*. —Gwen sibilou para Matt.

— Você não pode me calar a boca! Você não pode ganhar esse julgamento enquanto vocês estiverem quebrando as regras!

— *Calado!* — O juiz cantou a palavra em um volume surpreendente. — A próxima pessoa que fizer um comentário sem a minha autorização expressa deverá ser presa por desacato e passará uma noite na cadeia, com fiança de quinhentos dólares.

Ele pausou para olhar ao redor para ver se havia sido compreendido.

— Agora — Ele disse. —, acusação, chame sua primeira testemunha.

— Chamamos Caroline Beula Forbes para ficar em pé.

A figura de Caroline havia mudado. Seu estômago era uma

espécie de abacate de cabeça para baixo. Matt ouviu murmúrios.

— Caroline Beula Forbes, você jura que seu testemunho conterá a verdade, só a verdade e nada mais que a verdade?

Em algum lugar lá dentro, Matt estava tremendo. Ele não sabia se era mais por raiva, medo ou se era uma combinação de ambos. Mas ele se sentiu como um gêiser prestes à explodir — não necessariamente por que ele queria, mas porque forças além do seu controle estavam tomando conta dele. O Gentil Matt, o Quieto Matt, o Obediente Matt... Ele havia deixado tudo isso para trás, em algum lugar. O Furioso Matt e o Violento Matt, isso era o que ele estava prestes a se transformar.

No mundo obscuro lá fora, vozes vinham entrando em seus devaneios. E uma voz o picou como uma urtiga.

— Você reconhece o garoto que você nomeou como o seu namorado, Matthew Jeffrey Honeycutt, aqui nesta sala?

— Sim. — A voz de urtiga espinhosa disse suavemente. — Ele está sentado na mesa da defesa, com camiseta cinza. A cabeça de Matt se ergueu. Ele olhou para Caroline direto nos olhos.

— Você *sabe* que isso é uma mentira. — Ele disse. — Nunca saímos juntos em um encontro. Nunca. O juiz, que parecia estar dormindo, agora acordara.

— Meirinho! — Ele rebateu. — Contenha o réu imediatamente.

Matt ficou tenso. Enquanto Gwen Sawicki gemia, Matt de repente encontrou-se sendo segurado e uma fita adesiva fora envolvida em volta de sua boca.

Ele lutou. Ele tentou levantar. Assim, eles o amarraram na cadeira com a fita em volta de sua cintura. Quando eles finalmente o deixaram sozinho, o juiz disse:

— Se ele sair da cadeira, você pagará com o seu próprio salário, *Srta*. Sawicki.

Matt pôde sentir Gwen Sawicki tremendo ao lado dele. Mas não de medo. Ele pôde reconhecer a expressão explosiva e percebeu que ela seria a próxima. Então, o juiz a prenderia com desprezo, e quem falaria por ele?

Ele encontrou seus olhos e sacudiu sua cabeça firmemente para ela. Mas ele também sacudiu a cabeça para cada mentira que

Caroline dizia.

— Tivemos que manter em segredo, a nossa relação. — Caroline estava dizendo modestamente, encarando seu vestido cinza. — Porque Tyler Smallwood, meu antigo namorado, poderia descobrir. Então ele... Quero dizer, eu não queria nenhum tipo de confusão entre eles.

Sim, Matt pensou com amargura. É melhor tomar cuidado... Porque o pai de Tyler, provavelmente, tem tantos bons amigos aqui quanto o seu pai. Ou até mais.

Matt se desligou até que ouviu o promotor dizer:

— E algo incomum aconteceu na noite em questão?

— Bem, saímos juntos em seu carro. Fomos para perto da pensão... Ninguém nos veria ali... Sim, eu... Eu receio que ele... Não entendeu o que eu queria. Mas depois disso eu queria ir embora, mas ele não parou. Eu tentei lutar com ele. Eu o arranhei com minhas unhas...

— A acusação oferece a Prova 2: uma foto de profundos arranhões no braço do réu...

Os olhos de Gwen, ao encontrar os de Matt, pareciam aborrecidos. Abatidos. Ela mostrou a Matt uma foto e ele se lembrou: as marcas profundas feitas pelo dentes de um grande malach quando ele tirara seu braço de sua boca.

— A defesa irá estipular...

— Admissível.

— Mas não importava o quanto eu gritasse e lutasse... Bem, ele era muito forte e eu... Eu não pude... — Caroline sacudiu a cabeça em uma vergonha agonizante. Lágrimas saíam de seus olhos.

— Meritíssimo, talvez a ré precise de uma pausa para retocar a maquiagem. — Gwen sugeriu amargamente.

— Jovem, você está me dando nos *nervos*. A acusação pode cuidar de seus próprios clientes... Digo, testemunhas...

— Ela é testemunha. — Disse a acusação.

Matt rabiscou o quanto pôde a verdadeira história em um pedaço de papel branco, enquanto o teatro de Caroline continuava.

Gwen estava lendo agora.

— Então — Ela disse — o seu ex, Tyler Smallwood, não é e nunca foi um... — Ela engoliu em seco. — Um lobisomem. Através de

suas lágrimas de vergonha, Caroline riu ligeiramente.

— Claro que não. Lobisomens não são reais.

— Como vampiros.

— Vampiros também não são reais, se é isso que você quer dizer. Como eles *poderiam* ser? Caroline estava olhando para cada sombra na sala enquanto dizia isso.

Gwen estava fazendo um bom trabalho, Matt percebeu. A máscara de modéstia de Caroline estava começando a cair.

— E pessoas nunca voltam dos mortos... Nos tempos modernos, eu quero dizer. — Gwen disse.

— Bem, quanto a isto — Malícia penetrou na voz de Caroline —, se você for para a pensão em Fell's Church, você verá que há uma garota chamada Elena Gilbert, que *devia* ter se afogado ano passado. No Dia dos Fundadores, depois da festa. Ela foi Miss Fell's Church, é claro.

Houve um murmúrio entre os repórteres. Coisas sobrenaturais vendiam melhor do que qualquer coisa, especialmente se uma linda menina estivesse envolvida. Matt pôde ver sorrisos em cada lado.

— Ordem! Srta. Sawicki, você continuará com os fatos neste caso!

— Sim, Meritíssimo. — Gwen parecia frustrada. — Ok, Caroline, vamos voltar ao dia da suposta agressão. Depois dos eventos que você narrou, você ao menos ligou para a polícia depois?

— Eu estava... Muito envergonhada. Mas quando eu percebi que poderia estar grávida ou poderia ter uma doença terrível, eu sabia que tinha de contar.

— Mas essa doença terrível não era licantropia... Ser um lobisomem, certo? Porque isso não poderia ser verdade.

Gwen olhou ansiosamente para Matt e Matt olhou sombriamente para ela. Ele tinha esperança de que, caso Caroline fosse forçada a continuar a falar sobre lobisomens, eventualmente ela começaria a se contorcer. Mas ela aparentava ter o completo controle sobre si mesma agora.

O juiz parecia furioso.

— Jovem, eu não quero mais que meu tribunal fique fazendo gracinhas sobre coisas sobrenaturais e sem sentido!

Matt olhou para o telhado. Ele iria para a cadeia. Por um longo

tempo. Por algo que ele não fizera. Por algo que ele nunca faria. E além disso, agora, haveria repórteres que iriam à pensão incomodar Elena e Stefan. Droga!

Caroline havia conseguido dizer, apesar do juramento de sangue que a proibia de contar o segredo. Damon havia assinado o juramento também. Por um momento, Matt desejou que Damon estivesse de volta, para se vingar dela. Matt não se importaria com todas ás vezes ele o chamara de "Mutt", se ele ao menos aparecesse. Mas ele não apareceu.

Matt percebeu que a fita adesiva em volta de seu peito estava frouxa o bastante para que ele pudesse bater sua cabeça contra a mesa da defesa. Ele fez isso, fazendo um pequeno boom.

— Se o seu cliente deseja ser imobilizado completamente, Srta. Sawicki, isso poderá ser...

Mas então eles todos ouviram. Como um eco, só que atrasado. E muito mais alto que uma cabeça batendo contra uma mesa. BOOM!

E de novo.

BOOM!

E então, o som distante e perturbador de portas sendo abertas, como se elas estivessem sendo atingidas por um aríete[6].

Neste momento, as pessoas no tribunal ainda podiam se espalhar. Mas para onde elas iam? BOOM!

Outra porta mais próxima fora aberta.

— Ordem! Ordem no tribunal!

Passos soavam pelo piso de madeira do corredor.

— Ordem! Ordem!

Mas ninguém, nem mesmo o juiz, pôde parar as pessoas de resmungar. E sendo tarde da noite, presos no tribunal, depois de conversarem sobre vampiros e lobisomens...

Passos ficavam mais próximos. Uma porta, bem próxima, se abriu e rangeu. Uma onde de... Alguma coisa... Passava pelo tribunal.

Caroline suspirou, apertando seu estômago saliente.

— Barrem aquelas portas! Meirinho! Tranque-as!

— Barrá-las como, Meritíssimo? E elas só se trancam pelo lado de fora! O que quer que fosse, estava chegando mais perto...

A porta do tribunal se abriu, rangendo. Matt colocou uma mão calmante no pulso de Gwen, torcendo seu pescoço para ver o que

tinha atrás dele.

Parado na porta estava Sabber, parecendo, como sempre, tão grande quanto um poneizinho. A Sra. Flowers andava ao lado dele; Stefan e Elena se encontravam atrás de seu traseiro.

Sabber dava passos pesados enquanto, sozinho, ia em direção à Caroline, que estava ofegante e trêmula.

O mais absoluto silêncio enquanto todo mundo tinha uma visão da besta gigante, de seu casaco preto de ébano, com olhos escuros e úmidos enquanto ele dava um olhar a laser pelo tribunal.

Então, nas profundezas de seu peito, Sabber fez *hmmf*.

Ao redor de Matt, as pessoas estavam ofegantes e se contorcendo, como se eles se coçassem pelo corpo todo. Ele olhou e viu que Gwen encarava enquanto os ofegos se transformavam em um arquejo.

Finalmente, Sabber inclinou o nariz para o teto e *uivou*.

O que aconteceu depois não foi nada bonito, pelo ponto de vista de Matt. Ele não viu a boca e o nariz de Caroline se sobressaírem para fazerem um focinho. Não viu seus olhos recuarem em pequenos e profundos buracos.

E suas mãos e seus dedos se encolhendo em patas, difundidas com unhas pretas. Isso não foi nada bonito.

Mas o animal no fim era lindo. Matt não sabia se ela havia absorvido seu vestido cinza, arrancado-o ou algo parecido. Ele sabia aquele belo lobo cinzento saltara da cadeira do réu e lambera as costeletas de Sabber, rolando pelo chão para brincar ao redor do grande animal, que obviamente parecia ser o lobo alfa.

Sabber fez outro *hmmf* profundo.

O lobo que havia sido Caroline esfregou seu focinho amorosamente contra seu pescoço.

E isso estava acontecendo em outros lugares na sala. Ambos os promotores, três dos jurados... Até mesmo o juiz...

Eles todos estavam se transformando, não para atacar, mas para forçar laços sociais com aquele grande lobo, um alfa, se é que ali já não houvesse um.

— Já falamos com ele sobre isso. — Elena explicou enquanto xingava a fita adesiva no cabelo de Matt. — Sobre não ser agressivo e não arrancar cabeças... Damon me disse que ele fez isso uma vez.

— Não queremos um monte de mortes. — Stefan concordou. — E sabíamos que nenhum animal poderia ser tão grande quanto ele. Então, nos concentramos em trazer o máximo possível de seu lobo interior... Espera, Elena... Eu peguei uma pedaço de fita aqui deste lado. Desculpe por isso, Matt.

Um forte puxão de fita o libertou... E Matt colocou a mão em sua boca.

A Sra. Flowers estava soltando a fita adesiva que o prendia à cadeira. De repente, ele estava inteiramente livre e sentia-se como se fosse gritar. Ele abraçou Stefan, Elena e a Sra. Flowers, dizendo:

— *Obrigado*!

Gwen, infelizmente, estava vomitando numa lata de lixo.

Na verdade, Matt pensou, ela teve sorte em ter um lugar seguro. Um jurado vomitava em cima da bancada.

— Essa é a Srta. Sawicki. — Matt disse orgulhosamente. — Ela chegou depois que o julgamento começara, e realmente fez um ótimo trabalho.

— Ele disse "Elena" — Gwen sussurrou quando ela pôde falar.

Ela estava olhando para o pequeno lobo, com manchas de queda de cabelo, que veio mancado da cadeira do juiz para ficar em torno de Sabber, que estava aceitando todos esses gestos com dignidade.

— Eu sou Elena. — Disse Elena, enquanto dava abraços poderosos em Matt.

— Aquela que... Devia estar morta?

Elena levou um momento para poder abraçar Gwen.

— Eu pareço estar morta?

— Eu... Eu não sei. Não. Mas...

— Mas eu tenho uma lápide bem bonita no cemitério de Fell's Church. — Elena lhe assegurou; então, de repente, com uma mudança de semblante: — Caroline te disse isso?

— Ela disse para a sala toda. Especialmente para os repórteres. Stefan olhou para Matt e sorriu ironicamente.

— Você deverá viver o suficiente para ter sua vingança contra Caroline.

— Eu não quero mais vingança. Eu só quero ir pra casa. Quer dizer... — Ele olhou com medo para a Sra. Flowers.

— Se pode pensa em minha casa como seu "lar" enquanto sua amada mãe estiver fora, eu estou feliz. — Disse a Sra. Flowers.

— Obrigado. — Matt disse silenciosamente. — Eu realmente quis dizer isso. Mas Stefan... O que os repórteres vão escrever?

— Se eles forem espertos, não escreverão nada.

23

No carro, Matt sentou-se ao lado da Meredith adormecida com Sabber amontoado em seus pés, ouvindo chocado e com medo enquanto eles recontavam a história de Meredith. Quando eles terminaram, ele foi capaz de falar sobre suas próprias experiências.

— Terei pesadelos a minha vida inteira em relação ao Cole Reece. — Ele admitiu. — Mesmo depois de eu ter colocado um amuleto nele, e ele ter chorado, a Dr.ª Alpert disse que ele ainda estava infectado. Como podemos lutar com uma coisa que está tão fora do controle?

Elena sabia que ele estava olhando para ela. Ela afundou suas unhas na palma de suas mãos.

— Não é que eu não tenha tentado usar as *Asas da Purificação* sobre toda a cidade. Eu tentei tanto que sinto que vou explodir. Mas isso não é bom. Eu nem ao menos posso controlar meus Poderes de Asa! Eu acho... Depois do que eu aprendi com Meredith... Que talvez eu precise treinar. Mas como eu faço isso? Onde? Com quem?

Houve um longo silêncio no carro. Por fim, Matt disse:

— Estamos todos no escuro. Veja aquele tribunal! Como eles podem ter tantos lobisomens em uma só cidade?

— Lobos são sociáveis. — Stefan disse silenciosamente. — Parece que há uma comunidade inteira de lobisomens em Ridgemont. Vivendo junto com os Clubinhos de Ursos, Alces e Leões, é claro. Para espionar as únicas criaturas que eles temem: os humanos.

Na pensão, Stefan carregou Meredith para o quarto do primeiro andar e Elena puxou as cobertas para cima dela. Então, ela foi à cozinha, onde a conversa continuava.

— E quanto àquelas famílias de lobisomens? Suas esposas? — Ela exigiu enquanto ela esfregou os ombros de Matt, onde ela sabia que os músculos deviam estar fortemente machucados depois de serem algemados às suas costas.

Seus dedos macios acalmaram as contusões, mas suas mãos eram fortes, e ela continuou massageando e massageando até que seus próprios músculos do ombro começaram a reclamar... Muito.

Stefan a interrompeu:

— Vai pra lá, amor, eu tenho a magia maligna de um vampiro. Esse é um tratamento médico necessário. — Ele adicionou severamente para Matt: — Então você vai ter que aguentar não importe o quanto doa.

Elena ainda pôde senti-lo, fracamente, através de sua conexão e ela viu como ele anestesiava a mente de Matt e, em seguida, cravara seus dedos nos ombros cheios de nós como se estivesse amassando massa de pão dura, enquanto alcançava seus Poderes de cura.

A Sra. Flowers chegou, então, com canecas de chá de canela quentes e doces. Matt bebeu de sua caneca e sua cabeça caiu para trás ligeiramente. Seus olhos estavam fechados, seus lábios abertos.

Elena *sentiu* uma grande onda de dor e tensão fluir para fora dele. E então ela abraçou a ambos os garotos e chorou.

— Eles me capturaram enquanto eu vinha para cá. — Matt admitiu enquanto Elena fungava. — Eles seguiram o código de polícia, mas nem se deram ao trabalho de... Olhar o caos que estava ao seu redor.

A Sra. Flowers se aproximou novamente, parecendo séria.

— Querido Matt, você teve um dia terrível. O que você precisa é de um longo descanso. — Ela deu uma olhadela para Stefan, como se para ver como isso impactaria nele, já que havia tão poucos doadores de sangue.

Stefan sorriu tranquilizadoramente para ela.

Matt, ainda com a cabeça inclinada, simplesmente concordou. Depois disso, sua cor começou a voltar e um sorrisinho for a plantado em seus lábios.

— Aí está meu garoto — Ele disse quando Sabber passou entre as pessoas para ir diretamente ao rosto de Matt. — Amigão, eu amo esse seu bafo de cachorro. — Ele declarou. — Você me salvou. Ele pode ganhar uma recompensa, Sra. Flowers? — Ele perguntou, virando seus olhos azuis desfocados para ela.

— Eu sei exatamente o que ele gostaria. Tenho metade de um bife deixado no freezer que só precisa ser aquecido um pouquinho.

— Apertando os botões de sua blusa, disse: — Matt, gostaria de fazer as honras? Lembre-se de levar o osso para fora... Ele deve ir correr atrás dele.

Matt pegou o grande bife, no qual, depois de aquecido, cheirava tão bem que o fez perceber que ele estava faminto. Ela sentiu sua moral entrar em colapso.

— Sra. Flowers, você acha que eu devia fazer um sanduíche antes de dar isto a ele?

— Oh, pobre garoto! — Ela gritou. — E eu nem ao menos pensei... Claro, eles não te dariam almoço ou janta.

A Sra. Flowers pegou pão e Matt ficou feliz o suficiente com isso: pão e carne, o pão mais simples imaginável... E tão bom que fez seus dedos tremerem.

Elena chorou um pouquinho mais. Era tão fácil fazer duas criaturas felizes com uma coisa tão simples. Mais do que duas... Todos estavam felizes por verem Matt a salvo e ver Sabber ganhando sua própria recompensa.

O enorme cão seguiu cada movimento do bife com os olhos, a cauda sacudindo para frente e para trás no chão. Mas quando Matt, ainda mastigando, ofereceu a ele um pedaço grande de carne que sobrara, Sabber simplesmente sacudiu a cabeça para um lado, olhando como se dissesse: "Você deve estar brincando comigo".

— Sim, é para você. Vá em frente e pegue. — A Sra. Flowers disse firmemente.

Finalmente, Sabber abriu sua enorme boca para pegar o fim do bife, a cauda balançando como hélice de helicóptero. Sua linguagem corporal era tão clara que Matt riu bem alto.

— Uma vez, isso esteve aqui no chão. — A Sra. Flowers adicionou magnificamente, espalhando um grande tapete pelo chão da cozinha.

A alegria de Sabber só era ultrapassada por suas boas maneiras. Ele colocou o bife no tapete e então trotou para cima de cada humano para colocar seu nariz molhado nas mãos ou cintura ou embaixo do queixo deles, e então trotou de volta para atacar seu prêmio.

— Eu me pergunto: será que ele sente falta de Sage? — Elena murmurou.

— *Eu* sinto falta de Sage. — Matt indistintamente. — Precisamos de toda ajuda mágica que conseguirmos.

Enquanto isso, a Sra. Flowers estava andando pela cozinha fazendo sanduíches de presunto e queijo e embalando-os como se fossem lanches para o intervalo da escola.

— Alguém que acordar tarde da noite com fome deve ter *algo* para se comer. — Ela disse. — Presunto e queijo, salada de frango, alguns bons pedaços de cenouras e um grande pedaço de torta de maçã.

Elena foi ajudá-la.

Ela não sabia por que, mas ela queria chorar um pouco mais. A Sra. Flowers a consolou.

— Todos nós estamos nos sentindo... É... *Cansados*. — Ela anunciou gravemente. — Quem não sentir que vai direto para cama, é porque deve ter muita adrenalina correndo em suas veias. Tenho algo que ajudará nisso. E acho que podemos confiar em nossos amigos animais e nos amuletos no telhado para nos deixar a salvos esta noite.

Matt estava praticamente dormindo em pé.

— Sra. Flowers... Algum dia, eu vou retribuir... Mas por enquanto, não consigo ficar de olhos abertos.

— Em outras palavras: "É hora de dormir, crianças." — Stefan disse.

Ele fechou as mãos de Matt firmemente em um pacote que continha um sanduíche, então o direcionou em direção às escadas. Elena pegou muitos mais lanches, beijou a Sra. Flowers duas vezes e subiu para o quarto de Stefan.

Ela tinha a cama no sótão em sua frente e estava abrindo o pacote de plástico quando Stefan chegou, após colocar Matt na cama.

— Ele está bem? — Ela disse ansiosamente. — Quer dizer, ele ficará bem amanhã?

— Ele estará bem com o seu corpo. Eu curei a maioria dos danos.

— E em sua *mente*?

— É uma coisa difícil. Ele acaba se encarar a Vida Real. Preso, sabendo que poderia ser linchado, sem saber se alguém seria capaz de descobrir o que acontecera a ele. Ele pensou que mesmo se o

rastreássemos, poderia haver uma briga, no qual seria difícil de vencer... Com tão pouco de nós, e sem tanta magia a disposição.

— Mas Sabber deu um jeito deles. — Elena disse.

Ela olhava pensadoramente para os sanduíches que ela havia deixado em cima da cama.

— Stefan, você quer salada de frango ou presunto? — Ela perguntou.

Houve um silêncio. Mas foi momentos antes de Elena olhar para ele, atônica.

— Oh, Stefan... Eu... Eu realmente *esqueci*. É que... Hoje foi tão estranho... Eu *esqueci*...

— Estou lisonjeado. — Stefan disse. — E você está sonolenta. O que quer que seja que a Sra. Flowers tenha colocado em seu chá...

— Acho que o governo se interessaria nisto. — Ela ofereceu. — Para espionagem e coisas assim. Mas por enquanto... Ela ergueu seus braços, a cabeça inclinada para trás, com o pescoço exposto.

— Não, amor. Eu me lembro desta tarde, caso você não se lembre. E jurei que iria começar a caçar, e eu vou. — Stefan disse firmemente.

— Você vai me deixar? — Elena disse assustada. Eles encararam um ao outro.

— *Não* vá. — Elena disse, tirando seu cabelo de seu pescoço. — Eu tenho tudo planejado, como você vai beber, e como iremos dormir abraçadinhos. *Por favor*, não vá, Stefan.

Ela sabia o quão difícil era para ele deixá-la. Mesmo se ela *estivesse* sorrindo maliciosamente e nua, mesmo se ela *estivesse* usando jeans grunge e tivesse a parte debaixo das unhas sujas. Ela era infinitamente linda e infinitamente poderosa e misteriosa para ele. Ele foi para ela. Elena pode sentir isso através de seu laço, no qual estava começando a fazer um zumbido, começando a se aquecer, começando a aproximá-lo.

— Mas Elena. — Ele disse.

Ele estava tentando ser sensível! Ele não sabia que ela não queria sensibilidade neste momento em particular?

— Bem aqui. — Elena bateu num ponto macio em seu pescoço.

A ligação deles estava cantando como uma linha de Poder elétrico agora. Mas Stefan era teimoso.

— Você precisa comer, precisa. Você tem que manter sua força. — Elena imediatamente pegou um sanduíche de salada de frango e o mordeu.

H'mm... Delícia. Estava realmente muito bom. Ela teria que dar à Sra. Flowers um buquê de flores. Eles estavam sendo tão bem cuidados aqui. Ela tinha que pensar num jeito de ajudar mais.

Stefan a assistiu comer. Isso fez com que ele ficasse faminto, mas isso por que ele estava acostumado a comer a essa hora, e não costumava fazer exercícios. Elena pôde ouvir tudo através de sua conexão e ela o ouviu pensar que ele estava feliz por ver Elena renovada. Que ele havia aprendido a lição; que não faria mal algum ir para cama *sentindo* fome só por uma noite. Ele abraçaria sua adorável e sonhadora Elena a noite toda.

Não! Elena estava horrizada.

Desde que ele esteve aprisionado na Dimensão das Trevas, tudo que sugeria que ele ficasse sem comer a aterrorizava. De repente, ela teve dificuldade em engolir a mordida que havia dado.

— Aqui, aqui... Por favor? — Ela implorou para ele.

Ela não queria ter de seduzi-lo a fazer isso, mas ela faria se ele a forçasse. Ela lavaria suas mãos em relação àquilo, e colocaria uma camisola longa e agarrada, afagaria seus caninos teimosos entre beijos, ia tocá-los suavemente com a ponta de sua língua, apenas na base, onde eles não a cortariam enquanto eles respondessem àquele sinal e crescessem. E então ele estaria tonto, ele estaria fora do controle, ele seria seu completamente.

Tudo bem! Tudo bem! Stefan pensou para ela. *Tenha piedade!*

— Eu não quero ter piedade. Eu não quero que você me deixe. — Ela disse, abrindo seus braços para ele, e ouviu sua própria voz suave, macia e ansiosa. — Quero que você me abrace e fique comigo para sempre, assim como eu quero abraçá-lo e ficar contigo para sempre.

A face de Stefan havia mudado. Ele olhou para ela com o olhar que ele havia usado na prisão, quando ela havia ido visitá-lo com roupas decentes — ao contrário daquela sujeira que ela estava usando agora — e ele disse, aturdido:

— Tudo isso... É pra mim?

Naquela época, havia arame farpado entre eles. Agora, não

havia nada para separá-los e Elena pôde ver o quanto Stefan queria vir para ela. Ela se aproximou um pouquinho e, em seguida, Stefan entrou no círculo de seus braços e segurou-a firmemente, mas com um infinito cuidado para não usar força o suficiente para machucá-la. Quando ele relaxou e encostou a testa na dela, Elena percebeu que ela nunca se cansaria ou ficaria triste ou assustada, sem ser capaz de pensar neste sentimento que ele iria defender para o resto de sua vida.

Por fim, eles afundaram no conjunto de lençóis, confortaram um ao outro em medidas iguais, e trocaram beijos doces e quentes. Com cada beijo, Elena sentiu o mundo exterior e todos os seus horrores se afastando cada vez mais. Como algo podia estar errado quando ela própria sentia que o céu estava próximo? Matt, Meredith, Bonnie e Damon certamente estariam seguros e felizes também. Enquanto isso, cada beijo a trazia para mais perto do paraíso, e ela sabia que Stefan se sentiu da mesma forma. Eles estavam tão felizes juntos que Elena sabia que logo todo o universo ecoaria com a alegria deles, que transbordaria como uma luz e transformaria tudo que tocasse.

* * *

Bonnie acordou e percebeu que ela havia estado inconsciente por apenas alguns minutos. Ela começou a tremer, e uma vez que começou, não conseguiu parar. Ela sentiu uma onda de calor envolvendo-a, e ela sabia que Damon estava tentando aquecê-la, mas a tremedeira não ia embora.

— O que há de errado? — Damon perguntou, e sua voz estava diferente da de costume.

— Eu não sei. — Bonnie disse. Ela não sabia. — Talvez por que eles ficavam ameaçando me jogar pela janela. Eu não ia gritar a respeito disso. — Ela adicionou apressadamente, no caso de ele assumir que ela gritaria. — Mas então eles falaram sobre me torturar...

Ela sentiu um pequeno espasmo indo através de Damon. Ele estava abraçando-a muito forte.

— Te torturar! Eles te ameaçaram com isso?

— Sim, porque, você sabe, a Esfera Estelar de Misao se foi. Eles sabiam que seu líquido fora jorrado; eu não contei isso a eles. Mas eu tive de contar que era minha culpa a última metade ter sido jorrada, e então eles ficaram bravos comigo. Oh! Damon, você está me machucando!

— Então foi *sua* culpa ela ter sido jorrada, né?

— Bem, eu deduzi que fosse. Você não teria feito isso se eu não estivesse bêbada, e... O qu-que há de errado, Damon? Você está bravo também?

Ele estava abraçando-a tanto que ela não podia respirar. Devagar, ela sentiu seus braços soltarem-na um pouco.

— Um aviso, passarinho: quando as pessoas estão ameaçando te torturar e te matar, é mais... Inteligente... Dizer a eles que a culpa é de outra pessoa. Especialmente se acontecer de isso ser a verdade.

— Eu sei disso! — Bonnie disse indignadamente. — Mas eles iam me matar de qualquer forma. Se eu contasse sobre *você*, eles teriam *te* machucado, também.

Damon a puxou de volta para perto dele, assim ela teve que olhar para seu rosto.

Bonnie também pôde sentir o delicado toque de uma sonda telepática mental. Ela não resistiu; ela estava ocupada demais se perguntando por que ele tinha sombras cores de ameixa sob seus olhos. Então ele sacudiu a cabeça dela um pouquinho, e ela parou de pensar.

— Você nem ao menos entende o básico de auto-preservação? — Ele disse, e ela pensou ele parecia bravo agora. Certamente, ele estava diferente das outras vezes que ela o havia visto...

Exceto uma vez, ela pensou, e isso foi quando Elena fora "Disciplinada" por ter salvado a vida de Lady Ulma, na época em que Ulma havia sido uma escrava.

Ele tinha a mesma expressão agora, tão ameaçadora que até mesmo Meredith havia tido medo dele, e ainda tão cheio de culpa que Bonnie tinha o desejo de confortá-lo.

Mas tinha que ter outro motivo, a mente de Bonnie disse à ela. Porque você não é a Elena, ele nunca te tratará da forma que trata a Elena.

Uma visão da sala marrom surgiu diante dela, e ela tinha

certeza que ele nunca teria colocado Elena lá. Elena não teria deixado, para começo de conversa.

— Eu tenho que voltar? — Ela perguntou, percebendo ela estava sendo insignificante e boba e o quarto marrom parecia o paraíso comparado com o outro lugar que esteve há pouco tempo atrás.

— Voltar? — Damon disse, um pouco rápido demais. Ela teve o pressentimento de ele havia visto o quarto marrom também, agora, através de seus olhos. — Por quê? A mulher me deu tudo daquele quarto. Então, estou com suas verdadeiras roupas e um monte de Esferas Estelares aqui, no caso de você não ter visto alguma. Mas por que você pensaria que teria de voltar?

— Bem, eu sei que você estava procurando por uma vampira de qualidade, e eu não sou uma. — Bonnie disse simplesmente.

— Isso foi só para que eu pudesse voltar a ser um vampiro. — Damon disse. — E o que você pensa que está te segurando no ar neste instante?

Mas desta vez Bonnie sabia, de alguma forma, que a sensação das Esferas Estelares "Nunca Mais Lembrar" ainda estavam em sua mente e que Damon parecia vê-las também. Ele era um vampiro novamente. E o conteúdo daquelas Esferas Estelares era tão abominável que o interior de pedra de Damon finalmente se quebrou.

Bonnie quase pôde ver o que ele pensava deles, e dela, tremendo embaixo de um cobertor toda noite. E então, para o seu espanto, o sempre composto e novíssimo vampiro desabafou:

— Me perdoe. Eu não pensei em como aquele lugar seria para você. Há algo que fará você se sentir melhor?

Bonnie piscou. Ela pensou, seriamente, se ela estava sonhando. Damon não se desculpava. Damon era *famoso* por não se desculpar, ou se explicar, ou falar gentilmente com as pessoas, ao menos que ele quisesse algo delas.

Mas uma coisa parecia real. Ela não teria mais que dormir no quarto marrom.

Isso era tão animador que ela corou um pouquinho, e se atreveu a dizer:

— Poderíamos ir ao chão? Devagar? Porque a verdade é que tenho medo de altura. Damon piscou, mas disse:

— Sim, acho que posso fazer isso. Há algo mais que você gostaria?

— Bem...Há algumas garotas que seriam doadoras... Alegrementes... Se... Bem... Se sobrou algum dinheiro... Se você pudesse salvá-las...

Damon disse um pouco bruscamente:

— É claro que sobrou algum dinheiro. Eu até exigi de volta o dinheiro de sua hospedagem para aquela bruxa.

— Bem, então, tem esse segredo que eu contei a você, mas eu não sei se você se lembra.

— Quando você acha que se sentirá bem para começarmos? — Perguntou Damon.

24

Stefan acordou bem cedo. Ele passou seu tempo desde o amanhecer até o café da manhã olhando Elena, que até mesmo dormindo tinha um brilho interno parecido com uma chama dourada através de uma vela ligeiramente rosada.

No café da manhã, todos estavam mais ou menos presos em pensamentos do dia anterior. Meredith mostrou a Matt a foto de seu irmão, Cristian, o vampiro. Matt disse brevemente à Meredith sobre o funcionamento interno do sistema judicial de Ridgemont e pintou um retrato de Caroline como lobisomem. Estava claro que ambos se sentiam mais seguros na pensão do que em qualquer outro lugar.

E Elena, que havia acordado com a mente de Stefan ao seu redor, abraçando-a, e com sua própria mente cheia de luz, estava bolada demais para criar um Plano A ou qualquer outra coisa. Os outros lhe disseram gentilmente que só havia uma coisa que fazia sentido.

— Stefan — Matt disse, bebendo uma caneca de café preto como breu da Sra. Flowers. — Ele é o único capaz de usar sua mente ao invés de Post-It nas crianças.

E...

— Stefan — Disse Meredith — Ele é o único que Shinichi deve temer.

— Eu não sou uma completa inútil. — Elena disse tristemente.

Ela não tinha apetite. Ela havia se vestido com um sentimento de amor e compaixão para com toda a humanidade e um desejo de ajudar e proteger sua cidade natal, mas como todos apontaram, ela teria que passar o dia inteiro na dispensa, provavelmente. Repórteres poderiam ligar.

Eles estão certos, Stefan enviou à Elena. *Eu sou a pessoa que deve descobrir o que está acontecendo em Fell's Church.*

Ele saiu enquanto todos os outros terminavam o café da manhã. Somente Elena soube o porquê; somente ela pôde senti-lo nos

limites de seu alcance telepático.

Stefan estava caçando. Ele dirigiu para New Wood, saiu do carro e finalmente surpreendeu um coelho que saía de um arbusto. Ele o Influenciou para que descansasse e não tivesse medo.

Disfarçadamente, nesta floresta fina e quase sem árvores, tomou um pouco do sangue dele... E *engasgou*.

Tinha o gosto de algum tipo de líquido horrível aromatizado com roedores. Um coelho era um roedor? Ele havia tido muita sorte ao encontrar um rato, um dia lá na cela da prisão, e tinha um gosto vagamente parecido com este.

Mas agora, durante dias, ele esteve bebendo sangue humano. Não só isso, mas sangue rico e potente, aventureiro e, em alguns casos, de indivíduos talentosos paranormalmente — crème de la crème. Como ele pôde ter se acostumado a isso tão rapidamente?

Isso era uma vergonha para ele, só de pensar que ele se acostumara. O sangue de Elena, é claro, era o suficiente para levar qualquer vampiro à loucura. E Meredith, cujo sangue tinha o gosto primordial de algum oceano profundo e vermelho, e Bonnie, que tinha o gosto de sobremesa. E finalmente, Matt, o típico garoto americano com sangue avermelhado.

Eles o alimentaram durante horas, na época em que ele precisava sobreviver.

Eles o alimentaram até que ele começasse a se curar, e vendo que ele estava se curando, eles o alimentaram ainda mais. E isso continuou e continuou, terminando com Elena na noite anterior... Elena, cujo cabelo caía em uma cascata prateada e cujos olhos pareciam quase radiar.

Na Dimensão das Trevas, Damon não havia exercido qualquer restrição. Elena também não havia exercido.

Esta cascata prateada... O estômago de Stefan se apertou quando ele pensou sobre isso, sobre a última vez que ele tinha visto o seu cabelo deste jeito. Ela havia sido morta logo em seguida. Por pouco tempo, mas morta do mesmo jeito.

Stefan deixou o coelho fugir. Ele estava fazendo outro juramento. Ele *não* devia transformar Elena em uma vampira novamente. Isso significava nada de troca de sangue entre eles por no mínimo uma semana... Tanto dando quanto recebendo pode levá-la

ao limite.

Ele devia se ajustar mais uma vez ao gosto do sangue animal.

Stefan fechou os olhos brevemente, lembrando-se do horror da primeira vez. As câimbras. As tremedeiras. A agonia que seu corpo inteiro parecia dizer que ele não estava sendo alimentado. O sentimento de que suas veias poderiam explodir em chamas a qualquer momento, e então a dor em suas presas.

Ele se levantou. Ele tinha sorte por estar vivo. Mais sorte do que ele poderia ter sonhado ao ter Elena ao seu lado. Ele trabalharia no reajustamento sem incomodá-la ao dizer o que estava acontecendo, ele decidiu.

Duas horas mais tarde, Stefan estava de volta à pensão, mancando ligeiramente. Matt, que o encontrara na pesada porta da frente, percebeu logo isso.

— Você está bem? É melhor entrar e colocar um gelo nisso.

— É só uma câimbra. — Stefan disse brevemente. — Não estou acostumado a fazer exercícios. Não havia nenhum lá na... Você sabe.

Ele olhou para longe, corando. O mesmo fez Matt, que estava quente e frio, furioso com as pessoas que colocaram Stefan nesta condição. Vampiros eram bem resistentes, mas ele tinha o pressentimento... Não, ele *sabia*... Que Stefan havia quase morrido em sua cela. Um dia em um local fechado à chave convenceu Matt que *ele* nunca mais queria ser preso novamente.

Ele seguiu Stefan até a cozinha, onde Elena, Meredith e a Sra. Flowers estavam bebendo — o que mais poderia ser? — canecas de chá.

E Matt sentiu uma pontada quando Elena imediatamente percebeu que ele estava mancando e se levantara até Stefan, e Stefan a abraçou levemente, passando seus dedos tranquilizadores pelos cabelos dela.

Matt não pôde evitar de pensar: aquele glorioso cabelo dourado havia se tornado mais brilhante?

Mais parecido com o dourado prateado que havia sido quando Elena havia fugido com Stefan, e então começou a se transformar em uma vampira?

Certamente, Stefan parecia estar inspecionando bem de perto, enchendo a mão enquanto ele passava seus dedos.

— Teve sorte? — Elena perguntou a ele, com a voz tensa.

Cansado, Stefan balançou a cabeça.

— Subi e desci as ruas e onde quer que eu encontrasse... Uma jovem que estivesse se contorcendo, rodando em círculos, ou fazendo qualquer outra coisa que os documentos mencionavam, eu tentava Influenciá-las. Bem, talvez eu não devesse ter me preocupado com as garotas que andavam em círculos. Eu não conseguia alcançar seus olhos. Mas no fim, o placar continua a zero pra gente.

Elena virou-se para Meredith, em agitação.

— O que fazemos?

A Sra. Flowers ativamente começou a vasculhar através de feixes de ervas que pendiam acima de seu fogão.

— Vocês precisam de uma bela xícara de chá.

— E descansar. — Meredith disse, batendo levemente na mão dele. — Posso fazer algo por você?

— Bem... Eu tenho uma ideia... Mas preciso da Esfera Estelar de Misao para ver se vai funcionar. Não se preocupem. — Ele adicionou. — Não usarei o Poder dentro dela; só preciso olhar para a superfície.

— Eu trago. — Elena ofereceu, levantando-se prontamente de seu colo.

Matt ia começar a dizer algo, mas olhou para a Sra. Flowers enquanto Elena foi até a porta da dispensa e a abriu. Nada se moveu e a Sra. Flowers simplesmente assistiu com benevolência. Foi Stefan que se levantou para ajudá-la, ainda mancando. Então, Matt e Meredith ergueram-se, com Meredith perguntando:

— Sra. Flowers, você tem *certeza* que devemos manter a Esfera Estelar naquele mesmo cofre?

— Mama disse que estamos fazendo a coisa certa. — A Sra. Flowers respondeu serenamente. Depois disso, as coisas aconteceram muito rapidamente.

Como se tivesse ensaiado, Meredith pressionou o lugar exato para abrir a porta da dispensa. Elena caiu de quatro. Mais rápido do que ele mesmo tinha imaginado que poderia ir, Matt deu uma barricada em Stefan com um ombro para baixo. A Sra. Flowers estava pegando freneticamente as faixas de ervas secas que pendiam sobre a mesa da cozinha.

E, em seguida, Matt estava batendo em Stefan com todo o

poder de seu corpo e Stefan foi tropeçando até Elena, sua cabeça caindo e caindo sem encontrar resistência no caminho. Meredith estava chegando até ele de lado para ajudá-lo a fazer uma pirueta completa no ar. Assim que a pirueta o levou até a porta da dispensa e ele foi engatinhando em direção às escadas, Elena se levantou e fechou a porta e Meredith se encostou a ela enquanto Matt gritava:

— *Como é que se prende um kitsune*?

— Isso deve ajudar. — Arfou a Sra. Flowers, recheando um saco cheio de ervas odoríferas para colocar embaixo da porta.

— E... Ferro! — Gritou Elena, e ela, Meredith e Matt correram até a Toca do Damon onde havia um enorme protetor de lareira de ferro.

De algum jeito, eles voltaram rapidamente à cozinha e colocaram-no em frente à porta da dispensa. Só então houve a primeira trombada, mas o ferro era pesado e a segunda trombada contra a porta fora mais fraca.

— O que vocês estão fazendo? Todos enlouqueceram? — Stefan gritou em tom queixoso, mas enquanto todo o grupo começava a colocar Post-It na porta, ele xingou e transformou-se completamente em Shinichi. — *Vocês vão se arrepender, seus malditos! Misao não está bem. Ela chora muito. Vocês pagarão com seu sangue, mas não antes de eu lhes apresentar uns amiguinhos especiais meus. Do tipo que sabem como causar dor verdadeira!*

Elena ergueu a cabeça, como se ouvisse alguma coisa. Matt a viu franzir o cenho. Então, disse a Shinichi:

— Nem tente sondar Damon. Ele se foi. E se você tentar rastreá-lo, eu vou fritar seu cérebro.

Um silêncio sombrio a cumprimentou da dispensa.

— Minha deusa graciosa, o que virá a seguir? — Murmurou a Sra. Flowers.

Elena simplesmente assentiu com a cabeça para que os outros a seguissem, e eles foram para o topo da casa — o quarto do Stefan — e falaram entre sussurros.

— Como você *sabia*?

— Você usou telepatia?

— Eu não sabia no começo — Matt admitiu —, mas Elena estava agindo como se a Esfera Estelar estivesse na dispensa. Stefan

sabia que não estava lá. Eu acho — Ele adicionou com um pouco de culpa. — que eu o convidei para entrar.

— Eu soube assim que ele começou a apalpar meu cabelo. — Elena disse com um estremecimento. — Stefan e D... Quer dizer, *Stefan* sabe que eu só gosto que o toquem levemente e nas pontas. Não *atacando* daquele jeito. Lembram-se das cançõezinhas de Shinichi sobre cabelo dourado? Ele é um doido. De qualquer forma, eu pude dizer ao sentir sua mente.

Matt sentiu-se envergonhado. Todos os seus pensamentos de que Elena talvez pudesse ter se transformado em uma vampira...

E aí estava à resposta, ele pensou.

— Eu olhei o seu anel de lápis-lazúli. — Meredith disse. — Eu o vi com ele na sua mão direita quando ele saiu mais cedo. Quando ele voltou, ele estava com aquilo na mão esquerda.

Houve uma breve pausa enquanto todos olhavam para ela. Ela deu de ombros.

— Faz parte do meu treinamento, notar coisas pequenas.

— Bem pensado. — Matt disse, por fim. — Bem pensado. Ele não seria capaz de mudar à luz do Sol.

— Como *você* soube, Sra. Flowers? — Elena perguntou. — Ou foi só por causa do modo que estávamos agindo?

— Meu Deus, não, vocês todos são bons atores. Mas assim que ele pisou no limiar da porta, Mama gritou para mim: "O que vocês estão fazendo ao deixar um kitsune entrar em sua casa?" Assim, eu soube o que estava acontecendo.

— Nós o derrotamos! — Elena disse, sorrindo. — Nós realmente pegamos Shinichi de guarda baixa! Eu mal posso acreditar.

— Acredite. — Meredith disse com sorriso torto. — Ele esteve de guarda baixa por um *instante*. Ele estará pensando em vingança neste momento.

Alguma coisa a mais estava incomodando Matt. Ele virou-se para Elena.

— Eu pensei que você tinha dito que você e Shinichi tinham chaves que poderiam levá-los a qualquer lugar, a qualquer hora. Então, por que ele simplesmente não disse: "Me leve para dentro da pensão onde a Esfera Estelar está?"

— Aquelas eram diferentes das Chaves Gêmeas em formato de

raposa. — Elena disse, suas sobrancelhas desenhadas em conjunto. — Elas são, tipo, as Chaves Mestras e Shinichi e Misao ainda têm ambas. Eu não sei por que ele não usou a dele. Embora isso o levasse para outro lugar no momento em que ele tentasse entrar.

— Não se ele estivesse dentro da dispensa, e continuasse lá o tempo todo. — Meredith disse. — E talvez a Chave Mestra passe por cima da regra de "somente aqueles que foram convidados a entrar".

A Sra. Flowers disse:

— Mesmo assim, Mama teria me contado. Além do mais, não há ferraduras na dispensa. Nenhuma.

— Esse lance de fechaduras não deve importar, eu *acho*. — Elena respondeu. — Eu acho que ele só queria mostrar o quão esperto ele foi, e mostrar que ele poderia nos enganar para *darmos* a ele a Esfera Estelar de Misao.

Antes que outro alguém pudesse dizer alguma palavra, Meredith estendeu a palma de sua mão, com uma chave brilhando sobre ela. A chave era de ouro com diamantes inseridos e tinha um design familiar.

— Essa é uma das Chaves Mestras! — Gritou Elena. — Foi assim que pensáramos que as Chaves Gêmeas em formato de raposa se pareceriam!

— Isso meio que caiu do bolso do jeans dele quando ele fez aquela pirueta. — Meredith disse inocentemente.

— Quando você estava dando uma pirueta nele para cima de mim, você quer dizer. — Disse Elena. — Eu suponho que você tenha escolhido o bolso também.

— Então, *agora*, Shinichi não tem a chave para escapar! — Matt disse animadamente.

— Sem chave para fazer fechaduras. — Elena concordou, mostrando suas covinhas.

— Ele pode se divertir, transformando-se em uma toupeira e cavar para sair da dispensa. — Meredith disse friamente. — Isto é, se ele tiver essa habilidade de se transformar ou algo do tipo. — Ela adicionou, com uma mudança conturbada em sua voz.

— Eu me pergunto... Se devíamos fazer com que Matt contasse a outra pessoa onde ele verdadeiramente escondeu a Esfera Estelar. Só... Bem, só por precaução.

Matt viu várias sobrancelhas juntas ao seu redor. Mas de repente, algo o atingiu e ele percebeu que tinha que contar a alguém que ele havia escondido a Esfera Estelar em seu armário. O grupo — incluindo Stefan — o tinha escolhido para escondê-la por que ele havia resistido teimosamente, quando Shinichi estava usando o corpo de Damon como um fantoche para torturá-lo um mês atrás.

Matt havia provado, então, que ele morreria com uma dor hedionda a pôr em risco os seus amigos. Mas se Matt fosse morrer agora, a Esfera Estelar de Misao poderia se perder do grupo para sempre. E só Matt sabia o quão perto ele esteve de cair da escada junto com Shinichi hoje.

De um lugar distante, eles ouviram um grito:

— Olá! Tem alguém em casa? Elena!

— Esse é o meu Stefan — Elena disse e, então, sem um pingo de dignidade, ela correu do salão de entrada até o seus braços. Ele olhou assustado, mas conseguiu amortecer a queda antes que ambos caíssem na varanda.

— O que está acontecendo? — Ele disse, seu corpo vibrando infinitamente, como acontece quando se está com vontade de lutar. — A casa inteira cheira a kitsune!

— Está tudo bem. — Elena disse. — Venha e veja. Ela subiu com ele as escadas até o seu quarto.

— Nós o prendemos na dispensa. — Ela adicionou. Stefan parecia confuso.

— Você prendeu quem na dispensa?

— Com ferro em frente à porta. — Matt disse triunfantemente. — E ervas e amuletos por toda a parte. E, de qualquer forma, Meredith pegou sua *chave*.

— Sua *chave*? Vocês estão falando do... Shinichi? — Stefan virou-se para Meredith, seus olhos verdes arregalados. — Enquanto eu estive fora?

— Foi quase um acidente. Eu meio que coloquei minha mão em seu bolso quando ele estava piruetando e perdendo e equilíbrio. Tive sorte e peguei a Chave Mestra... A menos que essa seja uma chave de casa qualquer.

Stefan olhou para aquilo.

— Essa é a verdadeira. Elena sabe disso. Meredith, você é

incrível!

— Sim, essa é a verdadeira. — Elena confirmou. — Eu me lembro de seu perfil... Bem elaborada, não? Ela a pegou das mãos de Meredith.

— O que você vai faz...

— Eu poderia muito bem testá-la. — Elena disse com um sorriso travesso.

Ela andou até a porta do quarto, fechou-a, disse "A Toca de lá debaixo" e abriu a porta, entrou e fechou a porta atrás de si. Antes que alguém pudesse falar, ela estava de volta, com o atiçador de lareira segurado no alto em forma de triunfo.

— Funciona! — Stefan gritou.

— Isso é incrível. — Matt disse. Stefan parecia quase febril.

— Mas vocês não percebem o que isso significa? Significa que podemos *usar* esta chave. Podemos ir a qualquer lugar que quisermos sem usar Poder. Até mesmo à Dimensão das Trevas! Mas primeiro... Enquanto ele estiver aqui... Deveríamos fazer algo a respeito de Shinichi.

— Você não está em condições de fazer isso agora, querido Stefan. — A Sra. Flowers disse, balançando a cabeça. — Desculpe, mas a verdade é que estamos sendo muito, mas muito sortudos. Aquele estranho kitsune estava de guarda baixa há poucos minutos. Ele não estará agora.

— Eu ainda tenho que tentar. — Stefan disse silenciosamente. — Todos vocês têm sido atormentados ou tiveram de lutar... Com seus punhos ou suas mentes. — Ele adicionou, inclinando-se ligeiramente para a Sra. Flowers. — Eu sofri, mas nunca tive a oportunidade de *lutar* com ele. Eu *tenho* que tentar.

Matt disse, bem silenciosamente:

— Eu vou com você. Elena adicionou:

— Todos nós podemos lutar juntos. Certo, Meredith?

Meredith concordou bem devagar, pegando o atiçador de Stefan de sua própria lareira.

— Sim. Pode ser um golpe baixo, mas... Estaremos juntos.

— Eu diria que é um golpe superior, melhor do que deixá-lo viver e ferir as pessoas. De qualquer forma, vamos cuidar disso... Juntos. — Elena disse firmemente. — *Agora*!

Matt começou a se levantar, mas seu movimento foi congelado no ar enquanto ele olhava aquela cena com horror. Simultaneamente, com a graça de leoas de caça ou de duas bailarinas, as duas garotas chegaram mais perto de Stefan e, ao mesmo tempo, elas balançaram seus atiçadores. Elena o atingiu na cabeça e Meredith bateu em cheio em sua virilha. Stefan cambaleou para longe do golpe da cabeça, mas simplesmente disse "Ai!" quando Meredith o acertou. Matt tirou Elena do caminho e então, virando-se precisamente como se estivesse no campo de futebol, tirou Meredith do caminho de "Stefan" também.

Mas este impostor obviamente havia decidido não contra-atacar. A forma de Stefan se dissolveu.

Misao, com folhas verdes entrelaçadas nos cabelos negros com pontas escarlates, estava diante deles.

Para o choque de Matt, sua cara estava chupada e pálida. Estava bem claro que ela estava bem doente, mas ainda continuava sendo desafiadora. Mas não havia nenhum escárnio em sua voz esta noite.

— O que vocês fizeram com a minha Esfera Estelar? E com o meu *irmão*? — Ela exigiu debilmente.

— Seu irmão está seguramente trancado. — Matt disse, sem muito saber o que ele estava dizendo a ela. Sem contar os crimes que Misao havia cometido, ele não podia evitar de ter pena dela. Ela estava claramente desesperada e doente.

— Eu *sei* disso. Eu quis dizer que meu irmão vai matar vocês todos... Não só por esporte, mas com raiva. — Agora, Misao parecia assustada e miserável. — Vocês nunca o viram *realmente* nervoso.

— Vocês nunca viram Stefan nervoso também. — Elena disse. — Pelo menos, não quando ele tinha todo o seu Poder. Misao simplesmente sacudiu sua cabeça. Uma folha seca caiu de seu cabelo.

— Vocês não entendem!

— Duvido que entendamos alguma coisa. Meredith, nós fomos atrás desta garota?

— Não, mas certamente não foi ela quem trouxe aquele outro... Elena disse secamente:

— Matt, vai pegar um livro para ler. Eu te digo quando terminarmos.

Matt estava relutante em dar as costas a uma kitsune, mesmo uma doente. Mas quando a Sra. Flowers concordou gentilmente, ele obedeceu.

Ainda assim, de costas ou não, ele pôde ouvir ruídos. E os barulhos sugeriram que Misao estava sendo presa firmemente e revistada minuciosamente.

— Huh-uh... huh-uh... huh-uh... huh-*oops*! Houve um barulho de metal na madeira. Matt só virou-se quando Elena disse:

— Ok, você pode olhar. Isso estava em seu bolso da frente. — Ela adicionou para Misao, que parecia estar prestes a desmaiar: — Não *queríamos* ter de te segurar e revistar. Mas esta chave... Onde, em nome de *Deus*, vocês conseguiram uma desta, afinal?

Uma mancha rosa apareceu nas bochechas de Misao.

— Você acertou, no céu. Elas são as únicas Chaves Mestras que sobraram... E elas pertencem a Shinichi e a mim. *Eu* descobri como roubá-las da Corte Celestial. Isso foi... Há muito tempo atrás.

Neste momento, eles ouviram um carro na estrada: o Porsche de Stefan.

No silêncio mortal que se seguiu, eles também puderam ver o carro através da janela de Stefan enquanto ele parava na calçada.

— Ninguém desce. — Elena disse secamente. — Ninguém o convide para entrar. Meredith lançou para ela um olhar aguçado.

— Shinichi pode ter saído por um túnel como uma toupeira. E ele *já* foi convidado para entrar.

— É minha culpa por não ter avisado a todos vocês... Mas de qualquer forma, se for Shinichi e ele fizer qualquer coisa para machucar Stefan, ele verá a *mim* nervosa. As palavras *Asas da Destruição* simplesmente saltaram em minha cabeça e algo dentro de mim quer dizê-las.

Houve um arrepio na sala.

Ninguém fora ao encontro de Stefan, mas em instantes eles todos podiam ouvir o barulho de passos. Stefan apareceu em sua porta, escancarada, e viu-se confrontando uma fila de pessoas olhando para ele com desconfiança.

— Mas que *diabos* está acontecendo? — Ele exigiu, encarando Misao, que estava sendo presa entre Meredith e Matt. — Misao...

Elena deu dois passos em direção a ele... E ficou em volta dele,

puxando-o em um beijo profundo. Por um momento ele resistiu, mas depois, pouco a pouco, sua oposição entrou em colapso, apesar da sala cheia de observadores.

Quando Elena finalmente o soltou, ela simplesmente encostou-se em Stefan, respirando com dificuldade. Os outros estavam todos vermelhos de vergonha. Stefan, bastante corado, segurou-a firmemente.

— Me desculpe. — Elena sussurrou. — Mas você já "chegou em casa" duas vezes. Na primeira, era Shinichi e o trancamos na dispensa. Então, foi *ela*. — Ela apontou, sem olhar, para a encolhida Misao. — Eu não sabia como ter certeza que Shinichi não havia escapado de alguma forma...

— E você tem certeza agora?

— Ah, sim. Eu reconheço você. Você está sempre pronto para me deixar entrar.

Matt percebeu que ela estava tremendo e rapidamente se levantou para que ela pudesse sentar, por no mínimo um minuto ou dois, em paz.

A paz durou menos que um minuto.

— Eu quero minha Esfera Estelar! — Misao gritou. — Preciso colocar Poder dentro dela ou eu vou enfraquecer... E então vocês vão me matar.

— Enfraquecer? O líquido está evaporando da Esfera Estelar ou coisa assim? — Meredith perguntou.

Matt estava pensando no que ele havia visto na rua de sua casa, antes dos policiais de Ridgemont o pegarem.

— Você já reuniu Poder para colocar nela? — Ele perguntou suavemente. — Poder do dia de ontem, talvez?

— Desde que vocês a pegaram. Mas isso não se une a... Mim. Une-se com a Esfera Estelar. Ela é minha, mas não *por enquanto*.

— Tipo um pouco de Poder ao fazer Cole Reece comer seu porquinho-da-índia enquanto ele estava vivo? Ao fazer as crianças queimarem suas próprias casas? — A voz de Matt estava grave.

— O que isto importa? — Misao respondeu com mau humor. — Ela é minha. Fora minhas ideias, não suas. Você não pode me afastar del...

— Meredith, *me* tire de perto *dela*. Eu conheço aquela criança,

Cole, desde que ele nasceu. Eu terei pesadelos para sempre... Misao animou-se igual uma planta murcha ao receber água.

— Ter pesadelos, ter pesadelos. — Ela sussurrou.

Houve um silêncio. Então Meredith disse, cuidadosa e inexpressivamente, enquanto ela estava pensando na estaca:

— Você é uma coisa nojenta, sabia? Isso é o seu alimento? Lembranças ruins, pesadelos, medo do futuro?

Misao estava simplesmente perplexa. Ela não conseguia ver onde ela queria chegar. Seria o mesmo que perguntar a uma adolescente normal e faminta: "Que tal um pouco de pizza e uma Coca-Cola? É isso que você quer?" Misao nem ao menos podia ver que seu apetite era errado, então ela não podia mentir.

— Você está certa em uma coisa. — Stefan disse com força. — Nós temos sua Esfera Estelar. A única forma de fazer com que a devolvamos seria fazer algo por nós. Eu acho que podemos *te* controlar de qualquer forma, porque a temos...

— Que jeito ultrapassado de se pensar. Obsoleto. — Misao rosnou. Houve um silêncio mortal. Matt sentiu seu estômago despencar.

Todos eles estiveram apostando no "jeito ultrapassado de se pensar". Para conseguir a Esfera Estelar de Shinichi ao fazer Misao contar a eles onde ela estava.

O objetivo final deles era controlar Shinichi usando *sua* Esfera Estelar.

— Vocês não entendem. — Misao disse lamentavelmente, mas com raiva ao mesmo tempo. — Meu irmão vai me ajudar a preencher minha Esfera Estelar novamente. Mas o que fizemos a esta cidade... Foi uma ordem, não só diversão.

— Pode tentar nos enganar.

Elena murmurara, mas a cabeça de Stefan se ergueu e ele disse:

— Uma *ordem*? De *quem*?

— *Eu... Não... Sei!* — Misao gritou. — Shinichi é quem recebe as ordens. Então ele me conta o que fazer. Mas quem quer que seja, deve estar feliz agora. A cidade está quase destruída. Ele deveria me dar uma *ajudinha* aqui!

Ela olhou para o grupo, e eles olharam para trás. Sem saber que ele ia dizer isto, Matt disse:

— Vamos colocá-la no porão junto com Shinichi. Estou com a sensação de que todos devíamos ir dormir no armazém hoje à noite.

25

— Dormir no armazém com a todas as paredes cobertas com Post-It. — Meredith acrescentou sombriamente. — Se tiver o bastante. Eu tenho outro pacote, mas não servirá se você está tentando cobrir um quarto.

— Ok. — Elena disse. — Quem está com a chave de Shinichi? Matt ergueu sua mão.

— Está no meu...

— Não me diga! — Exclamou Elena. — Eu estou com a dela. *Não podemos perdê-las*. Stefan e eu somos uma equipe; vocês dois são outra.

Eles meio empurraram e meio que deram suporte para que Misao saísse do quarto de Stefan e descesse as escadas. Misao não tentou correr deles, confrontá-los, ou falar com eles. Isso fez com que Matt suspeitasse ainda mais dela. Ele viu Stefan e Elena dando olhadelas um para outro e soube que eles sentiam a mesma coisa.

Mas o que mais se podia fazer com ela? Não havia outro jeito, humana ou desumanamente, de contê-la durante alguns dias. Eles tinham a sua Esfera Estelar e, de acordo com os livros, isso permitiria que eles a controlassem, mas ela estava certa, parecia um jeito obsoleto, pois não funcionara. Eles haviam tentado, fazendo com que Stefan e Meredith a segurassem firmemente, enquanto Matt pegava a Esfera Estelar de onde ele a escondera: em uma caixa de sapatos, na prateleira superior, acima das roupas de seu armário.

Ele e Elena haviam tentado fazer com Misao fizesse coisas enquanto seguravam a esfera quase vazia: fazer Misao contar onde a Esfera Estelar de seu irmão estava, e assim vai. Mas simplesmente não funcionara.

— Talvez, quando há tão pouco Poder dentro dela, ela não seja capaz de fazer isso. — Elena disse finalmente. Mas isto era um pequeno consolo, na melhor das hipóteses.

Enquanto eles levavam Misao à cozinha, Matt pensou que

aquele havia sido um plano kitsune estúpido: imitar Stefan duas vezes. Fazer isso uma segunda vez, quando os humanos estavam em guarda, havia sido *burrice*. Misao não parecia ser assim tão burra.

Matt teve um pressentimento ruim.

Elena tinha um pressentimento muito ruim sobre o que eles estavam fazendo. Enquanto ela olhava para os rostos ao seu redor, ela via que eles também tinham. Mas ninguém veio com uma ideia melhor. Eles não podiam matar Misao. Eles não eram assassinos que matavam a sangue frio uma garota fraca e doente.

Ela imaginou que Shinichi deveria ter uma audição muito forte, e já tinha os ouvido caminhar sobre o piso da cozinha que rangia. E ela deduziu que ele sabia — via ligação mental, lógica ou qualquer outra coisa — que ela estava acima dele.

Eles não tinham nada a perder em gritar através da porta:

— Shinichi, estamos com sua irmã aqui! Se você a quiser de volta, você deve ficar quieto para que não precisemos jogá-la escada abaixo.

Houve silêncio da dispensa.

Elena escolheu pensar nisso como silêncio de submissão. Pelo menos Shinichi não estava gritando ameaças.

— Ok. — Elena sussurrou. Ela se colocou em posição bem atrás de Misao. — Quando eu contar até três, nós a empurramos o mais forte que pudermos.

— Espera! — Matt disse em um miserável meio-sussurro. — Você disse que *não* a jogaríamos escada abaixo.

— A vida não é justa. — Elena disse sombriamente. — Você acha que ele não tem uma surpresinha para nós?

— Mas...

— Deixa pra lá, Matt. — Disse Meredith quietamente.

Ela tinha a estaca preparada em sua mão esquerda e a direita estava preparada para apertar o painel que abriria a porta.

— Todos prontos?

Todos concordaram. Elena sentiu pena por Matt e Stefan, que eram os mais honesto e sensíveis de todos eles.

— Um — Ela sussurrou levemente. —, dois, *três*.

No três, Meredith acertou o interruptor oculto na parede. E então, as coisas começaram a acontecer de um jeito bem devagar. No

"dois", Elena já se começou a empurrar Misao para a porta. No "três", os outros a acompanharam.

Mas pareceu que a porta demorou uma eternidade para abrir. E antes do fim da eternidade, tudo se complicou.

A vegetação ao redor do cabelo de Misao espalhou galhos em todas as direções. Um deles disparou e agarrou Elena em torno do pulso. Ela ouviu um grito de indignação de Matt e soube que outro galho havia chegado nele.

— *Empurre*! — Meredith gritou e, em seguida, Elena viu que a estaca havia aparecido para ela.

Meredith bateu com a estaca na vegetação que estava ligada à Misao. O galho que estava cortando o pulso de Elena caiu no chão.

Quaisquer dúvidas restantes sobre lançar Misao escada abaixo desapareceram. Elena entrou no meio da multidão, tentando empurrá-la para a porta. Mas havia algo errado na dispensa. Por um lado, eles estavam empurrando Misao para a escuridão total... Mas algo também estava se mexendo.

A dispensa estava cheia de... Coisas. *Coisas*.

Elena olhou para seu tornozelo e ficou horrorizada ao ver uma larva gigante que parecia ter se arrastado para for a da dispensa.

Ou, pelo menos, uma larva foi à primeira coisa que ela pôde comparar com aquilo... Talvez fosse uma lesma sem cabeça. Era translúcida, preta e tinha cerca trinta centímetros de comprimento, mas era muito gorda para ela ter colocado a mão em torno daquilo. Parecia ter duas maneiras de se mover: uma pelo modo de rastejar familiar e a outra simplesmente se juntando às outras larvas, que foram chegando até a cabeça de Elena como uma horrível explosão de uma fonte. Elena olhou para cima e desejou não ter feito isso.

Havia uma cobra-naja rastejando acima deles, saindo da dispensa e indo à cozinha. Era uma cobra-naja preta translúcida com larvas grudadas, e de vez uma caía no chão entre o grupo e logo haveria gritos.

Se Bonnie estivesse com eles, ela teria gritado até que os copos de vinho nos armários se quebrassem, Elena pensou freneticamente.

Meredith estava tentando atacar a cobra-naja com a estaca e alcançar em seus jeans alguns Post-It ao mesmo tempo.

— Eu pego os Post-It. — Elena arfou, e contorceu sua mão no

bolso de Meredith.

Seus dedos se fecharam em maço pequeno de cartões e ela os puxou para fora triunfantemente.

Só então o primeiro verme brilhante e gordo caiu sobre sua pele nua. Ela queria gritar de dor enquanto seus pezinhos ou dentes ou presas — ou o que quer que fossem — a queimavam e picavam. Retirou um pequeno cartão do feixe, no qual não era um Post-It, mas um pequeno cartão com os mesmos símbolos, apesar de mais frágeis, e bateu-o contra a coisa que parecia uma larva.

Nada aconteceu.

Meredith estava enfiando a estaca no meio da cobra agora.

Elena viu outra das criaturas quase caírem em seu rosto virado pra cima e conseguiu se mover, fazendo com que algumas delas caíssem em seu colarinho. Ela tentou outra carta do maço quanto este simplesmente saiu de sua mão — os vermes *pareciam* ser pegajosos, mas eles não eram — e então ela deu um grito primordial e tirou com ambas as mãos aquelas coisas feias que estavam atacando-a. Elas deram lugar a uma pele coberta com manchas vermelhas e sua camiseta rasgada no ombro.

— Os amuletos não estão funcionando. — Ela gritou para Meredith.

Meredith estava acima da cabeça balançante da cobra-verme, esfaquiando-a e apunhalando-a até que chegasse ao centro. Sua voz estava abafada:

— Não temos amuletos o suficiente, de qualquer forma! Há muitas dessas larvas. É melhor corrermos. Um instante mais tarde, Stefan gritou:

— Todos saíam daqui! Há alguma coisa sólida lá dentro!

— É isso o que eu estou tentando dizer! — Meredith gritou de volta. Freneticamente, Matt berrou:

— Cadê a Misao?

A última vez que Elena a havia visto, ela estava tremendo e mergulhando na massa escura e segmentada.

— Se foi. — Ela gritou de volta. — Cadê a Sra. Flowers?

— Na cozinha. — Disse uma voz atrás dela.

Elena deu uma olhadela para trás e viu a velha senhora com ervas em ambas as mãos.

— Ok. — Stefan gritou. — Todo mundo dê alguns passos para trás. Vou acertá-los com Poder. Façam isso... Agora!

Sua voz parecia uma chicotada. Todo mundo deu um passo para trás, até mesmo Meredith, que estava examinando a cobra com sua estaca.

Stefan fechou a mão em torno do nada, em torno do ar, e ele virou-se para a luz de energia brilhante e cintilante. Ele atirou à queima-roupa na cobra feita de vermes.

Houve uma explosão, e então, de repente, estava chovendo vermes. Elena tinha seus dentes fechados, de modo a evitar que ela gritasse. Os corpos ovais e translúcidos dos vermes se abriram no chão da cozinha como ameixas duras, ou coisa pior. Quando Elena se atreveu a olhar para cima novamente, ela viu uma mancha preta no teto.

Embaixo dela, sorrindo, estava Shinichi.

Meredith, rápida com um relâmpago, tentou enfiar-lhe a estaca. Mas Shinichi foi mais rápido, saindo de seu caminho, esquivando de sua estocada, e das outras que vieram.

— Vocês, humanos — Ele disse. —, são todos iguais. Todos estúpidos. Quando a Meia-Noite finalmente chegar, vocês verão o quão idiotas foram.

Ele disse "Meia-Noite" como se estivesse dizendo "o Apocalipse".

— Fomos espertos o bastante para descobrirmos que vocês não eram o Stefan. — Matt disse por detrás de Shinichi. Shinichi revirou os olhos.

— E me colocaram em um cômodo cheio de *madeira*. Vocês nem ao menos conseguem lembrar que os kitsune controlam todas as plantas e árvores? As paredes estão cheias de larvas malach agora, saibam disso. Completamente infestadas. Seus olhos brilharam... E ele deu uma olhadela para trás, Elena percebeu, olhando para a porta aberta da dispensa. Seu medo aumentou ao mesmo tempo em que Stefan gritou:

— Saíam daqui! Vamos para fora da casa! Para algum lugar seguro!

Elena e Meredith encararam-se, paralisadas. Elas eram de equipes diferentes, mas não pareciam ser capazes de se separarem.

Então, Meredith se esqueceu disso e virou-se de volta para a cozinha para ajudar a Sra. Flowers. Matt já estava lá, fazendo a mesma coisa.

E então, Elena se encontrou arrastando seus pés e movendo-se rapidamente. Stefan estava com ela e ambos corriam para a porta da frente.

À distância, ela ouviu Shinichi gritar:

— Me tragam os ossos deles!

Um dos vermes que Elena tirou de seu caminho explodiu e Elena viu algo rastejar, tentando sair dali.

Aqueles eram os verdadeiros malach, ela percebeu. Pequenas versões daquele que havia engolido o braço de Matt e deixou aqueles grandes e profundos arranhões quando ele o puxou de volta.

Ela percebeu que havia um preso nas costas de Stefan.

Ousada e furiosa, ela pegou aquilo próximo aos pés e o puxou, arrancando-o implacavelmente apesar de Stefan ofegar de dor. Quando aquilo se soltou, ela teve o vislumbre do que parecia ser dezenas de dentes de criancinha no lado inferior. Ela jogou aquilo contra uma parede enquanto eles alcançavam a porta da frente.

Lá, eles quase colidiram com Matt, Meredith e a Sra. Flowers, que saíram da escuridão. Stefan escancarou a porta e, quando todos passaram, Meredith bateu-a com força. Alguns malach — larvas gosmentas e alguns voadores — saíram junto com eles.

— Onde é seguro? — Debateu Meredith. — Quero dizer, realmente seguro, seguro por alguns dias?

Nem ela nem Matt haviam impulsionado a Sra. Flowers em relação a sua velocidade, então Elena deduziu que ela devia ser quase tão leve quanto uma palha.

Esta continua a dizer:

— Meu Deus! Ai, gracioso!

— Minha casa? — Matt sugeriu. — O quarteirão está bem ruim, mas estava tudo bem desde a última vez em a vi, e minha mãe se foi junto com a Dr.ª Alpert.

— Ok, a casa do Matt... Usando as Chaves Mestras. Mas vamos fazer isso no armazém. Eu não quero abrir esta porta da frente novamente, não importando o motivo. — Elena disse.

Quando Stefan tentou pegá-la no colo, ela sacudiu a cabeça.

— Estou bem. Corra o mais rápido que puder e destrua

qualquer malach que você ver.

Eles chegaram até o armazém, mas agora um som parecido com *vipvipvip* — um zumbido agudo que só poderia ser produzido por malach — os seguia.

— E agora? — Matt ofegou, ajudando a Sra. Flowers a se sentar na cama. Stefan hesitou.

— Você acha que a sua casa é realmente segura?

— Algum lugar é seguro? Mas lá está vazio, ou deve estar.

Enquanto isso, Meredith chamou Elena e a Sra. Flowers para um canto. Para o horror de Elena, Meredith estava segurando uma daquelas larvas menores, agarrando-a de forma que sua parte inferior estava virada para cima.

— Ai, Deus...

Elena protestou, mas Meredith disse:

— Se parecem muito com dentes de criança, não parecem? De repente, a Sra. Flowers ficou animada.

— De fato, parecem! Está dizendo que aquele fêmur que encontramos na mata...

— Sim. Aquilo era certamente humano, mas talvez não fora mastigado por humanos. *Por* crianças humanas. — Meredith disse.

— E Shinichi gritou para que os malach trouxessem para ele os nossos ossos... — Elena disse e engoliu em seco. Então, ela olhou para a larva novamente.

— Meredith, se livre logo desta coisa! Isso vai se transformar em um malach voador.

Meredith olhou ao redor do armazém sem expressão.

— Ok... Solte-o e eu o esmagarei. — Elena disse, segurando sua respiração para conter sua náusea.

Meredith soltou a coisa preta, translúcida e gorda, que explodiu com o impacto. Elena colocou seu corpo contra aquilo, mas o malach interior não foi esmagado. Em vez disso, quando ela levantou o pé, aquilo tentou escorregar para debaixo da cama. A estaca o cortou perfeitamente em dois pedaços.

— Garotos — Elena disse bruscamente para Matt e Stefan —, temos que ir *agora*. Lá fora há muitos malach voadores! Matt virou-se para ela.

— Como aquele que...

— Menores, mas idênticos àquele que te atacou, eu acho.

— Ok, aqui vai o que nós achamos — Stefan disse de um jeito que imediatamente fez com Elena ficasse inquieta. — Alguém tem que ir à Dimensão das Trevas verificar como está Bonnie. Eu acho que sou o único que pode fazer isso, desde que sou um vampiro. Vocês não poderiam entrar...

— Sim, poderíamos. — Meredith. — Com essas chaves, podemos simplesmente dizer "Nos leve até a casa de Lady Ulma na Dimensão das Trevas". Ou "Nos leve até onde Bonnie está". Por que isto não funcionaria? Elena disse:

— Ok. Meredith, Matt e a Sra. Flowers podem ficar aqui e tentarem descobrir o que é "Meia-Noite". Pelo modo como Shinichi disse, parece ser coisa ruim. Enquanto isso, Stefan e eu vamos à Dimensão das Trevas e encontramos a Bonnie.

— Não! — Stefan disse. — Eu não vou levá-la naquele lugar horrível novamente. Elena olhou para ele diretamente nos olhos.

— Você prometeu. — Ela disse, indiferente quanto as outras pessoas na sala. — Você *prometeu* nunca ir novamente a uma busca sem mim. Não importasse o tempo que levasse, não importasse o motivo. Você *prometeu*.

Stefan olhou para ela desesperadamente. Elena sabia que ele queria mantê-la a salva — mas qual mundo estava realmente a salvo agora? Ambos estavam cobertos de horror e perigo.

— De qualquer forma — Ela disse com um sorriso malicioso —, sou eu quem está com a chave.

26

— Agora, você sabe como isto é feito? — Elena perguntou à Meredith. — Você coloca a chave na fechadura e diz aonde você quer ir. Então, abra a porta e entre. É isso.

— Vocês três vão na frente — Stefan adicionou. — E rápido.

— Eu giro a chave. — Meredith disse a Matt. — Você toma conta da Sra. Flowers.

Só então Elena pensou em algo que ela não queria dizer em voz alta, somente para Stefan. Mas ele estava fisicamente próximo, então ela sabia que ele entenderia.

Sabber! Ela pensou para Stefan. *Não podemos deixá-lo com esses malach!*

Não vamos, ela ouviu a voz de Stefan dizer em sua mente. *Eu mostrei para ele o caminho até a casa de Matt, e disse para que ele fosse lá, levasse Talon e protegesse as pessoas que estão a caminho.*

Na mesma hora, Matt estava dizendo:

— Ai, meu Deus! Sabber! Ele salvou minha vida... Eu não posso simplesmente deixá-lo.

— Já cuidei disso. — Stefan lhe assegurou e Elena deu um tapinha nas costas de Matt. — Ele estará na sua casa em um instante, e se você for a algum outro lugar, ele seguirá seu rastro.

Elena transformou seus tapinhos em pequenos empurrões.

— Sejam bonzinhos!

— Quarto de Matt Honeycutt, em Fell's Church. — Meredith disse, enfiando a chave na fechadura e abrindo a porta. Ela, a Sra. Flowers e Matt atravessaram-na. A porta se fechou.

Stefan virou-se para Elena.

— Eu vou primeiro — Ele disse, sem rodeios. — Mas estarei me segurando em você. Eu não vou deixá-la.

— Nunca me deixe, nunca me deixe. — Elena sussurrou em uma imitação do "Ter pesadelos" de Misao. Então, ela se lembrou.

— Braceletes de escravos!

— O que? — Stefan disse. Então:

— Ah, eu me lembro, você me contou. Mas como é que a aparência deles?

— Iguais a quaisquer outros braceletes, mas que combinem, se possível. — Elena estava procurando pelo fundo da sala, onde os móveis foram empilhados, abrindo e fechando gavetas. — Apareçam, braceletes! Apareçam! Era para esta casa ter de tudo!

— Que tal essas coisas que você está usando em seu cabelo? — Stefan perguntou. Elena olhou para trás e ele jogou para ela um pacote com marias-chiquinhas.

— Você é um gênio! Elas nem ao menos vão machucar meus pulsos. E aqui tem duas brancas, então dá pra combinar! —

Elena disse, feliz.

Eles organizaram-se em frente á porta, com Stefan à esquerda de Elena para que ele pudesse ver o que estivesse do outro lado, antes que eles adentrassem. Ele também apertava firmemente braço esquerdo de Elena.

— Onde quer que esteja a nossa amiga Bonnie McCullough — Stefan disse, e enfiou a chave na fechadura, girando-a. Então, depois de dar a chave à Elena, ele cuidadosamente abriu a porta.

Elena não tinha certeza no que ela estava esperando. Um clarão de luz, talvez, enquanto eles viajavam entre dimensões.

Algum tipo de túnel em espiral, ou estrelas cadentes. Por fim, uma sensação de movimento. O que ela conseguiu foi vapor. Isto embebedou sua camiseta e seu cabelo umedecido.

E então, começou o barulho.

— Elena! *Eleeeeeeeeeeeeeena!* Você está aqui!

Elena reconheceu a voz, mas não pôde localizar quem gritava dentro daquele vapor.

Então ela viu uma banheira imensa feita com peças de malaquita, e uma menina com olhar assustado cuidando do braseiro ao pé da banheira, enquanto outras duas serventes, que seguravam escovas de cabelos e púmices, se encolhiam contra a outra parede.

E dentro da banheira estava Bonnie! Era óbvio que a banheira era profunda, pois Bonnie não era capaz de alcançar o fundo e então ela ficava meio que saltitando na água como um golfinho em uma apresentação para chamar atenção.

— Aí está você. — Arfou Elena.

Ela caiu de joelhos sobre um espesso tapete azul e macio.

Bonnie deu um salto espetacular e só por um momento Elena pôde sentir um corpo ensaboado e espumoso dentro de seus braços.

Então, Bonnie afundou novamente e começou a rir.

— E aquele é o Stefan? É o Stefan! Stefan, *olá! Oláááá*!

Stefan deu uma olhadela para trás, como se tentasse avaliar a situação da espuma. Ele pareceu satisfeito, virou-se ligeiramente e acenou.

— Ei, Bonnie — Ele perguntou, a voz abafada por causa do som de pingos contínuos —, onde estamos?

— É a casa de Lady Ulma! Você está seguro... Vocês todos estão seguros! — Ela virou o rostinho cheio de esperança para Elena. — Cadê a Meredith?

Elena balançou sua cabeça, pensando em todas as coisas sobre Meredith que Bonnie ainda não sabia. Bem, ela decidiu, não é hora para mencioná-las.

— Ela teve de ficar para trás, para proteger Fell's Church.

— Ah — Bonnie olhou para baixo, incomodada. — As coisas ainda estão mal, não estão?

— Você não acreditaria. É sério, é... Indescritível. É lá onde Matt, a Sra. Flowers e Meredith estão. Sinto muito.

— Não, eu só estou feliz por ver você! Ai, meu Deus, mas você está ferida.

Ela estava olhando para as feridas de pequenos dentes no braço de Elena, e o sangue em sua camiseta rasgada.

— Eu vou sair e... Ei, não, *você* deve *entrar*! A sala é grande, há muita água quente e... *Muitas roupas*! Lady Ulma até mesmo criou algumas para nós, para "quando voltássemos"!

Elena, sorrindo tranquilizadoramente para as serventes, já estava se despindo o mais rápido que podia.

A banheira, que era grande o bastante para seis pessoas nadarem, parecia luxuosa demais para se desperdiçar, ela raciocinou, e fazia sentido estar limpa quando cumprimentassem sua anfitriã.

— Vá se divertir — Ela gritou para Stefan. — Damon está aqui? — Ela adicionou em um sussurro ao lado de Bonnie, que concordou.

— Damon está aqui, também. — Elena cantarolou. — Se você encontrar Lady Ulma, diga que Elena já está indo, mas que está se lavando primeiro.

Ela não chegou a mergulhar na água rosa perolada e fumegante, mas deu um passo para frente e ficou deslizando a partir daí.

Imediatamente, ela foi imersa em um calor delicioso que se infiltrou direto em seu corpo, que fez com que seus músculos relaxassem ao mesmo tempo. Perfumes impregnavam o ar. Ela jogou o cabelo para trás e viu Bonnie rindo dela.

— Então você saiu daquele buraco e esteve aqui, mergulhada em luxúria, enquanto nós fazíamos o trabalho duro? — Elena não pôde deixar de ouvir a forma como sua voz subiu ao final, tornando-se uma pergunta.

— Não, eu fui raptada por umas pessoas, e... — Bonnie parou. — Bem... Os primeiros dias foram difíceis, mas deixa pra lá. Graças a Deus que chegamos à casa de Lady Ulma, no final. Quer uma escova de banho? Sabão que cheira a rosas?

Elena estava olhando para Bonnie com os olhos ligeiramente apertados. Ela sabia que Bonnie faria qualquer coisa por Damon. Isso incluía dar-lhe cobertura.

Delicadamente, durante o tempo em que apreciava as escovas, unguentos e muitos outros tipos de sabonetes colocados em uma prateleira para fácil acesso, ela começou sua investigação.

* * *

Stefan saiu da sala cheia de vapor antes que ficasse encharcado. Bonnie estava a salvo e Elena estava feliz. Ele descobriu que havia entrado em outro quarto, no qual havia um grande número de sofás feitos de um material macio e esponjoso. Para secarem cabelo? Fazer massagem? Quem saberia?

A próxima porta que ele entrou tinha lanternas a gás que estavam acesas o bastante para dar luz ao local. Aqui havia mais três sofás — ele não tinha ideia para quê serviam —, um espelho comprido e prateado, e mais espelhos em frente a cadeiras. Obviamente, um lugar para maquiagem e embelezamento.

Este último quarto se abria para um corredor. Stefan deu um

passo para fora e hesitou, espalhando pequenas partes de seu Poder em direções diferentes, na esperança de encontrar Damon antes que Damon o encontrasse.

A Chave Mestra havia provado que superava o fato de que ele não havia sido convidado ali. Isso significava que ele poderia... Naquele instante, ele teve uma resposta e retirou a sonda imediatamente, assustado. Ele olhou para o longo corredor. Ele podia ver Damon, passeando dentro de um quarto, no final do corredor, falando com alguém que Stefan não pôde ver por detrás da porta.

Stefan rastejou silenciosamente pelo corredor, à espreita. Ele chegou à porta, sem que seu irmão notasse, e lá viu que a pessoa com quem Damon estava falando era uma mulher que vestia o que parecia ser uma calça de camurça e camiseta, grudada ao corpo, e uma aura que parecia englobar toda a cidade, não somente aquele quarto.

Damon estava dizendo:

— Certifique-se de que há roupas quentes o suficiente para a garota. Ela não é do tipo fortinha, você sabe...

— Então, para onde você está levando ela... E por quê? — Stefan perguntou, encostando-se ao batente da porta.

Ele teve sorte — desta vez — de ter pegado Damon de guarda-baixa. Seu irmão olhou para cima, e então retraíu-se como um gato assustado. Damon tentou se recompor, até que decidiu usar a máscara de amabilidade ausente.

Stefan deduziu que ninguém nunca tinha colocado tanto esforço para caminhar até uma cadeira, sentar-se e se *forçar* a relaxar.

— Ora, ora! Maninho! Você veio dar uma visitinha! Que... Legal. É uma pena, porém, que eu esteja praticamente saindo pela porta em uma jornada, e não há quartos para você.

Então, a mulher com roupa colada, que estava fazendo anotações — e que levou um susto quando Stefan entrou no quarto —, falou:

—Ah, não, meu lorde. Os thurgs não vão se importar com o peso extra deste cavaleiro. Provavelmente, eles nem notarão. Se a mala dele estiver pronta até amanhã, você pode começar de manhã cedinho, como planejado.

Damon deu o seu melhor olhar de “cale a boca ou morra”. Ela se calou.

Com os dentes cerrados, Damon conseguiu dizer:

— Esta é Pelat. Ela é a coordenadora da nossa pequena expedição. Olá, Pelat. Adeus, Pelat. Você pode ir.

— Como quiser, meu lorde.

Pelat inclinou-se e saiu.

— Você não está levando esta coisa de "meu lorde" um pouquinho longe demais? — Stefan perguntou. — E *o que* é esta fantasia que você está vestindo?

— É o uniforme de capitão da guarda da Madame le Princess Jessalyn D'Aubigne. — Damon disse friamente.

— Você tem um *emprego*?

— É uma *posição*. — Damon arreganhou os dentes. — E nada disto é da sua conta.

— Conseguiu seus caninos de volta, também, posso ver.

— E isso também não é da sua conta. Mas se você *quiser* que eu pise sobre o seu corpo de morto-vivo, eu o farei com prazer. Algo estava errado, Stefan pensou. Damon já devia ter passado da fase dos insultos e ido pisar nele neste instante. Só fazia sentido se...

— Eu já conversei com Bonnie. — Ele disse. E falou mesmo, para perguntar onde ele estava. Mas para uma mente culpada, muitas vezes a presciência fazia maravilhas.

Damon apressadamente disse o que Stefan esperava que ele não dissesse.

— Eu posso explicar!

— Ai, Deus. — Stefan disse.

— Se ela tivesse feito o que eu dissera para ela...

— Enquanto você esteve fora, virando capitão da guarda de uma princesa? E ela estava... Onde?

— Ela estava a salvo, pelo menos! Mas, não, ela tinha que sair na rua e então entrar naquela loja...

— Impressionante! Ela saiu na rua? Damon rangeu os dentes.

— Você não sabe como são as coisas por aqui... Ou como funciona o comércio de escravos. Todo dia... Stefan bateu as duas mãos sobre a mesa, agora verdadeiramente zangado.

— Ela foi pega por traficantes de *escravos*? Enquanto você estava curtindo com uma *princesa*?

— A Princess Jessalyn não é deste tipo. — Damon disse

friamente. — Nem eu. E, de qualquer forma, tudo acabou bem, pois agora sabemos onde os Sete Tesouros Kitsune estão.

— Que tesouros? E quem se importa com tesouros quando há uma cidade sendo destruída por kitsune? Damon abriu sua boca, fechou-a, então olhou estreitamente para Stefan.

— Você disse que falou com Bonnie a respeito de tudo isso.

— Eu *falei* mesmo com a Bonnie. — Stefan disse, sem rodeios. — Eu disse olá.

Os olhos de Damon queimaram. Por um momento, Stefan pesou que ele estava prestes a rosnar ou começar uma briga. Mas então, com os dentes cerrados, ele disse:

— Isso tudo é por causa daquela maldita cidade, não entende? Aqueles tesouros incluem a maior Esfera Estelar já preenchida com Poder. E aquele Poder pode ser o suficiente para salvar Fell's Church. E acabar de uma vez por todas com aquela aniquilação. Talvez, até matar cada malach que existe e destruir Shinichi e Misao, só com um sopro. É nobre o suficiente para você, maninho? É motivo o suficiente?

— Mas levar Bonnie...

— Você pode ficar aqui com ela se quiser! Vivam suas vidas aqui! Devo mencionar que sem ela eu não teria sido capaz de fazer essa expedição, e que ela está determinada a ir. Além disso, não vamos voltar da mesma forma. Tem que ter uma rota mais fácil da Casa de Portais até a Terra. Não sobreviveríamos se tentássemos voltar, então é melhor rezarmos para que haja um jeito.

Stefan estava surpreso. Ele nunca havia ouvido seu irmão falar com tanta paixão sobre algo que envolvesse humanos. Ele estava prestes a responder, quando atrás dele veio um grito de pura raiva. E estava com medo... E preocupado, também, por que Stefan reconheceria aquela voz em qualquer lugar, a qualquer hora. Era a voz de Elena.

27

Stefan virou-se e viu Bonnie, com apenas uma toalha enrolada em torno dela, tentando conter Elena fisicamente, que estava igualmente vestida. Algo fez com que ela saísse da banheira e corresse diretamente para o corredor.

Stefan ficou surpreso com a reação de Damon. Havia uma faísca de preocupação naqueles olhos infinitamente negros, que tinham permanecido impassíveis assistindo a mil desastres, calamidades e crueldades?

Não, não podia ser. Mas certamente parecia isso mesmo.

Elena estava se aproximando. Sua voz soou claramente através do corredor, que era espaçoso o suficiente para lhe dar um ligeiro eco.

— Damon! *Estou te vendo*! Espere aí, neste lugar... *Estou indo matar você*!

Desta vez, a oscilação era inconfundível. Damon olhou para a janela, que estava parcialmente aberta.

Enquanto isso, Bonnie tinha perdido a luta e Elena estava correndo como uma gazela pelo escritório. Seus olhos, no entanto, não se pareciam como tal. Stefan os viu brilharem perigosamente enquanto Elena se esquivava dele — principalmente porque ele não se atreveu a agarrá-la pela toalha, e qualquer outra parte dela estava escorregadia.

Elena estava enfrentando Damon, que havia levantado de sua cadeira.

— Como você *pôde*? — Ela gritou. — *Usar* Bonnie deste jeito... Influenciá-la, drogá-la... Tudo para conseguir aquilo que não te pertencia! Usar quase todo o Poder que sobrou na Esfera Estelar de Misao... O que você pensou que Shinichi faria quando você fez isso? Ele veio atrás de nós, foi isso o que ele fez... E vai saber se a pensão ainda continua em pé?

Damon abriu sua boca, mas Elena ainda não terminara.

— E então trazer Bonnie à Dimensão das Trevas com você... Eu

não me importo se você queria ou não desperdiçar uma abertura do Portal. Você *sabia* que não devia trazê-la para cá.

Damon estava nervoso agora.

— Eu...

Mas Elena o cortou sem nem ao menos hesitar.

— Então, uma vez que você a trouxe aqui, você a abandonou. Você a deixou com medo, sozinha, em um quarto onde ela nem tinha permissão de olhar pela janela, com uma coleção de Esferas Estelares que você nem ao menos se deu ao trabalho de examinar... Que são completamente impróprias e fez com que ela tivesse pesadelos! Você...

— Se a idiotinha tivesse o bom senso de aguardar quietamente...

— O quê? *O quê você disse*?

— Eu disse: "Se a idiotinha tivesse o bom senso de aguardar..."

Stefan, que já estava em movimento, fechou os olhos por alguns instantes. Abriu-os a tempo de ver o tapão e sentir Elena colocando toda sua força nele. Isso fez com que a cabeça de Damon girasse.

O que o surpreendeu — apesar de ele se posicionar para o caso de isso acontecer — era ver a mão de Damon se levantar tão rapidamente quanto uma cobra prestes a atacar. Não houve reação, mas Stefan já havia pegado Elena pela cintura e a levando a certa distância.

— Me solta! — Elena gritou, lutando para sair dos braços de Stefan, ou ao menos colocar seus pés no chão. — Eu vou *matá-lo*!

A próxima coisa surpreendente — interrompendo a fúria cega que Stefan pôde sentir percorrendo pela aura de Elena — era que Elena estava realmente ganhando a luta, apesar do fato de que ele era bem mais forte do que ela. Parte disso tinha a ver com a toalha, que estava ameaçando cair a qualquer momento. A outra parte era que Elena tinha adquirido um estilo único de luta para oponentes mais fortes — pelo menos, aqueles que tinham consciência. Ela se atirou deliberadamente contra qualquer ponto que pudesse machucá-la e detê-la, e ela não desistiu. Eventualmente, ele teria de escolher entre machucá-la ou soltá-la.

Neste instante, porém, Elena parou de se mexer. Ela congelou, a cabeça virada enquanto ela olhava para trás dele. Stefan olhou para

lá também, e sentiu um choque elétrico percorrer através dele.

Bonnie estava parada diretamente atrás deles, olhando para Damon, seus olhos entreabertos em angústia, lágrimas em seus grandes olhos castanhos escorriam por seus rosto.

Instantaneamente, antes mesmo que ele pudesse registrar o olhar suplicante de Elena, Stefan a soltou. Ele entendia: seu humor e sua dinâmica da situação haviam mudado.

Elena ajustou sua toalha e virou-se para Bonnie, mas então Bonnie estava correndo corredor afora. Os passos longos de Elena lhe permitiram chegar até Bonnie rapidamente, e ela segurou a menina e a abraçou, não com muita força, mas com um magnetismo fraternal.

— Não ligue para aquela *cobra* — A voz de Elena voltou a ser clara, como se ela quisesse fazer isso mesmo. — Ele é um... E aqui, Elena soltou alguns palavrões bem criativos.

Stefan pôde ouvir tudo isso de uma forma clara e notou que as palavras se transformaram em pequenos sussurros enquanto Elena virava-se para o salão de banho.

Stefan olhou de soslaio para Damon. Ele não se importaria em brigar com seu irmão neste instante; ele estava cheio de raiva em nome de Bonnie. Mas Damon o ignorou como se ele fosse parte do papel de parede, olhando para o nada com uma expressão de fúria gélida.

Neste momento, Stefan ouviu um som fraco de lá do fim do corredor, que estava a uma distância razoável. Mas seus sensores de vampiro o informaram que certamente a pessoa era uma mulher que, consequentemente, devia ser sua anfitriã. Ele adiantou-se para que, pelo menos, ela pudesse ser recebida por alguém que estivesse usando roupas.

De qualquer forma, no último instante, Elena e Bonnie apareceram na frente dele, usando vestidos — robes, na verdade — que eram casuais e feitos por um gênio. O de Elena era um robe informal de lápis-lazúli profundo, com seus cabelos secando em uma massa macia e dourada ao redor de seus ombros. Bonnie estava vestindo algo mais curto e mais brilhante: violeta pálida, com tiras em formato de fios prateados, sem nenhum padrão específico. Ambos os trajes, Stefan compreendeu de repente, ficariam tão bem à luz do Sol interminável quanto em uma sala fechada, sem janela e com

lâmpadas a gás.

Ele lembrou-se das histórias que Elena havia contado sobre Lady Ulma projetar vestidos para ela, e ele percebeu que, o que quer que sua anfitriã fosse, ela era um gênio na costura.

E então Elena estava correndo, suas delicadas sandálias de ouro à mostra, os chinelos de prata de Bonnie a seguiam, e Stefan começou a correr também, temendo algum perigo desconhecido.

Eles todos chegaram ao fim do corredor ao mesmo tempo, e Stefan viu que a mulher parada lá estava vestida ainda mais esplendorosamente do que as garotas.Ela estava usando um vestido de seda vermelho escuro com um pesado colar de diamantes e rubis e vários anéis — mas sem nenhum bracelete.

No próximo minuto, ambas as garotas estavam fazendo reverência: uma profunda e graciosa reverência. Stefan fez o sua melhor mesura.

Lady Ulma estendeu as duas mãos para Elena, que parecia estar quase frenética por algo que Stefan não entendia. Elena estendeu as mãos, respirando rápida e superficialmente.

— Lady Ulma... Você está tão magra...

Só então o balbuciar de um bebê pôde ser ouvido. O rosto de Elena se iluminou e ela sorriu para Lady Ulma, deixando escapar um suspiro. Uma jovem funcionária — mais jovem que Bonnie — gentilmente colocou um pacotinho minúsculo nos braços de Lady Ulma. Tanto Elena quanto Bonnie piscaram para soltarem as lágrimas, o tempo todo sorrindo para a criança e fazendo barulhinhos sem sentido. Stefan podia compreender isso: elas conheciam Lady Ulma desde que ela era uma escrava que apanhava de chicote, tentando fazer de tudo para não abortar.

— Mas *como*...? — Elena começou a balbuciar. — Vimos você há alguns dias atrás, mas este bebê parece já ter meses de idade...

— Alguns dias? Só isso é que parece para vocês? — Perguntou Lady Ulma. — Para nós, se passaram alguns meses. Mas a magia ainda funciona, Elena! Sua magia permaneceu! Foi um parto fácil... Bem fácil! E então o Dr. Meggar disse que você me salvou antes que ela sofresse algum prejuízo por causa dos abusos que passei. Ela já está até tentando falar! É você, Elena, e sua magia!

Nisso, Lady Ulma fez um movimento como se fosse se ajoelhar

aos pés de Elena. Porém, ela não desceu mais que alguns centímetros, porque Elena pegou suas mãos, gritando: "Lady Ulma, não!" enquanto Stefan, na sua melhor velocidade, correu para o lado da servente e pegou a mulher pelos ombros, suportando seu peso.

— E eu não sou mágica — Elena adicionou. — Stefan, diz para ela que eu não sou mágica. Obedientemente, Stefan inclinou-se à altura do ouvido da mulher.

— Elena é a mais mágica que eu já encontrei. — Ele sussurrou. — Ela tem Poderes que nem eu posso entender.

— *Ahh*!

Elena fez uma exclamação muda de frustração.

— Sabe como eu vou chamá-la? — Lady Ulma continuou. Seu rosto, se não fosse convencionalmente bonito, seria impressionante, com uma combinação de nariz romano aristocrático e maçãs do rosto salientes.

— Não. — Elena sorriu. E então:

— Não! — Elena gritou. — Por favor! Não a condene a uma vida de expectativas e de terror. *Não* faça com que ela sofra enquanto ainda for uma criança. Oh, Lady Ulma!

— Mas, minha amada salvadora...

Em seguida, Elena começou a pensar. Uma vez que ela tomou conta da situação, não havia como as coisas acontecerem de forma diferente.

— Lady Ulma — Ela disse claramente —, me desculpe por interferir em seus assuntos. Mas Bonnie me contou...

Ela parou, hesitando.

— Sobre as jovens fortes e esperançosas, a maioria pobre ou escravizada, que colocaram em si mesmas um dos nomes das três mulheres mais corajosas que já passaram pelo nosso mundo. — Lady Ulma terminou por ela.

— Algo parecido com isso. — Elena disse, corando.

— Ninguém adquiriu o nome "Damon" — Apontou uma jovem enfermeira de bom grado e com boa vontade. — Nem garotos *ou garotas*.

Stefan poderia tê-la beijado.

— Oh, Lakshmi! — Elena abraçou a adolescente de aparência alegre. — Eu nem pude colocar meus olhos em você

apropriadamente. Deixe-me olhar para você. — Ela segurou a menina pelo comprimento do braço. — Sabia que você cresceu no mínimo meio centímetro desde a última vez em que te vi?

Lakshmi sorriu.

Elena virou-se de volta para Lady Ulma.

— Sim, eu temo por essa criança. Por que não a chama de Ulma? A mulher aristocrata meio que fechou os olhos.

— Porque, minha amada Elena, Helena, Aliena, Alliana, Laynie, Ella... Eu não desejaria que ninguém se chamasse "Ulma", muito menos minha adorável filha.

— Por que não a chama de Adara? — Lakshmi apontou de repente. — Eu sempre achei esse nome bonito, desde que era criança.

Houve um silêncio — um silêncio quase espantoso. Então, Elena disse:

— Adara... É um nome *adorável*.

— E nem um pouco perigoso. — Bonnie disse. Stefan disse:

— Não iria detê-la de começar uma revolução, se ela quisesse.

Houve uma pausa. Todos olhavam para Damon, que estava olhando para fora da janela, sem expressão. Todos esperaram. Ele finalmente virou-se.

— Ah, excelente. — Ele disse vagamente, claramente sem ter ideia, ou interesse, no que eles estavam falando.

— Ah, qual é, Damon — Os olhos de Bonnie ainda estavam inchados, mas ela falou intensamente. — Dê o voto unânime! Assim, Lady Ulma terá certeza.

Bom Deus, Stefan pensou, ela deve ser a garota mais tolerante do universo.

— Pode ser, então. — Damon disse indiferentemente.

— Nos perdoe. — Elena disse firmemente para a sala em geral. — *Todos* nós passamos por tempos difíceis. Isso deu à Lady Ulma uma deixa.

— É claro que sim. — Ela disse, dando um sorriso de quem conhecia o sofrimento implacável. — Bonnie nos disse sobre a destruição da sua cidade. Eu sinto muitíssimo. O que vocês precisam agora é de comida e descanso. Eu pedirei a alguém que os leve até seus quartos.

— Eu devia ter apresentado o Stefan logo no início, mas estava

tão preocupada que esqueci. — Elena disse. — Stefan, esta é Lady Ulma, que foi muito boa para nós. Lady Ulma... Bem, você sabe quem ele é.

Ela foi na ponta dos pés para beijar Stefan demoradamente. Demoradamente o bastante para que Stefan tivesse de se afastar dela gentilmente, colocando-a no chão. Ele estava quase assustado com essa exibição de maus modos. Elena estava *realmente* irritada com Damon. E se ela não o perdoasse, as coisas só iriam piorar — e ele tinha razão: Elena estava perto de ser capaz de acionar as *Asas da Destruição*.

Ele nem ao menos considerou em pedir a Damon que se desculpasse com todos. Depois que as meninas tinham sussurrado novamente algumas coisinhas para a bebê, eles foram conduzidos para câmaras com camas luxuosas, cada uma mobiliada com excelente gosto, até as menores decorações. Como de costume, porém, eles se reuniram em um quarto, que passou a ser de Stefan.

Havia espaço mais que suficiente na cama para os três poderem sentar ou rolar. Damon não estava presente, mas Stefan podia apostar sua vida de morto-vivo que ele estava ouvindo tudo.

— Certo — Elena disse rapidamente, e entrou no modo de contar histórias.

Ela explicou à Bonnie tudo que havia acontecido para eles conseguirem as Chaves Mestras de Shinichi e Misao, até que chegaram ao salão de banho de Lady Ulma.

— Ter tanto Poder sendo tirado de você de repente...

Bonnie tinha sua cabeça baixa, e não foi difícil adivinhar em quem ela estava pensando. Ela olhou para cima.

— Por favor, Elena. Não fique tão irritada com Damon. Eu sei que ele fez algumas coisas ruins... Mas ele tem estado tão infeliz...

— Isso não é desculpa — Elena começou. — E, francamente, eu...

Elena, não! Não diga a ela que você tem vergonha dela por aturar isso! Ela já está se sentindo humilhada!

— Fiquei surpresa. — Elena disse com a menor hesitação. — Eu sei que ele se importa muito com você. Ele até te deu um apelido: passarinho.

Bonnie fungou.

— Você sempre disse que apelidos são idiotas.

— Bem, mas eu quis dizer nomes tipo... Oh... Se ele te chamasse de "Bonbon" ou algo do gênero. A cabeça de Bonnie se ergueu.

— Esse nome seria bom para um bebê. — Ela disse, com ligeiro sorriso, como um arco-íris após uma tempestade.

— Ah, sim, ela não é adorável? Nunca vi um bebê tão feliz. Margaret costumava te olhar com olhos bem abertos. Adara... Se ela *for* Adara... Deve ter uma bela vida.

Stefan recostou-se na cabeceira. Elena tinha a situação sob controle.

Agora ele poderia se preocupar onde Damon estava indo. Depois de um momento, ele voltou a erguer a cabeça e encontrou Bonnie falando sobre o tesouro.

— E eles continuaram me perguntando e perguntando e perguntando e eu não podia entender o porquê, sendo que a Esfera Estelar com a história dentro dela ainda estava lá. Só que a história sumiu... Damon checou. Shinichi estava prestes a me jogar pela janela, e foi aí quando Damon me salvou, e os Guardiões me perguntaram sobre a história também.

— Que estranho — Stefan disse, sentado e alerta. — Bonnie, me diga como você primeiramente sentiu essa história: onde você estava e tudo o mais.

Bonnie disse:

— Bem, primeiro eu vi uma história sobre uma menininha chamada Marit indo comprar um bombom... Por isso que eu tentei fazer a mesma coisa no dia seguinte. E então eu fui para cama, mas não conseguia dormir. Assim, eu peguei a Esfera Estelar novamente e ela me mostrou a história sobre os tesouros kitsune. As histórias foram mostradas em ordem, então *tinha* que estar naquela depois da loja de doces. E então, de repente, eu estava fora do meu corpo, e estava voando com Elena para dentro do carro de Alaric.

— Você fez algo entre ver a história e ir para a cama? — Stefan perguntou. Bonnie pensou; sua boca rosada franzida.

— Eu devo ter desligado a lâmpada a gás. Toda noite eu a desligava para que soltasse somente um lampejo.

— E você ligou-a novamente quando você não conseguiu dormir e alcançou a Esfera Estelar novamente?

— H'm... Não. Mas elas não são livros! Você não precisa ver para experimentar a história.

— Não foi isso que eu quis dizer. Como você encontrou a Esfera Estelar naquele quarto escuro? Era a única Esfera Estelar perto de você?

As sobrancelhas de Bonnie se juntaram.

— Bem... Não. Havia vinte e seis. As duas outras eram hediondas demais; eu as joguei um canto. Vinte e cinco eram novelas... Bem chatas. Eu não tinha prateleiras ou outra coisa para colocá-las.

— Bonnie, você quer saber o que *eu* acho que aconteceu? Bonnie piscou e concordou.

— Eu acho que você leu uma história para crianças e então foi para cama. E então você caiu no sono bem rapidamente, embora você tenha sonhado que você estava acordada. Então você teve uma premonição... Bonnie gemeu.

— Outra daquelas? Mas não havia ninguém para quem eu pudesse contar!

— Exatamente. Mas você queria contar a alguém, e esse anseio trouxe você... Seu espírito... Onde Elena estava. Mas Elena estava tão preocupada em ter uma conversinha com Alaric que *ela* teve uma experiência fora do corpo. Ela estava dormindo também, tenho certeza disso.

Stefan olhou para Elena.

— O que você acha de tudo isso?

28

Elena estava concordando bem devagar.

— Isso poderia explicar com o que aconteceu comigo. Estava sozinha na minha experiência fora de corpo, mas então vi Bonnie ao meu lado. Bonnie mordeu seu lábio.

— Bem... A primeira coisa que *eu* vi foi Elena e onde estávamos voando. Eu estava um pouco atrás dela. Mas, Stefan, por que você acha que caí no sono e dormi a história inteira? Por que a minha versão não pode ser a verdadeira?

— Porque eu acho que a primeira coisa que você faria seria acender a luz... Se você realmente estivesse deitada, acordada. Caso contrário, você poderia ter pegado uma novela... Bem chata!

Por fim a testa de Bonnie se suavizou.

— Isso explicaria por que ninguém acreditou em mim quando eu contei exatamente onde a história estava! Mas por que eu não contei à Elena sobre o tesouro?

— Eu não sei. Mas, às vezes, quando você acorda... E eu acho mesmo que você acordou para ter a experiência fora do corpo... Você se esquece do sonho se algo interessante está acontecendo. Mas então você deve se lembrar dele mais tarde, se algo faz com que você pense nele.

Bonnie olhou para longe, pensativa. Stefan estava em silêncio, sabendo que só ela poderia desvendar este enigma. Por fim, Bonnie concordou.

— Pode ser isso mesmo! Eu acordei e a primeira coisa que eu pensei foi na loja de doces. E depois disso eu nunca mais pensei no sonho sobre o tesouro até que alguém me perguntou a respeito de histórias. E ela simplesmente apareceu na minha cabeça.

Elena puxou a colcha de veludo azul-verde de uma maneira que o transformou em verde, para então transformá-lo na cor azul.

— Eu estava prestes a proibir Bonnie de ir nesta expedição. — Ela, a escrava que não tinha uma jóia em seu corpo, exceto pelo

pingente de Stefan que pendia em uma corrente fina em volta do pescoço, e era bem mais simples que o robe, disse. — Mas se isto for algo que *temos* de fazer, eu preferiria falar com Lady Ulma. Parece que o tempo é precioso.

— Lembre-se: o tempo que passa aqui é diferente do que passa na Terra. Mas devemos sair pela manhã. — Bonnie disse.

— Então, eu definitivamente preciso falar com ela... Neste instante. Bonnie pulou, animada.

— Eu vou ajudar.

— Espere — Stefan colocou sua mão gentilmente no braço de Bonnie. — Eu tenho que dizer isso. Eu acho que você é um milagre, Bonnie!

Stefan sabia que seus olhos deviam estar brilhando de um jeito que mostrasse que ele não podia conter sua animação. Apesar do perigo... Apesar dos Guardiões... Apesar de tudo... Até mesmo da Esfera Estelar... Cheia de Poder!

Ele deu um súbito abraço impetuoso em Bonnie, tirando-a da cama girando-a no ar antes de colocá-la no chão novamente.

— Você e suas profecias!

— Oooh... — Bonnie disse atordoada, olhando para ele. — Damon estava animado, também, quando eu disse a ele sobre o Portal dos Sete Tesouros.

— E você sabe por que, Bonnie? Porque *todos* já ouviram falar sobre esses sete tesouros... Mas *ninguém* tinha ideia de onde eles estavam... Até que você sonhou com eles. Você sabe exatamente onde eles estão?

— Sim, se a profecia for verdadeira. — Bonnie estava corada de prazer. — E você concorda que aquela Esfera Estelar gigante salvará Fell's Church?

— Eu apostaria minha vida nisto!

— Woo-hoo! — Gritou Bonnie, erguendo os punhos. — Vamos nessa!

— Entenda — Elena estava dizendo —, vamos precisar do dobro de tudo. Não sei como podemos começar amanhã.

— Ei, ei, Elena. Como descobrimos, onze meses atrás, quando vocês se foram, todo trabalho pôde ser feito rapidamente enquanto convocávamos mãos o suficiente. Agora, eu sou a empregadora

regular de todas aquelas mulheres que costumávamos chamar para fazer vestidos para os seus bailes.

Enquanto Lady Ulma falava, ela rapida e graciosamente tirou as medidas de Elena — por que fazer apenas uma coisa quando você pode fazer duas ao mesmo tempo?

— Ainda do mesmo jeito desde a última vez em que te vi. Você deve levar uma vida bem saudável, Elena. Elena riu.

— Lembre-se, para nós se passaram somente alguns dias.

— Ah, sim.

Lady Ulma riu, também, e Lakshmi, que estava sentada em um banquinho, entretendo a bebê, fez o que Elena soube que era um último apelo.

— Eu poderia ir com vocês. — Ela disse sinceramente, olhando para Elena. — Eu posso fazer todos os tipos de coisas úteis. E eu sou durona...

— Lakshmi — Lady Ulma disse gentilmente, mas em uma voz que mostrava autoridade. —, nós já estamos dobrando o tamanho do guarda-roupa para acomodar Elena e Stefan. Você não gostaria de tomar o lugar de Elena, não é?

— Ah, não, não. — A jovem disse às pressas. — Ah, bem — Ela disse. —, eu tomarei conta da pequena Adara para que ela não te incomode enquanto você supervisiona as roupas de Elena e Stefan.

— Obrigada, Lakshmi — Elena disse de coração, notando que Adara parecia ser o nome oficial da bebê.

— Bem, não podemos fazer com que as roupas de Bonnie caibam em você, mas podemos chamar reforços e teremos uma série completa de roupas prontas para você e Stefan de manhã. São só alguns couros e peles para deixá-los aquecidos. Utilizamos as peles dos animais no norte.

— Elas não vêm de filhotes de animais agradáveis e fofinhos. — Bonnie disse. — Vêm de coisas cruéis e desagradáveis que são usadas para treinamento, ou elas podem vir de outra dimensão e atacar todas as pessoas na periferia do norte daqui. E quando elas finalmente são mortas, os caçadores de recompensa vendem o couro e peles para Lady Ulma.

— Ah, bem... Que bom. — Elena disse, decidindo não fazer um discurso aos direitos dos animais agora.

A verdade era que ela ainda estava trêmula com suas ações — suas reações — contra Damon. Por que ela tinha que agir daquele jeito? Foi só um modo de extravasar a pressão? Ela ainda podia sentir como se ela pudesse machucá-lo por levar a coitada da Bonnie, deixando-a sozinha logo em seguida. E... E... Por levar a pobrezinha da Bonnie... *E não ter levado ela*!

Damon devia odiá-la agora, ela pensou, e de repente o mundo fez um movimento doentio e fora do controle, como se ela estivesse tentando se equilibrar em uma gangorra. E Stefan... O que mais ele poderia pensar a não que ela era uma mulher desprezada, com o tipo de fúria que não havia nem no inferno? Como ele pôde ser tão gentil, tão carinhoso, quando todos teriam o direito de pensar que ela só havia ficado brava por causa do ciúme? Bonnie também não entendia. Bonnie era uma menina, não uma mulher. Apesar, apesar de ela ter amadurecido, de alguma forma... Na bondade, na compreensão. Ela era deliberadamente cega, assim como Stefan. Mas... Isso não significava que a pessoa tinha maturidade?

Será que Bonnie podia ser mais mulher do que ela, Elena?

— Mandarei um jantar privado para os seus quartos. — Lady Ulma estava dizendo, enquanto ela rápida e habilmente usava a fita métrica em Stefan. — Vocês precisam de uma boa noite de sono; os thurgs... E os guarda-roupas... Estarão esperando amanhã de manhã.

Ela sorriu para todos eles.

— Eu poderia... Quer dizer, há um pouco de Black Magic? — Elena tropeçou. — Que animação... Vou dormir sozinha no meu quarto. Quero ter uma boa noite de sono. Vamos em uma jornada, sabia?

Era a verdade, mas ainda assim era uma mentira.

— Claro, eu mandarei uma garrafa para... — Lady Ulma hesitou e então rapidamente recuperou-se: — Para o seu quarto, mas por que nós todos não tomamos uma bebida agora? O tempo sempre é o mesmo lá fora — Ela adicionou para Stefan, o recém-chegado —, mas está bem tarde.

Elena bebeu seu primeiro copo de uma só vez. A servente teve que reenchê-lo imediatamente.

E novamente, um momento mais tarde. Depois disso, seus nervos pareciam relaxar um pouco. Mas o sentimento de estar em

uma gangorra não a abandonou completamente, e embora ela tenha dormido sozinha em seu quarto, Damon não a visitou para brigar com ela, zombar dela, matá-la... E certamente nem para beijá-la.

* * *

Thurgs, Elena descobriu, eram algo parecido com dois elefantes costurados juntos. Cada um tinha dois troncos que ficavam lado a lado e presas com a aparência perversa. Cada um também tinha uma alta, grande e longa cauda enrugada, como um réptil. Seus pequenos olhos amarelos foram colocados ao redor de suas cabeças abobadadas para que pudessem ver 360 graus ao seu redor, olhando para os predadores. Predadores que poderiam derrubar um thurg!

Elena imaginou uma espécie imensa de gato com dentes de sabre, branco como o leite e grande o suficiente para carregar as várias roupas dela e de Stefan. Ela ficou satisfeita com suas novas roupas. Cada uma era essencialmente uma túnica e calça, maleáveis e macias, com couro do lado de fora; e peles acolhedouras e luxuosas por dentro.

Mas elas não seriam criações genuínas de Lady Ulma se elas só fossem feitas daquilo. O macacão interior da pele branca era reversível e removível para que você pudesse mudar, dependendo do clima. Havia o triplo da espessura na área do colarinho, que era preso por trás ou poderiam ser transformado em uma scarf que tamparia o rosto até a área dos olhos. As peles brancas soltavam couro pelos pulsos para fazer luvas para que você não às perdesse.

Os garotos tinham túnicas retas de couro que acabavam onde ficavam as calças, e que se fechavam com botões. As túnicas das garotas eram mais longas e dilatavam-se um pouco. Elas eram perfeitamente franjadas, não manchadas ou tingidas, exceto pela de Damon, que, é claro, era preto com pele de zibelina.

Um thurg carregaria os viajantes e suas bagagens. O segundo, maior e com aparência mais selvagem, carregaria pedras pré-aquecidas para ajudar a cozinhar a comida dos humanos e toda a comida (que parecia feno vermelho) que dois thurgs comeriam até chegarem ao Mundo Inferior.

Pelat mostrou a eles como mover as gigantes criaturas, com o

mais leve dos toques de uma vara muito longa, que poderia arranhar um thurg por detrás das orelhas que pareciam a de um hipopótamo, ou dar um toque feroz em um ponto sensível, assinalando que era para se apressar.

— É seguro, sendo que Biratz está carregando toda a comida de thurg? Pensei ter ouvido você dizer que ela era imprevisível.

— Bonnie perguntou à Pelat.

— Ora, senhorita, eu não a daria para você se ela não fosse segura. Ela estará amarrada a Dazer, então, tudo o que ela tem de fazer é segui-lo. — Pelat respondeu.

— Vamos andar nisto? — Stefan disse, esticando o pescoço para dar uma olhada na pequena e fechada liteira em cima do animal muito grande.

— É preciso. — Damon disse sem rodeios. — Dificilmente poderíamos andar o caminho todo. Não temos permissão de usar magia como aquela Chave Mestra chique que vocês usaram para chegar aqui. Nenhuma magia, a não ser telepatia, funciona no topo da Dimensão das Trevas. Essas dimensões são planas como pratos e, de acordo com Bonnie, há uma ruptura, no extremo norte... Não tão longe daqui, em outras palavras. A rachadura é pequena para os padrões dimensionais, mas grande o bastante para nós passarmos. Se quisermos alcançar a Casa de Portais dos Sete Tesouros Kitsune, começaremos pelos thurgs.

Stefan deu de ombros.

— Certo. Faremos do seu jeito.

Pelat estava colocando uma escada. Lady Ulma, Bonnie e Elena, juntas, estavam chorando e rindo em cima da bebê. Elas ainda estavam rindo quando eles partiram.

* * *

A primeira semana foi entediante. Eles sentaram na liteira de costas para o thurg chamado Dazar, com a bússola da mochila de Elena pendurada no telhado. Eles geralmente mantinham todos os lados das cortinas da liteira enroladas, exceto a de frente para o oeste, onde o sol vermelho-sangue e envaidecido — brilhante demais para se olhar de uma grande altura — limpava os arredores da

cidade... Constantemente parado no horizonte. A visão em volta deles era terrivelmente monótona — com poucas árvores e muitos quilômetros de secas colinas marrons relvados. Nada de interessante para um não-caçador apareceu. A única coisa que mudou foi que, enquanto eles viajavam para o norte, ficava mais frio.

Foi difícil para todos eles, viver tão próximo. Damon e Elena acharam um equilíbrio — ou pelo menos a pretensão — de se ignorarem, algo que Elena jamais pensou ser possível. Damon tornou as coisas mais fáceis ao fazer um ciclo de sono diferente dos demais — o que os protegeu enquanto os thurgs marchavam dia e noite. Se ele estivesse acordado quando Elena estava, ele viajaria do lado de fora da liteira, no enorme pescoço do thurg.

Ambos tinham cabeça-dura, Elena pensou. Nenhum deles queria ser o primeiro a ceder.

Enquanto isso, aqueles que estavam dentro da liteira começaram a jogar pequenos joguinhos, como escolher ervas longas e secas ao lado da estrada e tentando tecê-las em bonecas, fazer com que voassem vassouras, chapéus e chicotes. Stefan provou ser aquele que tecia melhor, e ganhou fãs no quesito de ventiladores e vassouras voadoras.

Eles também jogaram vários tipos de jogos de carta, usando cartões feitos para reservar lugares em eventos (será que Lady Ulma pensou que eles poderiam dar uma festa no caminho?) como cartas de baralho, depois de cuidadosamente marcá-los com os quatro naipes. E, é claro, os vampiros caçaram.

Às vezes parecia que demorava tempo demais, pois os jogos eram escassos.

O Black Magic que Lady Ulma havia abastecido ajudou a esticar o tempo entre as caçadas.

Quando Damon visitou a liteira, parecia que ele estava invadindo uma festa privada e encarando de frente os anfitriões. Finalmente, Elena não pôde mais aguentar, e teve Stefan flutuando-a ao lado do thurg (olhar para baixo ou ficar subindo e descendo não eram opções) enquanto a magia de voar ainda funcionava. Ela sentou na sela ao lado do Damon e reuniu sua coragem.

— Damon, eu sei que você tem o direito de estar bravo comigo. Mas não desconte nos outros. Especialmente em Bonnie.

— Outro sermão? — Damon perguntou, dando a ela um olhar que congelaria uma chama.

— Não, é só um... Um pedido. — Ela não teve coragem de dizer "um apelo". Quando ele não respondeu e o silêncio tornou-se insuportável, ela disse:

— Damon... Nós não estamos indo em busca de um tesouro por ganância, aventura ou qualquer razão normal. Estamos indo por que precisamos salvar a nossa cidade.

— Da Meia-Noite. — Uma voz bem atrás deles disse. — Da Última Meia-Noite.

Elena se virou para olhar. Ela esperava ver Stefan segurando Bonnie fortemente. Mas era apenas Bonnie, sua cabeça somente visível, pendurada na escada do thurg.

Elena esqueceu que ela tinha medo de altura. Ela se levantou sobre o thurg balançante, preparada para descer pelo lado do Sol, caso não houvesse espaço o suficiente para Bonnie sentar-se rapidamente na sela do motorista. Mas Bonnie tinhas os quadris mais finos da cidade e havia espaço para três deles.

— A Última Meia-Noite está chegando. — Bonnie repetiu.

Elena conhecia aquela voz monótona, conhecia aquelas bochechas braço-giz, os olhos embranquecidos. Bonnie estava em transe — e estava se movendo. Devia ser urgente.

— Damon — Elena sussurrou. — Se eu falar com ela, ela sairá do transe. Você pode perguntar telepaticamente para ela o que ela quer dizer?

Um momento mais tarde ela ouviu a projeção de Damon:

O que é a Última Meia-Noite? O que vai acontecer?

— É quando tudo começa. E tudo acabará em menos de uma hora. Então, não haverá mais meias-noites.

Como é? Não haverá mais meias-noites?

— Não em Fell's Church. Não sobrará ninguém para vê-los.

E quando isso vai acontecer?

— Hoje à noite. As crianças já estão prontas.

As crianças?

Bonnie simplesmente concordou, seu olhar estava distante.

Algo vai acontecer com todas as crianças?

As pálpebras de Bonnie meio que se fecharam. Ela parecia não

ter ouvido a pergunta.

Elena precisava se segurar em alguma coisa. E de repente ela se segurou. Damon havia passado por cima do colo de Bonnie e pego sua mão.

Bonnie, as crianças farão alguma coisa à meia-noite? Ele perguntou. Os olhos de Bonnie se fecharam e ela abaixou a cabeça.

— Temos que voltar. Temos que ir à Fell's Church. — Elena disse, mal sabendo o que ela estava fazendo, soltou a mão de Damon e desceu a escada. O Sol vermelho envaidecido parecia diferente... Menor. Ela puxou a cortina e quase colidiu de frente com Stefan enquanto ele dava espaço para ela entrar.

— Stefan, Bonnie está em transe e ela disse...

— Eu sei. Eu estava escutando. Eu nem pude segurá-la enquanto ela se levantava. Ela saltou em direção à escada e subiu como um esquilo. O que você acha que ela quis dizer?

— Você se lembra da experiência fora do corpo que ela eu tivemos? Dando uma espiadinha em Alaric? É isso que vai acontecer à Fell's Church. Todas as crianças, de uma vez só, à meia-noite... É por isso que temos que voltar.

— Calma. Calma, amor. Lembra do que a Lady Ulma disse? Quase um ano se passou por aqui, enquanto no nosso mundo foram somente alguns dias.

Elena hesitou. Era verdade, ela não podia negar. Ainda assim, ela sentia-se tão fria. Fisicamente fria, ela percebeu de repente, enquanto um sopro de ar gelado girava ao seu redor, cortando seu couro como um facão.

— Precisamos de nossas peles. — Elena arfou. — Devemos estar perto da rachadura.

Eles abaixaram as cortinas da liteira, mantendo-os seguros, e, em seguida, às pressas, vasculharam o armário elegante que estava na garupa do thurg.

As peles eram tão macias que Elena pôde colocar duas com facilidade. Eles ficaram aturdidos com Damon entrando com Bonnie em seus braços.

— Ela parou de falar. — Ele disse, e adicionou: — Quando vocês estiverem aquecidos o bastante, sugiro que vocês vão lá fora.

Elena colocou Bonnie embaixo de dois bancos no interior da

liteira e empilhou vários cobertores sobre ela, prendendo-os em torno dela. Em seguida, Elena subiu novamente.

Por um instante ela se sentiu cega. Não pelo Sol ríspido e avermelhado — eles o deixaram para trás depois de algumas montanhas, no qual se transformou em uma safira cor rosa —, mas sim pelo mundo branco.

Aparentemente interminável, uma brancura plana e inexpressiva se estendeu diante dela até que um nevoeiro obscureceu o que quer que estivesse por detrás daquilo.

— De acordo com a lenda, devemos seguir para o Lago Prateado da Morte.

A voz de Damon disse por detrás de Elena. E, ao longo de todo esse frio, sua voz era quente — quase amigável.

— Também conhecido como Lago do Espelho. Mas eu não posso me transformar em um corvo para explorar mais adiante. Algo está me impedindo. E essa névoa diante de nós é impenetrável à sondagem psíquica.

Elena instintivamente olhou ao seu redor. Stefan ainda estava dentro da liteira, obviamente ainda cuidando de Bonnie.

— Você está procurando por um lago? Como ele se parece? Quer dizer, eu deduzo o porquê de ele ser chamado de Prateado e Lago do Espelho. — Ela disse. — Mas e quanto à parte da "Morte"?

— Dragões aquáticos. Pelo menos, é o que as pessoas dizem... Mas quem já esteve lá para contar a história? Damon olhou para ela.

Ele tomou conta de Bonnie enquanto ela estava em transe, Elena pensou. E finalmente ele está falando comigo.

— Dragões... Aquáticos? — Ela perguntou para ele e fez com que sua voz ficasse amigável, também. Como se eles tivessem acabado de se conhecer. Eles estavam recomeçando.

— Eu mesmo sempre acreditei no kronosauro. — Damon disse.

Ele estava bem atrás dela agora; ela pôde senti-lo bloqueando o vento gélido... Não, mais que isso. Ele estava criando uma camada de calor para que ela ficasse dentro. A tremedeira de Elena parou. Pela primeira vez, ela sentiu ser capaz de descruzar os braços.

E então ela sentiu um par de braços fortes fechando-se ao seu redor, e o calor abruptamente ficou intenso. Damon estava parado atrás dela, abraçando-a, e de repente ela estava muito quente mesmo.

— Damon — Ela começou, sem muita firmeza —, nós não podemos...

— Há uma rocha aparecendo ali na frente. Ninguém poderia nos ver. — O vampiro atrás dela ofereceu, para a surpresa absoluta de Elena.

Uma semana inteira sem nem conversar... E agora *isso*.

— Damon, o cara dentro da leiteira, bem atrás de nós, é meu...

— Príncipe? Você, então, não precisa de um cavaleiro? — Damon respirou isso diretamente em seu ouvido.

Elena congelou como uma estátua. Mas o que ele disse em seguida sacudiu seu universo inteiro.

— Você é como a história de Camelot, sabia? Só que aqui *você* é a rainha, princesa. Você se casou com seu príncipe não tão parecido com os dos contos de fadas, mas seguiu seu cavaleiro, que sabia mais sobre seus segredos, ele te chamou...

— Ele me forçou. — Elena disse, virando-se para encontrar diretamente os olhos escuros de Damon, mesmo quando seu cérebro gritava para deixá-lo ir. — Ele não esperou que eu ouvisse sua proposta. Ele simplesmente... Pegou o que ele queria. Como traficantes de escravos fazem. Eu não sabia como lutar contra isso.

— Oh, não. Você lutou e lutou. Nunca vi uma humana lutar tanto. Mas mesmo enquanto você lutava, você sentia meu coração chamando o seu. Tente negar isso.

— Damon... Por que agora... Tão de repente?

Damon fez um movimento como se fosse se afastar, então voltou.

— Porque amanhã podemos estar mortos. — Ele disse sem rodeios. — Eu queria que você soubesse o que eu sinto por você antes de eu morrer... Ou antes de você morrer.

— Mas você não me disse uma palavra sobre como *você* se sente sobre *mim*. Só sobre o que você pensa que *eu* sinto sobre *você*. E desculpe por eu ter batido em você no primeiro dia em que eu estive aqui, mas...

— Você foi magnífica. — Damon disse escandalosamente. — Esqueça isso agora. Sobre como eu me sinto... Talvez eu tenha a chance de mostrar-lhe algum dia.

Algo despertou dentro de Elena: eles estavam evitando

palavras, assim como eles fizeram na primeira vez em que se conheceram.

— Algum dia? Parece conveniente. E por que não agora?

— O que quer dizer?

— Eu tenho o hábito de dizer coisas sem sentido?

Ela estava esperando por algum tipo de pedido de desculpas, algumas palavras ditas de forma simples e sincera iguais as que ela havia falado para ele. Ao invés disso, com uma delicadeza extrema e sem olhar em volta para ver se alguém estava olhando para eles, Damon segurou a scarf de Elena, puxou com os polegares o lenço longo por debaixo dos lábios dela, e a beijou suavemente.

Suavemente — mas não de forma breve — e algo dentro de Elena continuava sussurrando para ela que era *óbvio* que ela havia ouvido seu coração lhe chamando, desde a primeira vez em que ela o viu, desde a primeira vez que a aura dele chamou por ela. Ela não sabia o que era aura naquela época; ela não acreditava em auras. Ela não acreditava em vampiros. Ela havia sido uma idiotinha ignorante...

Stefan! Uma voz parecida com cristal soou duas notas abaixo, em seu cérebro, e de repente ela foi capaz de sair dos braços de Damon e olhar para a liteira novamente.

Nenhum sinal de movimento por ali.

— Eu tenho que voltar. — Ela disse a Damon bruscamente. — Eu tenho que saber o que está acontecendo com Bonnie.

— Você quer dizer o que está acontecendo com Stefan. — Ele disse. — Não é preciso se preocupar. Ele dormiu rapidamente, assim como nossa garotinha.

Elena ficou tensa.

— Você os Influenciou? Sem vê-los?

Era um palpite, mas um lado da boca de Damon se entortou, como se a estivesse parabenizando.

— Como você se *atreve*? — Ela disse.

— Para falar a verdade, eu não sei bem como pude ser tão ousado. Damon inclinou-se novamente, mas Elena se esquivou, pensando: *Stefan*!

Ele não pode te ouvir. Ele está sonhando com você.

Elena ficou surpresa com sua reação em relação a isso. Damon havia atraído e prendido os olhos dela novamente. Algo dentro dela

derreteu na intensidade de seu firme olhar negro.

— Não estou te Influenciando. Dou minha palavra. — Disse em um sussurro. — Mas você não pode negar o que aconteceu entre nós da última vez em que estivemos nesta dimensão.

A respiração dele estava sobre seus lábios agora... E Elena não desviou. Ela tremia.

— Por favor, Damon. Demonstre um pouco de respeito. Estou... Ai, *Deus! Meu Deus*!

— Elena? *Elena! Elena! O que foi*?

Dói...

Isso foi tudo que Elena pôde pensar. Uma terrível agonia passou através de seu peito, do lado esquerdo. Como se tivesse sido apunhalada no coração. Ela sufocou um grito.

Elena, fale comigo! Se você não consegue enviar seus pensamentos, fale!

Através de seus lábios dormentes, Elena disse:

— Dor... Ataque cardíaco...

— Você é jovem e saudável demais para isso. Deixe-me checar.

Damon foi tirando sua blusa. Elena deixou. Ela não podia fazer nada por si mesma, exceto arfar:

— *Ai, meu Deus! Isso dói!*

As mãos quentes de Damon estavam dentro do couro das peles. A mão dele descansou em um ponto à esquerda, com somente a camisola dela ficando entre as mãos dele e sua carne.

Elena, eu vou tirar sua dor. Confie em mim.

Enquanto falava, a angústia do esfaqueamento foi drenada. Os olhos de Damon se estreitaram, e Elena sabia que ele tinha tomado a dor para si mesmo, para analisá-la.

— Não é um ataque cardíaco — Ele disse um momento mais tarde. — Estou certo disto. Está mais para... Bem, como se você tivesse levado uma estaca no coração. Mas isso é bobagem. H'mm... Foi embora.

Para Elena, a dor havia ido embora no momento que ele havia tirado dela, protegendo-a.

— Obrigada. — Ela respirou, de repente percebendo que ela havia se agarrado a ele, em terror absoluto de que estivesse morrendo. Ou de que ele estava.

Ele deu a ela um sorriso raro, completo e genuíno.

— Ambos estamos bem. Deve ter sido uma câimbra. — Seu olhar caiu para seus lábios. — Eu mereço um beijo?

— Eu...

Ele havia lhe dado conforto; havia tirado sua dor terrível. Como ela poderia dizer não?

— Só um. — Ela sussurrou.

Uma mão sobre seu queixo. Suas pálpebras queriam se fechar, mas ela arregalou os olhos e não se deixou levar. Enquanto os lábios dele tocavam os dela, o braço dele ficou ao seu redor... De uma forma diferente. Ele não estava mais tentando contê-la. Parecia estar querendo confortá-la. E quando sua outra mão acariciou seus cabelos, suavemente nas pontas, apertando as ondas gentilmente e delicadamente alisando-as, Elena sentiu uma onda de tremor.

Damon não estava tentando abatê-la deliberadamente com sua aura, que no momento estava preenchida com seus sentimentos por ela. O simples fato, porém, era que ele era um vampiro recém-criado, era excepcionalmente forte e sabia todos os truques de um experiente. Elena sentiu como se estivesse pisando em águas calmas e claras, só para então encontrar-se presa em uma correnteza violenta, sem haver nenhuma resistência, sem negociação e, sem dúvida alguma, sem possibilidade de se chegar à razão. Ela não teve escolha a não ser se render a isto e esperar que isso a levasse, eventualmente, a um lugar onde ela pudesse respirar e viver. Caso contrário, ela iria se afogar... Mas até mesmo essa possibilidade não parecia ser tão terrível, agora que ela podia ver que a maré era feita de uma corrente brilhante igual a pérolas. Em cada uma delas havia um pequeno brilho de admiração que Damon tinha por ela: pérolas de sua coragem, pela sua inteligência, pela sua beleza. Parecia que não houvera nenhum movimento que ela fizera, nenhuma breve palavra que ela dissera, que ele não houvesse notado e trancado em seu coração como um tesouro.

Mas estivemos brigando desde então, Elena pensou para ele, vendo na correnteza um momento brilhante de quando ela havia discutido com ele.

Sim... Eu disse que você estava magnífica quando ficou nervosa. Como uma deusa ao vir colocar o mundo nos eixos.

Eu quero mesmo colocar o mundo nos eixos. Não, os dois mundos: a

Dimensão das Trevas e o meu mundo. Mas eu não sou uma deusa.

De repente, ela percebeu aquilo sutilmente. Ela era uma garota que não havia sequer concluído o ensino médio — e, em parte, por causa da pessoa que ela estava beijando loucamente agora.

Oh, pense no que você está aprendendo nesta viagem! Coisas que ninguém no universo sabe, Damon disse em sua mente.

Agora, preste atenção no que você está fazendo!

Elena prestou atenção, não porque Damon queria, mas porque ela não pôde evitar. Seus olhos se fecharam. Ela percebeu que a maneira de acalmar aquele turbilhão de ondas havia se tornado parte dela, sem ceder ou forçar Damon a fazer isso, mas fazendo com que ela fosse de encontro à paixão que estava na maré que estava dentro de seu próprio coração.

Assim como ela, a maré se ficou selvagem, e ela estava voando e não se afogando. Não, era melhor que voar, melhor que dançar; era o que o seu coração sempre desejou. Um lugar alto onde nada poderia prejudicá-los ou perturbá-los.

E então, quando ela estava mais vulnerável, a dor veio novamente, perfurando seu peito, um pouco para a esquerda. Desta vez, Damon estava tão ligado à Elena que ele sentiu desde o começo. E ela pôde ouvir claramente a frase na mente de Damon: *estaqueamento é tão eficaz em humano quanto em vampiros,* e então o seu medo súbito de que isso pudesse ser uma premonição.

* * *

Na sala balançante, Stefan estava dormindo, segurando Bonnie ao seu lado, com um grande Poder engolfando os dois. Elena, que teve um bom controle na subida da escada da liteira, entrou. Ela colocou uma mão no ombro de Stefan e ele acordou.

— O que foi? Há algo de errado com ela? — Ela perguntou, com uma terceira pergunta: — Você sabe? Houve um zumbido dentro de sua cabeça.

Mas quando Stefan levantou seus olhos verdes para ela, eles estavam simplesmente preocupados. Era evidente que ele não estava invadindo sua mente. Ele estava inteiramente focado em Bonnie. Graças a Deus que ele era um cavalheiro, Elena pensou pela milésima

vez.

— Estou tentando deixá-la aquecida — Stefan disse. — Depois que ela saiu do transe, ela estava tremendo. Então ela parou de tremer, mas quando eu peguei sua mão, estava muito fria. Agora eu a cobri com uma camada de calor ao seu redor. Acho que cochilei um pouco depois disso. — Ele adicionou. — Vocês acharam alguma coisa?

Eu achei os lábios de Damon, Elena pensou selvagemente, mas ela se forçou a esquecer a lembrança.

— Estamos procurando pelo Lago Prateado da Morte. — Ela disse. — Mas tudo que eu pude ver foi uma brancura. A neve e a névoa seguem eternamente.

Stefan assentiu.

Em seguida, ele cuidadosamente atravessou a distância de ar e abaixou a mão para tocar a bochecha de Bonnie.

— Ela está ficando mais quente. — Ele disse, e sorriu.

Demorou um tempo antes que Stefan estivesse convencido de que Bonnie estava aquecida. Quando ele se convenceu, ele gentilmente a desembrulhou do ar quente que havia formado um "envelope" e a colocou em um banco, vindo sentar-se com Elena, no outro. Eventualmente Bonnie suspirou, piscou e abriu os olhos.

— Eu cochilei. — Ela disse, obviamente ciente de que ela havia perdido a noção do tempo.

— Não exatamente. — Elena disse, mantendo sua voz gentil e reconfortante. Vamos ver, como Meredith faria isso?

— Você entrou em transe, Bonnie. Você se lembra de algo sobre isso? Bonnie disse:

— Sobre o tesouro?

— Para quê o tesouro serve — Stefan disse quietamente.

— Não... Não...

— Você disse que essa era a Última Meia-Noite. — Elena disse.

O tanto que ela pôde se lembrar era que Meredith seria bem direta.

— Mas acho que você estava falando em voltarmos para casa — Ela adicionou apressadamente, vendo medo nos olhos de Bonnie.

— A Última Meia-Noite... Sem uma manhã no dia seguinte. — Bonnie disse. — Eu acho... Que já ouvi alguém dizendo essas

palavras. Mas não lembro quem.

Ela estava tão arisca quanto um potro selvagem. Elena lembrou-se sobre como o tempo passava de forma diferente entre os dois mundos, mas não parecia consolá-la. Finalmente, Elena apenas sentou-se ao lado dela e a abraçou.

Sua cabeça girava com pensamentos sobre Damon. Ele a tinha perdoado. Isso era bom, embora ele tivesse levado um tempo para fazer isso. Mas a verdadeira mensagem era que ele estava disposto a *compartilhar* isso com ela. Ou, pelo menos, disposto a *dizer* que ele faria de tudo para que ela o visse com bons olhos. Se ela o conhecesse por completo, se ela tivesse concordado. Ai, Deus, ele poderia ter *matado* Stefan. De novo. Afinal, foi isso que ele fez quando Katherine havia tido o mesmo sentimento.

Ela nunca poderia pensar nele sem sentir saudade. Ela nunca poderia pensar nele sem pensar em Stefan. Ela não tinha ideia do que fazer.

Ela estava em apuros.

29

— Oi! — Damon gritou do lado de fora da liteira. — Alguém mais está vendo isso?

Elena estava. Tanto Stefan quanto Bonnie estavam com seus olhos fechados; Bonnie estava embrulhada em cobertas e se aninhara próximo à Elena. Eles haviam fechado todas as cortinas da liteira, exceto por uma.

Mas Elena tinha visto através da única janela, e viu como o nevoeiro tinha começado a se formar aos poucos, como pequenos pedaços de névoa, mas, em seguida, ao longe, como véus mais cheios e, finalmente, como cobertores, engolindo-os por completo. Parecia que eles estavam sendo expulsos da perigosa Dimensão das Trevas, que eles estavam passando por uma fronteira de um lugar onde eles não deviam conhecer, muito menos entrar.

— Como vamos saber que estamos indo na direção certa? — Elena gritou para Damon depois de Stefan e Bonnie acordarem. Ela estava feliz por ser capaz de falar novamente.

— Os thurgs sabem. — Damon gritou de volta. — Você os coloca em linha reta e eles andam nesta direção até que alguém os pare, ou...

— Ou o quê? — Elena berrou para a abertura.

— Ou até que cheguemos a um lugar como este.

Essa, obviamente, devia ter sido a palavra-chave, pois nem Stefan ou Elena poderiam insistir em não entendê-la... Especialmente quando os thurgs começaram a parar.

— Fica aqui. — Elena disse à Bonnie.

Ela fechou uma cortina e encontrou-se olhando para baixo, para o chão branco. Nossa, esses thurgs eram mesmo grandes.

No próximo segundo, porém, Stefan estava no chão, com os braços abertos.

— Pule!

— Você não pode vir aqui e me flutuar para baixo?

— Desculpe. Algo neste lugar inibe Poder.

Elena ficou muito tempo pensando. Ela lançou-se no ar e Stefan a pegou perfeitamente. Espontaneamente, ela se agarrou a ele e sentiu o conforto familiar em seu abraço.

Então ele disse:

— Vem ver isso.

Eles chegaram a um lugar onde a terra acabava e a névoa tomava conta, como cortinas em todos os lugares. Bem na frente deles tinha um lago congelado. Um lago prateado congelado, quase perfeitamente redondo.

— Lago do Espelho? — Damon disse, inclinando a cabeça para um lado.

— Eu sempre pensei que fosse um conto de fadas. — Stefan disse.

— Sejam bem-vindos aos contos de fadas de Bonnie.

O Lago do Espelho formava um vasto conjunto de águas na frente deles, congeladas em uma camada de gelo abaixo de seus pés, ou era assim que parecia. Ele parecia um espelho — um espelhinho de bolsa após ter sido suavemente baforado por alguém.

— Mas e os thurgs? — Elena disse, ou meio que suspirou. Ela não pôde evitar de suspirar.

— O lago silencioso pressionou-se sobre ela, assim como a falta de qualquer tipo de som natural: não houve o canto dos pássaros, nem o ruído dos arbustos. Sem arbustos! Sem árvores! Ao invés disso, apenas havia a névoa em torno da água gelada.

— Os thurgs — Elena repetiu em uma voz ligeiramente mais alta. — Eles não poderão passar por cima disso!

— Depende da espessura do lago — Damon disse, radiando seu velho sorriso de duzentos e cinquenta quilowatts para ela. — Se for espesso o bastante, vai ser igual andar sobre a terra para eles.

— E se não for?

— H'm... Thurgs boiam?

Elena deu-lhe um olhar exasperado e virou-se para Stefan.

— O que você acha?

— Eu não sei — Ele disse hesitantemente. — Eles são animais muito grandes. Vamos perguntar para a Bonnie sobre as crianças no conto de fadas.

Bonnie, ainda envolta em cobertas de pele, que começaram a ganhar pequenos pedaços de gelo enquanto eles desciam ao chão, olhava para o lago severamente.

— A história não entra em detalhes. — Ela disse. — Só disse que eles andaram, andaram e andaram, e que eles tiveram de passar por testes para provarem sua coragem... E... E... Perspicácia... Antes de chegarem lá.

— Felizmente — Damon disse, sorrindo —, eu tenho o bastante de ambos para compensar a falta destas qualidades em meu irmão...

— Para com isso, Damon! — Elena explodiu.

No momento em que ela tinha visto o sorriso, ela virou-se para Stefan, puxando-o para mais perto de si, e começou a beijá- lo. Ela sabia o que Damon veria quando ele virasse em direção a eles: ela e Stefan, presos em um abraço, Stefan mal notando o que se estava sendo dito. Pelo menos eles ainda podiam se tocar com suas mentes.

E isso era intrigante, Elena pensou, a boca de Stefan está quente quando todo o resto do mundo está frio.

Ela olhou rapidamente para Bonnie, para ter certeza que ela não estava chateada, mas Bonnie parecia bem alegre. Quanto mais eu pareço me afastar de Damon, mais feliz ela fica, Elena pensou. Ai, Deus... Isso *é* um problema. Stefan falou quietamente:

— Bonnie, você deve escolher o que devemos fazer. Não tente usar a coragem ou perspicácia, somente seus sentimentos internos. Aonde vamos?

Bonnie deu uma olhadinha de volta nos thurgs, então olhou para o lago.

— Por aqui — Bonnie disse, sem hesitar, e ela apontou direto para o lago.

— É melhor levarmos as pedras pré-aquecidas, comida e mochilas com ração dentro. — Stefan disse. — Assim, se o pior acontecer, ainda teremos suprimentos básicos.

— Além disso — Disse Elena —, isso aliviará a carga dos thurgs... Pelo menos um pouco.

Parecia um crime colocar uma mochila na Bonnie, mas ela insistiu. Finalmente, Elena distribuiu para todos as roupas de pele quente e curiosamente leves. Todo mundo carregava peles, alimentos

e esterco — esterco seco de animais que de agora em diante seria o único combustível.

Foi difícil no começo. Elena tinha pouca experiência com gelo — isso era mais um motivo para ela ser cautelosa —, e uma dessas poucas vezes quase havia sido desastroso para Matt. Ela estava pronta para pular e rodopiar a qualquer sinal de rachadura... Qualquer sinal de gelo sendo quebrado. Mas não houve rachaduras; nem água fluindo para molhar suas botas.

Os thurgs é que pareciam serem feitos para andarem sobre águas geladas.

Seus pés eram pneumáticos, e podiam crescer para quase metade do seu tamanho original, evitando colocar demasiada pressão sobre qualquer ponto de gelo.

A travessia do lago foi demorada, mas Elena não viu nada de muito letal nisso. O gelo era o mais suave e mais liso que ela já tinha visto. Suas botas queriam patinar.

— Hey, pessoal!

Bonnie estava patinando, exatamente como se estivesse em um rinque, para frente, para trás e para os lados.

— Isso é divertido!

— Não estamos aqui para nos divertir! — Elena gritou de volta.

Ela queria experimentar, mas tinha medo de fazer cortes — ou até mesmo arranhões — no gelo. E, além disso, Bonnie estava gastando duas vezes mais energia do que o necessário. Ela estava prestes a dizer isso a Bonnie, quando Damon, em uma voz de irritação, disse tudo o que ela estava pensando, e um pouco mais.

— Não estamos aqui para fazer um cruzeiro agradável — Ele disse lentamente. — É para evitarmos o destino da sua cidade.

— Como se você se importasse. — Elena murmurou, dando-lhe as costas e tocando a mão da infeliz Bonnie, tanto para dar- lhe conforto quanto para poder deixá-la na altura da sua. — Bonnie, você sente algo mágico em relação ao lago?

— Não.

Mas então a imaginação de Bonnie parecia voar em alta velocidade.

— Mas talvez aqui seja o lugar onde os místicos de ambas as dimensões se juntam para trocar feitiços. Ou, talvez, onde eles usam

o gelo como um verdadeiro espelho mágico para ver lugares e coisas distantes.

— Talvez ambas as coisas. — Elena disse, secretamente se divertindo, mas Bonnie concordara solenemente. E foi aí que chegou. O som que Elena estava esperando.

Nem era um ruído distante que poderia ser ignorado ou discutido. Eles estavam andando separados por um comprimento de um braço para evitar a perturbação do gelo, enquanto os thurgs andavam para todos os lados — como um bando de gansos sem líderes.

Esse ruído era uma rachadura terrivelmente próxima, como o tiro de uma arma. Imediatamente, soou novamente, como uma chicotada e, em seguida, houve uma rachadura.

E estava no lado esquerdo de Elena, ao lado de Bonnie.

— Patine, Bonnie — Ela berrou. — Patine o mais rápido que puder. Grite se vê terra.

Bonnie não fez nenhuma pergunta. Ela partiu como uma patinadora olímpica na frente de Elena, e Elena virou-se rapidamente.

Era Biratz, o thurg sobre o qual Bonnie havia perguntado à Pelat. Ela tinha sua perna monstruosa afundada no gelo, e enquanto se debatia, mais gelo se partia.

Stefan! Você pode me ouvir? Vagamente. Estou indo até você.

Sim... Mas chegue o mais próximo possível para que você possa Influenciar a thurg. Influenciar a...?

Acalme-a, tire-a de lá, sei lá. Ela está quebrando o gelo e isso só vai tornar mais difícil de ajudá-la!

Dessa vez houve uma pausa antes que a resposta de Stefan viesse. Ela sabia, porém, pelos leves ecos, que ele estava falando com outro alguém telepaticamente.

Certo, amor, eu farei isso. Eu cuidarei da thurg, também. Você deve seguir a Bonnie.

Ele estava mentindo. Ou não, mas mantinha algo escondido dela.

A pessoa para quem ele esteve mandando pensamentos era Damon. Eles estavam sendo indulgentes com ela. Eles nem ao menos queriam ajudar.

Nesse momento ela ouviu um grito estridente — não muito longe dali. Se Bonnie estivesse com problemas... Não! Bonnie havia achado terra!

Elena não perdeu nem mais um segundo. Ela deixou sua mochila no gelo e patinou direto para a thurg.

Lá estava ela, tão grande, tão patética, tão impotente. A mesma coisa que os mantinha a salvo dos outros monstros Chefões da Dimensão das Trevas — em sua maioria —, agora estava se voltando contra ela.

Elena sentiu seu peito apertar como se estivesse usando um espartilho. Mesmo quando observava, porém, o animal tornava- se mais calmo. Ela parou de tentar tirar sua perna para fora da água, o que significa que ela parou de fazer esforço.

Agora Biratz estava em uma espécie de posição de agachamento, tentando arrastar suas três pernas secas. O problema era que ela estava tentando muito, e não havia nada para se empurrar exceto o gelo quebradiço.

— Elena! — Stefan estava ao alcance da voz agora. — Não chegue mais perto!

Mas enquanto ele dizia isso, Elena viu um Sinal. Apenas a poucos metros de distância, deitada sobre o gelo, estava a vara de fazer cócegas que Pelat tinha usado para fazer com que os thurgs andassem.

Ela a pegou, enquanto ela patinava até lá, e viu outro Sinal. Feno vermelho e o revestimento original para o feno — uma lona gigante — estavam deitados atrás da thurg. Juntos, eles formavam um largo caminho que não era nem molhado, nem escorregadio.

— Elena!

— Isso vai ser fácil, Stefan!

Elena tirou um par de meias secas de seu bolso e colocou-as embaixo suas botas. Ela prendeu a vara de cócegas em seu cinto. E então ela começou a correr para caramba.

Suas botas eram de pele com algo a mais por baixo, e com as meias para ajudá-las, elas se prenderam na lona, ajudando-a a seguir em frente. Ela se inclinou para a lona, vagamente desejando que Meredith estivesse ali, para que ela pudesse fazer aquilo em seu lugar, mas o tempo todo ela estava chegando mais perto. E então ela

viu sua meta: o fim da lona e, além dela, pedaços flutuantes de gelo.

Mas a thurg parecia estar em uma posição de escalada. O final de suas costas estava inclinado, parecendo um dinossauro no meio de um poço de piche, mas, subido em sua espinha dorsal, fazia uma curva. Se ela ao menos tivesse um meio de chegar até lá...

Dois passos até saltar. Um passo até saltar.

SALTE!

Elena pulou com o pé direito, voou pelo ar por tempo interminável e... Atingiu a água.

Imediatamente ela estava encharcada da cabeça aos pés, e o choque térmico da água gelada era inacreditável. Isso a agarrou como se fosse um monstro com um punhado de fragmentos de gelo. Isso a cegou com seu próprio cabelo, tirando todo o som do universo.

De alguma forma, arranhando seu rosto, ela conseguiu tirar os cabelos de seus olhos e boca. Ela percebeu que ela estava a poucos metros abaixo da superfície da água, e isso foi tudo que ela precisou para *empurrar-se* para cima até que sua boca chegasse à superfície e ela pudesse sugar aquele ar delicioso, e depois ter um ataque de tosse.

Primeira vez, ela pensou, lembrando-se da velha superstição de que uma pessoa que estava prestes a se afogar subia à superfície três vezes antes de afundar para sempre.

Mas o estranho era que ela não estava afundando. Havia uma dor em sua coxa, mas ela não estava indo para baixo. Lentamente, bem lentamente, ela percebeu o que havia acontecido. Ela havia errado a parte de trás da thurg, mas pousou em sua espessa cauda reptiliana. Uma parte pontiaguda da cauda a havia cortado, mas a manteve estável. Então... Agora... Tudo o que tenho que fazer é subir na thurg, ela arquitetou lentamente.

Tudo parecia estar mais lento porque havia icebergs flutuando ao redor de seus ombros.

Ela ergueu uma mão forrada com luvas e alcançou a próxima barbatana. A água, após sua imersão, deixou suas roupas mais pesadas, e seu corpo deu um pouco de apoio. Ela conseguiu puxar-se até a barbatana seguinte. E na seguinte. E então ela estava na garupa, e ela tinha que tomar cuidado: não havia mais pontos de apoio. Em vez disso, ela pegou algo com sua mão esquerda. Uma alça quebrada da transportadora de feno.

Não foi uma boa ideia, pensando bem.

Durante uns minutos, que ela qualificou como os piores de sua vida, choveu feno em cima dela, ela fora abatida por pedras e sufocada pela poeira do esterco velho.

Quando finalmente terminou, ela olhou ao redor, espirrando e tossindo, para descobrir que ainda estava na thurg. A vara de cócegas havia sido quebrada, mas o suficiente permaneceu para ela usá-la. Stefan estava perguntando freneticamente, tanto em voz alta quanto por telepatia, se ela estava bem. Bonnie estava patinando para frente e para trás como a fada Sininho, e Damon estava xingando Bonnie para que ela voltasse a terra e permanecesse lá.

Enquanto isso, Elena estava avançando na garupa da thurg. Ela conseguiu por causa da cesta de alimentos esmagada. Ela finalmente atingiu o cume da thurg, e se estabeleceu logo atrás da cabeça redonda, no banco onde o condutor vai sentado.

E então ela fez cócegas atrás da orelha da thurg.

— Elena! — Stefan gritou. E então:

Elena, o que você está tentando fazer?

— Eu não sei! — Ela gritou de volta. — Tentando salvar a thurg!

— Você *não pode* — Damon interrompeu a resposta de Stefan em uma voz tão fria e quieta quanto o lugar em que eles estavam.

— Ela pode conseguir! — Elena disse ferozmente, precisamente, pois ela mesma tinha dúvidas se o animal conseguiria. — Vocês podem ajudar puxando as rédeas.

— É inútil — Damon gritou, deu meia-volta e andou rapidamente em meio à névoa.

— Eu tentarei. Jogue aqui na frente dela — Stefan disse.

Elena jogou as rédeas o mais longe que pôde. Stefan teve de correr quase até a borda do gelo para agarrá-las antes que elas caíssem dentro da água.

Em seguida, ele a segurou no ar triunfantemente.

— Consegui!

— Ok, puxe! Dê a ela uma direção para seguir.

— Farei isso.

Elena bateu novamente atrás da orelha direita de Biratz. Houve um barulho vindo do animal e depois nada. Ela pôde ver Stefan

fazendo esforço nas rédeas.

— *Vamos lá* — Elena disse, e bateu fortemente com a vara.

A thurg levantou um pé gigante, colocando-o mais adiante, no gelo, se esforçando. Assim que ela fez isso, Elena bateu mais forte atrás da orelha esquerda.

Esse era um momento crucial. Se Elena pudesse evitar com que Biratz esmagasse todo o gelo em suas pernas traseiras, eles poderiam ter uma chance.

A thurg timidamente levantou a perna esquerda e esticou-a até que ela fizesse contato com o gelo.

— Boa, Biratz! *Agora*! — Elena gritou. Agora, se Biratz fosse mais para frente...

Houve uma grande revolução embaixo dela. Por vários minutos Elena pensou que talvez Biratz tivesse quebrado o gelo com todas as suas quatro patas. Em seguida, o jogo virou e, de repente, estonteantemente, Elena soube que tinha vencido.

— Calma, agora, calma. — Ela disse para o animal, dando-lhe uma cosquinha gentil com a vara.

E lentamente, pesadamente, Biratz avançou. Sua cabeça abobadada caiu algumas vezes enquanto ela ia, e ela afundou em outra área da névoa, quebrando novamente o gelo. Mas ela só afundou alguns centímetros antes de descobrir que era, na verdade, era lama.

Mais alguns passos e elas estavam em terra firme. Elena tinha que sugar a respiração para abafar um grito enquanto a cabeça abobadada da thurg despencava, dando-lhe um passeio curto e assustador enquanto ela passava próximo às presas recurvadas. De alguma forma, ela deslizou direto entre elas e saiu rapidamente do corpo de Biratz.

— Fazer isso foi inútil, sabia? — Damon disse de algum lugar dentro da névoa ao lado dela. — Arriscar sua própria vida.

— O q-que você quer dizer com i-inútil? — Elena exigiu. Ela não estava com medo; ela estava congelando.

— Os animais vão morrer, de qualquer forma.

— Eles não vão conseguir passar pela próxima prova e, mesmo se conseguissem, este lugar não floresce nada. Em vez de uma morte rápida e limpa na água, eles morrerão de fome, lentamente.

Elena não respondeu. A única resposta que ela podia pensar era: "Por que você não me contou isso mais cedo?" Ela havia parado de tremer, o que era uma boa coisa, pois um minuto atrás seu corpo parecia que tremeria até que se partisse em dois.

Roupas, ela pensou vagamente.

Esse era o problema. Certamente não poderia estar tão frio aqui no ar quanto estava lá na água. Eram suas roupas que faziam com que ela sentisse tão frio.

Ela começou, com os dedos dormentes, a tirá-las. Primeiro, ela soltou sua jaqueta de couro. Não havia zíperes aqui, só botões. Isso foi um grande problema. Seus dedos pareciam cachorros-quentes congelados, fazendo coisas com dificuldade. Mas de uma forma ou de outra ela conseguiu desabotoar e o couro caiu no chão com um baque surdo — havia formado uma camada de pele em seu interior. Eca. O cheio de pelo molhado. Agora, agora ela tinha que...

Mas ela não podia. Ela não podia fazer nada por que alguém estava segurando seus braços. Queimando seus braços. Aquelas mãos eram irritantes, mas por fim ela soube a quem elas pertenciam. Elas eram firmes e bem gentis, mas bem fortes. Tudo isso era coisa de Stefan.

Lentamente, ela levantou a cabeça que ainda pingava para pedir a Stefan que parasse de queimar seus braços.

Mas não pôde. Porque no corpo de Stefan estava a cabeça de Damon. Agora, isso era *estranho*. Ela havia visto muitas coisas que vampiros podiam fazer, mas não esse lance de troca de cabeças.

— Stefan-Damon... Por favor, para. — Ela engasgou entre gritos histéricos de riso. — Dói. Está muito quente!

— Quente? Você está congelando, isso sim.

As hábeis mãos esfregavam e iam de cima para baixo em seus braços, empurrando sua cabeça para trás para massagear suas bochechas. Ela deixou isso acontecer, pois mesmo que fosse a cabeça de Damon, ainda eram as mãos de Stefan.

— Você está gelada, mas não está tremendo? — Uma voz sombria de Damon disse de algum lugar.

— Sim, como pode ver, eu devo estar me aquecendo.

Elena não se sentia muito aquecida. Ela percebeu que ainda tinha uma peça de roupa de pele, que atingia os joelhos dela. Ela se

atrapalhou com cinto.

— Você não está se aquecendo. Você está indo para o próximo estágio da hipotermia. E se você não se secar e se aquecer neste instante, você morrerá.

Sem mais nem menos, ele inclinou seu queixo para que ele olhasse em seus olhos.

— Você está delirando agora... Consegue me entender, Elena? Você *realmente* precisa se aquecer. Calor era um conceito tão vago e distante quanto sua vida antes de ela conhecer Stefan.

Mas, delirantemente, ela entendeu. Isso não era uma boa coisa. O que se podia fazer a não ser rir?

— Certo. Elena, só espere um minute. Deixe-me achar... Rapidamente ele estava de volta.

Não rápido o suficiente para impedi-la de tirar a pele por debaixo da cintura, mas voltou antes que ela pudesse retirar a camisola.

— Aqui. — Ele tirou a pele úmida e a envolveu em uma seca e quente, sobre sua camisola. Depois de um minuto ou dois, ela começou a tremer.

— Essa é minha garota. — A voz de Damon disse. Seguido de: — Não lute comigo, Elena. Estou tentando salvar sua vida. Isso é tudo. Não farei nada mais. Dou minha palavra.

Elena estava confusa. Por que ela deveria pensar que Damon — isso é, se fosse realmente o Damon, ela decidiu — queria machucá-la?

Embora ele pudesse ser um idiota às vezes...

E ele estava tirando suas roupas.

Não. *Isso* não devia estar acontecendo. Definitivamente não. Especialmente quando Stefan devia estar por aqui perto. Mas agora, Elena estava tremendo demais para falar.

E agora que ela estava com sua roupa íntima, ele estava fazendo com que ela deitasse sobre as peles, enfiando outras peles ao seu redor. Elena não entendeu nada do que estava acontecendo, mas tudo começou a não parecer importante. Ela estava flutuando em algum lugar fora de si, assistindo sem nenhum interesse.

Em seguida, outro corpo deslizou para dentro das peles. Ela retornou do lugar em que estava flutuando.

Muito brevemente, ela deu uma olhada no peito nu. E então,

um corpo quente e compacto deslizou para o saco de dormir improvisado, para junto dela. Braços quentes e rígidos foram em torno dela, mantendo-a em contato com todo aquele corpo.

Através da névoa, ela vagamente ouviu a voz de Stefan:

— *O que diabos você está fazendo*?

30

— Tire suas roupas e entre no outro lado — Damon disse.

Sua voz não estava nem irritada ou arrogante. Ele adicionou lentamente:

— Elena está morrendo.

As três últimas palavras pareciam afetar Stefan particularmente, embora Elena não pudesse entendê-las. Stefan não estava se movendo, apenas respirando com dificuldade, os olhos arregalados.

— Bonnie e eu estivemos recolhendo feno e combustível e estamos bem.

— Vocês estiveram se exercitando... Se movendo... Vestindo roupas que os mantiveram aquecidos. Ela esteve imersa em água gelada e... Pegando friagem. Eu fiz com que o outro thurg quebrasse algumas madeiras das árvores mortas deste lugar para fazer uma fogueira. Agora, entra logo aqui, Stefan, e dê a ela um pouco de calor corporal, ou eu vou transformá-la em vampira.

— Nnn — Elena tentou dizer, mas Stefan não pareceu entender. Damon, de qualquer jeito, disse:

— Não se preocupe. Ele vai te aquecer do outro lado. Você não tem que se transformar em vampira, por enquanto. Pelo amor de Deus — Ele adicionou de repente, explosivamente —, ele é o príncipe que você escolheu! A voz de Stefan estava quieta e tensa.

— Você tentou colocá-la em uma camada térmica?

— Claro que tentei, idiota! *Nenhuma* magia funciona após ultrapassarmos o Lago, exceto a telepatia.

Elena não tinha noção de que o tempo estava passando, mas de repente houve um corpo familiar sendo pressionado contra o seu, do outro lado.

E de algum lugar direto em sua mente:

Elena? Elena? Você está bem, não está, Elena? Não ligo se você estiver brincando comigo. Mas você está bem mesmo, não está? Só me diga isso, amor.

Elena não era capaz de responder nada.

Vagamente, pequenos fragmentos de som foram chegando aos seus ouvidos:

— Bonnie... No topo dela e... Fazer que nós ficássemos em ambos os lados dela.

E sentimentos maçantes agitaram seu senso de toque: um corpo pequeno, quase sem peso, parecido com um cobertor grosso, pressionado embaixo dela. Alguém chorando, as lágrimas escorrendo para seu pescoço. E calor vindo de ambos os lados.

Estou dormindo com vários filhotinhos de gato, ela pensou, cochilando. Talvez nós tenhamos um sonho agradável.

— Gostaria de poder saber como eles estão — Meredith disse, dando uma pausa para ter um daqueles surtos estimulantes.

— Gostaria de poder saber o que nós estamos fazendo — Matt disse cansadamente enquanto ele colocava outro amuleto em forma de cartão em uma janela. E mais outro.

— Sabem, meus queridos, eu fiquei ouvindo uma criança chorar na noite passada, em meus sonhos. — A Sra. Flowers disse lentamente.

Meredith se virou, assustada.

— Eu também! Lá na varanda da frente, é o que parecia. Mas eu estava cansada demais para levantar.

— Não deve ser... Nada de mais. — A Sra. Flowers fez uma careta.

Ela estava fervendo a água da torneira para o chá. A eletricidade era esporádica. Matt e Sabber tinham voltado à pensão, mais cedo naquele dia, para que Matt pudesse reunir os instrumentos mais importantes para Sra. Flowers: suas ervas para chás, compressas e cataplasmas. Ele não teve coragem de contar a ela sobre o estado da pensão, ou o que aquelas larvas malach haviam feito a ela. Ele teve de encontrar uma tábua solta na garagem para poder entrar no corredor da casa, indo até a cozinha. Não havia mais o terceiro andar, tão pouco o segundo.

Pelo menos ele não teve de fugir de Shinichi.

— O que eu estava dizendo é que, talvez, há uma criança de verdade lá fora. — Meredith disse.

— Sozinha na noite? Parece mais com um zumbi do Shinichi.

— Matt disse.

— Talvez. Mas talvez não seja. Sra. Flowers, você tem alguma ideia de quando você ouviu o choro? Cedo ou tarde da noite?

— Deixe-me pensar, amada. Eu acho que eu ouvia *sempre* que eu acordava... E pessoas velhas acordam com grande frequência.

— Eu ouvi próximo à manhã... Mas eu dormi sem sonhar durante as primeiras horas e acordei cedo. A Sra. Flowers virou-se para Matt.

— E quanto a você, Matt querido? Você ouviu algum som parecido com um choro?

Matt, que deliberadamente se sobrecarregou nestes últimos dias tentando ter um sono decente, disse:

— Eu ouvi gemidos e choros ao vento próximo à meia-noite, eu acho.

— Parece que um fantasma nos visitou a noite toda, meus queridos — A Sra. Flowers disse calmamente, servindo-lhes um pouco de chá.

Matt viu a olhadela inquieta que Meredith deu para ele... Mas Meredith não conhecia a Sra. Flowers tão bem quanto ele.

— Você não acha que seja um fantasma. — Ele disse.

— Não, não acho. Mama não se pronunciou a respeito, e aqui é sua casa, Matt querido. Não deve haver assassinatos hediondos ou segredos em seu passado, eu penso. Vamos ver...

Ela fechou seus olhos e deixou Matt e Meredith bebendo seus chás. Então ela os abriu e deu-lhe um sorriso intrigante.

— Mama disse: "Procurem pela casa o seu fantasma." Então, ouçam bem o que ele tem a dizer.

— Ok — Matt disse sem demonstrar expressão. — Já que é minha casa, acho que é melhor eu ir procurá-lo. Mas onde? Deve fazer algum código?

— Acho que o melhor jeito de nos arrumarmos, é por meio de turnos. — A Sra. Flowers disse.

— Ok — Meredith concordou prontamente. — Eu pego o turno do meio, da meia-noite até às quarto; Matt fica com o primeiro; e Sra. Flowers, você pode pegar o da manhã, e tirar um cochilo essa tarde se quiser.

Matt se sentiu desconfortável.

— Por que não fazemos só dois turnos e vocês duas dividem um? Eu fico com o outro.

— Porque, querido Matt — Meredith disse —, não queremos ser tratadas como "mulherzinhas". E não discuta — Ela ergueu a estaca de combate —, porque sou eu quem está com a artilharia pesada.

Algo estava fazendo o quarto tremer. Fazendo Matt tremer junto. Ainda meio adormecido, ele colocou sua mão embaixo de seu travesseiro e tirou de lá um revólver. Uma mão pegou a sua e ele ouviu uma voz.

— Matt! Sou eu, a Meredith! *Acorde*, ok?

Sonolento, Matt estendeu a mão para o interruptor de luz. Mais uma vez, dedos fortes e magros o impediram de fazer o que queria.

— Nada de luz — Meredith sussurrou. — Está bem fraquinho, mas se você vier comigo silenciosamente, você poderá ouvir. O choro.

Isso fez com que Matt acordasse por completo.

— Agora?

— Agora.

Fazendo seu melhor para andar silenciosamente pelo corredor escuro, Matt seguiu Meredith para a sala de estar do andar de baixo.

— Shh! — Meredith avisou. — Ouça.

Matt escutou. Ele pôde ouvir alguns soluços perfeitamente, e talvez algumas palavras, mas não parecia ser um fantasma para ele. Ele encostou o ouvido na parede e ouviu. O choro estava mais alto.

— Você tem uma lanterna? — Matt perguntou.

— Eu tenho duas, meus queridos. Mas esta é uma hora da noite muito perigosa. — A Sra. Flowers era uma sombra contra a escuridão.

— Por favor, dê as lanternas para nós. — Disse Matt. — Não acho que nosso fantasma seja muito sobrenatural. Que horas são, afinal?

— Quase meia-noite e quarenta — Meredith respondeu. — Mas por que você acha que não seja sobrenatural?

— Porque isto está vivendo em nosso porão — Matt disse. — Eu acho que é o Cole Reece. A criança que comeu seu porquinho-da-índia.

Dez minutos depois, com a estaca, duas lanternas e Sabber, eles havia capturado o fantasma.

— Eu não quis fazer nenhum mal. — Cole soluçou, quando eles o atraíram para cima com promessas de doces e chás "mágicos" que fariam com que ele dormisse.

— Eu não machuquei ninguém, juro — Ele engasgou, devorando uma barra de chocolate atrás de outra da Hershey como sua primeira reação. — Tenho medo que ele esteja atrás de mim. Porque depois que você me atingiu com aquele papelzinho, eu não fui mais capaz de ouvi-lo em minha cabeça. E então eu vi vocês chegando aqui — Ele gesticulou ao redor da casa de Matt — e vocês tinham amuletos e deduzi que seria melhor ficar aqui dentro. Ou seria a *minha* Última Meia-Noite também. Ele estava balbuciando. Mas algo sobre as últimas palavras fizeram Matt dizer:

— O que você quer dizer com "sua Última Meia-Noite também"?

Cole olhou para ele com medo. Havia um pouco de chocolate derretido em torno de seus lábios, fazendo com que Matt se lembrasse da última vez em que tinha visto o garoto.

— Você não sabe? — Cole vaciolou. — Sobre as meias-noites? A contagem regressiva? Vinte dias antes da Última Meia- Noite? Onze dias antes da Última Meia-Noite? E agora... Hoje é o último dia até a Última Meia-Noite.

Ele começou a soluçar novamente, mesmo com chocolates em sua boca. Estava claro que ele estava faminto.

— Mas o que acontece na Última Meia-Noite? — Meredith perguntou.

— Você não sabe? — É quando... *Você* sabe.

Irritantemente, Cole parecia pensar que eles o estavam testando.

Matt colocou suas mãos sobre os ombros de Cole e, para seu horror, sentir os ossos sob seus dedos.

O garoto estava com muita fome mesmo, pensou ele, perdoando-lhe por todas aquelas barras de chocolate. Seus olhos encontraram os da Sra. Flowers e ela imediatamente foi para a cozinha.

Mas Cole não estava respondendo; ele estava murmurando

incoerentemente. Matt forçou-se a pressionar mais força naqueles ombros ossudos.

— Cole, fale mais alto! O que é essa Última Meia-Noite?

— *Você* sabe. É quando... Todas as crianças... *Você* sabe, eles esperam até a meia-noite... Eles pegam facas ou armas. Você sabe. E nós vamos até o quarto de nossos pais enquanto eles estão dormindo e...

Cole calou-se novamente, mas Matt notou que ele sem querer disse "nós" e "nossos" no final. Meredith falou em sua voz calma e firme:

— As crianças vão matar seus próprios pais, não é?

— Ele nos mostrou onde golpear ou esfaquear. Ou, se houver uma arma... Matt havia ouvido o bastante.

— Você pode ficar... No porão. — Ele disse. — E aqui está alguns amuletos. Coloque-os em você se você sentir que está em perigo.

Ele deu a Cole um pacote inteiro de Post-It.

— Não tenha medo. — Meredith adicionou, enquanto a Sra. Flowers vinha com um prato de salsichas e batatas fritas para Cole.

A qualquer outro momento, o cheiro teria feito com que Matt ficasse com fome.

— É igual àquela ilha no Japão — Ele disse. — Shinichi e Misao fizeram aquilo acontecer, e eles vão fazer isso novamente.

— O tempo está correndo. Na verdade, já é o dia da Última Meia-Noite... Já é quase uma e meia da manhã. — Meredith disse. — Temos menos de vinte e quatro horas. Devemos dar o fora de Fell's Church ou fazer algo para organizar um confronto.

— Um confronto? Sem Elena, Damon ou Stefan? — Matt disse. — Seremos mortos. Esqueceu-se do xerife Mossberg?

— Ele não tinha isso — Meredith jogou sua estaca de combate no ar, pegou-a perfeitamente, colocando-a de lado. Matt sacudiu sua cabeça.

— Ainda assim, Shinichi vai te matar. Ou uma das crianças irá, com uma semi-automática do armário de seus pais.

— Temos que fazer *alguma coisa*.

Matt pensou. Sua cabeça latejava. Finalmente ele disse, com a cabeça baixa:

— Quando eu fui pegar as ervas, eu peguei a Esfera Estelar de Misao, também.

— Você tá de brincadeira. Shinichi *ainda* não a tinha encontrado?

— Não. E talvez nós possamos fazer algo com ela.

Matt olhou para Meredith, que olhava para a Sra. Flowers. A Sra. Flowers disse:

— Que tal se jogássemos o líquido em diferentes lugares em Fell's Church? Só uma gotinha aqui e ali? Podíamos pedir para o Poder dentro dela que protegesse a cidade. Talvez ele ouça. Meredith disse:

— Esse era o principal motivo de queremos as Esferas Estelares de Shinichi e Misao. As Esferas Estelares controlam seus donos, de acordo com a lenda. Matt disse:

— Pode ser um jeito ultrapassado de se pensar, mas concordo. Meredith disse:

— Então vamos fazer isso *neste instante*.

Quanto às outras duas esperavam, Matt foi pegar a Esfera Estelar de Misao. Havia muito, muito pouco líquido dentro do globo.

— Depois da Última Meia-Noite, ela planeja preenchê-la até o topo com a energia das novas vidas tiradas — Meredith disse.

— Bem, ela não terá a chance de fazer isso — Matt disse sem rodeios. — Quando terminarmos, nós a destruiremos.

— Mas nós devíamos nos apressar. — Meredith adicionou. — Vamos juntar algumas armas: algo de prata, algo longo e pesado, como um atiçador. Os zumbis de Shinichi não ficarão felizes... E quem sabe quem mais estará do lado dele?

31

Elena acordou se sentindo dura e apertada. Mas isso não era de se surpreender. Três outras pessoas pareciam estar em cima dela.

Elena? Você pode me ouvir?

Stefan?

Sim! Você está acordada?

Estou toda apertada... E quente. Uma voz diferente interrompeu.

Só nos dê um minuto e você não ficará mais apertada. Elena sentiu Damon se afastar. Bonnie pegou seu lugar. Mas Stefan a agarrou por um momento.

Elena, sinto muito. Eu não tinha percebido as condições em que você estava. Graças a Deus que você tinha o Damon. Você

pode me perdoar?

Apesar do calor, Elena se aconchegou ainda mais perto dele.

Só se você me perdoar por colocar todos em perigo. Eu fiz isso, não fiz? Eu não sei. Eu não ligo. Tudo o que eu sei é que eu te amo.

Demorou algum tempo antes que Bonnie acordasse. Então ela disse debilmente:

— Hey! O que vocês estão fazendo na minha cama?

— Tentando sair dela. — Elena disse, e tentou se afastar e levantar.

O mundo estava vacilante. Ela estava vacilante... E ferida. Mas Stefan não estava mais do que alguns centímetros de distância, abraçando-a, segurando-a quando ela começou a cair. Ele a ajudou a se vestir sem fazê-la se sentir como se fosse um bebê. Ele olhou dentro da mochila dela, que felizmente não havia ido embora junto com a água, e então ele tirou algo pesado de lá de dentro.

Ele colocou as coisas pesadas em sua própria mochila.

Elena se sentiu muito melhor depois de comer um pouco, e após ver os thurgs — ambos — comendo também; eles esticavam seus grandes troncos duplos até quebrarem pedaços de madeira das árvores estéreis, ou escavavam a neve para encontrar grama seca por

debaixo dela.

Estava claro que eles não morreriam no final das contas.

Elena sabia que todos estavam olhando para ela, avaliando se ela estava ou não disposta a prosseguir viagem naquele dia. Elena correu para terminar de beber seu chá aquecido sobre uma fogueira de esterco, tentando esconder o fato de que suas mãos tremiam.

Após forçá-las a se abaixarem, ela disse em uma voz alegre:

— Então, o que faremos agora?

Como você se sente? Stefan perguntou a ela.

— Um pouco dolorida, mas ficarei bem. Acho que todos estão esperando que eu tenha uma pneumonia, mas eu nem ao menos estou tossindo.

Damon, depois de um olhar demorado para Stefan, pegou suas duas mãos e olhou para ela.

Ela não pôde — ela não ousava — encontrar seus olhos, então ela se focou em Stefan, que estava olhando para ela reconfortantemente.

Por fim Damon soltou as mãos de Elena abruptamente.

— Eu fui o mais longe que consegui. Você deve saber o quão longe é — Damon adicionou para Stefan. — Seu nariz está entupido e sua pele está brilhante.

Stefan parecia que ia lhe dar um soco, mas Elena pegou sua mão suavemente.

— Estou saudável — Ela disse. — Então, são dois votos para eu continuar em minha busca para salvar Fell's Church.

— Eu sempre acreditei em você — Stefan disse. — Se você acha que pode continuar, então você pode. Bonnie fungou.

— Só tome mais cuidado, ok? — Ela disse — Você me assustou.

— Eu sinto muitíssimo. — Elena disse gentilmente, sentiu o vazio da ausência de Meredith. Meredith seria perfeita para ajudá-los neste momento.

— Então, vamos continuar? E aonde vamos? Estou perdidinha. Damon se levantou.

— Eu acho que devemos só seguir em frente. O caminho é estreito a partir daqui... E quem sabe qual será nosso próximo desafio?

* * *

O caminho era estreito... E nevoento. Tal como antes, ele começou como um véu transparente, cegando-os logo em seguida. Ela deixou Stefan, com seus reflexos felinos, ir à frente, e ela continuou carregando sua mochila. Bonnie se agarrou a ela com um carrapicho. Quando Elena achava que ela ia gritar caso tivesse que continuar viajando naquele cobertor branco, ele se dissipou. Eles estavam próximos a uma montanha.

Elena saiu em disparada logo depois de Bonnie, que se apressou com a visão do ar transparente. Ela foi rápida o suficiente para agarrar-se na mochila da Bonnie e puxá-la para trás, quando ela chegou ao lugar onde a terra terminava.

— Nem *pensar*! — Bonnie gritou, criando um eco logo abaixo. — Não tem como eu atravessar *isso* aqui!

Isso aqui era um abismo com uma ponte muito fina abrangendo-o.

O abismo era constituído por um branco gélido no topo, mas quando Elena se agarrou nos pólos de metal da ponte gelada e se inclinou um pouco para frente, ela pôde ver as cores azuis e verdes glaciais no fundo. Um vento frio atingiu seu rosto.

A distância entre este pedaço de mundo e próximo logo na frente deles era de cerca de cem metros de comprimento.

Elena olhou das profundezas sombrias para a ponte fina, que era feita de madeira e apenas larga o suficiente para que uma pessoa pudesse caminhar. Era apoiada aqui e ali por cordas que corriam pelo abismo e pregado com pinos metálicos estéreis e gelado no chão.

Ela também mergulhava magnificamente e depois se erguia novamente. Só mesmo de olhar parecia um minipasseio de montanha-russa de pura emoção. O único problema era que não incluía um cinto de segurança, um assento, dois trilhos e um guia dizendo: "Mantenham mãos e pés dentro do brinquedo tempo todo!" Havia uma fina e única corda, feita de tecido de trepadeira para se segurar do lado esquerdo.

— Olha — Stefan estava dizendo, tão calma e atentamente como Elena jamais tinha ouvido —, podemos nos segurar um nos

outros. Podemos ir um atrás do outro, bem devagar...

— *NÃÃO*! — Bonnie disse em grito psíquico que quase atingiu Elena. — *Não, não, não, não, NÃO! Vocês não entendem! Eu não posso FAZER ISSO!*

Bonnie jogou sua mochila no chão.

Então ela começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, em um ataque perfeito de histeria. Elena teve o impulso de jogar água em seu rosto. Ela teve um forte impulso de se lançar para o lado de Bonnie e gritar:

— Nem eu posso! É maluquice! Mas que mal poderia fazer?

Poucos minutos, Damon estava falando baixinho com Bonnie, sem ser afetado por sua expressão. Stefan estava andando em círculos. Elena estava tentando pensar em um Plano A, enquanto uma vozinha cantava dentro de sua cabeça:

Você não pode fazer isso, não pode fazer isso, não pode fazer isso também.

Aquilo era só uma fobia. Eles podiam fazer com que Bonnie a perdesse... Caso, digamos, eles tivessem um ano ou dois. Stefan, em uma de suas passadas circulares próximo a ela, disse:

— *Você* tem medo de altura, amor?

Elena decidiu encarar isso com uma expressão corajosa.

— Não sei. Acho que posso fazer isso. Stefan parecia satisfeito.

— Para salvar a sua cidade.

— Sim... É uma pena que nada funcione aqui. Eu poderia tentar usar minhas Asas Voadoras, mas não consigo controlá-las...

E esse tipo de magia não está disponível aqui, a voz de Stefan disse em sua mente. *Mas telepatia está. Você pode me ouvir, também, não pode?*

Eles pensaram na mesma resposta ao mesmo tempo, e Elena viu a ideia dele se mostrando em seu rosto, quando ela começou a falar.

— *Influencie* a Bonnie! Faça-a pensar que ela é uma equilibrista... Uma artista, desde que ela era uma bebê. Mas não faça com que ela seja muito brincalhona, ou então ela nos derrubará!

Com aquela luz em seu rosto, Stefan parecia... Feliz. Ele segurou ambas as mãos de Elena, girou-a no ar como se ela não pesasse nada e a beijou.

E a beijou.

E a beijou até que Elena sentiu sua alma saindo pela ponta de

seus dedos.

Eles não deviam ter feito isso na frente de Damon. Mas a euforia de Elena estava nublando seu julgamento, e ela não pôde se controlar.

Nenhum deles tinha tentado fazer uma sondagem mais profunda na mente. Mas telepatia era tudo que lhes tinha sobrado, e aquilo era tão delicioso e maravilhoso que fez com que continuassem abraçados, rindo, ofegando... Com a eletricidade intermitente entre eles.

Todo o corpo de Elena se sentiu como se ela tivesse acabado de levar um choque considerável.

Então ela saiu de seus braços, mas já era tarde demais. O olhar que partilharam já havia sumido há muito tempo, e Elena sentiu seu coração bater de medo. Ela pôde sentir os olhos de Damon sobre ela.

Ela mal conseguiu sussurrar:

— Você vai contar a eles?

— Sim — Stefan disse delicadamente. — Direi a eles.

Mas ele não se moveu até que ela virou-se de volta para Bonnie e Damon. Depois disso, ela ficou espiando por sobre seu ombro e ouvindo.

Stefan sentou-se próximo à garota chorona e disse:

— Bonnie, você pode olhar para mim? Isso é tudo que eu quero. Eu te prometo, você não tem que atravessar aquela ponte se você não quiser. Você nem ao menos precisa parar de chorar, mas tente olhar nos meus olhos. Você pode fazer isso? Que bom. Agora...

Sua voz, e até mesmo seu rosto, mudou sutilmente, tornando-se mais forte... Mais hipnotizante.

— Você não tem medo de altura, ok? Você é uma acrobata que poderia andar por uma corda bamba sobre o Grand Canyon sem que um fio de seu cabelo saísse do lugar. Você é a melhor de toda a sua família, Os McCullough Voadores, e *eles* são os melhores do mundo. E neste instante, você vai escolher se quer atravessar a ponte de madeira. Se sim, você vai nos liderar. Será nossa líder.

Bem devagar, enquanto ouvia a Stefan, o rosto de Bonnie mudou.

Com os olhos inchados fixados em Stefan, ela parecia estar ouvindo atentamente a algo em sua própria cabeça. E finalmente,

quando Stefan disse a última frase, ela ergueu-se num pulo e olhou para a ponte.

— Ok, vamos nessa! — Ela gritou, pegando sua mochila enquanto Elena, sentada, olhava para ela.

— Você pode fazer isso? — Stefan perguntou, olhando pra Elena. — Nós a deixaremos ir à frente... Não há como ela cair. Eu irei logo em seguida. Elena pode vir atrás de mim e agarrar-se em minha cintura, e conto com você, Damon, para segurá-la. Especialmente se ela começar a desmaiar.

— Eu a segurarei. — Damon disse quietamente.

Elena queria pedir a Stefan que a Influenciasse, também, mas tudo estava acontecendo rápido demais. Bonnie já estava na ponte, só parando quando fora chamada por Stefan. Stefan estava olhando para trás, para Elena, dizendo:

— Será que você pode se segurar bem forte em mim?

Damon estava atrás de Elena, colocando uma mão forte sobre seu ombro, e dizendo:

— Olhe sempre para frente, não para baixo. Não se preocupe em desmaiar, eu te segurarei.

Mas a ponte de madeira era muito frágil, e Elena descobriu que ela sempre estava olhando para baixo e que seu estômago flutuava para fora de seu corpo, acima de sua cabeça.

Ela deu um aperto mortal na cintura de Stefan com uma mão, colocando a outra na corda com tecido de trepadeira. Eles chegaram a um lugar onde uma ripa havia se soltado e as outras pareciam que iriam cair a qualquer momento.

— Cuidado aqui! — Bonnie disse, rindo e pulando sobre três ripas.

Stefan colocou o ultrapassou a ripa que faltava, colocando o pé na próxima.

Crack!

Elena não gritou... Ela estava além de qualquer grito. Ela não pôde olhar. O som havia feito com que ela fechasse os olhos.

E ela não pôde se mover. Nem um milímetro. E certamente nem um centímetro. Ela sentiu os braços de Damon ao redor de sua cintura. Ambos. Ela queria deixá-lo suportar seu peso, assim como ele fizera algumas vezes anteriormente.

Mas Damon estava sussurrando para ela, palavras que pareciam feitiços que fizeram com que suas pernas parassem de tremer, que suas dores sumissem e que ela parasse de respirar tão rapidamente, como se estivesse a ponto de desmaiar.

E então ele a estava soltando, e os braços de Stefan estavam ao seu redor, e por um momento ambos estavam segurando-a com firmeza. Em seguida, Stefan a ergueu e gentilmente colocou seus pés em ripas firmes.

Elena queria subir em cima dele como um coala, mas ela sabia que ela não devia fazer isso. Ela faria ambos caírem. Então, de alguma forma, de um lugar em seu interior que ela não sabia possuir, ela encontrou coragem para equilibrar-se sobre seus próprios pés e se atrapalhou ao segurar na trepadeira.

Então ela ergueu sua cabeça e sussurrou o mais alto que pôde:

— Sigam em frente. Precisamos dar espaço a Damon.

— Sim — Stefan sussurrou de volta.

Mas ele a beijou na testa, um beijo rápido e protetor, antes de se virar e ir em direção a uma Bonnie impaciente. Atrás dela, Elena ouviu — e sentiu — Damon pulando como se fosse um felino sobre o buraco.

Elena ergueu seus olhos e encarou novamente as costas da cabeça de Stefan. Ela não pôde compreender todas as emoções que estava sentindo naquele momento: amor, terror, admiração, entusiasmo... E, é claro, gratidão, tudo ao mesmo tempo. Ela não ousava virar sua cabeça para olhar para Damon atrás dela, mas ela sentia exatamente as mesmas coisas por *ele*.

— Só mais alguns passos — Ele continuou. — Só mais alguns passos.

Uma breve eternidade depois, eles estavam em terra firme, de frente para uma caverna de tamanho médio, e Elena caiu de joelhos. Ela estava doente e fraca, mas ela tentou agradecer a Damon quando ele passou por ela na trilha da montanha de neve.

— Você estava no meu caminho — Ele disse bem devagar e tão frio quanto o vento. — Se você tivesse caído, você poderia ter virado a ponte inteira. E não estou com vontade de morrer hoje.

— O que você está dizendo a ela? O que você disse? — Stefan, que estava longe do alcance de voz, voltou correndo. — O que ele

disse para você?

Damon, examinando a palma de sua mão à procura de espinhos da trepadeira, disse sem olhar para cima:

— Eu lhe disse a verdade, só isso. Até agora, ela só fez besteira nesta busca. Vamos torcer para que você consiga entrar na Casa de Portais, se sobreviver, porque se eles estiverem avaliando nosso desempenho, nós seremos reprovados. Ou devo dizer, um de nós será?

— *Cale a boca ou eu farei isso por você* — Stefan disse em uma voz diferente que Elena nunca o ouvira usar antes. Ela o encarou. Era como se ele tivesse envelhecido dez anos em um segundo.

— *Nunca* mais fale com ela, ou sobre ela, desse jeito, Damon!

Damon o encarou por um momento, as pupilas contraídas. Então ele disse "Tanto faz" e seguiu em frente. Stefan abaixou para abraçar Elena até que ela parasse de tremer.

Então é isso, Elena pensou.

Uma raiva gélida a tomou. Damon não tinha nenhum respeito por ela; ele não tinha por ninguém além dele mesmo. Ela não podia proteger Bonnie de seus próprios sentimentos — ou impedi-lo de insultá-la. Ela não podia impedir que Bonnie o perdoasse. Mas ela, Elena, estava farta de Damon. Esse último insulto fora a gota d'água.

A névoa voltou enquanto eles andavam pela caverna.

32

— Damon não pretendia ser tão... Tão idiota — Bonnie disse explosivamente. — Ele só... Sente como se fôssemos nós três contra ele... E... E...

— Bem, quem começou isso? Isso acontece desde a caminhada nos thurgs — Stefan disse.

— Eu sei, mas há algo mais — Bonnie disse humildemente. — Já que só tem neve, pedra e gelo... Ele... Eu não sei. Ele se sente preso. Tem algo errado.

— Ele está com fome — Ela disse, atingida por uma súbita percepção.

Desde caminhada nos thurgs que não havia nada para os vampiros caçarem. Não existia nada, nem raposas, insetos ou ratos. É claro, Lady Ulma havia fornecido bastante Black Magic para ele, a única coisa que parecia ser o substituto para o sangue.

Mas sua quantidade foi diminuindo e, é claro, eles tinham que pensar na viagem de volta, também. De repente Elena sabia o que faria bem para ela.

— Stefan — Ela murmurou, puxando-o para um canto da pedra rochosa da entrada da caverna. Ela tirou o capuz e desenrolou a scarf o suficiente para expor um lado de seu pescoço.

— Não me faça dizer "por favor" tantas vezes — Ela sussurrou para ele. — Não posso esperar mais.

Stefan olhou em seus olhos e viu que ela estava falando sério — determinada — e então beijou uma de suas mãos enluvadas.

— Já faz um bom tempo, eu acho... Não, tenho certeza, ou eu nunca aceitaria uma coisa como esta — Ele sussurrou.

Elena inclinou sua cabeça para trás. Stefan ficou entre ela e o vento, e ela estava quase aquecida. Ela sentiu uma dorzinha inicial e então Stefan estava bebendo, suas mentes se juntaram como duas gotas de chuva sobre uma janela de vidro.

Ele tomou só um pouquinho de sangue. O suficiente para fazer

a diferença em seus olhos, indo de um verde-piscina espumante para um córrego efervescente.

Mas então, seu olhar paralisou-se novamente.

— Damon... — Ele disse, e parou desajeitadamente.

O que Elena poderia dizer? Que ela simplesmente havia cortado suas relações com ele? Era para eles se ajudarem mutuamente, ao longo deste desafio; para mostrarem suas inteligências e coragens. Se ela desse para trás, ela falharia novamente?

— Mande-o aqui rapidamente — Ela disse. — Antes que eu mude de ideia.

Cinco minutos depois, Elena estava novamente naquele cantinho, enquanto Damon virava sua cabeça para frente e para trás com uma precisão desapaixonada, de repente disparando para frente e afundando seus dentes em uma veia proeminente. Elena sentiu seus olhos se alargarem.

Uma mordida que doesse tanto... Bem, ela já não experimentava isso desde os dias em que ela era burra e despreparada e havia lutado com todas as suas forças para se libertar.

Quando a mente de Damon, havia uma parede de aço. Já que ela tinha de fazer aquilo, ela tinha esperanças de ver o menino que vivia no íntimo da alma de Damon, o Protetor de todas as suas vontades e segredos, mas ela não pôde nem ao menos derreter aquele aço.

Depois de um minuto ou dois, Stefan puxou Damon para longe dela... Sem delicadeza. Damon se afastou emburrado, limpando sua boca.

— Você está bem? — Bonnie perguntou em um sussurro preocupante, enquanto Elena vasculhava a caixa de medicamentos de Lady Ulma, à procura de uma gaze para estancar as feridas não cicatrizadas em seu pescoço.

— Já estive melhor — Elena disse brevemente, enquanto ela enrolava sua scarf novamente. Bonnie suspirou.

— Meredith é quem verdadeiramente devia estar aqui — Ela disse.

— Sim, mas Meredith deve ficar em Fell's Church, também. Só espero que eles consigam segurar as pontas até que nós voltemos.

— Só espero que voltemos com algo que possa ajudá-los — Bonnie sussurrou.

* * *

Meredith e Matt passaram desde as duas da manhã até o amanhecer derramando pequenas gotas da Esfera Estelar de Misao pelas ruas da cidade, pedindo ao Poder para que ele, de alguma forma, os ajudasse na luta contra Shinichi. Este movimento de ir de um lugar para o outro também rendeu um bônus surpresa: crianças. Não crianças loucas. As normais, com medo de seus irmãos e irmãs e de seus pais, não se atrevendo a entrar em casa por causa das coisas terríveis que viram lá. Meredith e Matt os tinham abarrotado no SUV de segunda mão da mãe de Matt e os trouxeram até sua casa.

No fim, eles eram mais que trinta crianças, de cinco a dezesseis anos, todos com medo de brincar, falar, ou até mesmo de pedir alguma coisa. Mas eles tinham comido tudo que a Sra. Flowers pôde encontrar que não estava estragado na geladeira ou na despensa de Matt, e nas despensas das casas desertas de ambos os lados da dos Honeycutt.

Matt, observando uma menina de dez anos enfia a pão branco comum na boca com uma fome de lobo, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto sujo enquanto ela mastigava e engolia, disse baixinho à Meredith:

— Será que há alguém infiltrado aqui?

— Eu apostaria minha vida nisto — Ela respondeu silenciosamente. — Mas o que vamos fazer? Cole não sabe nada que possa nos ajudar. Só podemos orar que as crianças não possuídas sejam capazes de nos ajudar quando os servos de Shinichi atacarem.

— Eu acho que a melhor opção, quando formos confrontar as crianças possuídas que podem estar armadas, seria correr. Meredith assentiu distraidamente, mas Matt notou que ela levava a estaca em todos os lugares que ela ia agora.

— Eu já criei um pequeno teste para eles. Eu vou colocar em cada um deles um Post-It e verei o que acontece. Crianças que fizeram coisas pela qual lamentam vão ficar histéricas; crianças que já estão aterrorizadas, obterão algum conforto; e os infiltrados

atacarão ou correrão.

— Eu tenho que ver isso.

O teste de Meredith só mostrou dois infiltrados na multidão toda: um menino de treze anos e uma menina de quinze. Ambos gritaram e correram pela casa, berrando descontroladamente. Matt não pôde detê-los. Quando tudo acabou e as crianças mais velhas foram confortar as mais novas, Matt e Meredith terminaram de colocar amuletos nas janelas e entre as tábuas. Eles passaram a noite estocando alimentos, questionando as crianças sobre Shinichi e a Última Meia-Noite, e ajudando a Sra. Flowers no tratamento de lesões. Eles tentaram deixar um deles de guarda o tempo todo, mas já que eles estavam em movimento desde a uma da manhã, ele ficaram bem cansados.

Ás quinze para as onze Meredith chegou em Matt, que estava limpando os arranhões de um garoto loiro de oito anos de idade.

— Ok — Ela disse silenciosamente. — Eu vou pegar meu carro e conseguir novos amuletos que a Sra. Saitou disse que fez para mim agora. Você se importa se eu levar Sabber?

Matt balançou sua cabeça.

— Não, eu faço isso. Eu conheço melhor as Saitou, afinal.

Meredith deu-lhe o que, para uma pessoa menos refinada, poderia ser chamado de bufão.

— Eu as conheço o suficiente para dizer: "Com licença, Inari-Obaasan; com licença, Orime-san; somos os causadores de problemas que vivem pedindo por grandes quantidades de amuletos antidemônios, mas vocês não se importam, não é mesmo?"

Matt sorriu levemente, deixando o garoto ir embora, e disse:

— Bem, elas podem se importar menos se você as chamar pelo próprio nome. "Obaasan" significa "avó", certo?

— Sim, claro.

— E "san" é só uma coisa que você coloca no final do nome para ser mais educado. Meredith concordou, adicionando:

— E "uma coisa que você coloca no final do nome" é chamado de "sufixo honroso".

— Sim, sim, mas esses nomes pelo qual você as chamou são errados. Elas são a avó Orime e a mãe Orime, mãe de Isobel. Então fica Orime-Obaasan e Orime-san, também.

Meredith suspirou.

— Olha, Matt, *Bonnie e eu as* conhecemos primeiro. A avó se apresentou como Inari. Agora eu sei que ela é um pouco maluca, mas ela certamente saberia o próprio nome, né?

— E ela se apresentou para mim e não disse que seu nome era Orime, mas que sua filha se chamava assim. Fale com ela sobre isso quando você for.

— Matt, posso usar meu notebook? Está na pensão...

Matt deu uma risada curta e aguda — quase um soluço. Ele olhou para se certificar de que a Sra. Flowers estava por perto e então silvou:

— Está em algum lugar no centro da Terra, talvez. Não há mais pensão.

Por um momento parecia simplesmente chocada, mas então ela franziu a testa. Matt olhou para ela sombriamente. Não ajudou muito pensar que só havia eles dois de seu grupo para brigar. Lá estavam eles, e Matt praticamente podia ver as faíscas voando.

— Certo — Meredith disse finalmente. — Eu só vou lá e perguntar à Orime-Obaasan, então dizê-las que foi sua culpa quando elas começarem a rir.

Matt balançou a cabeça.

— Ninguém vai rir, pois você não vai lá.

— Olha, Matt — Meredith disse —, eu andei navegando na Internet e conheço o nome Inari. Veio de algum lugar. E *sei* que tem... Tem alguma conexão... — Sua voz foi sumindo.

Quando Matt voltou seus olhos para o teto, ele começou a dizer algo. O rosto de Meredith estava pálido e ela estava respirando rapidamente.

— Inari... — Ela sussurrou. — Eu conheço mesmo este nome, mas... De repente ele segurou o pulso de Matt com tanta força que doeu.

— Matt, o seu computador ainda está funcionando?

— Estava quando a eletricidade voltou. Mas agora até o gerador se foi.

— Mas você tem um celular que se conecta com a internet, não é? A urgência em sua voz fez Matt, rapidamente, levá-la a sério.

— Claro — Ele disse. — Mas está sem bateria, por no mínimo

um dia. Sem eletricidade, não posso recarregá-lo. E minha mãe levou o dela. Ela não consegue viver sem ele. Stefan e Elena devem ter deixado os seus na pensão... — Ele sacudiu sua cabeça ao ver a expressão esperançosa de Meredith e sussurrou: — Ou devo dizer, onde a pensão costumava ser.

— Mas temos que encontrar um celular ou um computador que funcione! Nós temos! Preciso que funcione por só um minuto! — Meredith disse freneticamente, passando por ele como se estivesse tentando bater um recorde mundial.

Matt a estava encarando com espanto.

— Mas por quê?

— Porque nós *temos* que achar. Eu *preciso*, mesmo que seja só por um minuto! Matt só pôde olhá-la, perplexo. Finalmente ele disse:

— Eu acho que podemos perguntar para as crianças.

— As crianças! Uma delas deve ter um celular que preste! Vamos, Matt, nós temos que falar com elas *neste instante*. — Ela parou e disse, com voz rouca: — Rezo para que você esteja certo e eu, errada.

— Hã?

Matt não tinha ideia do que estava acontecendo.

— Eu disse que espero estar errada! Reze você, também, Matt... *Por favor*!

33

Elena estava esperando que a névoa se dispersasse. Ela sempre voltava, aos pouquinhos, e agora ela se perguntava se isso iria embora, ou se isso era, na verdade, outro desafio. Então, quando, de repente, ela pôde ver a camisa de Stefan na frente dela, ela sentiu seu coração bater de felicidade. Ela não tinha estragado nada ultimamente.

— Eu consigo ver! — Stefan disse, puxando-a para o seu lado. E então:

— Voilà... — Mas não passou de um sussurro.

— O que é, o que é? — Bonnie gritou, dando um salto para frente. E então ela parou também.

Damon não acelerou o passo. Só caminhou. Mas Elena estava olhando para Bonnie neste momento, ela viu sua expressão quando ele viu.

Na frente deles havia uma espécie de castelo pequeno, com grandes torres que penetravam as nuvens baixas que pairavam acima dele. Havia algum tipo de escrita sobre as enormes portas pretas, que pareciam as de uma catedral, mas Elena nunca vira algo parecido com aqueles rabiscos, devendo ser de alguma língua estrangeira.

Em ambos os lados do prédio havia paredes pretas que eram quase tão altas quanto às torres. Elena olhou da esquerda para a direita e percebeu que elas desapareciam quase que inteiramente. E sem magia, seria impossível sobrevoá-las. O quê o garoto e a garota da história haviam descoberto depois de dias, segurando-se na parede, eles simplesmente haviam andado diretamente para isto.

— Esta é a Casa de Portais dos Sete Tesouros, não é, Bonnie? Não é? Olhe! — Elena gritou.

Bonnie já estava olhando, com ambas as mãos pressionadas contra seu coração, e pela primeira vez sem ter o que dizer. Enquanto Elena assistia, a garota menor caiu de joelhos na neve clara e fina. Mas Stefan respondeu. Ele segurou Bonnie e Elena ao mesmo tempo

e rodopiou as duas no ar.

— É, sim.

Ele disse, justo quando Elena estava dizendo "É, sim" e Bonnie, a expert, arfou:

— Oh, é ele mesmo, é ele *mesmo*! — Ela disse, com lágrimas congelando em suas bochechas. Stefan colocou seus lábios na orelha de Elena.

— E você sabe o que isso significa, não sabe? Se essa for a Casa de Portais dos Sete Tesouros, você sabe onde estamos parados neste instante?

Elena tentou ignorar a quente sensação de formigamento, que ia da sola de seus pés até a percepção da respiração de Stefan em sua orelha. Ela tentou focar em sua pergunta.

— Olhe para cima — Stefan sugeriu. Elena olhou... E arfou.

Acima deles, ao invés das camadas de névoa ou da incessante luz do Sol envaidecido que se pendia para sempre no horizonte, havia três luas. Uma era enorme, cobrindo, talvez, um sexto do céu, brilhando em redemoinhos de branco e azul, sendo nebulosa nas bordas. Na frente dela havia uma lua linda e prateada que devia ser no mínimo três quartos tão grande quanto a primeira.

Por fim, havia uma pequena lua em órbita, branca como um diamante, que parecia manter deliberadamente uma distância das outras duas. Todas elas estavam meio cheias e davam um brilho gentil na neve ao redor de Elena.

— Estamos no Mundo Inferior — Elena disse, trêmula.

— Oh... É igual a história — Bonnie arfou. — Exatamente igual. Até mesmo a descrição. Até mesmo a quantidade de neve!

— *Exatamente* igual a história? — Stefan perguntou. — Até mesmo a fase das luas? Em que fase elas estão?

— Exatamente igual. Stefan concordou.

— Eu pensei que seria mesmo. A história era uma profecia, dada a você com o propósito de nos ajudar a encontrar a maior Esfera Estelar já feita.

— Bem, vamos entrar! — Gritou Bonnie. — Estamos perdendo tempo!

— Ok... Mas todos em guarda. Não queremos que nada dê errado — Stefan disse.

Eles foram para a Casa de Portais dos Sete Tesouros nesta ordem: Bonnie, que havia encontrado as grandes portas pretas que se abriram com um só toque, mas aí ela não pôde ver nada, pois ela estava vindo de um lugar iluminado; Stefan e Elena, de mãos dadas; e Damon, que esperou do lado de fora por um longo tempo, Elena pensou que ele devia estar julgando aqui como um "tipo diferente de festa".

Enquanto isso, os outros estavam tendo o maior choque de prazer da vida, só comparando com quando eles pegaram as Chaves Mestras dos kitsune.

— Sage... Sage! — Bonnie esganiçou assim que seus olhos se ajustaram. — Oh, olhe, Elena, é o Sage! Sage, como você está? O que você está fazendo aqui? Oh, é tão bom te ver!

Elena piscou duas vezes, e a escuridão do interior da sala octogonal entrou em foco. Ela olhou para o móvel único na sala: uma mesa grade, que ficava no centro.

— Sage, você sabe quanto tempo faz que não nos vemos? Você sabia que Bonnie quase foi vendida em um leilão público? Você soube do sonho dela?

Sage estava igual, do jeito que Elena sempre o viu: o corpo bronzeado e em forma, parecido com o de um Titã, o peito nu e os pés descalços, o jeans Levi's preto, os cabelos longos, emaranhados e em espirais cor de bronze, e estranhos olhos de bronzes que poderiam cortar aço, ou ser tão gentil como um cordeirinho de estimação.

— *Mes deux petits chatons* — Sage estava dizendo. — Minhas duas gatinhas, vocês me assustaram. Eu estive vendo suas aventuras. O Guardião dos Portais não é provido de muito entretenimento e não é permitido sair desta fortaleza, mas vocês foram as mais corajosas e as mais engraçadas. *Je vous félicite*.

Ele beijou primeiro a mão de Elena e depois a de Bonnie, então abraçou Stefan, dando-lhe aquele beijo latino em suas duas bochechas. Então assumiu seu assento.

Bonnie estava subindo em cima de Sage como se ela fosse mesmo uma gatinha de verdade, ajoelhando-se sobre a coxa dele.

— Você pegou a Esfera Estelar cheia de Poder de Misao? — Ela exigiu. — Você usou metade dela, eu quero dizer? Para voltar para

cá?

— *Mais oui*, eu usei. Mas eu também deixei um pouco para a Madame Flowers...

— Você não soube que Damon usou a outra metade para abrir o Portal novamente? E que eu caí também, mesmo ele não me querendo aqui? E por causa disso eu quase fui vendida como uma escrava? E que Stefan e Elena tiveram que vir atrás de mim, para se certificarem que eu estava bem? E que a caminho daqui Elena quase caiu da ponte, e que nós não temos certeza se os thurgs vão sobreviver? Você sabia que a Última Meia-Noite está chegando em Fell's Church, e não sabemos...

Stefan e Elena trocaram olhares por um tempo, olhares cheios de significados e então Stefan disse:

— Bonnie, temos que fazer a pergunta mais importante ao Sage — Ele olhou para Sage. — É possível salvarmos Fell's Church? Temos tempo o suficiente?

— *Eh bien*. Pelo o que eu sei sobre o vórtex cronológico, vocês têm tempo o bastante e mais um pouco para gastar. O suficiente para uma taça de Black Magic para acalmar vocês. Mas antes disso, nada de vadiagem!

Elena sentiu como se fosse um pedaço de papel amassado e que tinha sido esticado e suavizado. Ela respirou profundamente. Eles podiam fazer isso. Isso permitiu que ela se lembrasse do seu comportamento civilizado.

— Sage, como você acabou ficando preso aqui? Ou você esteve nos esperando?

— *Hélas*, não... Estou aqui como uma forma de punimento. Tive uma Convocação Imperial que não podia ser ignorada, *mes amis* — Ele suspirou e adicionou: — Eu sou novamente o Cara dos Favores. Então, agora, eu sou o embaixador do Mundo Inferior, como vocês podem ver — Ele ergueu as mãos para o redor da sala. — *Bienvenue*.

Elena não notou que o tempo estava passando, que preciosos minutos estavam sendo perdidos. Mas talvez o próprio Sage fizesse alguma coisa por Fell's Church.

— Você tem que ficar mesmo aqui?

— Mas é claro, até que *mon père*... Meu *pai* — Sage disse a palavra selvagem e ressentidamente — ceda e eu possa retornar para

a Corte Infernal, ou, bem melhor, possa seguir meu caminho e nunca mais voltar. Ou, por fim, até que alguém tenha pena de mim e me mate.

Ele olhou curiosamente para o grupo, então suspirou e disse:

— Sabber e Talon, eles estão bem?

— Estavam, até a hora de irmos embora — Elena disse, ansiosa por continuar a falar sobre seus próprios problemas.

— *Bien* — Sage disse, olhando para ela gentilmente —, mas devíamos ter o grupo inteiro para um tour, não?

Elena olhou para as portas e então de novo para Stefan, mas Sage já estava dizendo — tanto com sua voz quanto com sua telepatia:

— *Damon*, mon poussinet, *você não quer se juntar aos seus camaradas*?

Houve uma longa pausa, e então as portas se abriram e um Damon muito mal humorado adentrou. Ele não respondeu ao "*Bienvenue*" amigável de Sage, ao invés disso, disse:

— Eu não vim aqui para socializar. Quero ver os tesouros a tempo de salvar Fell's Church. Eu não me esqueci daquela maldita cidade, apesar dos outros terem se esquecido.

— *Alors maintenant* — Sage disse, parecendo ofendido — Vocês todos passaram nos testes a caminho daqui e podem dar uma olhadinha nos tesouros. Vocês podem até usar magia novamente, embora eu não tenha certeza se isso vá ajudar. Isso tudo depende de qual tesouro vocês estão procurando. *Félicitations*!

Todos, menos Damon, fizeram um gesto que mostrou estarem envergonhados.

— Agora — Sage continuou —, eu devo mostrar cada Portal para vocês antes que vocês possam escolher um. Tentarei ser rápido, mas tenham cuidado, *s'il vous plaît*. Uma vez que vocês escolherem um tesouro, esta será a única porta que será aberta novamente para vocês.

Elena encontrou-se segurando a mão de Stefan — que já estava à procura da sua — enquanto cada uma das portas brilhava uma luz fraca e prateada.

— Atrás de vocês — disse Sage —, está o grande portão que fez com que vocês entrassem nesta sala, não? Mas ao lado dela, ah...

Uma porta brilhou para mostrar uma caverna impossível de ser acessada. Impossível por causa das pedras preciosas caídas ao chão ou saindo das paredes da caverna. Rubis, diamantes, esmeraldas, ametistas... Cada uma tão grande quanto o pulso de Elena, deitadas sobre grandes pilares.

— É lindo, mas... Não, é claro! — Ela disse firmemente, e esticou seu braço para colocar uma mão no ombro de Bonnie. A próxima porta apareceu, brilhando, então brilhou ainda mais ainda, parecendo que ia desaparecer.

— E aqui — Sage suspirou —, é o famoso paraíso kitsune.

Elena pôde sentir seus olhos aumentarem. Era um dia ensolarado no mais lindo parque que ela já havia visto. No fundo, havia uma cachoeirinha que caía sobre um riacho, que corria por uma colina verde, enquanto bem na frente dela havia um banco de pedra, apenas do tamanho para que duas pessoas pudessem se sentar, debaixo de uma árvore que parecia uma cerejeira em plena floração.

Flores voavam conforme uma brisa que agitava a cerejeira e um pessegueiro que estava ali por perto — causando uma chuva de pétalas. Embora Elena só tivesse visto o lugar por um momento, ele já parecia ser familiar para ela. Ela só precisava andar em direção a ele...

— Não, Stefan!

Ela teve que tocar seu braço. Ele estava andando direto para o jardim.

— O quê? — Ele disse, balançando sua cabeça como alguém que acaba de acordar de um sonho. — Eu não sei o que aconteceu. Pareceu que eu estava indo para velha, velha casa... — Sua voz se cortou. — Sage, continue, por favor.

A próxima porta já estava brilhando, mostrando várias prateleiras com vinho Clarion Loess Black Magic. À distância, Elena pôde ver uma vinha com luxuosos cachos de uva que pareciam ser bem pesados, frutos que nunca veriam a luz do Sol até que se fosse feito o famoso líquido.

Todos já estavam bebendo Black Magic de suas taças, então foi fácil dizer "não" até mesmo para as luxuosas uvas. Assim que a próxima porta brilhou, Elena ouviu-se arfar.

Era o meio do dia, muito brilhante. Crescendo numa cerca até onde ela pôde ver havia grandes arbustos com imensas rosas — nas

quais, as pétalas tinham a aparência negra, quase aveludada.

Assustada, ela viu que todos olhavam para Damon, quem havia dado um passo para frente como se fosse involuntariamente. Stefan esticou seu braço, impedindo sua passagem.

— Eu não pude olhar bem — Damon disse —, mas acho que essas são iguais a que eu... Destruí. Elena virou-se para Sage.

— Elas são iguais, não são?

— Pois não — Sage disse, parecendo infeliz. — Essas são todas rosas da Meia-Noite, *noir pur*... Iguais a que estava no buquê do kitsune branco. Mas estas não possuem *feitiços*. Os kitsune são os únicos que podem colocar feitiços nelas... Tipo a remoção da maldição do vampiro.

Houve um suspiro de desapontamento em todos os ouvintes, mas Damon apenas pareceu estar mais sombrio. Elena estava prestes a falar, a dizer que Stefan não devia ser submetido a isto, quando as palavras de Sage entraram em sintonia com o brilho do próximo portão, e sentiu uma imensa onda de inveja.

— Acho que vocês a chamariam de "*La Fontaine* da Eterna Juventude e Vida" — Sage disse.

Elena pôde ver uma fonte ornamentada jorrando, a spray de água efervescente no topo formava um arco-íris. Pequenas borboletas de todas as cores voavam ao redor dela, pousadas nas folhas do pavilhão que embalavam a vegetação.

Meredith, com sua cabeça no lugar e lógica presente, não estava ali, então Elena afundou suas unhas nas palmas de suas mãos e gritou: "Não! A próxima!" o mais rápida e forçadamente possível.

Sage estava falando novamente. Ela fez-se ouvir.

— A Flor Radhika Real, no qual a lenda diz que fora roubada da Corte Celestial há muitos milênios atrás. Ela muda de forma. Uma coisa era dizer... Outra, totalmente diferente, era ver...

Elena viu aquilo espantada, enquanto uma dúzia ou mais de flores com hastes espessas e entrelaçadas, coroadas com um lindo lírio branco, tremulava um pouco. No momento seguinte ela estava olhando para um aglomerado de violetas com folhas de veludo e uma gota de orvalho brilhando sobre uma pétala. Um momento depois, os caules foram cobertos com radiantes boca-de-leões da cor vermelha — com a gota de orvalho ainda no lugar. Antes que ela pudesse se

lembrar em não estender as mãos para tocá-los, as boca-de-leões tornaram-se rosas vermelhas profundas e totalmente abertas. Quando as rosas se transformaram em uma flor exótica de ouro que Elena nunca tinha visto, ela teve de virar as costas.

Ela encontrou-se pulando em direção a um peito masculino forte e nu enquanto forçava-se a voltar à realidade. A Meia-Noite estava chegando... E não era como um mar de rosas.

Fell's Church precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir e lá estava ela olhando as flores. Abruptamente, Sage tirou os pés dela do chão e disse:

— Uma tentação, especialmente para uma *la beauté* adorável igual você, *belle madame*. Mas que regra boba, essa, que não a deixa nem pegar uma mudinha! Mas há algo muito maior e mais puro que a beleza, Elena. Você, o seu nome. Na Antiga Grécia, Elena significava "luz"! A escuridão está se aproximando rapidamente... A Última Meia-Noite Já Vista! Beleza não irá afastá-la; isto é uma bagatela, uma bugiganga, inútil em tempos de desastre. Mas *luz*, Elena, a *luz* conquistará a escuridão! Eu acredito nisto tanto quanto eu acredito na sua coragem, na sua honestidade e no seu coração amoroso e gentil.

Com isso, ele a beijou na testa e a colocou de volta ao chão.

Elena estava confusa. De todas as coisas que ela sabia, ela sabia melhor do que todos que não poderia derrotar a escuridão que estava se aproximando — pelo menos, não sozinha.

— Mas você não está sozinha — Stefan sussurrou, e ela percebeu que ele estava bem ao lado dela, e que ela estava com sua mente aberta, projetando seus pensamentos tão claramente como se estivesse falando.

— Estamos aqui com você — Bonnie disse em uma voz duas vezes mais alta que ela. — Não temos medo do escuro. Houve uma pausa enquanto todos tentavam não olhar para Damon.

Por fim, ele disse:

— De alguma forma, eu vou dizer esta insanidade... Ainda me pergunto o que aconteceu para eu dizer isto, mas eu já cheguei longe demais para agora dar pra trás.

Sage virou-se em direção à ultima porta e ela brilhou. Não tanto, porém. Parecia ser a sombra de uma árvore muito grande. O

que era estranho, entretanto, era que não crescia nada embaixo dela. Nada de samambaias, arbustos ou mudas, nem ao menos as normalmente presentes trepadeiras e ervas daninhas. Havia algumas folhas mortas no chão, mas, tirando isso, havia apenas sujeira.

Sage disse:

— Um planeta com apenas uma forma corpórea de vida sobre ele. A Grande Árvore que cobre um mundo inteiro. A copa cobre tudo, menos os lagos com água fresca que ela precisa para sobreviver.

Elena olhou para o coração do mundo crepuscular.

— Viemos tão longe, e talvez, juntos... Talvez possamos encontrar a Esfera Estelar que salvará nossa cidade.

— Vocês escolhem esta porta? — perguntou Sage.

Elena olhou para o resto do grupo. Eles todos pareciam estar esperando por sua confirmação.

— Sim... Sejamos rápidos. Temos que nos apressar.

Ela fez o movimento de abaixar sua taça e ela desapareceu. Ela sorriu, agradecida, para Sage.

— Estritamente falando, eu não devia ajudá-los — Ele disse —, mas se vocês tiverem uma bússola... Elena tinha uma. Ela estava sempre presa à sua mochila, pois ela sempre tentava lê-la.

Sage colocou a bússola em sua mão e traçou uma linha sobre ela. Ele deu a bússola de volta para Elena e ela viu que a agulha já não mais apontava para o norte, mas para um ângulo a nordeste.

— Siga a seta — Ele disse. — Ela os levará para o tronco da Grande Árvore. Se eu tivesse que adivinhar onde encontrar a maior Esfera Estelar, eu iria para este caminho. Mas tenham cuidado! Outros já tentaram este caminho. Seus corpos têm alimentado a Grande Árvore... Como fertilizante.

Elena mal pôde ouvir as palavras. Ela estava com medo ao pensar em procurar pelo planeta inteiro por uma Esfera Estelar. É claro, devia ser um mundo bem pequeno, igual... Igual...

Igual a pequena lua de diamante que você viu acima do Mundo Inferior?

A voz na mente de Elena era, ao mesmo tempo familiar e estranha. Ela deu uma olhadela para Sage, que sorriu. Então ela olhou para ao redor da sala. Parecia que todos estavam esperando que ela desse o primeiro passo.

Ela deu.

34

— Vocês foram alimentados e cuidados do melhor jeito que conseguimos — Meredith disse, olhando para todos os *jovens* com rostos assustados e tensos, quando todos se viraram para ela, no porão. — E agora, só há uma coisa que pedimos em troca.

Ela fez um esforço e firmou sua voz.

— Quero saber se alguém tem um celular que se conecta com a internet, ou um computador que ainda esteja funcionando. Por favor, *por favor*... Se vocês até mesmo *pensam* saber onde há um funcionando, me diga.

A tensão parecia um cordão de borracha espessa, arrastando Meredith para cada um dos rostos pálidos e tensos, que a olhavam do mesmo jeito.

Justo quando Meredith estava essencialmente equilibrada, cerca de doze mãos se levantaram imediatamente, e uma menina solitária de cinco anos de idade disse:

— Minha mamãe tem um. E meu papai também.

Houve uma pausa e antes que Meredith pudesse dizer "Alguém conhece essa menina?", uma menina mais velha disse:

— Ela quer dizer que eles tinham um, antes da chegada do Homem das Chamas.

— O Homem das Chamas é o Shinichi? — Meredith perguntou.

— Claro. Às vezes ele fazia as partes vermelhas de seu cabelo queimarem até o topo de sua cabeça.

Meredith guardou este fato embaixo de "*Coisas que eu não quero ver, sinceramente, de coração, nunca mesmo.*"

Ela se sacudiu para tirar a imagem de sua cabeça.

— Garotos e garotas, por favor, *por favor*, pensem. Eu só preciso de um: um celular com acesso à internet, que ainda tenha bateria, *neste instante*. Um notebook ou computador que ainda esteja funcionando agora, talvez por causa de um gerador que ainda dê

eletricidade. Só de uma família com gerador que ainda esteja funcionando. Alguém?

As mãos estavam abaixadas agora.

Um garoto que ela pensou reconhecer como o irmão de Loring, talvez com dez ou onze anos, disse:

— O Homem das Chamas disse que celulares e computadores eram coisas ruins. É por isso que meu irmão teve uma briga mano-a-mano com o meu pai. Ele jogou todos os celulares da casa na privada.

— Ok, ok, obrigada. Mas alguém viu um celular funcionando ou um computador? Ou um gerador?

— Ora, sim, minha amada, eu tenho um — A voz veio do topo das escadas.

A Sra. Flowers estava parada lá, vestida com um sobretudo. Estranhamente, ela estava com sua bolsa volumosa em uma das mãos.

— Você tem... Tem um gerador? — Meredith perguntou, seu coração acelerando.

Que perda de tempo! Se a cidade viesse abaixo por causa dela, Meredith, ela ainda não teria terminado sua própria pesquisa! Os minutos estavam passando, e se alguém em Fell's Church morresse, seria culpa dela. Culpa *dela*. Ela não achava que poderia viver com isso. Meredith tentou, durante toda a sua vida, alcançar o estado de calma, concentração e equilíbrio que era o outro lado da moeda das suas habilidades de luta das diversas disciplinas que ela havia aprendido. E ela havia ficado boa nisto: uma boa observadora, uma boa filha, até mesmo uma boa aluna entre todas do ex-grupinho popular de Elena. Ele era composto por: Elena, Meredith, Caroline e Bonnie, que, juntas, pareciam quatro peças de um quebra-cabeça. Meredith, às vezes, sentia falta dos velhos tempos de ousadia e de brincadeiras pseudo-sofisticadas, que nunca machucaram ninguém — exceto aquele garotos bobos que ficavam em volta dela como formigas ficam em volta de um piquenique.

Mas agora, olhando para si mesma, ela estava confusa. Quem era ela? Uma garota hispânica com o nome da melhor amiga galega de sua mãe, dos tempos de faculdade. Uma caçadora de vampiros que tinha dentes de gatinho, um irmão gêmeo vampiro, e um grupo de amigos que incluía Stefan, um vampiro; Elena, uma ex-vampira... E, possivelmente, outro vampiro, embora ela estivesse extremamente

hesitante em chamar Damon de "amigo".

E aonde chegamos com tudo isso?

Com uma garota tentando fazer o seu melhor para manter o equilíbrio e a concentração, em um mundo que havia enlouquecido. Uma garota que ainda estava se curando das verdades que ela aprendera sobre sua própria família, e agora se torturava, tentando confirmar uma suspeita terrível.

Pare de pensar. *Pare*! Você tem que contar à Sra. Flowers que sua pensão fora destruída.

— Sra. Flowers... Sobre a sua pensão... Eu tenho que te dizer...

— Por que você não usa o meu BlackBerry primeiro? — A Sra. Flowers desceu as escadas do porão cuidadosamente, olhando para seus pés, e então as crianças foram para frente dela como ondas do Mar Vermelho.

— O seu...? — Meredith encarou, chocada.

A Sra. Flowers abriu sua enorme bolsa e agora segurava um pequeno objeto preto para ela.

— Ainda tem bateria — A velha senhora explicou enquanto Meredith pegava o objeto com as duas mãos trêmulas, como se estivesse pegando um objeto sagrado. — Acabei de ligá-lo e está funcionando. E agora, estou na internet! — Ela disse, orgulhosamente.

O mundo de Meredith fora engolido por uma telinha antiquada, cinza e pequena.

Ela estava tão surpresa e animada por ver aquilo que quase esqueceu o porquê dela precisar dele. Mas seu corpo sabia. Seus dedos se firmaram; seus polegares dançaram sobre as teclas. Ela entrou na sua página favorita de buscas e digitou a palavra "Orime". Apareceram várias páginas — a maioria em japonês. Então, sentindo seus joelhos tremerem, ela digitou "Inari".

6.530.298 resultados.

Ela foi para no primeiro link que apareceu e viu uma web page com uma definição. Palavras-chave pareciam voar para cima dela como se fossem abutres. Inari era uma divindade Shinto japonesa do arroz... E... Das raposas. Na entrada de um santuário de Inari há... Estátuas de dois kitsune... Um do sexo masculino e outra do feminino... Ambos com uma chave ou com uma joia na boca ou na

pata... Esses espíritos-raposa são os servos e os mensageiros de Inari. Eles seguem as ordens de Inari...

Havia também uma foto com um par de estátuas de kitsune, na forma de raposa. Ambos tinham em suas patas uma Esfera Estelar.

Três anos atrás, Meredith havia fraturado sua perna quando ela estava em uma viagem de esqui com seus primos, nas Montanhas Blue Ridge.

Ela havia dado de encontro direto com uma árvore. Nenhuma arte marcial poderia tê-la salvado no último minuto; ela estava esquiando em áreas perigosas, onde ela sabia que poderia trombar com qualquer coisa: barrancos, abismos, rochas. E, é claro, árvores. Muitas árvores. Ela era uma ótima esquiadora, mas ela estava indo rápido demais, indo para a direção errada, e a próxima coisa que ela percebeu foi que havia uma árvore em seu caminho.

Agora, ela tinha a mesma sensação de acordar depois de dar de cara com a árvore. O choque, a tontura e a náusea que eram, inicialmente, piores que a dor. Meredith podia aguentar a dor. Mas a martelada em sua cabeça, a consciência de que ela havia cometido um *grande* erro e que ela teria que pagar por isso era insuportável. Além disso, havia o medo curioso em saber que suas próprias pernas poderiam não aguentá-la por muito tempo. Até mesmo as mesmas perguntas inúteis corriam pelo seu subconsciente, tipo: "Como eu pude ser tão burra?" "Será que isso é um sonho?" e "Por favor, Deus, será que é possível eu apertar o botão Ctrl + Z?

Meredith de repente percebeu que ela estava apoiada tanto na Sra. Flowers quanto em uma menina de dezesseis anos, Ava Wakefield. O celular estava no chão de concreto do porão. Muitas crianças estavam gritando pelo nome de Matt.

— Não... Eu... Eu consigo ficar em pé.

Tudo que ela mais queria no mundo era se enfiar em um buraco e fugir deste horror. Ela queria que suas pernas tirassem uma folga e que sua mente ficasse em branco, assim ela poderia fugir...

Mas ela não podia fugir. Ela pegou a estaca; ela tinha uma obrigação, igual seu avô. Qualquer coisa sobrenatural que tirava o sossego de Fell's Church, e que estivesse em sua mira, era seu problema. E o problema é que sua obrigação nunca acabava.

Matt desceu correndo as escadas, carregando uma menina de

sete anos de idade, Hailey, que continuava se contorcendo em pequenas convulsões.

— Meredith! — Ela pôde ouvir a incredulidade na voz dele. — O que foi? O que você descobriu, pelo amor de Deus?

— Venha... Ver.

Meredith estava lembrando-se de detalhe por detalhe que deveriam ter acionando um alerta em sua cabeça. Matt, de alguma forma, já estava ao seu lado, enquanto ela se lembrava da primeira descrição de Bonnie sobre Isobel Saitou.

— *Ela é do tipo quietinha. Difícil de se conhecer bem. Tímida. E... Gente boa.*

E a primeira visita à casa das Saitou. Da menina quietinha, tímida e gente boa, surgiu outra Isobel Saitou: a Deusa dos Piercings, com sangue e pus saindo de vários buracos em seu corpo. E quando eles haviam tentado levar o jantar para sua velha avó, Meredith havia percebido que o quarto de Isobel era bem embaixo do da velha senhora. Depois de ver Isobel toda cheia de piercings e claramente descontrolada, Meredith presumiu que alguma influência maligna devia estar tentando se espalhar e, no fundo de sua mente, ela se preocupou com a velhinha. Mas o mal poderia simplesmente ter vindo de lá de *cima*. Talvez Jim Bryce não tenha transmitido o malach para Isobel, no final das contas. Talvez *ela* tenha transmitido para *ele*, e ele havia transmitido para Caroline e para sua irmã.

E aquela brincadeira de roda! A música cruel e maldosa que a Obaasan... Que Inari-Obaasan havia cantado: "*Uma raposa e uma tartaruga uma corrida foram apostar...*" E suas palavras: "*Há um kitsune envolvido nisto de alguma maneira*." Ela havia rido deles, se divertindo! Além disso, foi de Inari-Obaasan que Meredith havia ouvido pela primeira vez a palavra "kitsune".

E uma crueldade adicional, que Meredith só havia sido capaz de perdoar, antes, porque pensou que Obaasan tivesse uma visão muito ruim. Naquela noite, Meredith estava de costas para a porta, assim como Bonnie também estava... Elas estavam concentradas na "pobre Obaasan". Mas Obaasan estava olhando para a porta, e ela era a única que poderia ter visto — que deveria ter visto — Isobel vir de fininho por detrás de Bonnie. E então, quando a música terrível disse à Bonnie para ela olhar para trás...

Isobel havia aparecido ali, pronta para lamber a testa de Bonnie com uma língua rosa e bifurcada...

— Por quê? — Meredith pôde ouvir sua própria voz dizendo — Por que eu fui tão burra? Como eu não pude ter visto desde o começo?

Matt havia recuperado o BlackBerry e lia a web page. Então ele simplesmente parou, fixo, seus olhos azuis arregalados.

— Você estava certa — Ele disse, depois de um longo momento.

— Eu quero tanto estar errada...

— Meredith... Shinichi e Misao são *servos* de Inari... Se essa mulher for Inari, nós estivemos correndo atrás das pessoas erradas, gastando esforços...

— Aqueles malditos Post-It — Meredith ficou chocada. — Aqueles feitos por Obaasan. Eles são inúteis, sem efeito. Todo aquele maço que ela abençoou não deve ter nenhum pingo de bondade... Mas, talvez, ela os tenha abençoado... Como se fosse um joguinho. Isobel até chegou em mim e mudou todos os caracteres que a velha senhora fez para os jarros para prender Shinichi e Misao. Ela disse que a Obaasan estava quase cega. Ela deixou uma lágrima no banco do meu carro. Eu não pude entender o porquê dela estar chorando.

— Eu ainda não entendo. Ela é neta dela... Provavelmente a terceira geração de um monstro! — Matt explodiu. — Por que ela choraria? E por que os Post-It funcionam?

— Porque eles foram feitos pela mãe de Isobel — A Sra. Flowers disse silenciosamente. — Querido Matt, eu tenho minhas dúvidas de que aquela mulher seja realmente uma parenta das Saitou. Sendo ela uma divindade... Ou um ser mágico poderoso com o nome de uma divindade... E, sem dúvidas, uma kitsune, ela deve ter se mudado com elas para cá e as usado este tempo todo. Isobel e sua mãe não tinham escolha a não ser continuar com a farsa, com medo do que ela poderia fazer com elas, caso elas não continuassem.

— Mas, Sra. Flowers, quando Tyrone e eu puxamos aquele fêmur do mato, você não tinha dito que as Saitou faziam excelentes amuletos? E você não disse que poderíamos pedir ajudar a elas na tradução das palavras para os jarros de barro, quando Alaric mandou aquelas fotos daquela ilha japonesa?

— Quanto a minha crença nas Saitou, bem, eu vou ter que mudar umas coisinhas aqui — A Sra. Flowers disse. — Não tinha como eu saber que essa Obaasan era maligna, mas ainda há duas delas que são gentis e boas, e que têm nos ajudado tremendamente... Mesmo colocando-se em um grande risco.

Meredith podia sentia o gosto amargo da bile em sua boca.

— Isobel poderia ter nos *salvado*. Ela poderia ter dito: "Minha falsa avó é, na verdade, um demônio".

— Oh, minha querida Meredith, os jovens de hoje são implacáveis. Esta Inari deve ter se instalado na casa dela quando ela era uma criança. Tudo que ela sabia, primeiramente, era que a velha era uma tirana com o nome de uma deusa. Então, talvez, com alguma demonstração de poder... O que deve ter acontecido com o marido de Orime, eu me pergunto, para fazer com que ele voltasse ao Japão... Isto é, se fato ele foi para lá? Ele pode muito bem estar morto agora. E então, Isobel foi crescendo: tímida, quieta, introvertida... Com medo. Aqui não é o Japão; não há outras sacerdotisas no qual se possa confiar. E você viu as consequências quando Isobel estendeu a mão para alguém fora de sua família... O que aconteceu com seu namorado, Jim Bryce.

— E conosco... Bem, com você e com Bonnie — Matt disse à Meredith.

— Ela colocou Caroline atrás de você.

Mal sabendo o que eles estavam fazendo, eles começaram a falar mais e mais rápido.

— Temos que ir agora mesmo — Disse Meredith. — Shinichi e Misao podem ser aqueles que trarão a Última Meia-Noite, mas é Inari quem dá as ordens. E, quem sabe? Ela também pode ser aquela que atribui às punições. Nós não sabemos qual é o tamanho de *sua* Esfera Estelar.

— E nem sabemos *onde* ela está — Disse a velha senhora.

— Sra. Flowers — Matt disse apressadamente —, seria melhor você ficar aqui com as crianças. A Ava aqui é confiável, e onde está o Jacob Lagherty?

— Aqui — Disse um garoto que parecia ter mais de quinze anos Ele era tão alto quanto Matt, só que mais desengonçado.

— Ok. Ava, Jake, você estão sob os comandos da Sra. Flowers.

Deixaremos o Sabber com vocês também.

O cão era um grande sucesso entre as crianças, em seu melhor comportamento, mesmo quando os mais jovens mordiam sua cauda.

— Vocês dois devem ouvir a Sra. Flowers e...

— Matt, querido, eu não vou ficar aqui. Mas o animal será de grande ajuda para proteger as crianças.

Matt a encarou. Meredith sabia o que ele estava pensando. Será que a Sra. Flowers, quem havia sido confiável até agora, iria para algum lugar se esconder? Será que ela iria abandoná-los?

— E eu vou precisar que um de vocês me leve até a casa das Saito... Rapidamente! Mas o outro pode ficar aqui e proteger as crianças, também.

Meredith estava, ao mesmo tempo, aliviada e preocupada, e Matt estava claramente do mesmo jeito.

— Sra. Flowers, haverá uma *batalha*. Você pode se machucar ou ser feita de refém tão facilmente...

— Querido Matt, esta é a *minha* batalha. Minha família viveu em Fell's Church durante muitas gerações, desde a época do pioneirismo. Eu acredito que esta seja a batalha pela qual eu nasci. Certamente a última, devido a minha idade.

Meredith congelou. Na penumbra do porão, a Sra. Flowers parecia estar diferente, de alguma forma. Até mesmo seu corpinho parecia estar mudando, crescendo, ficando bem mais alto.

— Mas *como* você vai lutar? — Matt perguntou, parecendo atordoado.

— Com isso. Aquele belo jovem, Sage, deixou isto para mim com um bilhete de desculpas por usar a Esfera Estelar de Misao. Eu costumava ser bem habilidosa com isto, quando era mais jovem.

Da sua bolsa espaçosa, a Sra. Flowers tirou algo pálido, longo e fino, e quando aquela coisa se desenrolou, a Sra. Flowers bateu com aquilo na parede, fazendo um barulho bem alto no porão. Aquilo atingiu uma bola de pingue-pongue, enrolando-se em volta dela, voltando logo em seguida para a mão aberta da Sra. Flowers.

Um chicote. Feito de algum material prateado. Indubitavelmente mágico. Até mesmo Matt parecia ter medo dele.

— Por que Ava e Jake não ensinam as crianças a como jogar pigue-pongue, enquanto estivermos fora? E devemos ir logo, meus

queridos.Não temos tempo a perder. Uma terrível tragédia está chegando, *Mama* me disse.

Meredith esteve assistindo... Sentindo-se tão atordoada quanto Matt. Mas agora ela disse:

— Eu tenho uma arma também — Ela pegou a estaca e disse: — Eu lutarei, Matt. Ava, as crianças estão sob seus cuidados.

— E sob os meus — Jacob disse, e imediatamente mostrou sua utilidade, adicionando: — Aquilo ali pendurado não é um machado, perto da fornalha?

Matt correu e o agarrou. Meredith podia ver, pela sua expressão, o que ele estava pensando: Sim! Um machado pesado, um pouco enferrujado, mas ainda forte o suficiente. Agora, se os kitsune mandaram plantas ou árvores contra eles, ele estaria armado.

A Sra. Flowers já estava no topo das escadas do porão. Meredith e Matt trocaram um rápido olhar e então eles correram para encontrá-la.

— Você dirige o SUV de sua mãe. Eu sentarei no banco de trás. Eu estou um pouco... Bem, tonta, eu acho. Meredith não gostava de admitir uma fraqueza pessoal, mas era melhor do que bater com o carro.

Matt concordou e ele era bom o bastante para não comentar o porquê dela se sentir tonta. Ela ainda não podia acreditar em sua própria estupidez.

A Sra. Flowers só disse uma coisinha:

— Matt, querido, quebre algumas regras de trânsito.

35

Elena se sentiu como se não tivesse feito nada em toda sua vida, exceto andar sob a sombra de uma árvore com ramos altos. Não estava frio lá, mas sim quente. Não estava escuro, mas sim opaco. Ao invés da luz carmesim constante do Sol vermelho inchado na Dimensão das Trevas, eles andavam sob um crepúsculo constante. Era enervante sempre olhar para cima, para o céu, e nunca ver a lua... Ou luas... Ou o planeta... Que poderia muito bem estar lá em cima. Ao invés de céu, não havia nada a não ser galhos de árvores emaranhados, claramente pesados e intrinsecamente entrelaçados como que para ocupar o espaço todo acima.

Ela estava ficando louca, ao pensar que eles talvez pudessem estar na lua, na pequena lua brilhante de diamante, que você poderia ver do lado de fora do Portal do Mundo Inferior? Ela era muito pequena para ter uma atmosfera? Pequena demais para ter uma gravidade adequada? Ela havia percebido que ela se sentia mais leve aqui, e que Bonnie parecia mais alta. Será que ela poderia...? Ela flexionou suas pernas, soltou a mão de Stefan, e *pulou*.

Foi um salto longo, mas não a levou a qualquer lugar próximo à copa de galhos entrelaçados acima. E ela também não pousou devidamente com os seus pés.

Ela escorreu em direção às folhas e deslizou de bumbum por, talvez, noventa centímetros antes que pudesse cravar seus dedos e pés e, por fim, parar.

— Elena! Você está bem?

Ela pôde ouvir Stefan e Bonnie dizerem isso por detrás dela, seguido de um rápido e impaciente: "*Você é louca*?" de Damon.

— Eu estava tentando descobrir onde nós estamos testando a gravidade — Ela disse, erguendo-se sozinha e tirando as folhas de seus jeans, humilhada.

Mas que droga! Aquelas folhas haviam ficado presas nas costas de sua camiseta, entrando até mesmo em sua camisola. O grupo havia

deixado a maioria de suas peles lá na Casa de Portais, onde Sage poderia guardá-las, e Elena nem sequer tinha uma roupa reserva.

Isso foi *idiotice*, ela disse a si mesmo, realmente brava agora.

Envergonhada, ela tentou andar e se sacudir ao mesmo tempo, para tentar tirar as folhas trituradas de seu corpo. Finalmente ela teve que dizer:

— Garotos, vocês poderiam olhar para o outro lado? Bonnie, você poderia vir aqui me ajudar?

Bonnie ficou feliz em ajudar e Elena ficou espantada com o tanto de tempo que levou para tirarem todas as folhas de suas costas.

Na próxima vez que você quiser uma opinião científica, tente perguntar, a telepatia desdenhosa de Damon comentou. Em voz alta, ele adicionou:

— Eu diria que a gravidade é cerca de oitenta por cento igual à da Terra e devemos estar na lua. Não que isso signifique alguma coisa. Se Sage não nos tivesse ajudado com essa bússola, nunca seríamos capazes de encontrar o tronco da árvore... Pelo menos, não a tempo.

— E lembrem-se — Elena disse — que a ideia de que a Esfera Estelar está próxima ao tronco é só um palpite. Temos que manter nossos olhos bem abertos!

—Mas o que devemos procurar?

Bonnie gemeu uma vez. Mas agora ela simplesmente perguntou silenciosamente.

— Bem... — Elena virou-se para Stefan — Ela vai brilhar, não vai? Contra esta horrível penumbra?

— Contra esta horrível penumbra de camuflagem verde — Stefan concordou. — Ela deve ser semelhante a uma luz pouco brilhante em deslocamento.

— Mas pensem assim — Damon disse, andando de volta para trás e dando-lhes por um segundo o seu gracioso e brilhante sorriso de duzentos e cinquenta quilowatts —, se não seguirmos a sugestão de Sage, nós nunca encontraremos o tronco. Se tentarmos vagar aleatoriamente ao redor deste mundo, nunca encontraremos *nada*... Nem o nosso caminho de volta. E então, não será só Fell's Church que deixará de existir, nós todos morreremos, nesta ordem: primeiro, os dois vampiros deixaram de lado o seu comportamento civilizado,

por causa da fome...

— Não o Stefan — Gritou Elena. E Bonnie disse:

— Você é tão mau quanto o Shinichi, com essas suas "revelações" sobre nós! Damon sorriu sutilmente.

— Se eu fosse tão mau quanto o Shinichi, passarinho, você já estaria sendo amassada como uma caixa de suco vazia... Ou eu estaria lá, sentado ao lado de Sage, saboreando Black Magic...

— Olha, isso é inútil — Stefan disse. Damon fingiu simpatia.

— Talvez você possa ter... Problemas... Com sua área canina, mas eu não tenho, maninho.

Ele deliberadamente ostentou o sorriso, desta vez para que todos pudessem ver os dentes afiados. Stefan não mordeu a isca.

— E isso está nos atrasando...

— Errado, maninho. Alguns de nós dominamos a arte de falar e andar ao mesmo tempo.

— Damon... Pare com isso. *Pare*! — Elena disse, esfregando sua testa quente com seus dedos frios. Damon deu de ombros, ainda movendo-se para trás.

— Você só tinha que pedir — Ele disse, com uma leve ênfase na primeira palavra. Elena não disse nada de volta. Ela se sentia febril.

Não era um caminho em linha reta. Frequentemente havia enormes montes de raízes retorcidas no caminho, que deviam ser escalados. Às vezes, Stefan tinha que usar o machado em sua mochila para fazer pontos de apoio.

Elena começou a odiar a penumbra verde mais do que tudo. Ela pregava peças em seus olhos, assim como o som abafado de seus pés no chão coberto de folhas pregava peças em seus ouvidos. Várias vezes ela parou... E uma vez Stefan disse:

— Tem mais alguém aqui! Está no seguindo!

Em todas às vezes eles todos tiveram de parar para ouvir atentamente. Stefan e Damon enviaram sondas telepáticas de Poder o mais longe que puderam chegar, em busca de outra mente. Mas ou ela estava bem disfarçada, a ponto de ser invisível, ou ela nem ao menos existia.

E então, depois de Elena se sentir como se tivesse andado durante sua vida toda, e que teria que andar até que eternidade

chegasse ao fim, Damon parou abruptamente. Bonnie, bem atrás dele, prendeu a respiração. Elena e Stefan correram para frente para verem o que era.

O que Elena viu fez-la dizer, sem firmeza:

— Eu acho que perdemos o tronco e... Encontramos... A beirada do mundo...

No chão em frente dela, e até onde ela podia ver, havia uma escuridão repleta de estrelas do espaço. Mas tirando as estrelas, havia um planeta gigante e duas luas enormes, uma azul e branca que rodava e a outra prateada.

Stefan estava segurando sua mão, compartilhando seus pensamentos com ela, e um formigamento correu sobre o braço dela e de repente seus joelhos ficaram fracos, só pelo leve toque dos dedos dele.

Então Damon disse sarcasticamente:

— Olhem para *cima*.

Elena olhou e arfou. Por um instante seu corpo pareceu complemente mais leve. Ela e Stefan automaticamente enrolaram seus braços em torno de si. E então Elena percebeu o que eles estavam vendo, tanto em cima como embaixo.

— É água — Ela disse, encarando a piscina espalhada bem acima deles.

— Uma das águas que o Sage nos disse. E não toquem nisto. Nem assoprem.

— Mas parece mesmo que estamos naquela lua menor — Stefan disse suavemente, seus olhos aparentavam inocência enquanto ele olhava para Damon.

— Sim, bem, então há algo excessivamente mais pesado no centro desta pequena lua, para permitir que haja oito décimos da gravidade que experimentamos normalmente, e para haver atmosfera... Mas quem se importa com a lógica? Este é um mundo que alcançamos através do Mundo Inferior. Por que aplicaríamos lógica? Ele olhou para Elena com seus olhos um pouco semicerrados.

— Onde está a terceira? A séria?

A voz veio detrás deles... Ele pensou.

Ela estava... Eles todos estavam... Virando-se para olhar a brilhante luz no meio daquela penumbra. Tudo brilhava e dançava

diante de seus olhos.

"*A séria Meredith; a Bonnie risonha; E Elena com cabelos dourados.*

Elas sussurram e então ficam em silêncio... Elas aprontam e eu não dou mais a mínima... Mas eu devo conquistar Elena,

Elena com os Cabelos Dourados..."

— Bem, você não vai me conquistar! — Gritou Elena. — E esta citação está completamente incorreta, de qualquer forma. Eu me lembro dela na minha aula de inglês do primeiro ano. *E você é maluco!*

Mesmo com sua raiva e medo, ela se perguntou sobre Fell's Church. Se Shinichi estava ali, ele poderia trazer a Última Meia-Noite para *lá*? Ou Misao poderia simplesmente trazê-la?

— Mas eu *vou* te conquistar, Elena dourada — O kitsune disse. Tanto Stefan quanto Damon tiraram suas facas.

— É aí que você se engana, Shinichi — Stefan disse. — Você nunca, nunca mais tocará na Elena novamente.

— Eu tenho que tentar. Vocês tiraram todo o resto de mim. O coração de Elena estava batendo fortemente agora.

Se ele for falar algo que tenha sentido para alguém, será comigo, ela pensou.

— Você não devia estar se preparando para a Última Meia-Noite, Shinichi? — Ela perguntou num tom amigável, temendo, em seu interior, que ele dissesse: "Já terminou."

— *Ela* não precisa de mim. *Ela* não protegeria Misao. Por que eu deveria ajudar *ela*?

Por um instante Elena não pôde falar. *Ela*? *Ela*? Outra além de Misao, outra "*Ela*" estava envolvida nisto? Damon segurava uma besta agora, com uma flecha carregada. Mas Shinichi simplesmente se esquivou.

— Misao não consegue mais se mover. Ela havia colocado todo seu Poder dentro da Esfera Estelar, entendem? Ela nunca mais riu ou cantou... Nunca mais aprontou comigo. Ela simplesmente... Ficou parada — Ele disse. — Finalmente, ela me pediu para colocá-la dentro de mim. Ela pensou que nos tornaríamos um só deste jeito. Então ela se dissolveu e incorporou-se direto em mim. Mas isso não ajudou. Agora... Eu mal posso ouvi-la. Eu vim para buscar minha

Esfera Estelar. Eu a tenho usado para viajar através das dimensões. Se eu colocar Misao na minha Esfera Estelar, ela vai se recuperar. Então e a esconderei novamente... Mas não onde eu a deixei da última vez. Eu a colocarei num lugar *bem mais alto*, onde ninguém mais poderá encontrá-la.

Ele parecia estar focado em seus ouvintes.

— Então eu acho que somos Misao e eu que estão falando com vocês neste instante. Exceto que eu estou muito solitário... Eu não posso mais *senti-la*.

— Você não vai tocar na Elena — Stefan disse silenciosamente.

Damon estava olhando sombriamente para o resto do grupo, para as palavras de Shinichi: "... Eu a colocarei num lugar *bem mais alto...*"

— Vai, Bonnie, continue andando — Stefan adicionou. — Você também, Elena. Nós as seguiremos. Elena deixou Bonnie ir alguns centímetros à frente antes de dizer telepaticamente:

Não podemos nos separar, Stefan; só há uma bússola. Cuidado, Elena! Ele pode te ouvir!

Veio à voz de Stefan, e Damon adicionou sem rodeios:

Calem a boca!

— Não se incomode em mandá-la calar a boca — Shinichi disse. — Você é louco se pensa que eu só consigo pegar os pensamentos que vocês estão pensando agora. Eu não pensei que você fosse *tão* burro.

— Não somos burros — Bonnie disse acaloradamente.

— Não? Então vocês descobriram os enigmas que eu fiz para vocês?

— Não é hora para isso — Elena rebateu.

Isso foi um erro, pois fez com que Shinichi se focasse nela novamente.

— Você contou a eles o que você pensa sobre a tragédia de Camelot, Elena? Não, eu não pensei que você teria coragem. Eu direi, então, posso? Eu li enquanto você escrevia em seu diário.

— Não, você *não pode* ter lido meu diário! *De qualquer forma... Não se aplica mais aqui*! — Elena ostentou.

— Deixe-me ver... Essas são as suas próprias palavras...

Ele assumiu uma voz de leitura. "Querido diário,

Um dos enigmas de Shinichi era o que eu pensei ser sobre Camelot. Você sabe, a lenda do Rei Arthur, a Rainha Guinevere e o cavaleiro que ela amava, Lancelot. E aqui vai o que eu pensei: muitas pessoas inocentes morreram e ficaram miseráveis por que três pessoas egoístas — um rei, uma rainha e um cavaleiro — não se comportavam civilizadamente. Eles não conseguiam compreender que quanto mais você ama, mais amor você encontra. Mas esses três não poderiam desistir do amor, e simplesmente o compartilharam... Os três...

— Cala a boca! — Berrou Elena. — *Cala a boca*!

Meu Deus, Damon disse, *minha vida é isso aí. A minha também*. Stefan parecia tonto.

Só esqueçam isso tudo, Elena disse a eles. *Não é mais verdade. Stefan, eu sou sua para sempre, e eu sempre fui. E agora temos que nos livrar deste idiota e correr para o tronco*.

— Misao e eu costumávamos fazer isso — Shinichi disse. — Falar com nós mesmos, em uma frequência especial. Você certamente é uma boa manipuladora, Elena, ao evitar que eles se matem por sua causa.

— Sim, é uma frequência especial que eu chamo de verdade — Elena disse. — Mas eu não sou metade da manipuladora que Damon é. Agora, nos ataque ou deixe-nos ir embora. Estamos com pressa!

— Atacar vocês?

Shinichi parecia estar pensando na ideia. E então, mais rápido do que Elena pôde acompanhar, ele foi em direção à Bonnie. Os vampiros, que estavam esperando que ele fosse até Elena, foram pegos de guarda baixa, mas Elena, que havia visto o brilho dos olhos dele em direção à garota mais fraca, já estava pulado em direção a ele. Ele voltou tão rápido que ela encontrou-se indo direto para as suas pernas, mas então ela percebeu que ela tinha uma chance de tirar-lhe o equilíbrio. Ela deliberadamente foi com o objetivo de dar uma cabeçada em seu joelho, ao mesmo tempo em que daria uma facada no pé dele.

Perdão, Bonnie, ela enviou, sabendo o que ele faria. Seria o mesmo que havia feito o seu fantoche, Damon, na época em que ele havia feito Elena e Matt de reféns... Exceto que ele não precisava de um galho de pinheiro para fazer dor. Uma energia negra surgiu em

suas mãos, indo diretamente para o corpinho de Bonnie.

Mas havia outro fator que ele não havia levado em conta. Quando ele fez Damon atacar Matt e Elena, ele teve o bom senso de ficar longe enquanto Damon direcionava agonia para os corpos deles. Desta vez, ele agarrou o corpo de Bonnie e colocou suas mãos em volta dela. E Bonnie era uma telepata excelente, principalmente nas projeções. Quando a primeira onda de agonia a atingiu, ela gritou... E redirecionou a dor para Shinichi.

Era como se houvesse completado um circuito. Não fez com que Bonnie se machucasse menos, mas significava que tudo que Shinichi fizesse a ela, ele sentiria em seu próprio corpo, amplificado por causa do medo de Bonnie. Foi neste sistema que Elena entrou com tudo. Quando sua cabeça deu de impacto com o joelho dele, o osso desta região estava bem frágil, e algo lá dentro quebrou. Atordoada, ela concentrou-se em mirar a faca em direção aos pés no solo *abaixo*.

Não teria funcionado se ela não tivesse dois vampiros extremamente ágeis bem atrás dela. Já que Shinichi não havia caído, ela teria de levantar e ficar ao nível de seu pescoço para poder esfaqueá-lo ali.

Mas Stefan estava a uma fração de segundos atrás dela. Ele a agarrou e estavam fora do alcance de Shinichi antes que o kitsune pudesse avaliar melhor a situação.

— Me solta — Elena arfou para Stefan. Ela estava determinada a salvar Bonnie.

— Eu deixei cair minha faca — Ela acrescentou astuciosamente, encontrando um motivo mais concreto para forçar Stefan a soltá-la para que pudesse voltar à briga.

— Onde?

— Próximo aos pés dele, é claro.

Ela pôde sentir Stefan tentando segurar uma risada exagerada.

— Acho que aquele é um bom lugar para deixá-la. Pegue uma das minhas — Ele adicionou.

Se vocês já terminaram de papear, é melhor vocês virem aqui para acabarmos com ele, veio à fria telepatia de Damon. Neste momento Bonnie desmaiou, mas com seu próprio circuito telepático ainda bem aberto e direcionado de volta para Shinichi. E agora Damon havia

ficado no modo ofensivo, como se ele não se importasse como o bem-estar de Bonnie, contanto que ele a tirasse das garras de Shinichi.

Stefan, rápido como uma cobra, foi em direção a uma das muitas caudas que balançavam atrás de Shinichi, anunciando seu tremendo Poder. A maioria delas era translúcida, e elas cercavam sua verdadeira cauda — a cauda vermelho-vivo que toda raposa tinha.

A faca de Stefan cortou uma e a cauda fantasma caiu ao chão e então desapareceu. Não houve sangue, mas Shinichi ajoelhou-se cheio de fúria e dor.

Damon, por sua vez, foi impiedosamente atacar de frente. Como Stefan havia distraído o kitsune por trás, Damon cortou ambos os pulsos do kitsune — um de forma rápida, enquanto o outro como se quisesse arrancar-lhe o membro. Então ele deu outro golpe, no momento em que Stefan, com Elena segurando-se em seu quadril como se fosse um bebê, arrancava outra cauda fantasma.

Elena estava lutando. Ela estava seriamente preocupada que Damon pudesse *matar* Bonnie para chegar até Shinichi. Além disso, ela não seria tratada como uma peça de bagagem! A civilização havia sumido em torno dela enquanto ela reagia ao seus instintos mais profundos: proteger Stefan, proteger Bonnie, proteger Fell's Church. Derrotar o *inimigo*. Ela mal percebeu que, em seu estado, ela havia afundado seus dentes fracos, mas ainda dentes humanos, no ombro de Stefan.

Ele estremeceu um pouco, mas ele a ouviu.

Bem, tente pegar a Bonnie, então... Veja se você pode ajudá-la.

Ele a soltou justo quando Shinichi virou-se para encará-lo, canalizando a dor negra diretamente para Stefan que, na Terra, havia sido lançada sobre os pés de Matt e Elena.

Elena, após ser lançada, descobriu que todos estavam agindo em turnos, como que para protegê-la e, de repente, ela viu uma oportunidade. Ela pegou a forma mole de Bonnie e Shinichi deixou cair à menina menor nos braços dela.

Palavras estavam ecoando no cérebro de Elena. *Tente pegar a Bonnie. Veja se você pode ajudá-la.*

Bem, ela estava com a Bonnie agora. Seus sentidos dividiram as ordens de Stefan.

... afaste-se de Shinchi. Ela é uma refém de valor inestimável.

Elena descobriu que ela poderia quase gritar de tão furiosa que estava agora. Ela tinha que manter Bonnie a salvo... Mas isso significava abandonar Stefan, o nobre Stefan, à mercê de Shinichi. Ela afastou Bonnie para longe — tão pequena e delicada — e ao mesmo tempo deu uma olhada para trás, para Stefan. Ele estava com uma leve carranca de concentração agora, mas ele *não* estava só sendo esmagado pela dor; ele estava avançando ao ataque.

Mesmo quando a cabeça de Shinichi começou a ficar em chamas. As pontas vermelhas e brilhantes de seu cabelo preto tinham explodido em chamas, como se nada mais pudesse expressar sua inimizade e sua certeza de vencer.

Parecia que ele estava uma coroa de fogo, uma auréola infernal.

Nisto, a raiva de Elena transformou-se em arrepios que desceram sua espinha enquanto ela assistia a algo que a maioria das pessoas nunca viveu para analisar: dois vampiros atacando juntos, perfeitamente em sintonia. Havia a selvageria elementar, como nas aves ou nos lobos, mas havia também a beleza impressionante de duas criaturas que trabalhavam como um único e unificado corpo.

Pelas expressões de Stefan e de Damon, podia-se perceber que aquela era a batalha final. A carranca ocasional de Stefan e o sorriso cruel de Damon significavam que Shinichi estava enviando seu Poder abrasador e obscuro para os dois. Mas não eram humanos fracos com quem Shinichi estava lidando agora. Ambos era vampiros com corpos que se curavam quase que instantaneamente — e vampiros que haviam se alimentado recentemente... *Dela*, Elena. Seu sangue extraordinário era como um combustível para eles.

Então eu já sou parte disto, Elena pensou. Eu os estou ajudando neste instante.

Isto teria que satisfazer a selvageria que esta luta sem barreiras provocava nela. Arruinar a perfeita sincronia que os dois vampiros tinham para manipular Shinichi seria um crime, especialmente quando Bonnie ainda estava mole em seus braços.

Sendo nós duas humanas, somos passivas, ela pensou. E Damon não hesitaria em me dizer isso, mesmo quando tudo o que eu queria era entrar para dar um só golpe.

Bonnie, acorda, Bonnie, ela pensou. *Segure-se em mim. Estamos dando o fora daqui.*

Ela pegou a garota menor sob as axilas e a arrastou. Ela arrastou-se para a penumbra oliva que se estendia em todas as direções. Quando ela tropeçou em uma raiz e, acidentalmente, se sentou, ela decidiu que havia ido longe o bastante, manobrando Bonnie para o seu colo.

Então ela colocou suas mãos em torno do rostinho em formato de coração de Bonnie e pensou nas coisas mais reconfortantes que pôde. Um mergulho em Warm Springs. Uma banho quente na casa de Lady Ulma e, em seguida, uma massagem, deitadas confortavelmente em um sofá com o cheiro de incenso floral subindo ao seu redor. Um afago em Sabber na pensão da Sra. Flowers. A decadência de dormir tarde e acordar em sua própria cama... Com sua própria mãe, pai e irmã em casa.

Assim que Elena pensou nisso, ela não pôde evitar ao dar um pequeno suspiro, e uma lágrima caiu na testa de Bonnie. Os cílios de Bonnie se abriram.

— Não *fique* triste — Ela sussurrou. — Elena?

— Eu tenho você, e ninguém vai machucá-la novamente. Você ainda não se sente bem?

— Estou um pouquinho melhor. Mas eu pude te ouvir, na minha mente, e isso fez com que eu me sentisse melhor. Eu quero longo banho e uma pizza. E segurar a bebê Adara. Ela quase pode andar, você sabe. Elena... Você não está me escutando!

Elena não estava. Ela estava assistindo ao desfecho da luta entre Stefan, Damon e Shinichi. Os vampiros haviam feito o kitsune se ajoelhar e agora estavam disputando sobre ele como se fossem um casal de filhotes de passarinho ao longo de um verme particularmente saboroso. Ou, talvez, como um casal de filhotes de dragão... Elena não tinha certeza se pássaros sibilavam um para o outro.

— Oh, não... Eca!

Bonnie viu o que Elena estava assistindo e entrou em colapso, escondendo sua cabeça contra o ombro de Elena.

Ok, Elena pensou. Eu entendo. Não há nenhum tipo de selvageria em você, há, Bonnie? Malícia, sim, mas nada como a sede de sangue. E isso é *bom*.

Mesmo enquanto ela pensava nisso, Bonnie sentou, erguendo-

se em linha reta e batendo no queixo de Elena, apontando à distância.

— Espera! — Ela gritou. — Você está vendo *isso*?

Isso era uma luz muito brilhante, que queimava cada vez mais à medida que cada vampiro encontrava um lugar a seu gosto para atingir Shinichi, ao mesmo tempo.

— Fique aqui — Elena disse um pouco grossa, pois quando Bonnie havia colidido com seu queixo, ela acidentalmente mordeu a língua.

Ela correu de volta para os dois vampiros e bateu em suas cabeças o mais forte que pôde. Ela tinha que ganhar suas atenções antes que eles ficassem completamente no modo de alimentação.

Como não era de se surpreender, Stefan voltou ao normal primeiro, e então a ajudou a puxar Damon para longe de seu inimigo derrotado.

Damon rosnou e começou a andar, nunca tirando os olhos de Shinichi enquanto o kitsune abatido lentamente se sentou. Elena percebeu gotas de sangue espalhadas. Então ela viu, escondido no cinto de Damon, algo preto, vermelho e lustroso: a cauda verdadeira de Shinichi.

A selvageria se foi... Rapidamente. Elena queria esconder a cabeça no ombro de Stefan, mas virou o rosto para um beijo. Stefan ficou constrangido.

Então Elena se afastou e eles formaram um triângulo em volta de Shinichi.

— Nem pense em atacar — Damon disse agradavelmente. Shinichi deu levemente de ombros.

— Atacar vocês? Por que me incomodaria? Vocês não terão nada para por que voltar, mesmo se eu morrer. As crianças estão pré-programadas para matar. Mas — Com uma veemência súbita —, eu queria que nunca tivéssemos ido à sua maldita cidade... E eu queria que nunca tivéssemos seguido as ordens *Dela*. Eu queria nunca ter deixado Misao se aproximar *Dela*! Eu queria que...

Ele parou de falar de repente.

Não, é mais do que isso, Elena pensou.

Ele *congelou*, com os olhos bem abertos, encarando.

— Oh, não — Ele sussurrou. — Oh, não, eu não quis dizer isso!

Eu não quis! Eu não me arrependo...

Elena teve o pressentimento de algo estava vindo até eles numa velocidade tremenda, tão rápida, na verdade, que ela só teve tempo de abrir sua boca antes daquilo atingir Shinichi.

O que quer que fosse, o matou e foi embora sem tocar em mais ninguém. Shinichi caiu de cara na sujeira.

— Não se incomode — Elena disse delicadamente, enquanto Stefan reflexivamente moveu-se em direção ao cadáver. — Ele está morto. Ele fez isto a si mesmo.

— Mas como? — Stefan e Damon exigiram em coro.

— Eu não sou uma expert — Elena disse. — Meredith é a expert nisto. Mas ela me disse que kitsune só podem ser mortos ao destruirmos suas Esferas Estelares, ou dando-lhes um tiro com uma bala abençoada... Ou pelo "Pecado do Arrependimento". Meredith e eu não sabíamos o que isso significava naquela época... Isso foi antes de nós irmos à Dimensão das Trevas. Mas eu acho que acabamos de vê-lo em ação.

— Então você não pode ser um kitsune e se arrepender de alguma coisa que você tenha feito? Isso é... Desagradável — Stefan disse.

— Nem tanto — Damon disse secamente. — Mas se isso funcionasse com vampiros, não há dúvidas de que você ficaria permanentemente morto quando acordasse no jazido de nossa família.

— Antes — Stefan disse sem demonstrar expressão —, eu tinha me arrependido de ter te dado o golpe mortal, enquanto eu estava morrendo. Você sempre disse que eu me sinto muito culpado, mas isto é uma coisa que eu gostaria de poder mudar.

Houve um silêncio que se estendeu e se estendeu. Damon estava na frente do grupo agora, e ninguém além de Bonnie podia ver seu rosto.

De repente Elena pegou a mão de Stefan.

— Nós ainda temos uma chance! — Ela disse para ele.

— Bonnie e eu vimos algo brilhando por *ali*! Vamos correr!

Ele e Elena ultrapassaram Damon correndo e ele pegou a mão de Bonnie também.

— Igual o vento, Bonnie!

— Mas com Shinichi morto... Bem, temos mesmo que encontrar a Esfera Estelar dele, ou a maior Esfera Estelar, ou sei-lá-o-quê que está escondida neste lugar horrível? — Bonnie perguntou.

Certa vez, ela teria gemido, Elena pensou. Agora, apesar de qualquer dor que ela sentisse, ela estava correndo.

— Receio que temos mesmo que encontrá-la — Stefan disse. — Porque, segundo o que ele disse, Shinichi não estava no comando, no final das contas. Ele e sua irmã estavam trabalhando para alguém, alguém do sexo feminino. E quem quer que *Ela* seja, *Ela* deve estar atacando Fell's Church agora.

— As probabilidades apenas mudaram — Elena disse. — Nós temos uma inimiga desconhecida.

— Mas ainda assim...

— A sorte — Elena disse — está lançada.

36

Matt quebrou muitas regras de trânsito a caminho da rua das Saitou. Meredith se inclinou sobre o console entre os dois bancos da frente para que ela pudesse ver o relógio digital que marcava meia-noite, e para que ela pudesse assistir a transformação da Sra. Flowers. Finalmente, sua mente recentemente sã e sensível forçou palavras para sua boca.

— Sra. Flowers... Você está mudando.

— Sim, Meredith, amada. Um pouco disto deve-se ao presentinho que Sage deixou para mim. Outro pouquinho é da minha própria vontade... Para voltar aos dias em que estava na flor da idade. Eu acredito que esta será minha última batalha, então eu não me importo em usar toda a minha energia nela. Fell's Church deve ser salva.

— Mas... Sra. Flowers... O povo daqui... Bem, eles não têm sido... Exatamente legais com... — Matt gaguejou até que parou de falar.

— O povo daqui é igual ao povo de outros lugares — A Sra. Flowers disse calmamente. — Trate-os como você gostaria de ser tratado, e as coisas ficarão bem. Isso só começou quando eu me deixei transformar em uma velha solitária e amarga, sempre ressentida com o fato de que eu tive de transformar minha casa em uma pensão só para pagar as despesas, para que as pessoas começassem a me tratar... Bem, na melhor das hipóteses, como uma velha maluca solitária.

— Oh, Sra. Flowers... E nós temos sido um incômodo para você! — Meredith descobriu que as palavras vinham sem ela querer.

— Vocês têm sido uma salvação para mim, menina. O querido Stefan foi o começo, mas como você pode imaginar, ele não quis explicar todas as suas diferenças para mim, e eu estava suspeitando dele. Mas ele foi sempre cordial e respeitoso e Elena era como a luz do Sol, e Bonnie como uma risada. Eventualmente, quando eu deixei

minhas barreiras caírem, vocês, jovens, fizeram o mesmo. Eu não direi nada sobre vocês aqui presentes para não envergonhá-los, mas vocês fizeram um bem danado para mim.

Matt ultrapassou outro sinal de pare e limpou sua garganta. Em seguida, com o volante oscilando um pouco, ele a limpou novamente.

Meredith assumiu:

— Eu acho que o que Matt e eu queremos dizer é... Bem, é que você se tornou alguém muito especial para nós, e não queremos vê-la ferida. Essa batalha...

— É a batalha pelo qual eu tenho esperado, querida. Durante todas as minhas lembranças. Desde a época em que eu era uma menininha e a pensão fora construída... Era só uma casa, na época, e eu era bem feliz. Quando jovem, eu era muito feliz. E agora eu vivi o bastante para ser uma velha... Bem, tirando vocês, jovens, eu ainda tenho amigos como a Sophia Alpert e a Orime Saitou. Elas são mulheres que curam os outros, e são muito boas nisto. Ainda falamos nos diferentes usos de minhas ervas.

Matt estalou os dedos.

— Esse foi outro motivo de eu ter ficado confuso — Ele disse.

— Porque a Dr.ª Alpert disse que você e a Sra. Saitou eram gente boa. Eu pensei que ela se referia à velha Sra. Saitou...

— Que nem é uma "Sra. Saitou" — A Sra. Flowers disse, quase bruscamente. — Eu não tenho ideia de qual seja seu nome verdadeiro... Talvez seja mesmo Inari, a divindade que ficou maligna. Dez anos atrás, eu não sabia o que havia feito Orime Saitou ficar tão diferente e quieta de repente. Agora eu percebo que começou no tempo que em sua "mãe" mudou-se para lá. Eu gostava muito da jovem Isobel, mas de repente ela se tornou... Reservada... Não sendo o jeito de uma criança de ser. Agora eu entendo. E estou determinada a lutar por ela... E por vocês... E por uma cidade que vale a pena ser salva. Vidas humanas são muito, muito preciosas. E agora... Aqui estamos.

Matt acabara de virar no quarteirão das Saitou. Meredith levou um momento para olhar atentamente para a figura no banco do passageiro.

— Sra. Flowers! — Ela exclamou.

Isso fez com que Matt se virasse para olhar, e o que ele viu fez com que ele estacionasse o Volkswagen Jetta na calçada.

— Sra... Flowers?

— Por favor, estacione, Matt. Vocês não precisam me chamar de Sra. Flowers se não quiserem. Eu voltei ao tempo quando eu era Theophilia... Quando meus amigos me chamavam de Theo.

— Mas... Como... Por quê...? — Matt gaguejou.

— Eu te disse. Eu senti que era hora. Sage me deixou um presente que me ajudou a mudar. Um inimigo além dos seus poderes para lutar surgiu. Eu senti isso lá na pensão. Este é o momento pelo qual eu estava esperando. A última batalha com verdadeiro inimigo de Fell's Church.

O coração de Meredith parecia mesmo que estava prestes a voar para fora de seu peito. Ela tinha que se acalmar... Se acalmar e pensar logicamente. Ela havia visto magia muitas vezes. Ela sabia como ela se parecia, como senti-la. Mas frequentemente ela estava ocupada demais confortando Bonnie, ou preocupada demais ajudando Bonnie para poder ter ideia do que estava enfrentando.

Agora eram só ela e Matt... E Matt tinha um olhar abatido e estupefato, como se ele não tivesse visto magia o suficiente antes... Como se ele estivesse a ponto de quebrar.

— Matt — Ela disse bem alto, e então ainda mais alto: — *Matt*!

Ele se virou, por fim, para olhar para ela, com seus olhos azuis selvagens e obscuros.

— Eles vão *matá-la*, Meredith! — Ele disse. — Shinichi e Misao... Você não sabe como é...

— Qual é — Meredith disse. — Nós temos que nos certificar que isto *não* a mate. O olhar atordoado passou pelos olhos de Matt.

— Nós temos que fazer isso — Ele simplesmente concordou.

— Certo — Disse Meredith, finalmente soltando-o.

Juntos, eles saíram do carro para encarar a Sra. Flowers... Não, para encarar Theo.

Theo tinha cabelos que pediam até quase a cintura, do modo que era junto eles parecem de prata sob a luz do luar. Seu rosto estava... Eletrizante. Ela era *jovem*; jovem e orgulhosa, com as características clássicas e um olhar tranquilo de determinação.

De alguma forma, durante a viagem, suas roupas haviam

mudado também. Ao invés do sobretudo coberto com pedaços de papel, ela estava usando um vestido branco sem mangas, que terminavam com um leve babado. Pelo estilo, Meredith lembrou-se do vestido de sereia que ela mesma havia usado para ir a um baile, na Dimensão das Trevas.

Mas o vestido de Meredith só fora feito para ela parecer sensual. Theo parecia... Magnífica. Quanto aos Post-It... De alguma forma o papel havia desaparecido e a escrita havia crescido enormemente, transformando-se em rabiscos muito grandes que ficavam em volta do vestido branco. Theo estava deliberadamente envolta de uma secreta alta costura de proteção.

E embora ela estivesse esbelta, ela estava mais alta. Mais alta que Meredith, mais alta que Matt, até mesmo mais alta que Stefan, onde quer que ele esteja na Dimensão das Trevas. Ela estava alta, não porque ela havia crescido demais, mas porque o babado em seu vestido estava apenas relando no chão. Ela havia vencido inteiramente a gravidade. O chicote, presente de Sage para ela, estava enrolado em um círculo em volta de sua cintura, brilhando como prata, assim como o cabelo dela.

Matt e Meredith simultaneamente fecharam as portas do SUV. Matt deixou o motor ligado para uma fuga rápida.

Eles andaram ao redor da garagem assim eles poderiam ver a frente da casa. Meredith, que não se importou em como ela estava, ou se parecia estar bem ou sob controle, limpou as mãos, uma após a outra, em seus próprios jeans. Esta seria a primeira — e possivelmente a única — verdadeira batalha da estaca. O que contava não era a aparência, mas sim o desempenho.

Tanto ela quanto Matt pararam quando viram uma figura parada aos fundos da varanda. Não era alguém que eles pudessem identificar como moradora da casa. Mas, em seguida, lábios vermelhos se abriram, as mãos delicadas ergueram-se até que os cobrissem por completo e um sinal sonoro e selvagem veio de algum lugar detrás das mãos.

Por um instante eles só puderam ficar encarando, fascinados com esta mulher que estava vestida toda de preto. Ela estava tão alta quanto Theo, tão esbelta e graciosa, e ela estava igualmente longe do chão. Mas o que Meredith e Matt estavam encarando era o fato de

que o cabelo dela era igual ao de Misao e ao de Shinichi — só que ao contrário. Enquanto eles tinham cabelo preto com pontas vermelhas, esta mulher tinha cabelo vermelho... Muito, muito grande, com pontas pretas no fim.

Não era só isso, mas ela tinha delicadas orelhas negras de raposa emergindo de seu cabelo, e uma longa e elegante cauda vermelha, com pontas negras.

— Obaasan? — Matt exclamou incrédulo.

— Inari! — Meredith vociferou.

A adorável criatura nem ao menos olhou para eles. Ela estava olhando para Theo, com desprezo.

— Uma bruxinha em uma cidade pequena — Ela disse. — Você quase usou todo o seu Poder só para ficar ao meu nível. O quão boa você é?

— Eu tenho muitos poucos Poderes — Theo concordou. — Mas se a cidade não vale nada, por que demorar tanto para destruí-la? Por que você assistiu ao outros tentarem... Ou onde estão *todos* os seus peões, Inari? Katherine, Klaus, o pobre e jovem Tyler... Eles eram seus peões, Deusa Kitsune?

Inari riu — um riso de menininha vinha por detrás de seus dedos.

— Eu não preciso de peões! Shinichi e Misao eram meus servos, como todos os kitsune são! Se eu os dei um pouco de liberdade, é para que eles ganhassem experiência. Nós iremos para cidades maiores agora, e as devastaremos.

— Você terá que destruir Fell's Church primeiro — Theo disse firmemente. — E eu não deixarei você fazer isso.

— Você não entende, não é? Você é uma humana, com quase nenhum Poder! O meu vem da maior Esfera Estelar dos mundos! Eu sou uma Deusa!

Theo abaixou a cabeça e, em seguida, levantou-a para olhar Inari nos olhos.

— Você quer saber o que eu penso que seja verdade, Inari? — Ela disse. — Eu acho que você chegou ao fim de uma longa, longa vida, mas não é imortal. Eu acho que você diminuiu de forma e, por fim, precisou usar uma grande quantidade de Poder da sua Esfera Estelar... Onde quer que ela esteja... Para aparecer desta forma. Você é

uma mulher muito, muito antiga e você tem enviado crianças a lutarem contra seus próprios pais, e estes contra suas crianças, em todo o mundo, porque você inveja a juventude das crianças. Você até mesmo inveja Shinichi e Misao, e os deixou serem feridos como um ato de vingança.

Matt e Meredith olharam para ambas com olhos arregalados. Inari estava respirando rapidamente, mas parecia que ela não podia pensar em nada para dizer.

— Você ainda fingiu ter entrado em uma "segunda infância" para se comportar femininamente. Mas nada disto a satisfaz, porque a verdade nua e crua é que você chegou ao fim de sua longa, longa vida... Não importa o quão grande seja o seu Poder. Todos nós devemos ter um fim da jornada, e é a sua vez agora.

— Mentirosa! — Gritou Inari, pareceu por um momento mais gloriosa, mais radiante do que antes.

E então Meredith viu por que. Seu cabelo escarlate, na verdade, começou a arde, emoldurando seu rosto em uma luz vermelha dançante. E finalmente, ela falou venenosamente:

— Bem, então, se você acha que esta é minha última batalha, eu devo me assegurar em causar toda a dor que eu puder. Começando com *você*, bruxa.

Tanto Meredith quanto Matt arfaram. Eles temiam por Theo, especialmente quando o cabelo de Inari começou a entrelaçar- se em cordas grossas, como se fossem serpentes flutuantes em torno de sua cabeça, como se ela fosse a Medusa.

As arfadas foram um erro... Elas chamaram a atenção de Inari. Mas ela não se moveu. Ela somente disse:

— Sentem este cheiro doce ao vento? Um sacrifício assado! Eu acho que o resultado será *oishii*... Delicioso! Mas talvez vocês dois queiram falar com Orime ou Isobel uma última vez. Temo que elas não possam sair para vê-los.

O coração de Meredith estava batendo violentamente em sua garganta, enquanto ela percebia que a casa das Saitou estava em chamas. Parecia que várias pequenas chamas queimavam, mas ela temia pela insinuação de Inari de que ela já houvesse feito algo para a mãe e filha.

— Não, Matt! — Ela gritou, pegando o braço de Matt.

Ele teria corrido direto para a mulher risonha vestida de preto e tentado atacar seus pés — e os segundos tinham um valor inestimável agora.

— Venha me ajudar a encontrá-las!

Theo veio em seu auxílio. Girando o chicote branco, ela o lançou uma vez em direção à cabeça da mulher e precisamente atingiu uma das mãos de Inari, deixando um corte sangrento nela. Enquanto Inari se enfurecia e virava-se para ela, Meredith e Matt correram.

— A porta dos fundos — Matt disse enquanto eles corriam em volta da casa.

Mais a frente, eles viram uma cerca de madeira, mas nenhum portão. Meredith estava pensando em usar a estaca como se estivesse em uma competição de salto com vara, quando Matt ofegou "Aqui!", fazendo um suporte com sua mão para ajudá- la a entrar.

— Eu vou te dar impulso!

Meredith hesitou só por um minuto. Então, quando ele parou de falar, ela colocou seus pés nos dedos entrelaçados dele. De repente, ela estava voando. Ela aproveitou o máximo que pôde, pousando, ao estilo felino, no topo plano da cerca e então descendo para o outro lado. Ela pôde ouvir Matt lutando para subir na cerca, quando ela repentinamente ficou rodeada por uma fumaça preta. Ela saltou alguns centímetros para trás e gritou:

— Matt, a fumaça é perigosa! Abaixe-se; segure sua respiração. Fique aqui fora para ajudá-la quando eu voltar.

Meredith não tinha ideia se Matt a ouviu ou não, mas ela obedeceu às suas próprias ordens, agachando-se e prendendo a respiração, abrindo os olhos rapidamente para tentar encontrar a porta.

Então sua alma quase saiu de seu corpo ao som de um machado batendo na madeira, fazendo com que a madeira se estilhaçasse, e então o machado entrou em ação novamente. Ela abriu os olhos e viu que Matt *não* a tinha escutado, mas ela estava feliz porque ele havia encontrado a porta. Seu rosto estava preto de fuligem.

— Está trancada — Ele explicou, erguendo o machado.

Qualquer tipo de otimismo de Meredith se estilhaçou igual à porta quanto ela viu lá dentro chamas e mais chamas. Meu Deus, ela

pensou, alguém lá deve *estar* assando, estando, provavelmente, já morto.

Mas de onde é que veio esse pensamento? De seu conhecimento, ou de seu medo? Meredith não podia simplesmente parar agora. Ela deu um passo em direção ao calor escaldante e gritou:

— Isobel! Sra. Saitou! Onde estão vocês? Houve um grito fraco e asfixiado.

— Devem estar na cozinha — Ela disse. — Matt, é a Sra. Saitou! *Por favor*, vá ajudá-la! Matt obedeceu, mas disse por cima dos ombros:

— Não entre muito fundo.

Meredith tinha que entrar. Ela se lembrou onde é que o quarto de Isobel era. Bem embaixo do da "avó".

— Isobel! Isobel! Você pode me ouvir? — Sua voz estava tão baixa e rouca por causa da fumaça que ela sabia que tinha que continuar.

Isobel devia estar inconsciente ou rouca demais para poder responder. Meredith caiu de joelhos, se arrastando no chão onde o ar era bem mais limpo e mais arejado.

Ok. Quarto da Isobel. Ela não quis tocar na maçaneta da porta com sua mão, então ela enrolou sua camiseta em torno dela. A maçaneta não girou. Trancada. Ela não se incomodou em investigar, ela simplesmente virou-se e chutou a porta, bem ao lado da maçaneta, como se fosse uma mula. Um pouco de madeira lascou. Outro chute e a porta se abriu com um grande estrondo.

Meredith estava se sentindo tonta, mas ela precisava ver o quarto inteiro. Ela deu dois passos para frente e... Lá estava! Sentada na cama da sala enfumaçada e quente, mas, em outro caso, escrupulosamente arrumada, estava Isobel. Enquanto Meredith se aproximava da cama, ela viu — o que a deixou furiosa — que a garota estava amarrada na cabeceira da cama de bronze com fita adesiva. Dois cortes com a estaca a libertaram. Então, surpreendente, Isobel se moveu, levantando o rosto enegrecido para o de Meredith.

Foi quando a fúria de Meredith chegou ao auge. A menina tinha fita adesiva em sua boca, o que a impedia de fazer qualquer pedido de socorro. Estremecendo e mostrando que ela sabia que seria

doloroso, Meredith agarrou a fita adesiva e a arrancou de uma vez. Isobel não gritou; ao invés disso, ela respirou profundamente várias vezes o ar enfumaçado.

Meredith tropeçou em direção ao armário, pegou duas camisas brancas de aparência idêntica e voltou até Isobel. Havia um copo cheio de água ao lado dela, na mesa de cabeceira. Meredith se perguntou se aquilo fora colocado deliberadamente para aumentar a agonia de Isobel, mas não hesitou em usá-lo. Ela fez com que Isobel bebesse um breve gole, dando outro gole ela mesma, e então encharcou cada camiseta. Ela segurou uma em sua própria boca e Isobel a imitou, segurando a camisa molhada por cima de seu nariz e boca. Então Meredith a segurou e a guiou de volta até a porta.

Depois disso, a jornada de volta simplesmente se tornou um pesadelo, pois ela tinha que se ajoelhar, rastejar e tentar não se asfixiar, puxando Isobel junto com ela o tempo todo. Meredith pensou que nunca iria acabar, pois cada centímetro para frente tornou-se cada vez mais difícil. A estaca tinha um peso insuportável para se carregar junto dela, mas ela se recusou a abandoná-la.

Ela é preciosa, sua mente disse, mas vale mais que sua vida?

Não, Meredith disse. Não vale mais que *minha* vida, mas quem sabe o que mais estará lá fora se eu conseguir tirar Isobel desta escuridão?

Você nunca a salvará se morrer, só por causa de... Um objeto. Não é um objeto!

Dolorosamente, Meredith usou a estaca para tirar alguns destroços fumegantes de seu caminho.

Ela pertenceu ao meu avô na época em que ele estava são. Ela se encaixa em minha mão. Não é só um *objeto*! Faça do seu jeito, a voz disse, e desapareceu.

Meredith estava começando a correr sobre mais destroços agora. Apesar da cólica em seus pulmões, ela tinha certeza que poderia conseguir chegar até a porta dos fundos. Ela sabia que deveria haver uma lavanderia à sua direita. Elas deviam ser capazes de respirar ar fresco lá.

E, de repente, no escuro, algo bateu com tudo contra sua cabeça. Isso fez com que sua visão escurecesse por um longo tempo antes que ela pudesse dar um nome à coisa que a havia machucado:

uma poltrona.

De alguma forma, elas haviam se arrastado demais. Ali era a sala de estar.

Meredith se inundou de medo. Elas tinham ido longe demais e não podiam sair pela porta da frente por causa da batalha mágica. Elas teriam que voltar, e desta vez se certificarem em encontrar a lavanderia, a porta para a liberdade.

Meredith se virou, puxando Isobel com ela, esperando que a menina mais jovem entendesse o que elas tinham que fazer. Ela deixou a estaca no chão da sala de estar em chamas.

Elena soluçou para recuperar o fôlego, mesmo quando ela permitia que Stefan a ajudasse agora. Ele correu, segurando Bonnie por um lado, e Elena pelo outro. Damon estava em algum lugar lá na frente... Vigiando.

Não deve estar longe agora, ela continuou pensando. Bonnie e eu vimos um brilho... Nós *duas* vimos. E então, como uma lanterna colocada contra uma janela, Elena viu novamente.

Ela é grande, este é o problema. Eu fico pensando se conseguiremos alcançá-la, pois tenho a ideia errada de qual seja o seu verdadeiro tamanho. Quanto mais perto chegamos, maior fica.

E *isso* é bom para nós. Precisaremos de muito Poder. Mas precisamos chegar lá logo, ou todo o Poder do universo não será de grande ajuda. Seria tarde demais.

Shinichi havia indicado de que eles *poderiam* estar atrasados... Mas Shinichi nasceu como um mentiroso. Ainda assim, um pouco além deste estaria...

Oh, meu bom Deus, ela pensou. É uma Esfera Estelar.

37

Então Meredith viu algo que não era fumaça ou fogo. O pequeno vislumbre de uma porta... E um pequeno sopro de ar fresco. Com essa esperança para se apoiar, ela correu em direção à porta, arrastando Isobel atrás dela.

Quando ela passou pelo limite da porta, ela sentiu, de alguma forma, uma água fria e abençoada caindo em seu corpo. Quando ela puxou Isobel para fora, a menina fez o primeiro som voluntário durante todo o trajeto: um soluço de agradecimento, sem palavras.

As mãos de Matt estavam lá para ajudá-la, tirando-lhe o peso que era Isobel. Meredith se ergueu e começou a cambalear em círculos, e então caiu de joelhos. Seu cabelo estava em chamas! Ela estava se lembrando dos ensinamentos sobre parar, deitar e rolar, quando ela sentiu a água fria caindo sobre ela. A mangueira d'água subiu e desceu sobre seu corpo e ela se virou, deleitando-se com a sensação de frescor, até que ela ouviu a voz de Matt dizer:

— As chamas se foram. Você está bem agora.

— Obrigada, Matt. Obrigada — Sua voz estava rouca.

— Hey, foi você que teve de ir até o quarto dela e voltar. Salvar a Sra. Saitou foi bem fácil... Tinha a pia da cozinha cheia de água, então, assim que eu a libertei, nós nos refrescamos e caímos fora.

Meredith sorriu e olhou em volta rapidamente. Isobel havia se tornado sua responsabilidade agora. Para seu alívio, ela viu que a menina estava sendo abraçada por sua mãe.

E tudo isso por causa de uma escolha estranha entre um objeto, por mais precioso que fosse, e uma vida. Meredith olhou para mãe e filha e se alegrou. Ela poderia arranjar outra estaca. Mas nada poderia substituir Isobel.

— Isobel disse para te dar isso — Matt estava dizendo.

Meredith virou-se para ele, uma luz brilhante fazendo com que o mundo se tornasse uma loucura, e por um momento ela não acreditou em seus olhos. Matt estava segurando a estaca na frente

dela.

— Ela deve tê-la pegado com sua mão livre e... Oh, Matt, e ela estava quase morta quando começamos... Matt disse:

— Ela é teimosa. Igual a outra pessoa que eu conheço.

Meredith não sabia muito bem o que ele quis dizer com isso, mas ela sabia de uma coisa:

— É melhor irmos lá para frente. Eu duvido que o corpo de bombeiros venha. Além disso... Theo...

— Eu farei com que elas andem. Você vai à frente e nos escolta — Matt disse.

Meredith logo chegou ao quintal da frente, que estava horrivelmente iluminado por causa da casa, agora totalmente em chamas. Felizmente, o pátio lateral não estava. Meredith abriu o portão com a estaca. Matt estava bem atrás dela, ajudando a Sra. Saitou e Isobel.

Meredith rapidamente correu pela garagem em chamas e depois parou. Atrás dela, ela ouviu um grito de horror. Não havia tempo para tentarem acalmar quem estivesse chorando, nem havia tempo para se pensar.

As duas mulheres que lutavam estavam ocupadas demais para notarem sua presença... E Theo estava precisando de ajuda. Inari parecia mesmo uma Medusa flamejante, com os cabelos se contorcendo, parecendo cobras. Somente a parte carmesim queimava, e era esta parte que ela estava usando como um chicote, usando uma das cobrar para arrebatar o chicote de prata de Theo, e depois outra para envolver-se em torno da garganta de Theo, sufocando-a. Theo estava desesperadamente tentando tirar aquilo de seu pescoço.

Inari estava rindo.

— Você está sufocando, bruxinha? Tudo acabará em segundos... Para você e para a cidade inteira! A Última Meia-Noite finalmente chegou!

Meredith olhou de volta para Matt... E isso foi tudo o que ela fez. Ele correu, ultrapassando-a, indo direto até as duas mulheres. E então ele se inclinou um pouco, fechando sua mão em uma concha.

Depois disso, Meredith *correu*, colocando toda sua energia numa curta corrida, mas deixando o suficiente para saltar e colocar

um pé nas mãos de Matt. Então, ela sentiu-se voando bem alto, apenas uma curta distância para cortar precisamente com sua estaca uma das cobras que estava sufocando Theo.

Logo Meredith estava em uma queda livre, com Matt tentando pegá-la lá embaixo. Ela pousou mais ou menos em cima dele e ambos viram o que aconteceu a seguir.

Theo, que estava ferida e sangrando, bateu com suas mãos no vestido que estava começando a pegar fogo. Ela estendeu a mão para o chicote de prata e ele voou até seus dedos. Mas Inari não estava atacando. Ela estava agitando os braços freneticamente, como se estivesse entrando em colapso, e, de repente, ela gritou: um som tão angustiante que Meredith respirou bruscamente. Era um grito de morte.

Em frente aos seus olhos, ela estava voltando a ser a velha Obaasan: pequena, impotente e com aparência delicada que eles conheciam. Mas no momento em que este corpo enfraquecido caiu no chão, ele já estava duro e morto, com sua expressão saindo da malícia impertinente e transformando-se em medo.

Foi quando Isobel e a Sra. Saitou vieram para encarar o corpo, soluçando aliviadas. Meredith olhou para elas e então para Theo, que estava pousando bem devagar no chão.

— Obrigada — Theo disse com o mais fraco dos sorrisos. — Vocês me salvaram... De novo.

— Mas o que vocês acham que aconteceu com ela? — Matt perguntou. — E por que Shinichi e Misao não vieram ajudá-la?

— Eu acho que eles todos devem estar mortos, não acha? — A voz de Theo era suave, em comparação aos rugidos das chamas. — Quanto à Inari... Eu acho que, talvez, alguém tenha destruído sua Esfera Estelar. Receio não ter sido forte o suficiente para detê-la.

— Que horas são? — Meredith gritou abruptamente, lembrando-se.

Ela correu para o velho SUV, que ainda estava ligado. Seu relógio mostrava que era meia-noite em ponto.

— Nós salvamos os cidadãos? — Matt perguntou desesperadamente.

Theo virou seu rosto em direção ao centro da cidade. Por quase um minuto ela ficou assim, como se ouvisse alguma coisa. Por fim,

quando Meredith sentiu como se fosse se estilhaçar de tanta tensão, ela se virou e disse silenciosamente:

— A amada *Mama*, a *Vovó* e eu somos uma agora. Eu sinto as crianças, que se acharam segurando facas... E algumas segurando armas. Eu as sinto enquanto elas estão paradas nos quartos de seus pais, incapazes de se lembrar como elas foram chegar ali. E eu sinto seus pais, alguns escondidos em armários, um segundo atrás com medo por suas próprias vidas, agora vendo armas sendo abaixadas e crianças caindo ao chão, soluçantes e confusas.

— Conseguimos, então. *Você* conseguiu. Você a conteve — Matt ofegou. Ainda gentil e calma, Theo disse:

— Outro alguém... Bem longe... Fez muito mais. Eu sei que a cidade precisa de reparos. Mas a *Vovó* e a *Mama* concordam em algo: Por causa deste alguém, nenhuma criança matou seu pai esta noite, ou nenhum pai matou seu filho. O longo pesadelo de Inari e sua Última Meia-Noite acabou.

Meredith, encardida e enlameada, sentiu alguma coisa crescendo e inchando dentro dela, cada vez mais, até que ela não pôde mais se conter e esqueceu todo o seu treinamento. Ela explodiu, dando um grito de alegria.

Ela descobriu que Matt estava gritando também. Ele estava tão encardido e enlameado quanto ela, mas ele a agarrou pelas mãos e giraram, fazendo uma gloriosa dança da vitória.

E foi *divertido* gritar e girar como se fossem duas crianças. Talvez... Talvez, na tentativa se manter calma, ela sempre agia como uma adulta, perdendo a essência de diversão, no qual ela sempre sentia como se fosse uma qualidade só para crianças.

Matt não tinha problemas em expressar seus sentimentos, quaisquer que eles fossem: criancice, maturidade, teimosia, felicidade. Meredith encontrou-se admirando isso, também pensando que fazia um bom tempo desde a última vez que ela olhara realmente para Matt. E agora, ela sentiu uma onda de sentimentos por ele. E ela pôde ver que Matt sentia-se da mesma forma por ela. Como se ele nunca tivesse olhado apropriadamente para ela antes.

Este era o momento... Em que eles deviam se beijar. Meredith havia visto isto em alguns filmes, e lido em alguns livros, que isso era quase inevitável.

Mas esta era a vida real, não uma história. E quando o momento chegou, Meredith encontrou segurando os ombros de Matt, enquanto ele segurava os dela, e ela pôde ver que ele estava pensando *exatamente* a mesma coisa sobre o beijo.

O momento se prolongou...

Então, com um sorriso, o rosto de Matt mostrou que ele sabia o que devia ser feito. Meredith também sabia.

Ambos se aproximaram, e se abraçaram. Quando eles recuaram, ambos estavam sorrindo. Eles sabiam o que eles eram: eles eram muito diferentes, eram *amigos* íntimos. Meredith esperava que eles sempre fossem.

Ambos se viraram para olhar para Theo, e Meredith sentiu uma pontada no coração, o primeiro desde que ela tinha ouvido falar que eles haviam poupado a cidade. Theo estava mudando. E foi o olhar em seu rosto, enquanto ela os observava, que fez com que Meredith tivesse a pontada.

Depois de ser jovem, e enquanto assistia sua juventude no auge, ela foi envelhecendo mais uma vez, enrugando, o cabelo ficando branco ao invés de prata sob o luar. Por fim, ela era uma mulher de idade vestindo uma capa de chuva coberta com pedaços de papel.

— Sra. Flowers!

Era perfeitamente seguro e certo beijar *essa* pessoa. Meredith lançou os braços sobre a frágil idosa, tirando seus pés do chão, emocionada. Matt se juntou a ela, e eles a ergueram mais alto, acima de suas cabeças. Eles a carregaram deste jeito até as Saitou, mãe e filha, que estavam assistindo ao incêndio.

Lá, ficando sérios, eles a colocaram no chão.

— Isobel! — Meredith disse. — Deus! Eu sinto muito... Sua casa...

— Obrigada — Isobel disse em sua voz suave e arrastada. Então, ela se virou e se afastou.

Meredith sentiu um arrepio. Ela estava começando a se arrepender da celebração, quando a Sra. Saitou disse:

— Sabia que esse é o melhor momento da história da nossa família? Durante centenas de anos, aquela velha kitsune... Ah, sim, nós sempre soubemos o que ela era... Esteve prejudicando humanos inocentes. E nos últimos três séculos, tem sido a minha família,

descendentes de samurais mikos, quem ela tem aterrorizado. Finalmente meu marido poderá voltar para casa.

Meredith olhou para ela, surpresa. A Sra. Saitou assentiu.

— Ele tentou desafiá-la e ela o baniu de casa. Desde que Isobel nasceu, eu temo por ela. E agora, por favor, perdoem-na. Ela tem problemas em expressar o que sente.

— Eu sei disso — Meredith disse silenciosamente. — Eu terei uma conversinha com ela, se estiver tudo bem para você. Se alguma vez em sua vida ela nunca teve a chance de dizer a um amigo como era bom se divertir, ela pensou, a oportunidade era essa.

38

Damon havia parado e estava ajoelhado atrás de um enorme galho de árvore quebrado. Stefan agarrou as duas meninas e, juntos, pularam e pousaram bem atrás de seu irmão.

Elena encontrou-se encarando o grande tronco da árvore. Mesmo sendo grande, ele era mais largo do que ela esperava. Era verdade: eles quatro não poderiam ficar de mãos dadas em volta dele. Mas no fundo de sua mente havia imagens de luas, árvores e galhos que eram tão altos quanto arranha-céus, onde uma Esfera Estelar poderia estar escondida em qualquer "andar" ou "sala".

Aquela era uma grande árvore com tronco de carvalho, com uma espécie de círculo mágico — com, talvez, vinte metros de diâmetro, no qual não havia folhas vivas em volta. Possuía uma cor mais clara que o barro pelo qual percorria, e brilhava em alguns lugares. No geral, Elena ficou aliviada.

Mais que isso, ela pôde até mesmo ver a Esfera Estelar. Ela temia — junto com outras coisas — que ela pudesse estar muito alta, num lugar onde não se pudesse escalar, em um emaranhado de raízes e ramos que, hoje, certamente depois de centenas ou milhares de anos, seria impossível de se cortar. Mas lá estava ela, a maior Esfera Estelar já feita, devendo ser do tamanho de uma bola de praia, aninhada no primeiro suporte da árvore.

Sua mente continuou em ação. Eles conseguiram; eles acharam a Esfera Estelar. Mas quanto tempo levaria para levá-la de volta até onde Sage estava? Automaticamente, ela olhou para sua bússola e viu, para sua surpresa, que agora a agulha apontava para sudoeste — em outras palavras, de volta para a Casa de Portais. Isso foi uma jogada de mestre, vindo de Sage. E, talvez, eles não teriam que fazer todo o caminho de volta; eles podiam simplesmente usar a Chave Mestra e voltar para Fell's Church, e então... Bem, a Sra. Flowers saberia o que fazer com ela.

Se eles a pegassem, talvez eles pudessem simplesmente

chantageá-la, quem quer que *Ela* fosse, fazendo com que ela fosse embora para sempre em troca da Esfera Estelar. Embora... Será que eles poderiam viver com o pensamento de que ela poderia fazer isso de novo... E de novo... E de novo com outras cidades?

Enquanto ela fazia seus planos, Elena viu a expressão de seus companheiros: o rosto infantil, em formato de coração e cheio de dúvidas de Bonnie; os olhos avaliativos e interessados de Stefan; o sorriso perigoso de Damon.

Eles estavam vendo, por fim, a recompensa de um trabalho árduo.

Mas ela não podia ficar olhando por muito tempo. Coisas tinham de ser *feitas*. Mesmo enquanto eles olhavam, a Esfera Estelar brilhava, mostrando tantas cores incandescentes e brilhantes que Elena quase ficou cega. Ela protegeu seus olhos justo quando ouviu Bonnie inalar profundamente.

— O que foi? — Stefan perguntou, com uma mão na frente de seus olhos, que, é claro, eram bem mais sensíveis à luz que olhos humanos.

— Alguém a esteve usando agora mesmo! — Bonnie respondeu. — Quando ela brilhou desse jeito, ela enviou Poder! À uma distância bem, bem longa!

— As coisas estão esquentando na pobre e velha Fell's Church — Disse Damon, que estava olhando para os ramos acima dele.

— Não diga isso! — Bonnie exclamou. — É nossa casa. E agora, finalmente podemos defendê-la!

Elena pôde praticamente ver o que Bonnie estava pensando: abraços em família; vizinhos sorrindo para seus vizinhos novamente; a cidade inteira trabalhando para arrumar aquela confusão.

É assim que grandes tragédias, às vezes, acontecem. Há pessoas com um único objetivo, ainda que não estejam em sincronia. Pretensões. Presunções. E, talvez, mais importante de tudo, a incapacidade de sentarem para conversar.

Stefan tentou se aproximar, embora Elena pudesse ver que ele ainda estava cego devido ao brilho da Esfera Estelar. Ele disse silenciosamente:

— Vamos conversar a respeito e tentarmos entrar em um acordo em como vamos pegá-la... Mas Bonnie estava rindo dele, não

de um modo gentil. Ela disse:

— Eu posso subir lá tão rápido quanto um esquilo. Tudo o que eu preciso é de alguém forte para pegá-la quando eu a jogá-la.

Eu sei que não poderei descer com ela em mãos. Eu não sou tão burra. Qual é, pessoal, vamos nessa!

E foi assim que aconteceu. Diferentes personalidades, diferentes modos de pensar. E uma risada de uma menina brilhante, que não teve uma premonição quando fora necessário.

Elena, que estava invejando a estaca de combate de Meredith, nem sequer viu quando começou. Ela estava olhando para Stefan, que estava piscando rapidamente para ter sua visão de volta.

E Bonnie estava descendo rapidamente como ela havia dito, de cima daquele galho de árvore morta que os abrigava. Ela até deu um risinho para eles antes de saltar para dentro do círculo estéril e brilhante em torno da árvore.

Então, microssegundos se estenderam infinitamente. Elena *sentiu* seus olhos se abrirem lentamente, mesmo que ela *soubesse* que eles haviam se aberto bem rápido. Ela *viu* Stefan tentar alcançar vagarosamente os pés de Bonnie, mesmo *sabendo* que o que ela viu foi uma garra-relâmpago tentando pegar os tornozelos da menina. Ela até mesmo ouviu a telepatia instantânea de Damon: "*Não, sua tolinha*!", como se ele estivesse falando as palavras em seu costumeiro tom preguiçoso de superioridade.

E então, ainda em câmera lenta, os joelhos de Bonnie se flexionaram e ela pulou por cima do círculo.

Mas ela nunca tocou o chão. De alguma forma, uma tira preta e incrivelmente rápida, até mesmo para o filme de terror em câmera lenta que Elena estava presenciando, apareceu onde Bonnie devia pousar. E então Bonnie estava sendo *lançada*, sendo arremessada rápido demais para que os olhos de Elena pudessem acompanhar, para fora do círculo estéril e, em seguida, houve um ruído surdo... Muito rápido para que Elena pudesse dizer que fosse a aterrissagem de Bonnie.

Bem claramente, ela ouviu Stefan gritar "Damon!" em uma voz horrível. E, em seguida, Elena viu objetos finos — parecidos com lanças — sendo arremessados lá embaixo. Outra coisa que seus olhos não puderam acompanhar. Quando sua visão de ajustou, ela viu que

eram longos ramos negros espalhados igualmente ao redor da árvore, como se fossem trinta pernas de aranha, trinta lanças longas que deveriam aprisionar alguém dentro delas, igual às grades de uma cela, ou prendê-los na areia estranha no chão.

"Prender" era uma boa palavra. Elena gostava do som dela. Enquanto ela estava olhando para as farpas afiadas nos ramos, destinadas a manterem qualquer coisa que elas pegassem no chão, ela pensou em como Damon ficaria aborrecido se uma delas perfurasse sua jaqueta de couro. Ele soltaria palavrões, e Bonnie tentaria fingir que ele não fez isso... E...

Ela estava bem perto agora, percebendo que aquilo não era tão fácil. O ramo, que devia ser do tamanho de uma lança, havia atingido o ombro de Damon, e devia ter doído para caramba, além de ter espirrado gotas de sangue no canto de sua boca. Mas o mais irritante era o fato de que ele havia fechado seus olhos. Foi assim que Elena pensou. Ele os havia fechado deliberamente... Talvez porque ele estava com raiva; talvez por causa da dor em seu ombro. Mas isso fez com que ela se lembrasse da parede de ferro que ela encontrou, na última vez em que tentara tocar sua mente... E, caramba, será que ele não podia *admitir* que ele estava assustado?

— Abra seus olhos, Damon — Ela disse, corando, porque era isso que ele queria que ela dissesse. Ele era o maior manipulador do mundo.

— Abra seus olhos, eu disse! — Agora ela estava realmente irritada. — Não banque o engraçadinho, porque você não engana ninguém, e nós já nos *cansamos* disso!

Ela estava prestes a ir lá dar-lhe uma sacudida quando algo preencheu o ar, fazendo com que ela olhasse para Stefan. Stefan estava com dor, mas com certeza com menos dor do que Damon. Ela olhou de novo para Damon, para xingá-lo, quando Stefan disse bruscamente:

— Elena, ele *não pode*!

Durante o menor tempo possível, as palavras soaram como um absurdo para ela. Não só confusas, mas sem sentido, como dizer a alguém que parasse o seu apêndice de fazer... O que quer que seja que um apêndice faça. Esse pequeno intervalo foi tudo que ela teve, e então ela teve de encarar o que seus olhos estavam mostrando para

ela.

Damon não havia sido ferido em seu ombro. Ele havia se *machucado* no canto esquerdo, ligeiramente no centro de seu torso. Exatamente onde seu coração estava.

Palavras se voltavam para ela. Palavras que alguém havia dito uma vez... Embora ela não pudesse se lembrar de quem agora.

"*Você não pode matar um vampiro tão facilmente. Só morremos se você atravessar uma estaca em nossos corações...*" Morto? Damon, *morto*? Isso devia ser um engano...

— *Abra, seus olhos*!

— *Elena, ele não pode*!

Mas ela sabia, sem saber como, que Damon não estava morto. Ela não ficou surpresa que Stefan não soubesse disso; isso, esse zumbido, fazia parte da frequência especial entre ela e Damon.

— Vamos, rápido, me dê um machado.

Ela disse tão desesperadamente e com tanto ar de conhecimento que Stefan o entregou sem dizer nada, obedecendo também quando ela lhe disse para segurar o ramo em cima e embaixo. Depois, com algumas pancadas rápidas do machado, ela cortou o ramo preto, que era espesso o suficiente para impedi-la de apertar suas mãos em volta dele. Isso foi feito num surto de adrenalina pura, mas ela sabia que Stefan havia ficado admirado e a permitiu que continuasse.

Quando ela terminou, ela tinha um ramo frouxo que caiu e voltou até a árvore, rapidamente... E algo que parecia uma estaca junto a Damon.

Só quando ela começou a puxar a estaca que um Stefan horrorizado fez com que ela parasse.

— Elena! Elena! Eu não mentiria para você! Esses ramos foram feitos para isso. Matar intrusos que são vampiros. Olhe, amor... *Veja*.

Ele estava mostrando a ela outro ramo que estava junto à areia, com as farpas sobre ela. Assim como aquelas lanças primitivas de pedra.

— Esses ramos foram feitos para serem assim — Stefan estava dizendo. — E se você continuar a puxá-la, você vai acabar... Puxando pedaços... Do coração dele.

Elena congelou. Ela não tinha certeza se podia compreender as

palavras... Ela podia se permitir a entender, ou poderia visualizá-las. Mas não importava.

— Eu vou destruir isso de outra forma — Ela disse bem devagar, olhando para Stefan, mas não sendo capaz de ver os olhos verdes dele por causa luz oliva. — Espere. Só espere e veja. Eu encontrarei um Poder de Asa que destruirá essa... Essa... *Maldita abominação*.

Ela podia pensar em vários outros nomes que serviriam para aquela estaca, mas ela tinha que se manter no controle.

— Elena — Stefan sussurrou seu nome como se ela mal pudesse entendê-lo.

Mesmo sob o crepúsculo, ela pôde ver lágrimas em seu rosto. Ele continuou, mentalmente:

Elena, olhe para os olhos dele. Essa Árvore é uma viciada em matança, com uma Madeira que eu nunca vi, mas que já ouvi falar a respeito. Está... Está se espalhando. Dentro dele.

— Dentro dele? — Ela repetiu estupidamente.

Por suas artérias e veias... E nervos... Tudo conectado com seu coração. Ele... Oh, Deus, Elena, só olhe nos olhos dele!

Elena olhou. Stefan havia se ajoelhado e gentilmente levantou as pálpebras de Damon e, então, Elena começou a gritar.

Nas pupilas profundas que antes carregavam um céu noturno cheio de estrelas, agora havia um vislumbre... Não havia mais estrelas, mas sim algo verde. Parecia brilhar com sua própria luminescência infernal.

Stefan olhou para ela com agonia e compaixão. E agora, com um movimento gentil, Stefan estava fechando aqueles olhos... Para sempre, ela sabia que ele estava pensando.

Tudo parecia estranho, quase como se fosse um sonho. Nada mais fez sentido.

Stefan estava deitando cuidadosamente a cabeça de Damon... Ele estava fazendo com que ele partisse em paz. Mesmo em seu mundo distorcido e confuso, Elena soube que ela nunca poderia ter feito isso.

E então, um milagre aconteceu. Elena ouviu uma voz em sua mente que não era a dela.

Isso tudo foi bastante inesperado. Eu agi, pela primeira vez, sem pensar. E

essa foi minha recompensa.

A voz era um zumbido na frequência especial deles, do Damon e dela. Elena saiu dos braços de Stefan, que estavam tentando contê-la, e caiu, segurando os ombros de Damon com as mãos.

Eu sabia! Eu sabia que você não podia estar morto!

Foi só então que ela percebeu que seu rosto estava todo molhado, então ela usou suas luvas de couro macio para limpá-lo.

Oh, Damon, você me assustou tanto! Nunca, nunca mais faça isso de novo!

Eu acho que posso te dar minha palavra sobre isso, Damon enviou... Em tons diferentes daqueles que sempre usava... Calmo, mas excêntrico.

Mas você tem que me dar algo em troca.

Sim, é claro, Elena disse. *Deixe só eu tirar um pouco de meu cabelo do meu pescoço. Funcionou melhor assim quando Stefan estava deitado... Quando nós o tiramos daquela prisão, naquela liteira...*

Não é isso, Damon lhe disse. *Pela primeira vez, anjo, eu não quero o seu sangue. Eu quero que você me dê sua mais solene palavra de que você tentará ser forte. Se ajudar em alguma coisa, eu sei que mulheres são melhores que homens neste aspecto. Elas são menos covardes em encarar... O que vocês terão de encarar agora.*

Elena não gostou do tom dessas palavras. A vertigem que estava fazendo seus lábios ficarem dormentes estava viajando por todo o seu corpo. Não havia nenhuma bravura. Damon podia aguentar a dor. Ela encontraria um Poder de Asa que destruiria toda aquela madeira que o estava envenenando. Podia doer, mas salvaria a vida dele.

Não fale assim! Ela retrucou severamente, antes que ela pudesse se lembrar de ser gentil.

Tudo começou a flutuar, e ela não conseguia se lembra do porquê de ser gentil, mas havia um motivo. Ainda assim, foi difícil, pois ela estava usando toda a sua concentração e sua força para procurar um Poder de Asa que ela nunca ouvira falar antes. Purificação? Isso tiraria a madeira ou faria com que Damon ficasse sem o seu sorriso malicioso? Não faria mal tentar, de qualquer forma, e ela estava ficando desesperada... Porque o rosto de Damon estava ficando pálido.

Mas nem mesmo as *Asas da Purificação* lhe foram úteis.

De repente, um grande tremor — uma convulsão — tomou conta do corpo inteiro de Damon. Elena ouviu palavras cortadas vindo detrás dela.

— Amor, amor... Você tem que deixá-lo ir. Ele está vivendo com... Com uma dor intolerável, só porque você está mantendo-o aqui — Uma voz disse, e era a de Stefan.

Stefan, quem nunca mentiria para ela.

Só por um instante é que Elena hesitou, mas então uma raiva ardente começou a percorrer por todo o seu corpo. Isso fez com que ela tivesse forças para gritar com a voz rouca:

Eu... *Não! Eu não vou abandoná-lo!* Droga, Damon, você tem que lutar! Deixe-me te ajudar! *Meu sangue...* Ele é especial. Ele te dará força. *Beba-o!*

Ela se atrapalhou com a faca. Seu sangue era mágico. Talvez, se ela desse sangue o suficiente, ela daria a Damon força para lutar contra as fibras da madeira que ainda estavam se espalhando por seu corpo.

Elena cortou sua garganta. Talvez, subconscientemente, ela evitou cortar sua artéria carótica, mas isso foi algo *inteiramente* sem intenção. Ela simplesmente estendeu a mão, encontrou uma faca de metal e, com um golpe rápido, sangue começou a jorrar. Sangue vermelho que, mesmo na penumbra, era a cor da esperança.

— Aqui, Damon. Aqui! Beba isso. O quanto você quiser... Tudo que você precisar para se curar.

Ela ficou na melhor posição que pôde, ouvindo, mas ao mesmo tempo não ouvindo, o suspiro horrorizado de Stefan atrás dela, por causa da imprudência de seu corte, não concordando com isso.

Mas... Damon não estava bebendo. Nem mesmo o sangue de sua Princesa das Trevas... E como a frase continuava? Era algo como um combustível de foguete, se comparado como o sangue encontrado nas veias das outras garotas. Agora ele só escorria pelos lábios dele. Ele corria pelo seu rosto pálido, encharcando sua camisa preta e formando uma poça em sua jaqueta de couro.

Não...

Damon, Elena enviou, *por favor. Estou... Te implorando. Por favor. Estou te implorando; faça por mim, Elena. Por favor, beba. Podemos fazer isso... Juntos.*

Damon não se mexeu.

Sangue derramou-se da boca que ela havia aberto, enchendo-a, até que começou a transbordar novamente. Era como se Damon estivesse insultando-a, dizendo:

— *Você não quis que eu desistisse de sangue humano? Bem, eu desisti... Para sempre*. Oh, bom Deus, por favor...

Elena estava mais atordoada do que nunca agora. Eventos externos passaram sem ela dar muita importância ao seu redor, como uma pessoa que vai ao mar pular umas ondas. Sua atenção estava inteiramente em Damon.

Mas uma coisa ela sentiu. A bravura dela... Damon estava errado quanto a isso. Soluços enormes estavam subindo de algum lugar profundo dentro dela. Ela tinha feito com que Stefan a soltasse e agora ela não conseguia mais se conter.

Ela caiu sobre seu próprio sangue e sobre o corpo de Damon. Sua bochecha estava contra a dele.

E a bochecha dele estava fria. Mesmo sob o sangue, estava fria.

Elena nunca soube quando sua histeria começou. Ela simplesmente se encontrou gritando e chorando, batendo nos ombros de Damon, xingando-o. Ela nunca o havia xingado apropriadamente antes, pelo menos não de frente. Enquanto ela gritava, não era só um som. Ela começou a gritar novamente para que ele achasse algo para qual lutar.

E finalmente, ela começou com as promessas. Promessas que, do fundo do seu coração, ela sabia que eram mentiras. Ela acharia um jeito de curá-lo, a qualquer momento. Ela até já sentiu um novo Poder de Asa chegando para salvá-lo.

Tudo para não ter de encarar a verdade.

— Damon? Por favor? — Houve uma pausa na gritaria, quando ela começou a usar sua nova voz, sua voz rouca. — Damon, só faça uma coisa por mim. Só aperte minha mão. Eu sei que você pode fazer isso. Só aperte uma de minhas mãos.

Mas não houve nenhum aperto em nenhuma de suas mãos. Somente sangue, que começava a ficar pegajoso.

E então, o milagre aconteceu e ela mais uma vez pôde ouvir a voz de Damon — bem fraquinha — em sua cabeça.

Elena? Não... Chore, querida. Não é... Tão ruim como Stefan disse. Eu não

sinto quase nada, exceto no meu rosto. Eu... Sinto suas lágrimas. Chega de chorar... Por favor, anjo.

Por causa desse milagre, Elena paralisou-se. Ele havia chamado Stefan de "Stefan" e não de "maninho". Mas ela tinha outras coisas para pensar agora. Ele ainda podia sentir coisas em seu rosto! Isso era uma informação importante, uma informação valiosa. Elena imediatamente cobriu seu cabelo com as mãos e o beijou nos lábios.

Eu acabei de te beijar. Estou te beijando novamente. Você pode sentir isso?

Para sempre, Elena, Damon disse. *Eu... Levarei isso comigo. Faz parte de mim agora... Você entende?*

Elena não quis entender. Ela beijou seus lábios — gélidos — de novo. E de novo. Ela queria dar-lhe algo mais. Algo bom para se pensar.

Damon, você se lembra da primeira vez em que nos conhecemos? Na escola, depois que as luzes se apagaram, quando eu estava mexendo na decoração da Casa Mal-Assombrada. Eu quase deixei que você me beijasse, naquela época... Antes mesmo de eu sequer saber o seu nome... Quando você saiu silenciosamente da escuridão.

Damon, surpreendentemente, a respondeu imediatamente.

Sim... E você... Você me surpreendeu por ser a primeira garota que eu não consegui Influenciar de imediato. Nós... Nos divertimos juntos... Não é? Algumas vezes? Nós fomos à uma festa... E dançamos juntos. Eu levarei isso comigo, também.

Através de seu torpor, Elena teve um pensamento. Não confundi-lo ainda mais. Eles tinham ido àquela "festa" somente para salvarem a vida de Stefan. Ela lhe disse:

Nos divertimos, sim. Você é um bom dançarino. Imagine a gente valsando!
Damon enviou lentamente, vagamente:

Sinto muito... Eu tenho sido horrível ultimamente. Diga... Diga isso a ela. Bonnie. Diga a ela... Elena estabilizou-se.

Eu direi. Estou te beijando novamente. Você pode sentir eu te beijando?

Era uma pergunta retórica, então ela ficou em choque quando Damon só respondeu devagar e sonolentamente:

Eu... Fiz algum juramento para você, onde eu digo somente a verdade?

Sim, ela mentiu instantaneamente. Ela precisava da verdade vinda dele.

Então... Para ser honesto, não... Eu não consigo sentir. Parece que eu não

tenho mais... Um corpo. É confortável e quente, e nada mais machuca. E... Eu quase sinto como se não estivesse sozinho. Não ria.

Você não está sozinho! Oh, Damon, você não sabia disso? Eu nunca, nunca te deixaria sozinho.

Elena ficou em choque, se perguntando como fazer com que ele acreditasse nela. Pelo menos, só por mais alguns segundos...

Aqui, ela enviou em um sussurro telepático, *eu te darei meu segredo mais precioso. Eu nunca o disse para mais ninguém. Você se lembra daquele motel em que ficamos, naquela nossa viagem de carro, e como todos — inclusive você — se perguntaram o que havia acontecido naquela noite?*

Um... Motel? Uma viagem de carro? Ele estava soando muito inseguro agora. *Oh, sim. Eu me lembro. E... Na manhã seguinte... Eu fiquei com dúvidas.*

Porque Shinichi roubou sua memória, Elena disse, esperando que aquele nome odiado reavivasse Damon. Mas não teve efeito. Assim como Shinichi, Damon havia terminado sua missão na Terra.

Elena inclinou seu rosto contra o dele, que estava frio e sangrento.

Eu te abracei, querido, bem desse jeito... Bem, quase assim. A noite toda. Era isso que você queria, não se sentir sozinho.

Houve uma longa pausa, e Elena começou a ficar em pânico nas poucas partes de seu corpo que já não estavam entorpecidas ou histéricas. Mas, então, as palavras vieram até ela bem devagar.

Obrigado... Elena. Obrigado... Por me dizer o seu segredo mais precioso.

Sim, eu te direi algo ainda mais precioso. Ninguém está sozinho. Nunca. Ninguém jamais fica sozinho. Você está comigo... É tão quente... Nada mais com que se preocupar...

Nada mais, Elena prometeu a ele. *E eu sempre estarei contigo. Ninguém está sozinho; eu te prometo.*

Elena... As coisas estão começando a ficar estranhas agora. Não há mais dor. Mas eu preciso te contar... O que você já sabe... Como eu me apaixonei por você... Você vai se lembrar, né? Você não vai me esquecer?

Esquecê-lo? *Como eu poderia te esquecer?*

Mas Damon já estava falando e, de repente, Elena soube que ele já não podia ouvi-la, nem ao menos telepaticamente.

Você vai se lembrar? Por mim? Só isso... Eu amei uma vez... Só uma vez, sério, na minha vida toda. Você pode se lembrar de que eu te amei? Isso faz com

que minha vida... Valha... Alguma coisa.

Sua voz desapareceu.

Elena estava tonta demais agora. Ela sabia que ainda estava perdendo sangue rapidamente. Bem rápido. Sua mente estava confusa. E ela, de repente, foi atingida por uma tempestade de soluços. Pelo menos, ela não iria gritar novamente... Não havia ninguém para se gritar. Damon já havia partido. Ele havia ido sem ela.

Ela queria segui-lo. Nada era real. Ele não entendia? Ela não podia imaginar um universo, não importa quantas dimensões existam, sem Damon lá. Não havia mundo para ela, se não houvesse Damon.

Ele não podia fazer isso com ela.

Sem saber ou se importar com o que ela estava fazendo, ela mergulhou fundo, bem fundo na mente de Damon, empunhando sua telepatia como se fosse uma espada, cortando as conexões de madeira que ela encontrou em toda a parte. E, por fim, ela encontrou-se mergulhando na mais profunda parte dele... Onde um menininho, a metáfora inconsciente de Damon, que já havia sido amarrado sob correntes e que fora designado a guardar a grande pedra que Damon mantinha seus sentimentos.

Oh, Deus, ele deve estar com tanto medo, ela pensou. Seja qual for o custo, ele não deve ter permissão de partir enquanto estiver com medo...

Agora ela o via. O Damon-criança. Como sempre, ela pôde ver naquele rosto docemente arredondado, o homem forte e robusto que Damon se tornaria, com grandes olhos negros e um olhar insondável em potencial.

Mas, apesar de ele não estar sorrindo, o olhar da criança estava aberto e acolhedor, de uma forma que Damon jamais estivera. E as correntes haviam sumido. A grande pedra também se fora.

— Eu sabia que você viria — O garoto sussurrou, e Elena o pegou no colo.

Calma, Elena disse a si mesma. Calma, ele não é real. Ele é o que sobrou da mente de Damon, a parte mais profunda de seu cérebro. Mas ainda assim, ele é mais jovem que Margaret, e ele é tão macio e quente. Não importa o que custe, mas por favor, meu Deus, faça com que ele não saiba o que realmente aconteceu.

Mas havia conhecimento naqueles grandes olhos negros que começaram a encarar o rosto dela.

— Estou tão feliz em te ver — Ele confidenciou. — Eu pensei que nunca falaria contigo novamente. E... *Ele*... Você sabe... Ele deixou alguns recados comigo. Eu não acho que ele possa dizer mais alguma coisa, então ele as enviou para mim.

Elena entendeu. Se havia algo que a madeira não houvesse alcançado, seria a última parte de seu cérebro: a parte mais primitiva. Damon ainda podia falar com ela... Através de sua parte infantil.

Mas antes que ela pudesse falar, ela viu que havia lágrimas nos olhos da criança e, em seguida, o corpo dele sofreu um espasmo e ele mordeu os lábios com força... Para evitar que soltasse um grito, ela adivinhou.

— Dói? — Perguntou ela, tentando acreditar que não doesse. Tentando acreditar desesperadamente.

— Não muito.

Mas ele estava mentindo, ela percebeu. Ainda assim, ele não havia soltado nenhuma lágrima. Ele tinha seu orgulho, esse Damon-criança.

— Eu tenho um recado especial para você — Ele disse. — Ele pediu para que eu dissesse a você que ele sempre estará contigo. E que você nunca estará sozinha. Que ninguém fica sozinho.

39

Elena puxou a criança para mais próxima de si. Damon havia entendido, mesmo em seu estado atordoado e confuso. Todo mundo estava conectado. Ninguém estava sozinho.

— E ele pediu outra coisa. Ele perguntou se você poderia me abraçar, desse jeito... Se eu dormir — Os olhos negros de veludo encararam o rosto de Elena. — Você faria isso?

Elena tentou se manter estável.

— Eu vou te abraçar — Ela prometeu.

— E nunca vai me soltar?

— E eu *jamais* vou te soltar — Elena lhe disse, pois ele era uma criança e não havia motivos para assustá-lo.

E porque, talvez, porque essa parte de Damon — essa pequenina e inocente parte — poderia ser do tipo que "vivesse para sempre". Ela ouvira dizer que vampiros não voltavam, não reencarnavam igual os humanos. Os vampiros da Dimensão das Trevas ainda estavam "vivos" — os aventureiros, os caça-fortunas e os condenados à prisão pela Corte Celestial.

— Eu vou te abraçar — Elena prometeu novamente. — Para todo o sempre.

Nessa hora, seu corpinho começou a ter outro espasmo, e ela viu lágrimas nos cílios negros dele, e sangue em seus lábios. Mas antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ele adicionou:

— Eu tenho outros recados. Eu os sei de cor. Mas... — Seus olhos imploraram por perdão — Eu tenho que dá-los aos outros. Quê outros? Elena pensou primeiramente, aturdida.

Então ela se lembrou. Stefan e Bonnie. Havia outros entes queridos.

— Eu posso... Dar-lhes o recado — Ela disse hesitantemente, e ele lhe deu um sorrisinho, o seu primeiro, bem no canto dos lábios.

— Ele me deixou um pouco de telepatia, também — Ele disse. — Para o caso de eu precisar falar com você. Ainda ferozmente

independente, Elena pensou.

Tudo o que ela disse foi:

— Vá em frente, então.

— O primeiro é para o meu irmão, Stefan.

— Você pode dizer isto a ele em pouco tempo — Elena disse.

Ela se agarrou àquele corpinho dentro da alma de Damon, sabendo que essa era a última coisa que havia sobrado. Ela poderia sacrificar alguns preciosos minutos, então Stefan e Bonnie poderiam se despedir. Ela fez um tremendo esforço para se ajustar ao seu corpo real... Seu corpo fora da mente de Damon, e encontrou-se abrindo seus olhos, piscando para tentar focar sua visão.

Ela viu o rosto de Stefan, branco e aflito.

— Ele está...?

— Não. Mas logo estará. Ele pode ouvir telepatia, se você pensar claramente, como se você estivesse falando. Ele pediu para falar contigo.

— Comigo?

Stefan se curvou lentamente e colocou suas bochechas contra as do irmão. Elena fechou os olhos novamente, guiando-o através da escuridão, onde uma pequena luz ainda estava brilhando.

Ela sentiu os pensamentos de Stefan quando ele a viu lá, ainda segurando o menino com cabelos escuros em seus braços. Elena não havia percebido que, por meio de sua ligação com a criança, ela poderia ser capaz de ouvir cada palavra pronunciada. Ou que os recados de Damon viriam em palavras de uma criança. O garotinho disse:

— Você deve pensar que eu sou um idiota.

Stefan começou a falar. Ele nunca tinha visto ou ouvido o Damon-criança antes.

— Eu nunca pensaria isso — Ele disse bem devagar, maravilhado.

— Mas isso é uma coisa bem típica... *Dele*, você sabe... Típica... *Minha*.

— Eu acho — Stefan disse vacilante — que é bem triste... Eu nunca ter realmente conhecido vocês dois.

— Por favor, não fique triste. Foi isso que ele me pediu para dizer. Que você não devia ficar triste... Ou com medo. Ele disse que é

quase como se ele fosse dormir, quase como se ele fosse voar.

— Eu... Me lembrarei disso. E... Obrigado, irmãozão.

— Eu acho que isso é tudo. Você sabe como cuidar das nossas garotas... Houve um outro terrível espasmo que deixou a criança sem ar.

Stefan disse rapidamente:

— Claro. Eu tomarei conta de tudo. Pode ir.

Ela pôde sentir algo pesar no coração de Stefan, mas sua voz estava calma.

— Voe para longe, irmão. Voe bem longe.

Elena sentiu algo através de sua ligação... Bonnie tocando o ombro de Stefan. Ele rapidamente ascendeu para que ela pudesse vir aqui. Bonnie estava quase histérica com os soluços, mas ela havia feito uma coisa boa, Elena viu. Enquanto Elena esteve em seu mundinho com Damon, Bonnie havia pegado um punhal e cortado uma longa mecha do cabelo de Elena. Então ela havia cortado uma de seus próprios cachos de morango e as amarrou entre si — formando um ondulado dourado, um entrosamento vermelho e amarelo —, colocando-as no peito de Damon. Isso era tudo que eles poderiam fazer neste lugar sem flores, para honrá-lo e para que ele tivesse algo para sempre junto dele.

Elena pôde ouvir Bonnie, também, através de sua ligação com Damon, mas, primeiro, tudo o que Bonnie pôde fazer foi soluçar.

— Damon, por favor! Oh, por favor! Eu não sabia... Eu nunca pensei... Que alguém poderia se machucar! Você salvou minha vida! E agora... Oh, por favor! Eu não posso dizer adeus!

Ela não entendia, Elena pensou, que ela estava falando com uma criança. Mas Damon havia enviado à criança uma mensagem que devia ser repetida.

— Eu *devia* te dizer adeus, então — Pela primeira vez, a criança parecia desconfortável. — E... E eu devia te pedir desculpas, também. Ele pensou que você saberia o que isso quer dizer e que você me perdoaria. Mas... Se você não souber... Eu não sei o que vai acontecer... Oh!

Outro espasmo hediondo passou pela criança. Elena o abraçou com mais força, mordendo seus próprios lábios até que sangue saísse; ao mesmo tempo em que tentava proteger o garotinho dos próprios

sentimentos dela. E no fundo da mente de Damon, ela viu a expressão de Bonnie mudar, indo da penitência com lágrimas ao medo espantado, seguindo para o controle cuidadoso.

Como se Bonnie tivesse amadurecido em um minuto.

— É claro... Claro que eu entendo! E eu te perdoo... Mas *você* não fez nada de errado. Eu sou uma menina muito boba... Eu...

— *Nós* não achamos que você seja uma menina boba — A criança disse, parecendo imensamente aliviada. — Mas obrigado por me perdoar. Há um nome especial que eu devia te chamar, também... Mas...

E encostou-se em Elena.

— Eu acho... Que estou... Ficando com sono...

— Seria "passarinho"? — Bonnie perguntou cuidadosamente, e o rosto pálido do garotinho se ergueu.

— É isso. Você já sabia. Você é... Tão legal e tão esperta. Obrigado... Por facilitar... Mas eu posso dizer mais uma coisa? Elena estava prestes a responder, quando ela, abruptamente, estava completamente fora da mente de Damon, de volta à realidade. A Árvore havia aproximado mais um ramo, aprisionando o corpo de Damon entre dois círculos de madeira.

Elena estava sem planos. Sem ideias de como pegar a Esfera Estelar pela qual Damon morrera. Ou a Árvore era inteligente, ou ela estava ligada a diversas defesas eficazes. Eles estavam deitados onde era evidente que muitas, mas muitas pessoas haviam tentado pegar a Esfera Estelar — deixando seus corpos para trás, no chão de areia.

Sendo assim, ela pensou, eu me pergunto por que ela não veio atrás de nós, também... Especialmente Bonnie. Ela esteve lá dentro, e então saiu, voltando novamente para lá; no qual, eu nunca a deixaria ter feito isso, caso eu não estivesse pensando em Damon. Por que ela não foi atrás de Bonnie novamente?

Stefan estava tentando ser forte, tentando organizar algo no meio desse desastre, que fora tão impressionante que fez com que Elena se sentasse. Bonnie estava soluçando novamente, fazendo sons comoventes.

Os dois círculos de madeira estavam se espalhando — ficando cada vez mais próximos que nem mesmo Bonnie pôde passar as mãos por ali. O grupo de Elena estava eficientemente longe de qualquer

coisa que viesse daquele piso de areia, assim como estavam longe da Esfera Estelar.

— O machado! — Stefan a chamou. — Jogue-o para mim...

Mas não havia tempo. Uma radícula havia se enrolado em torno do machado, arrastando-o rapidamente para os ramos superiores.

— Stefan, me desculpe! Eu estou lerda demais!

— Aquilo foi rápido demais! — Stefan corrigiu.

Elena prendeu a respiração, esperando uma última colisão vinda de cima, uma que mataria a todos eles. Quando ela percebeu que ela não veio, ela percebeu uma coisa. A Árvore não era só inteligente, mas também sádica. Eles deveriam ficar presos aqui, longe de qualquer suprimento, morrendo lentamente de fome e de sede, ou enlouquecer ao ver os outros morrerem.

O melhor que eles podiam esperar era que Stefan matasse tanto Bonnie quanto ela — mas ele nunca conseguiria escapar. Estes ramos de madeira desceriam de novo e novo, quantas vezes a Árvore achasse necessário, até que os ossos esmagados de Stefan se juntassem aos outros que haviam formado aquela areia fina.

É por isso, eles todos perceberam, que ela estava prendendo Damon; ela estava zombando de sua morte. Aquela *coisa* que estava inchando dentro de Elena há algumas semanas, ao ouvir as histórias das crianças que comeram seus animais de estimação, aquelas criaturas que se deleitavam com a dor, junto com o sacrifício de Damon, finalmente ficou de tal tamanho que ela não conseguiu mais contê-la.

— Stefan, Bonnie... Não toque nos ramos — Ela arfou. — Certifiquem-se de que vocês não estão tocando em nenhuma parte dos ramos.

— Eu não estou, amor, e Bonnie também não está. Mas por quê?

— Eu não consigo mais segurar! Eu preciso encarar isso...

— Elena, não! Isso...

Elena não conseguiu mais pensar. A odiosa penumbra estava levando-a a loucura, fazendo com que ela se lembrasse do pontinho verde nas pupilas de Damon, a luz verde e horrível da Árvore.

Ela entendeu exatamente o sadismo da Árvore para com os

seus amigos... E nos cantos de seus olhos, ela pôde ver algo preto... Parecido com uma boneca de pano. Só que não era uma boneca; era Damon. Damon, com todo o seu espírito selvagem e inteligente destruído. Damon... Que devia ter partido daqui, e de todos os mundos, neste instante.

O rosto dele estava coberto com o sangue dela. Não havia nada pacífico ou digno dele. Não havia nada que a Árvore já não tivesse tirado.

Elena perdeu a cabeça.

Com um grito cru e sangrento que veio de sua espinha dorsal, saindo rouco de sua garganta, Elena agarrou um ramo de árvore que tinha matado Damon, que tinha assassinado seu amado e que a mataria, assim como aos outros dois que ela também amava.

Ela não pensou. Ela não era capaz de pensar. Mas, instintivamente, ela segurou bem alto o galho da Árvore e deixou a fúria sair de dentro dela, a fúria de um amor assassinado.

Asas da Destruição.

Ela sentiu as Asas saírem de suas costas, como rendas e pérolas negras de ébano, e por um momento ela sentiu com se fosse uma deusa fatal, sabendo que este planeta nunca mais abrigaria qualquer forma de vida.

Quando o ataque saiu, fez com que todo o crepúsculo ao redor dela ficasse preto fosco.

Que cor adequada. Damon vai adorar, ela pensou confusa, e então ela se lembrou de novo, isso batendo com força sobre ela, dando-lhe Poder para destruir a Árvore desse mundinho. Aquilo a havia destruído por dentro, mas ela deixou com que aquilo continuasse vindo. Nenhuma dor física podia se comparar com o que ela tinha em seu coração, com a dor de perder o que ela havia perdido. Nenhuma dor física podia expressar o que ela sentia.

As enormes raízes no solo abaixo deles ainda resistiam, como se houvesse um terremoto, e então...

Houve um som ensurdecedor, enquanto a Grande Árvore explodia, subindo em linha reta como se fosse um foguete, desintegrando-se em cinzas enquanto subia. Os ramos ao seu redor simplesmente desapareceram junto com a copa acima. Algo na mente de Elena observou que muito longe a mesma destruição estava

acontecendo, transformando os galhos e as folhas em pedaços minúsculos que pairavam no ar como se fosse fumaça.

— A Esfera Estelar! — Bonnie gritou no silêncio lúgubre, angustiada.

— Vaporizada! — Stefan pegou Elena enquanto ela caía de joelhos, suas asas negras etéreas desaparecendo. — Mas nós nunca a tínhamos, de qualquer forma. Aquela Árvore a esteve protegendo durante centenas de anos! Tudo que ganharíamos seria uma morte lenta.

Elena virou-se novamente para Damon. Ela não havia tocado na estaca que o havia atravessado... Em segundos, ela seria o único vestígio da Árvore naquele mundo. Ela mal podia ousar ter esperanças de que houvesse uma centelha de vida ainda nele, mas a criança tinha vontade de falar com ela e ela faria o possível para vê-lo, ou morreria tentando. Ela quase sentia os braços de Stefan em torno dela.

Mais uma vez, ela plugou-se nas profundezas da mente de Damon. Dessa vez ela sabia exatamente aonde ir.

E lá estava ele, devido a um milagre, embora estivesse sentindo uma dor hedionda. Lágrimas caíam de seu rosto e ele estava tentando não soluçar. Seus lábios estavam machucados. As Asas dela não foram capazes de destruir a madeira dentro dele... Ela já havia feito estragos venenosos. E não havia jeito de reverter isso.

— Oh, não. Oh, Deus! — Ela colocou a criança em seu colo. Uma lágrima caiu em sua mão.

Ela o balançou, mal sabendo o que ela estava dizendo:

— O que eu posso fazer para ajudar?

— Você está aqui de novo — Ele disse e, em sua voz, ela ouviu a resposta. Isso era tudo o que ele queria. Ele era só uma criança.

— Eu estarei aqui... Sempre. Sempre. Eu nunca vou te abandonar.

Isso não teve o efeito que ela desejava. O garoto engasgou, tentando sorrir, mas foi dilacerado com um espasmo horrível que quase arqueou seu corpo dos braços dela.

E Elena percebeu que ela estava transformando a dor inevitável em uma tortura lenta e excruciante.

— Eu vou te abraçar — Ela modificou suas palavras para ele

—, até quando você quiser. Tudo bem? Ele concordou. Sua voz estava sem fôlego, com dor:

— Você poderia... Poderia fechar meus olhos? Só... Só por um instante?

Elena sabia, apesar do menino não saber, o que aconteceria se ela parasse de insistir e o deixasse dormir. Mas ela não podia aguentar vê-lo sofrendo mais, e nada era real novamente, e não havia mais ninguém no mundo para ela, e ela não se importava em fazer isso se isso significasse que ela o seguiria para a morte.

Estabilizando sua voz cuidadosamente, ela disse:

— Talvez... Nós dois possamos fechar nossos olhos. Não por muito tempo... Não! Mas... Só por um instante.

Ela continuou balançando aquele corpinho em seus braços. Ela ainda pôde sentir um pulso fraco de vida... Não um batimento cardíaco, mas ainda assim, uma pulsação. Ela sabia que ele ainda não havia fechado seus olhos; que ele ainda estava lutando contra a tortura.

Por ela. Por nada mais. Somente por ela.

Colocando seus lábios na orelha dele, ela sussurrou:

— Vamos fechar nossos olhos juntos, certo? Vamos fechá-los... Quando eu contar três. Tudo bem? Houve um pouco de alívio e um pouco de amor na voz dele.

— Sim. Juntos. Estou pronto. Você pode contar agora.

— Um.

Nada importava exceto segurá-lo e manter a si mesma calma.

— Dois. E...

— Elena?

Ela se assustou. A criança alguma vez já havia dito o seu nome antes?

— Sim, querido?

— Elena... Eu... Te amo. Não só por causa dele. *Eu* te amo também. Elena teve que esconder seu rosto no cabelo dele.

— Eu te amo, também, pequenino. Você sempre soube disso, não soube?

— Sim... Sempre.

— Sim. Você sempre soube. E agora... Bem, fechemos nossos olhos... Só por um instante. *Três*.

Ela esperou até que o último movimento parasse, e a cabeça dele caiu para trás, seus olhos estavam fechados e a sombra do sofrimento se fora. Ele parecia, não pacífico, mas simplesmente gentil e amável, e Elena pôde ver em seu rosto as características adultas de Damon e a expressão semelhante.

Mas agora, até mesmo aquele pequeno corpo estava evaporado dentro dos braços de Elena. Oh, ela era tão estúpida. Ela havia se esquecido de fechar os olhos com ele. Ela estava bem tonta, mesmo com Stefan tendo parado o sangramento do seu pescoço. Fechando os olhos... Talvez, ela ficaria do mesmo jeito que ele. Ela ficou contente que ele tinha partido gentilmente, no fim.

Talvez as trevas fossem gentis com ela, também.

Tudo estava quieto agora. Era hora de arrumar os brinquedos e fechar as cortinas. Hora de ir para a cama. Um último abraço... E agora seus braços estavam completamente vazios.

Não havia nada mais para se fazer, nada mais para se lutar. Ela fizera o seu melhor. E, no fim, a criança não estava com medo. Hora de apagar a luz agora. Hora de fechar seus próprios olhos.

As trevas foram bem gentis com ela, e ela entrou nisso suavemente.

40

Mas depois de um tempo sem fim na escuridão gentil e suave, algo estava forçando Elena a voltar para a luz. A luz de verdade. Não a luz verde da penumbra formada pela Árvore. Mesmo com as pálpebras fechadas ela pôde senti-la, sentir seu calor. Um sol amarelo. Onde ela estava? Ela não podia se lembrar.

E ela não se importava. Algo dentro dela estava dizendo que a gentil escuridão era melhor. Mas então ela se lembrou de um nome.

Stefan.

Stefan estava...?

Stefan era um daqueles... Daqueles que ela amava. Mas ele nunca entendera que aquele amor não era singular. Ele nunca entendera que ela podia estar apaixonada por Damon e que isso nunca mudaria um átomo de seu amor por ele. E essa falta de entendimento era tão violenta e dolorosa que ela se sentia dividida por duas pessoas diferentes, às vezes.

Mas agora, antes mesmo dela abrir os olhos, ela percebeu que ela estava bebendo algo.

Ela estava bebendo sangue de vampiro, e esse vampiro não era Stefan. Havia algo único nesse sangue. Era mais profundo, temperado e pesado, tudo de uma vez.

Ela não pôde evitar de abrir os olhos. Por alguma razão ela não entendeu: eles se *abriram* e ela tentou de imediato se concentrar no aroma, cor e sentimento de quem estava debruçado sobre ela, abraçando-a.

Ela não conseguiu entender, tampouco, seu senso de decepção quando ela, lentamente, percebeu que era Sage debruçado sobre ela, abraçando-a suavemente, mas de forma segura em seu pescoço, com o peito nu de bronze e quente do sol.

Mas ela estava deitada bem reta, na grama, pelo o que ela pôde sentir através de suas mãos... E, por algum motivo, sua cabeça estava fria. Muito fria.

Fria e úmida.

Ela parou de beber e tentou engolir. O punho de luz tornou-se mais firme. Ela ouviu a voz de Sage falar, e sentiu o estrondo de seu peito enquanto ele dizia:

— *Ma pauvre petite*, você deve beber por mais alguns minutos ou mais. E seu cabelo ainda tem um pouco de cinza.

Cinzas? *Cinzas*? Você não havia posto cinzas na sua cabeça para... O que ela estava pensando? Era como se sua mente tivesse sido bloqueada, afastando-a de... Algo. Mas ninguém diria para ela o que fazer.

Elena se sentou.

Ela estava — sim, ela tinha certeza — no paraíso kitsune e, até um momento atrás, seu corpo havia sido arqueado para trás, de modo que seu cabelo era um fluído claro que ia até o chão. Stefan e Bonnie estavam lavando algo muito preto de seus cabelos. Ambos estavam sujos também: Stefan tinha uma grande mancha em uma de suas maçãs do rosto e Bonnie possuía listras tênues de cinza abaixo de seus olhos.

Chorando. Bonnie esteve chorando. Ela ainda estava chorando, com soluços pequenos que ela estava tentando suprimir. E agora que Elena podia ver mais claramente, ela pôde ver que as pálpebras de Stefan estavam inchadas e que ele havia chorado também.

Os lábios de Elena estavam dormentes. Ela deitou-se novamente na grama, olhando para cima, para Sage, que estava limpando os olhos furtivamente. A garganta dela doía, não só por dentro, onde os soluços e as arfadas a fariam doer, mas fora, também. Ela tinha uma imagem dela mesma cortando seu pescoço com uma faca.

Através de seus lábios dormentes, ela sussurrou:

— Eu sou uma vampira?

— *Pas encore* — Sage disse vacilante. — Ainda não. Mas Stefan e eu, ambos demos a você grandes quantidades de sangue. Você deve tomar cuidado nos próximos dias. Você está no limite.

Isso explicava como ela se sentia. Provavelmente, Damon estaria esperando que ela se tornasse uma, aquele perverso. Instintivamente, ela estendeu a mão para Stefan. Talvez ela pudesse ajudá-lo.

— Não poderemos fazer nada durante um tempo — Ela disse. — Você não precisa ficar triste.

Mas ela mesma se sentia errada. Ela não se sentia assim desde que ela havia visto Stefan na prisão e pensou que ele morreria a qualquer momento.

Não... Era pior... Porque, com Stefan, havia esperança e Elena, agora, sentia como se a esperança tivesse ido embora. Tudo se foi. Ela estava oca: a garota que parecia sólida, mas seu interior estava completamente vazio.

— Estou morrendo — Ela sussurrou. — Eu sei disso... Vocês todos vão se despedir agora?

E com isso, Sage — Sage! — engasgou e começou a soluçar. Stefan, ainda parecendo estranhamente despenteado, com aqueles traços de fuligem no rosto e nos braços e seu cabelo e roupa molhados, disse:

— Elena, você não vai morrer. A menos que queira.

Ela nunca vira Stefan desse jeito antes. Nem mesmo na prisão. Sua chama, aquele fogo interior que ele não mostrava para ninguém a não ser Elena, havia sumido.

— Sage nos salvou — Ele disse, devagar e cuidadosamente, como se lhe custasse um grande esforço para falar. — As cinzas estavam caindo... E você e Bonnie *morreriam* se respirassem daquilo mais um pouco. Mas Sage colocou uma porta de volta para a Casa de Portais bem na nossa frente. Eu mal pude vê-la; meus olhos estavam cheios de cinzas e as coisas estavam piorando naquela lua.

— Cinzas — Elena sussurrou.

Havia algo no fundo de sua mente, mas mais uma vez sua memória falhou. Era quase como se ela tivesse sido Influenciada para esquecer. Mas isso era ridículo.

— Por que estava caindo cinzas? — Ela perguntou, percebendo que sua voz estava rouca, áspera, como se ela tivesse gritado durante um jogo inteiro de futebol.

— Você usou as *Asas da Destruição* — Stefan disse vagamente, olhando para ela com seus olhos inchados. — Você salvou nossas vidas. Mas você matou a Árvore... E a Esfera Estelar se desintegrou.

Asas da Destruição. Ela devia ter perdido a paciência. E ela matara um mundo.

Ela era uma assassina.

E agora a Esfera Estelar estava perdida. Fell's Church. Oh, Deus. O que Damon diria para ela? Ela havia feito tudo... Tudo errado. Bonnie estava soluçando agora, com seu rosto virado para longe.

— Sinto muito — Ela disse, sabendo o quão inadequado aquilo era. Pela primeira vez, ela olhou ao seu redor miseravelmente.

— Damon? — Ela sussurrou. — Ele não vai falar comigo? Por causa do que eu fiz? Sage e Stefan se entreolharam.

Gelo desceu pela espinha de Elena.

Ela começou a se levantas, mas suas pernas não eram aquelas que ela se lembrava. Elas travaram na região do joelho. Ela estava encarando o chão, para suas próprias roupas manchadas e molhadas... E, em seguida, algo parecido com lama desceu sobre sua testa. Lama ou sangue coagulado.

Bonnie disse algo. Ela ainda estava soluçando, mas estava falando, também, em uma voz muito rouca que fez com que ela parecesse mais velha.

— Elena... Nós não tiramos as cinzas de seu cabelo. Sage teve que te dar uma transfusão de emergência.

— Eu mesma tiro — Ela disse, sem rodeios.

Ela flexionou seus joelhos. Ela caiu sobre eles, sacudindo seu corpo. Então, ela inclinou em direção ao pequeno riacho e deixou sua cabeça cair para frente. Através do choque gelado, ela pôde vagamente ouvir as exclamações das pessoas acima d'água, e Stefan dizendo: "*Elena, você está bem*?" em sua cabeça.

Não, ela pensou de volta. *Mas eu também não estou me afogando. Estou lavando meu cabelo. Talvez Damon, ao menos, olhe para mim se eu estiver apresentável. Talvez ele volte conosco e lute por Fell's Church.*

Deixe-me ajudá-la a levantar, Stefan enviou silenciosamente.

Elena subiu ao ar. Ela puxou a cabeça pesada para fora da água e sacudiu seu cabelo encharcado, mas limpo, de modo que ele caiu sobre suas costas. Ela olhou para Stefan.

— Por quê? — Ela disse.

E então, com um pânico súbito:

— Ele já foi embora? Ele estava bravo... Comigo?

— Stefan — Sage disse, cansadamente.

Stefan, que estava olhando com seus olhos verdes como se fosse

um animal acuado, fez um suspiro fraco.

— A Influência não está funcionando — Sage disse. — Ela *vai* se lembrar de tudo.

41

Stefan não se mexeu ou falou durante longos momentos. O coração de Elena inchou. De repente, ela estava com tanto medo quanto ele. Ela foi até ele e pegou suas duas mãos, que estavam tremendo.

Querido, não chore, ela enviou. *Deve haver tempo para salvarmos Fell's Church. Deve ter. Não pode acabar assim. E, além disso, Shinichi se foi! Podemos chegar até as crianças; podemos quebrar o feitiço...*

Ela parou. Era como se a palavra "feitiço" ecoasse em seus ouvidos. Os olhos verdes de Stefan estavam preenchendo sua visão. Sua mente estava... Estava ficando difusa. Tudo estava se tornando irreal de novo. Em um minuto ela seria capaz de...

Ela arregalou os olhos, respirando com dificuldade.

— Você esteve me Influenciando — Ela disse. Ela pôde ouvir a raiva em sua própria voz.

— Sim — Stefan sussurrou. — Estive Influenciando você por quase meia-hora.

Como você ousa? Elena pensou, só para ele.

— Vou acabar com isso... Agora — Stefan disse silenciosamente.

— Eu também — Sage adicionou, parecendo exausto.

E o universo fez um movimento lento e Elena se lembrou de tudo que eles estavam escondendo dela.

Com um soluço selvagem, ela se levantou, espalhando gotas d'água, que chegavam até os seus pés como se fosse uma deusa da vingança. Ela olhou para Sage. Ela olhou para Stefan.

E Stefan provou o quão corajoso ele era, o quanto ele a amava. Ele lhe contou o que ela já sabia.

— Damon morreu, Elena. Eu sinto muito. Desculpe-me se... Eu a impedi de ficar com ele, como você queria. Sinto muito por ter ficado entre vocês. Eu não entendia... O *quanto* vocês se amavam. Eu compreendo agora.

E então, ele colocou suas mãos em seu rosto. Ela queria ir até ele. Pare repreendê-lo, para abraçá-lo. Para dizer a Stefan que ela *o* amava do mesmo jeito, gota por gota, grão por grão. Mas seu corpo ficara dormente, e a escuridão estava ameaçando voltar novamente... Tudo que ela poderia fazer era se abraçar enquanto encolhia na grama. E então, de alguma forma, Bonnie e Stefan estavam ali, todos soluçando: Elena por causa da intensidade da nova descoberta; Stefan fazendo sons estranhos que Elena jamais vira antes; e Bonnie, com uma exaustão seca e violenta que parecia querer quebrar seu corpinho.

O tempo perdeu todo o seu significado. Elena queria lamentar por cada momento da morte dolorosa de Damon, e por cada momento de sua vida, também. Tanto havia sido perdido. Ela não podia colocar sua cabeça no lugar, e ela não queria fazer nada além de chorar até que as trevas tomassem conta dela de novo.

Foi aí que Sage quebrou o silêncio.

Ele pegou Elena e a ergueu no ar, sacudindo seus ombros. Isso fez com que a cabeça dela fosse para frente e para trás.

— Sua cidade está em ruínas! — Ele gritou, como se isso fosse culpa dela. — Meia-Noite pode trazer ou não um desastre. Oh, sim, eu vi isso tudo na sua mente quando eu a Influenciei. A pequena Fell's Church já está devastada. E você nem ao menos vai lutar por ela!

Algo brilhou através de Elena. Isso fez com que o torpor derretesse, junto com a frieza.

— Sim, eu lutarei por ela! — Ela berrou. — Eu lutarei por ela com cada osso de meu corpo, até que eu detenha a pessoa que fez isso, ou até que eles me matem!

— E agora, *puis-je savoir*, vocês voltarão a tempo? Se vocês forem do jeito que vieram, ela estará destruída! Stefan estava ao lado dela, apoiando-a, ombro a ombro.

— Então, nós o forçamos a nos enviar de volta... Assim, poderemos chegar a tempo.

Elena ficou encarando. Não. Não. Stefan não poderia ter dito isso. Stefan não forçaria a barra... E ela *não teria* feito com que ele mudasse. Ela voltou-se para Sage.

— Não há razão para brigarmos! Eu tenho uma Chave Mestra

na minha mochila, e magia funciona aqui dentro da Casa de Portais! — Ela gritou.

Mas Stefan e Sage estavam se encarando, ambos ferozes e objetivamente. Elena queria ir até Stefan, mas o mundo estava fazendo outro de seus movimentos lentos. Ela temia que Sage atacasse Stefan, e que ela nem ao menos pudesse lutar por ele.

Mas, ao invés disso, de repente, Sage jogou sua cabeça para trás e riu selvagemente. Ou, talvez, tenha sido algo entre um riso e um choro estrondoso. Era tão misterioso quanto o latido de um lobo, e ela sentiu o braço pequeno de Bonnie abraçá-la... Para confortar a ambas.

— Mas que diabos! — Sage berrou, e agora havia um olhar selvagem em seus olhos, também. — *Mais oui*, quem se importa? Ele riu novamente.

— Afinal, eu sou o Guardião dos Portais, e já quebrei as regras ao deixar vocês passarem por duas portas diferentes.

Stefan ainda estava respirando com dificuldade. Agora ele havia erguido as mãos e agarrou Sage pelos ombros, *sacudindo-o* com a força de um vampiro enlouquecido.

— O que você está dizendo? Não há tempo para conversar!

— Ah, mas há, *mon ami*. Meus amigos, *há* sim. O que vocês precisam é de uma artilharia pesada do céu para salvar Fell's Church... E para desfazerem o estrago já feito. Para eliminá-lo de vez, fazer como se nunca tivesse acontecido. E — Sage adicionou deliberadamente, olhando diretamente para Elena — talvez... Só talvez... Desfazer os eventos acontecidos hoje, também.

De repente, cada centímetro da pele de Elena estava formigando. Seu corpo inteiro estava escutando Sage, inclinando-se para ele, ansiando, enquanto seus olhos se arregalavam com a outra única pergunta que importava.

Sage disse bem devagar, bem triunfantemente:

— Sim. Eles podem dar vida aos mortos. Eles têm esse Poder. Eles podem trazer de volta *mon petit tyran* Damon... Enquanto eles te levam de volta à cidade.

Stefan e Bonnie estavam segurando Elena. Ela não conseguia ficar em pé sozinha.

— Mas *por que* eles ajudariam? — Ela sussurrou dolorosamente.

Ela nem ao menos se permitia respirar um pouco de esperança, não até que ela entendesse tudo.

— Daríamos em troca o que foi roubado deles há milênios atrás — Sage respondeu. — Vocês estão na fortaleza do inferno, vocês sabem. É isso que a Casa de Portais é. Os Guardiões não podem entrar aqui. Eles não podem invadir uma porta e exigir o que está lá dentro... Os Sete... *Pardon*, agora são Seis... Tesouros Kitsune.

Nada de esperanças. Nem um pouquinho. Mas Elena ouviu-se dando uma risada selvagem.

— Como podemos dar a eles um parque? Ou um campo de rosas negras?

— Podemos dar a eles o direito ao parque e ao campo de rosas que está em cima dele.

Nem um pinguinho de esperança, mesmo que ambos os lados do corpo de Elena estivessem tremendo agora.

— E como vamos oferecer a eles a Fonte da Eterna Juventude e Vida?

— Não vamos. Entretanto, eu tenho aqui várias embalagens que estão ansiosas para serem preenchidas. A ameaça de uma garrafa de *La Fontaine* sendo espalhada na Terra de vocês... Os devastaria. E, é claro — Sage adicionou —, eu conheço os tipos de pedras preciosas com encantamentos que eles *mais* anseiam. Aqui, me deixe abrir todos os Portais de uma vez!

Aproveitem e peguem tudo que puderem!

Seu entusiasmo era contagiante. Elena deu meia-volta, prendendo a respiração, arregalando os olhos ao ver o primeiro brilho de luz da porta.

— Esperem — A voz de Stefan estava grossa de repente.

Bonnie e Elena viraram-se de volta e congelaram, abraçando-se, tremendo.

— O que o seu... Seu pai... Vai fazer quando ele descobrir que você permitiu isso?

— Ele não vai me matar — Sage disse bruscamente, o tom selvagem de volta em sua voz. — Ele pode achar isso tão *amusant* quanto eu acho, e estaremos compartilhando risadas amanhã.

— E se ele não achar isso engraçado? Sage, eu não acho... Damon não iria querer...

Sage virou-se e, pela primeira vez desde que ela o conhecera, Elena pôde acreditar que ele era realmente filho de seu pai. Seus olhos até pareciam ter mudado de cor, para um amarelo flamejante, com pupilas de diamante, como se fosse um gato.

Sua voz era como aço estilhaçado, mais duro que a de Stefan.

— O que acontece comigo e meu pai é assunto nosso... Meu! Fique aqui se quiser. *Ele* nunca se importa com vampiros, de qualquer forma... Ele diz que eles já estão amaldiçoados. Mas eu farei tudo que puder para trazer *mon chéri* Damon de volta.

— A qualquer custo?

— Pode custar o inferno inteiro!

Para surpresa de Elena, Stefan agarrou os ombros de Sage por um momento e, depois, simplesmente o abraçou, o máximo que pôde.

— Eu só queria ter certeza — Ele disse silenciosamente. — Obrigado, Sage. Obrigado.

Então ele se virou e caminho até a planta Radhika Real e, com um puxão, a arrancou do chão.

Elena, com o coração batendo em seus lábios, garganta e ponta dos dedos, correu para recolher embalagens e garrafas que Sage estava tirando de uma nona porta que havia aparecido entre o campo de rosas negras. Ela pegou um galão e uma garrafa de água Evian, ambos com as tampas de segurança intactas. Elas eram de plástico, o que era bom, pois ela havia deixado ambas caírem a caminho da fonte borbulhante. Suas mãos estavam tremendo demais; e, o tempo todo, ela estava enviando orações monótonas.

Oh, por favor. *Oh, por favor. Oh, por favor*!

Ela, agora, tinha água da Fonte dentro das garrafas, com as tampas lacradas. E, então, ela percebeu que Bonnie ainda estava parada no meio da Casa de Portais. Ela parecia confusa, assustada.

— Bonnie?

— Sage? — Bonnie disse. — Como vamos levar essas coisas até a Corte Celestial, para barganharmos?

— Não se preocupe — Sage disse gentilmente. — Tenho certeza que os Guardiões estão esperando por nós do lado de fora para nos prender. Eles nos levarão à Corte.

Bonnie não parou de tremer, mas ela concordou e se apressou em ajudar Sage a pegar garrafas de Black Magic... E destruí- las.

— Um sinal — Ele disse. — *Un signe* do que nós faremos com essa área caso eles não concordarem. Tome cuidado para não cortar suas lindas mãos.

Elena, então, achou ter ouvido a voz rouca de Bonnie, e ela não estava em um tom feliz. Mas o murmúrio surdo de Sage foi reconfortante. Elena não iria se permitir ter esperanças ou entrar em desespero. Ela tinha uma tarefa em mãos, um esquema. Ela tinha um Plano Secreto para a Corte Celestial.

Quando ela e Bonnie pegaram tudo que conseguiram carregar, com suas mochilas bem cheias, também; Stefan, com duas caixas pretas estreitas que evitavam fazer muitos movimentos; e Sage, que parecia uma mistura de Papai Noel com um Hércules lindo, bronzeado e com cabelos cumpridos, enquanto ele carregava dois sacos feito de lençóis, eles deram uma última olhada na Casa de Portais devastada.

— Certo — Sage disse, então. — É hora de encararmos os Guardiões. Ele sorriu tranquilizadoramente para Bonnie.

Como sempre, Sage estava certo. No momento em que eles saíram, Guardiãs de duas dimensões diferentes estavam esperando por eles. A duas primeiras pareciam vagamente com Elena: cabelo loiro, olhos azuis escuros, esbeltas. As Guardiãs do Mundo Inferior pareciam ser mais velhas, com uma pele tão escura que era quase ébano, com cabelo enrolado firmemente sob um boné em suas cabeças. Atrás delas havia carros aéreos dourado brilhantes.

— Vocês estão presos — Uma das mais morenas disse, parecendo não gostar de seu trabalho — por removerem do santuário tesouros que, por direito, pertencem à Corte Celestial, onde foi concordado que eles deveriam ser mantidos aí, nos termos das leis de ambas as nossas dimensões.

E então, foi só uma questão de tempo até que eles entrassem no carro aéreo.

* * *

A Corte Celestial era... Celestial. Branco perolado com um toque de azul. Minarete. Havia uma longa distância desde o portão fortemente guardado — onde Elena viu um terceiro tipo de Guardiã,

uma com um cabelo vermelho curto e inclinado, com olhos verdes penetrantes — até o palácio real, que parecia abranger uma cidade inteira.

Mas foi quando o grupo de Elena foi guiado para a sala do trono é que o choque cultural realmente bateu. Era bem grande e bem mais glamoroso do que qualquer outra sala que Elena já imaginara. Nenhum baile de gala na Dimensão das Trevas poderia tê-la preparado para isso. O teto da catedral parecia ser feito inteiramente de ouro, assim como a dupla linha de colunas que marchavam verticalmente no chão.

O piso em si era de malaquita modeladamente intricada com ouro e lápis-lazúli, o ouro usado, aparentemente, como cimentação — feito por mãos habilidosas. As três fontes douradas no meio da sala (a do meio era a maior e mais elaborada) jogava ao ar não água, mas pétalas de flores delicadamente perfumadas que brilhavam como se fossem diamantes ao chegar a seu ápice, flutuando para baixo logo em seguida. Vitrais em cores brilhantes que Elena não se lembrava de ter visto antes jogava luzes de arco-íris em todas as paredes, como se fossem bênçãos, dando calor nas formas gravadas em ouro.

Sage, Elena, Stefan e Bonnie estavam sentados em pequenas cadeiras confortáveis a poucos metros de um grande tablado, coberto com um pano fantasticamente tecido a ouro. Os tesouros estavam espalhados na frente deles, enquanto assistentes vestidos de azul e ouro levavam os objetos, um a um, até as três comandantes do fundo.

As governantas eram compostas por um de cada grupo dos Guardiões — loira, morena, ruiva. Seus lugares na tribuna asseguravam que elas estavam distantes — bem acima — de seus peticionários. Mas com o Poder enviado para seus olhos, Elena pôde ver perfeitamente bem que cada uma se sentara em um trono de joias de ouro requintado. Elas estavam falando baixinho, juntas, admirando a flor Radhika Real — que era um delfínio azul no momento. Então, a mais morena sorriu e enviou uma de suas assistentes atrás de um vaso com terra para que a planta sobrevivesse.

Elena olhou ligeiramente para os outros tesouros. Um galão de água da Fonte da Eterna Juventude e Vida. Seis garrafas de vinho Black Magic e pequenas uvas ao seu redor. Um arco-íris

resplandecente disputava com os vitrais em cores brilhantes, alguns brutos, alguns já lapidados e polidos, mas a maioria deles não era só facetada, mas sim esculpidas a mão com inscrições misteriosas de ouro ou prata.

Havia duas caixas pretas e grandes, forradas com veludo e com cilindros de papiro ou papel dentro delas, uma com uma rosa negra deitada ao seu lado; e outra com um spray colorido. Elena sabia o que eram aqueles documentos amarelados com selos de cera: as ações para os campos de rosas negras e para o paraíso kitsune.

Quando você via os tesouros juntos daquele jeito, pareciam ser coisas demais, Elena pensou. Qualquer objeto dos Sete... Não, agora eram Seis... Tesouros Kitsune eram o bastante para se comercializar.

Um galho da Radhika Real, que agora estava sendo trazida de volta, (uma larkspur rosa que estava se transformando em uma orquídea branca) colocada devidamente em um novo vaso, era imensuravelmente precioso. Havia uma única rosa negra aveludada, com um Poder de segurar a mais poderosa das magias.

Uma joia do tesouro da caverna de mineração, talvez um diamante com o duplo tamanho de um pulso que fariam a Grande Estrela da África e o Jubileu de Ouro passar vergonha. Um dia no paraíso kitsune, onde um dia poderia parecer uma vida inteira. Uma gota da água efervescente que faria um humano viver tanto quanto o mais velho dos Antigos...

É claro, devia haver também a maior Esfera Estelar já vista, cheia de Poder místico, mas Elena tinha esperança de que os Guardiões não reparassem nisso.

Esperança? Ela se perguntou e sacudiu a cabeça, fazendo com que Bonnie apertasse sua mão levemente. Nada de esperança. Ela não ousava ter esperança. Nem uma gota.

Autro assistente, ruiva, deu-lhes um olhar esverdeado e gelado, pegando o galão de água de plástico que dizia *Água do Setor 3* no rótulo. Sage rugiu quando ela saiu.

— *Qu'est-ce qui lui prend*? Quer dizer, qual o problema dela? Eu gosto da água do setor dos vampiros. Eu não gosto daquele lixo de água do Mundo Inferior.

Elena já havia descoberto o código de cor para os Guardiões.

As loiras eram aquelas que mexiam nos negócios, impacientes

somente com atrasos. As morenas eram as gentis — talvez houvesse menos trabalho para elas fazerem aqui no Mundo Inferior. As ruivas dos olhos verdes eram simplesmente as megeras. Infelizmente, a jovem no trono do centro, lá em cima do tablado, era ruiva.

— Bonnie? — Ela sussurrou.

Bonnie teve que engolir e fungar antes que pudesse falar.

— Sim?

— Eu já te falei o quanto eu adoro seus olhos?

Bonnie ficou encarando-a por um bom tempo com seus olhos castanhos antes de começar a tremer de tanto rir. Pelo menos aquilo começou como uma risada, e então Bonnie enfiou a cabeça no ombro de Elena e simplesmente ficou tremendo.

Stefan apertou a mão de Elena.

— Ela tentou tanto... Por você. Ela... Ela o amava também, entenda. Eu nem sabia. Eu acho... Eu acho que estive cego de ambos os lados.

Ele passou a mão livre pelo cabelo já despenteado. Ele parecia muito jovem, como se fosse um menino que tinha sido subitamente punido por fazer algo que não fora informado que era errado. Elena se lembrou dele no quintal da pensão, com ela dançando com seus pés em cima dos dele, e depois no quarto no sótão, com ele beijando suas mãos, os nós de seus dedos doloridos depois de tantas marteladas, seus pulsos. Ela queria dizer a ele que tudo ficaria bem, que o riso voltaria para os seus olhos, mas ela não podia aguentar em mentir para ele.

De repente Elena sentiu como se fosse uma mulher muito, muito velha, que podia ouvir e ver bem vagamente, que cada movimento lhe causava um dor terrível e que sentia um frio por dentro. Todas as suas articulações e ossos estavam cobertos de gelo.

Finalmente, quando todos os tesouros, incluindo a Chave Mestra brilhante com diamantes, foram levados até as mulheres sobre os tronos para serem manuseados, pesados, examinados e discutidos, seguido com uma olhadela calorosa da mulher com pele morena chegando até o grupo de Elena.

— A Sentença de vocês foi decidida. E — Ela adicionou em uma voz tão suave quanto o golpe de uma libélula — elas estão bastante impressionadas. Isso não acontece com muita frequência.

Falem mansamente e mantenham suas cabeças para baixo e acho que vocês terão seus desejos mais profundos realizados.

Algo dentro de Elena deu um salto que a teria feito agarrar a túnica de uma das assistentes, mas, felizmente, Stefan a tinha dentro de um abraço de ferro. A cabeça de Bonnie saiu do ombro de Elena, e Elena teve que conter-se.

Eles caminharam, o retrato da humildade, até onde quatro almofadas vermelhas brilhavam contra o tecido dourado do chão. Certa vez, Elena teria se recusado a se humilhar desse jeito. Agora, ela estava agradecida por ter um lugar macio para descansar seus joelhos.

Assim tão perto, ela pôde ver que as governantas usavam um colar de metal, no qual uma única pedra estava pendurada sobre a testa de cada uma.

— Nós consideramos o seu pedido — A morena disse, seu diadema de ouro branco com pingente de diamante ofuscava Elena com alfinetadas de lilás, vermelho e azul marinho.

— Oh, sim — Ela adicionou, rindo. — Nós sabemos o que vocês querem. Até mesmo um Guardião de rua teria que ser bem ruim em seu trabalho para não saber. Vocês querem que sua cidade seja... Renovada. As casas queimadas reconstruídas. As vítimas da peste malach recriadas, com suas almas de volta ao normal, e suas memórias...

— Mas, primeiro — Interrompeu a loira, acenando com a mão —, nós não temos assuntos para tratar? Essa garota... Elena Gilbert... Não pode ser qualificada como porta-voz do grupo. Se ela se tornar uma Guardiã, ela não pertence aos peticionários.

A ruiva sacudiu a cabeça como uma potranca impaciente, fazendo com que o ouro rosa de sua diadema piscasse, e seus rubis brilhassem.

— Oh, vai em frente então, Ryannen. Se o seu nível de recrutamento é modesto...

A loira encarregada dos negócios ignorou isso, mas inclinou-se, alguns de seus cabelos retido atrás de seu rosto devido ao pingente de safira.

— Que tal, Elena? Eu sei que nosso primeiro encontro foi... Infeliz. Você tem que acreditar que eu sinto muito por isso. Mas você

estava indo bem em se tornar uma Guardiã completa quando tivemos ordens de Lá de Cima para dar-lhe um corpo novo, assim você poderia pegar sua vida humana novamente.

— Vocês fizeram isso? É claro que fizeram — A voz de Elena estava baixa, suave e lisonjeira. — Vocês podem fazer tudo. Mas... Nosso primeiro encontro? Eu não me lembro...

— Você era jovem demais, e você viu só um flash do nosso carro aéreo enquanto ele passava pelo veículo de seus pais. Era para ser um pequeno acidente com só uma vítima... Você. Mas, ao invés disso...

As mãos de Bonnie voaram até sua boca. Ela estava entendendo algo que Elena não entendia. O "veículo" dos seus pais...? A última vez que dirigira com seu pai e sua mãe... E a pequena Margaret... Fora no dia do acidente. No dia em que ela havia distraído seu pai, que estava dirigindo...

— *Olha, papai! Veja esse lindo carr...* E então houve o impacto.

Elena se esqueceu de ser humilde e de manter a cabeça baixa. Na verdade, ela a levantou, encontrando olhos azuis salpicados de dourado muito parecidos com os dela. Seu próprio olhar, ela sabia, era penetrante e duro.

— Vocês... *Mataram meus pais*? — Ela sussurrou.

— Não, não! — A morena gritou. — Foi uma operação que falhou. Tínhamos que interagir com a dimensão da Terra somente por alguns minutos. Mas, inesperadamente, seu talento aflorou. Você viu o nosso carro aéreo. E ao invés de só uma vítima aparente: *você*, seu pai se virou para olhar e...

Lentamente, a voz dela falhou enquanto Elena virava os olhos incrédulos sobre ela. Bonnie estava olhando cegamente à distância, quase como se estivesse em transe.

— Shinichi — Ela respirou. — Aquele enigma estranho dele... Ou o que quer que aquilo seja. Aquele que diz que um de nós cometeu assassinato, e que não tinha nada a ver com vampiros ou morte de misericórdia...

— Eu sempre presumi que fosse eu — Stefan disse silenciosamente. — Minha mãe nunca se recuperou do meu parto. Ela morreu.

— Mas isso não faz de você um assassino! — Elena gritou. —

Não igual a mim. *Não igual a mim!*

— Bem, é por isso que estou te perguntando agora — A loira dos negócios disse. — Foi uma missão imperfeita, mas você entende que estávamos apenas tentando recrutá-la, não é? É o método tradicional. Nossos genes nos aprimoraram para sermos os melhores sobre demônios irracionais e perigosos, que não respondem à força tradicional, mas que exigem um plano calculado.

Elena sufocou um grito. Um grito de ira, agonia, descrença, culpa... *Ela não sabia disso*. Seus Planos. Seus esquemas. O jeito que ela lidava com os meninos do colégio, nos velhos tempos... Estava tudo em sua genética. E... Seus pais... Por que eles morreram?

Stefan se levantou. Sua mandíbula estava dura, seus olhos verdes estavam queimando brilhantemente. Ele apertou a mão de Elena e ela ouviu:

Se você quiser brigar, eu topo.

Mais, non.

Elena virou-se e viu Sage. Sua voz telepática era inconfundível. Ela foi obrigada a ouvir.

Não podemos lutar com eles, estando nós em seus territórios, e vencermos. Nem eu posso. O que vocês podem fazer é fazê-las pagarem! Elena, minha corajosa, os espíritos de seus pais encontraram, sem dúvidas, um novo lar. Seria crueldade trazê-los de volta. Mas vamos exigir dos Guardiões o que você quiser. Um ano ou um dia no passado, exija qualquer que seja o seu desejo! Eu acho que todos nós a apoiaremos.

Elena pausou. Ela olhou para as Guardiãs e olhou para os tesouros. Ela olhou para Bonnie e para Stefan, que estavam esperando. Havia permissão nos olhos deles.

Então ela disse bem devagar para as Guardiãs.

— Isso vai custar *muito* para vocês. E eu não quero ouvir que nada disso é impossível. Por todos os tesouros de volta e a Chave Mestra também... Eu quero minha velha vida. Não, eu quero uma *nova* vida, com a minha velha vida incluída. Quero ser Elena Gilbert, exatamente como se eu tivesse me formado com a minha turma, e quero ir à faculdade Dalcrest. Quero acordar na casa de minha tia Judith de manhã e descobrir que ninguém percebeu que eu estivesse fora durante quase dez meses. Eu quero notas boas no meu último ano de ensino médio... Só para o caso de emergências. E quero que

Stefan tenha vivido pacificamente na pensão o tempo todo, e que todos o aceitem como meu namorado. E quero que cada coisa que Shinichi, Misao e aquela para quem eles trabalhavam sejam *desfeitas* e esquecidas. Eu quero que essa pessoa esteja *morta*. E quero que tudo que Klaus fez à Fell's Church seja desfeita, também. Quero Sue Carson de volta! Quero Vickie Bennet de volta! *Quero todo mundo de volta!*

Bonnie disse fracamente:

— Até mesmo o Sr. Tanner?

Elena entendeu. Se o Sr. Tanner não tivesse morrido — tendo seu sangue misteriosamente drenado —, então Alaric Saltzman nunca teria sido chamado para Fell's Church. Elena lembrou-se de Alaric da experiência fora do corpo: cabelo de areia, olhos castanhos e risonhos. Ela pensou em Meredith e seu quase noivado. Mas quem era ela para brincar de Deus? Para dizer sim, essa pessoa poderia morrer porque ela era desagradável e mal-amada, mas essa aqui tinha que sobreviver porque ela era minha amiga.

42

— Isso não é um problema — A governanta loira, Ryannen, disse inesperadamente. — Podemos fazem com que o Sr. Tanner tenha repelido um possível ataque de vampiros e a escola chamou Alaric Saltzman para assumir seu lugar e investigar. Certo, Idola? — Ela disse olhando para a ruiva; para a morena, ela disse: — Não é, Susurre?

Elena não tinha certeza. Apesar de ter escutado o que as mulheres diziam, ela não estava prestando muita atenção. Tudo que ela sabia era que sua voz tinha ficado rouca e que lágrimas caíam de seus olhos.

— E... Pela Chave Mestra... Eu quero...

Stefan apertou sua mão. Elena, de repente, percebeu que eles estavam em pé, todos os três, lado a lado. E o olhar em cada rosto era o mesmo: determinação mortal.

— Eu quero Damon de volta — Ela não ouvira esse tom em sua voz desde o dia em que lhe contaram que seus pais haviam morrido.

Se tivesse havido uma mesa, ela teria colocado os punhos cerrados sobre ela e faria seu melhor para bater de frente com as mulheres. Como não havia, ela simplesmente inclinou-se em direção a elas, falando numa voz baixa e rala.

— Se vocês fizerem isso... Trazê-lo de volta, exatamente como ele era antes de entrar na Casa de Portais... Então vocês poderão pegar a Chave Mestra e os tesouros. Se disserem não... Vocês perdem tudo. *Tudo*. Isso não é negociável, entendem?

Ela continuou encarando os olhos verdes de Idola. Ela se recusava a olhar para Susurre, com medo de ter que abaixar sua cabeça e começar a esfregar seus dedos em pequenos círculos. Ela não daria nem uma olhadela para Ryannen, que estava olhando para ela firmemente, que entrou do modo de negociações. Ela simplesmente olhou para aqueles olhos verdes sob sobrancelhas teimosas. Idola fez um som de mau humor e balançou sua cabeça

linda.

— Olha, alguém claramente cometeu um erro na preparação dessa entrevista. Uma olhadela para Susurre.

— As outras coisas que você pediu... Tudo junto, já é difícil de realizar. *Você* entende isso? Você entende que isso envolve mudar lembranças de todos os habitantes ao redor da cidade, mudar as lembranças dos dez meses que se passaram? Isso significa mudar quase tudo em Fell's Church... E há *muita* coisa para se mudar... Sem mencionar os outros meios de comunicação, não? Quer dizer, teremos que implorar pela alma de três humanos e trazê-los à vida novamente. Eu nem ao menos sei se temos *pessoal* para isso...

Ryannen colocou uma mão no braço da ruiva.

— Nós temos. As mulheres de Susurre têm umas coisinhas para fazer no Mundo Inferior. Eu poderia emprestar trinta por cento das minhas... Afinal, teremos que enviar uma petição para a Corte Maior por aqueles espíritos...

Idola interrompeu.

— Certo. O que eu estava dizendo é que só poderemos cumprir isso... Se vocês nos derem a Chave. No entanto, quanto a seu companheiro vampiro... Não podemos dar vida ao inanimado. Não funciona com vampiros. Uma vez que eles morrerem... Eles morrem para sempre.

— Isso é o que vocês dizem! — Stefan gritou, tentando ficar na frente de Elena. — Mas por que somos os mais amaldiçoados, entre todas as criaturas? Como vocês sabem que é impossível? *Vocês já tentaram alguma vez?*

Idola estava fazendo um gesto de repugnância, quando Bonnie interrompeu, sua voz tremendo:

— Isso é ridículo! Vocês podem reconstruir uma cidade, podem matar a pessoa que esteve por trás do que Shinichi e Misao fizeram, mas não podem trazer um vampiro de volta? Vocês trouxeram *Elena*!

— A morte de Elena como vampira permitiu que ela se tornasse a Guardiã que, originalmente, estava predestinada a ser. Quando a pessoa que dava ordens a Shinichi e Misao: era Inari Saitou... Obaasan Saitou, como vocês a conheciam... E ela já está morta, graças aos seus amigos em Fell's Church, que a enfraqueceram... E a vocês, que destruíram a Esfera Estelar dela.

— *Inari*? Quer dizer, a avó de Isobel? Você está dizendo que era a Esfera Estelar *dela* que estava no tronco da Grande Árvore? Isso é impossível! — Bonnie gritou.

— Não, não é. É a verdade — Ryannen disse simplesmente.

— E ela está *morta* agora?

— Depois de uma longa batalha que matou a seus amigos. Sim... Mas o que a *matou* verdadeiramente foi ter sua Esfera Estelar destruída.

— Então — Susurre disse silenciosamente —, se vocês seguirem a onda... De certo modo, o seu Damon *morreu* para salvar Fell's Church de outro massacre igual ao daquela ilha japonesa. Ele vivia dizendo que era isso que ele veio fazer aqui no Mundo Inferior. Vocês não acham que ele ficaria... Satisfeito? Em paz?

— Em *paz*? — Stefan cuspiu com amargura, e Sage rosnou.

— Mulher — Ele disse —, com certeza você não conheceu Damon Salvatore antes.

O tom em sua voz estava... Mais resonante, mais ameaçadora, de alguma forma... Fazendo Elena parar de encarar Idola. Ela se virou e olhou...

... E viu a grande sala sendo preenchida pelas asas de Sage.

Elas não eram iguais aos seus efêmeros Poderes de Asa. Elas eram, claramente, parte de Sage. Eram aveludadas e reptilianas e, abertas desse jeito, se estendiam de parede a parede, tocando o teto grande e dourado. Elas também demonstravam o porquê de Sage não usar camisas com frequência.

Ele era bonito nessa forma: pele bronzeada e cabelos contra as gigantes asas de aparência delicada. Mas Elena, depois de olhar uma vez para ele, sabia que era hora de jogar o ás na manga. Ela virou-se para encontrar diretamente os olhos verdes de Idola.

— Esse tempo todo, nós estivemos barganhando pelos tesouros da Casa de Portais — Ela disse — E... Uma Chave Mestra.

— Uma Chave Mestra que fora roubada por kitsune eras e eras atrás — Susurre explicou calmante, erguendo seus olhos.

— E vocês disseram que não é suficiente para trazer Damon de volta — Elena forçou sua voz para que não vacilasse.

— Nem se esse fosse o seu único pedido — Ryannen jogou um pouco de seu cabelo dourado acima do ombro.

— Isso é o que você diz. Mas... E se eu colocar na negociação... Outra Chave Mestra?

Houve uma pausa, e o coração de Elena começou a bater de medo. Pois esse era o tipo errado de pausa. Não houve arfadas de choque. Nenhum olhar de surpresa entre uma Guardiã para a outra. Nenhum olhar de descrença.

Depois de um instante, Idola disse presunçosamente.

— Você se refere à outra Chave roubada que seus amigos têm na Terra? Ela foi confiscada no momento em que eles a esconderam. É uma propriedade roubada. Pertence a *nós*.

Ela esteve aqui tempo demais, nas Dimensões das Trevas, Elena pensou com uma parte de sua mente. Ela estava se divertindo.

Idola se inclinou em direção a ela, como se confirmasse a dedução de Elena.

— Simplesmente... Não é... Possível — Ela disse enfaticamente.

— Verdade, não é — Ryannen adicionou rapidamente. — Nós não sabemos o que acontece com vampiros. Mas eles não passam por nós. Nós nunca os vimos depois da morte. A explicação mais simples é que eles simplesmente... Somem — Ela estalou seus dedos.

— *Eu não acredito nisso*! — Elena estava ciente que sua voz havia aumentado de volume. — Eu não acredito nisso nem por um segundo!

Vozes, não atacando alguém em particular, explodiram em um clamor de argumentos em torno de Elena, formando uma espécie de poema:

Não é possível. Simplesmente impossível (*Mas por favor...*)

Não! Damon se foi, e perguntar para onde, é o mesmo que pergunta aonde a flama de uma vela vai quando é apagada (*Mas vocês não deviam tentar trazê-lo de volta, pelo menos*?)

O que aconteceu com a gratidão? Vocês quatro deviam ser gratos que as outras coisas que vocês pediram possam ser feitas. (*Mas em trocas de ambas as Chaves Mestras...*)

Nenhum Poder que possuímos pode trazer Damon de volta! Elena devia voltar à realidade. Ela já foi mimada demais! (*Mas que mal pode fazer se vocês tentarem novamente*?)

Certo! Se vocês querem saber, Susurre já nos forçou a tentar. E

nada aconteceu! Damon... Se... Foi! Seu espírito está em um lugar que não pode ser encontrado no éter! Isso é o que acontece com vampiros, e todos sabem disso!

Elena encontrou-se olhando para baixo, para suas próprias mãos, que estavam bem limpas, mas com unhas quebradas e as juntas sangrando.

O mundo exterior tornou-se irreal novamente. Ela estava dentro de si, brigando com sua dor, lutando contra o conhecimento que Idola, a Guardiã central, não havia mencionado antes: que elas haviam procurado pelo espírito de Damon. E que ele havia... Sumido.

De repente, a sala estava se pressionando contra ela. Não havia ar suficiente. Só havia essas mulheres: essas Guardiãs, magicamente poderosas, que não tinham Poder ou magia o suficiente para salvar Damon... Ou, pelo menos, nem ao menos se importavam em tentar uma segunda vez.

Ela não tinha certeza o que estava acontecendo com ela. Sua garganta estava doendo, seu peito estava, ao mesmo tempo, grande e apertado. Cada batimento de seu coração soava através dela como se tentasse sacudi-la até a morte.

Até a morte. Em sua mente, ela viu uma mão segurando um copo de Clarion Loess Black Magic.

E então, Elena soube que ela tinha que manter-se firme, manter os braços firmes, de certa forma, e sussurrar as palavras em sua própria mente. Mas, por último, dizer o feitiço, dizê-lo em voz alta.

Por fim... As coisas desaceleraram. Quando os olhos de Idola — um nome perfeito para alguém que idolatrava a si mesmo, Elena pensou —, de Ryannen e de Susurre caíram sobre ela, com as bocas abertas, chocadas demais para moverem até mesmo um dedo serenamente, com calma, Elena disse:

— *Asas da Destrui...*

Foi uma soldada, uma das várias soldadas rasas, uma das morenas, que a parou. Ela saltou por cima do tablado e, com uma velocidade desumana, bateu com sua mão sobre a boca de Elena, de modo que a última sílaba foi um murmúrio e o corredor dourado, verde e azul não explodiu em fragmentos de metal quente correndo como se fossem riachos de larva; a fonte que jorrava flores não

evaporou e os vitrais não se quebraram em átomos.

Então havia mais braços ao redor de Elena, levando-a para baixo, deixando-a respirar com escassamente, mesmo quando ela ficou mole ao tentar sugar um pouco de ar. Elena lutou como um animal, com seus dentes e unhas, para escapar. Mas ela, com o tempo, foi completamente detida, presa ao chão. Ela pôde ouvir a voz profunda e furiosa de Sage e Stefan, entre estouros telepáticos desesperados para ela, implorando e explicando:

— Ela ainda não voltou à realidade! Ela nem ao menos sabe o que está fazendo! Só que, mais alto, ela pôde ouvir as vozes das Guardiãs.

— Ela poderia ter matado a todas nós!

— Essas Asas... Eu nunca vi algo tão mortal!

— Uma humana! E só com três palavras, ela poderia ter nos eliminado!

— Se Lenea não a tivesse detido...

— Ou se ela estivesse a alguns centímetros mais para trás...

— Ela destruiu uma lua, vocês sabem! Não há mais nenhuma vida lá, e cinzas ainda estão caindo do céu!

— Isso não está em questão. O mais importante é que ela não devia ter Poderes de Asa. Elas devem ser cortadas.

— Isso mesmo... Cortem suas Asas! *Façam isso*!

Elena reconheceu as vozes de Ryannen e Idola. Ela ainda estava tentando lutar, mas a agarraram com tanta força, de uma forma tão impiedosa, que só o fato dela tentar ganhar um pouco de ar já a deixava exausta.

E então, eles arrancaram suas Asas. Foi rápido, pelo menos, e Elena sentiu pouca coisa.

O que doía mais era seu coração. Um pouco de orgulho e teimosia saíram na hora do combate, e agora ela tinha vergonha por ter casa suas Asas sendo arrancadas. Primeiro saíram as *Asas da Redenção*, aquelas em tons de arco-íris. Depois, as *Asas da Purificação*, brancas e iridescentes como teias de aranha. *Asas de Voo*, iguais à cor de mel. *Asas da Lembrança*, de cor violeta e azul meia-noite. E, em seguida, as *Asas de Proteção*, de cor verde esmeralda e ouro, as Asas que salvaram seus amigos do ataque de Bloddeuwedd, na primeira vez que eles entraram nas Dimensões das Trevas.

E finalmente, as *Asas da Destruição*, altas, de cor ébano com bordas delicadas como renda preta.

Elena tentou ficar em silêncio enquanto cada Poder era retirado. Mas após a primeira ou a segunda ter caído ao seu lado, ela vendo somente sombras, ela ouviu uma pequena arfada, percebendo que era sua própria voz. E com o próximo corte, um pequeno grito involuntário.

Por um momento, houve silêncio. E então, de repente, houve um ruído esmagador. Ela pôde ouvir Bonnie lamentando, Sage rugindo e Stefan, o gentil Stefan, gritando blasfêmias e maldições para as Guardiãs. Elena adivinhou pelo som abafado de sua voz que ele estava lutando contra elas, lutando para chegar até ela.

Ele a alcançou, de alguma forma, justo quando as mortais e delicadas *Asas da Destruição* foram arrancadas de seus ombros e mente, e caiu como se fosse uma sombra ao chão. Foi bom ele tê-la alcançado, pois, no passado, Elena era menos perigosa do que era agora com os Poderes de Asa despertos nela. De repente, as Guardiãs pareciam ter medo. Elas pararam atrás dela, aquelas mulheres fortes e perigosas, e só Stefan estava lá para pegá-la e segurá-la em seus braços.

Atordoada e confusa, ela era somente uma garota comum de dezoito anos. Exceto por seu sangue. Eles queriam tirar-lhe seu sangue, também... Para "purificá-lo". Essas três governantas e suas assistentes já estavam reunidas em um triângulo, determinadas, em torno dela e estavam trabalhando em sua magia quando Sage berrou:

— Parem!

Elena caiu nos ombros de Stefan, podendo vê-lo vagamente, suas asas negras aveludadas ainda abertas de parede a parede, ainda tocando o teto dourado. Bonnie se agarrou a ele como se fosse uma penugem de dente-de-leão perdida.

— Vocês já diminuíram a aura dela a quase nada — Ele rosnou. — Se vocês "purificarem" o sangue dessa *pauvre petite* completamente, ela morrerá... E então ela despertará. Vocês terão criado *une vampira*, *Mesdames*. É isso que vocês querem?

Susurre recuou. Para uma governanta tão dura e inflexível, ela parecia quase gentil demais — mas não o suficiente ao arrancar minhas Asas, Elena pensou, contorcendo os ombros para aliviá-los.

Talvez ela não soubesse o quanto doeria, outra parte de sua mente ofereceu vagamente.

Então, toda a sua mente se juntou sua reunião de emergência. Algo quente e fresco estava deslizando na parte detrás de seu pescoço, em pequenas gotas. Não era sangue. Não, isso era, definitivamente, mais precioso do que as Guardiãs lhe havia tirado. As lágrimas de Stefan.

Ela se balançou fortemente, tentando colocar-se de pé. De alguma forma, tremulamente, ela conseguiu. Ela só percebeu o *quão* trêmula ela estava quanto tentou levantar a mão e limpar as lágrimas do grande rosto de Stefan com o polegar. Sua mão inteira tremeu como se ela estivesse fazendo uma brincadeira infantil. Seu polegar atingiu o rosto dele com força o suficiente para não fazê-lo estremecer. Ela olhou para ele com uma desculpa muda, chocada demais para tentar falar.

Stefan estava falando. Mais e mais.

— Não importa — Ele estava dizendo. — Tudo bem, amor. Oh, minha amada, tudo ficará bem.

Ele enxugou os olhos com uma mão que estava firme como rocha, o tempo todo olhando só para ela, e — ela sabia — pensando somente nela. Ela sabia disso porque ela também conhecia aquele momento, quando ele chegou.

Cabelos ruivos estavam em sua linha de visão, desfocada em meio a lágrimas novas. Cabelos ruivos e olhos verdes estreitos, bem próximos a ela. Foi quando Elena sentiu que Stefan se lembrou de que havia outras coisas além de Elena no mundo.

Seu rosto mudou. Ele não rosnou ou abriu sua mandíbula. A mudança foi uma alteração completa, mas se centrava em seus olhos, que ficaram mortalmente estreitos enquanto tudo o mais se tornava forte e feroz.

— Se você tocar nela de novo, sua *vadia* perversa, eu vou rasgar sua garganta — Stefan disse, cada palavra parecendo ferro e gelo caindo no chão.

As lágrimas de Elena pararam com o choque. Stefan não falava assim com as mulheres. Nem Damon falaria... Falava. Mas as palavras ainda estavam ecoando no silêncio súbito da sala com aparência de catedral. As pessoas estavam se afastando.

Idola estava se afastando também, mas seus lábios estavam curvados.

— Você acha que só porque somos Guardiãs não podemos prejudicá-la...? Ela estava começando, quando a voz de Stefan a cortou claramente.

— Eu acho que só *porque* vocês são "Guardiãs" vocês matam hipocritamente e saem impunes disso — Stefan disse, e seus lábios produziram palavras mais convincentes e assustadoras do que as de Idola. — Vocês teriam matado Elena se Sage não tivesse impedido. *Maldita*!

Ele acrescentou em voz baixa, mas com absoluta convicção que fez com que Idola desse mais um passo pra trás — Sim, é melhor você ir se reunir com suas amiguinhas — Ele adicionou. — Eu posso decidir matar você, de qualquer forma. Eu matei meu próprio irmão, como você deve ter percebido.

— Mas, com certeza... Isso foi depois de você ter levado um golpe mortal. Susurre estava entre os dois, tentando interceder.

Stefan deu de ombros. Ele olhou para ela com o mesmo desprezo que olhou para a outra governanta.

— Eu ainda podia usar meus braços — Ele disse deliberadamente. — Eu podia ter decidido abandonar minha arma, ou aliviá- lo da dor. Ao invés disso, eu optei por colocar uma lâmina direto em seu coração — Ela mostrou seus dentes num sorriso distintamente hostil. — E agora eu nem ao menos preciso de uma arma.

— Stefan — Ela conseguiu sussurrar no último segundo.

— Eu sei. Ela é mais fraca do que eu e você não quer me ver matando-a. É por isso que ela ainda está viva, amor. É o único motivo.

Enquanto Elena levantava seus olhos meio assustados para ele, Stefan adicionou em uma voz que só ela pudesse ouvir.

É claro, há algumas coisas sobre mim que você não sabe, Elena. Coisas que eu espero que você nunca veja. Conhecer você... Te amar... Fez com que eu quase esquecesse disso.

A voz de Stefan em sua cabeça acordou algo dentro de Elena. Ela levantou a cabeça e olhou para a massa indistinta de Guardiãs em torno deles. Ela viu cabelos cacheados de morango suspensos no ar. Bonnie. Bonnie lutando. Fazendo isso fracamente, não somente

porque um par de Guardiãs loiras e outro par de morenas a estavam segurando no ar, uma de cada membro. Enquanto Elena a encarava, ela parecia recuperar suas forças e lutar mais. E Elena pôde ouvir... Algo. Estava fraco e longe, mas quase soava como... Seu nome. Como seu nome era pronunciado por meio de um sussurro ou por meio de um zumbido de passar de rodas de bicicletas.

Le... Na... Eee... Le...

Elena tentou chegar internamente até o som. Tentou desesperadamente se agarrar ao que vinha, mas nada aconteceu. Ela tentou um truque que, ontem, ela acharia bem fácil: canalizar seu Poder para sua telepatia. Não funcionou. Ela tentou sua telepatia.

Bonnie! Você pode me ouvir?

Não houve nem um menor sinal de mudança na expressão da menina. Elena havia perdido sua ligação com Bonnie.

Ela assistia enquanto Bonnie percebia a mesma coisa, assistia aquele corpinho brigando para se libertar. O rosto de Bonnie, arrebitado em um pálido desespero, estava triste e, de alguma forma, indescritivelmente puro e belo, de uma só vez. *Isso nunca acontecerá conosco*, a voz de Stefan em sua cabeça disse para ela firmemente. *Nunca! Eu te dou minha... Não*! Elena pensou de volta, supersticiosamente com medo de alguma maldição.

Se Stefan havia jurado, algo devia acontecer... Ela devia se transformar em uma vampira ou em um espírito... Para assegurar que ele não quebrasse sua palavra.

Ele parou e Elena soube que ele a havia ouvido. E, de alguma forma, esse conhecimento, de que Stefan havia ouvido uma única palavra dela, a acalmou. Ela sabia que ele não estava espionando. Ele ouviu porque ela enviou o pensamento para ele. Ela não estava sozinha.

Ela podia ser comum novamente; elas poderiam até ter tirado suas Asas, a maioria de seus Poderes e seu sangue, mas ela não estava sozinha. Ela se inclinou em sua direção, sua testa contra o queixo de Stefan.

"*Ninguém fica sozinho*."

Ela havia dito isso para Damon. Damon Salvatore, um ser que não existia mais. Mas que ainda era convocado por ela devido a uma só palavra, um grito final. Seu nome.

Damon!

Ele morrera quatro dimensões atrás. Mas ela pôde sentir Stefan apoiando-a, ampliando sua transmissão, enviando-a como um sinalizador através da multidão de mundos que os separavam do corpo frio e sem vida dele.

Damon!

Não houve nenhum sinal de resposta. É claro que não. Elena estava apenas se enganando.

De repente, algo mais forte do que a tristeza, mais forte do que a auto-piedade, ainda mais forte que a culpa, tomou conta dela. Damon não gostaria que ele fosse carregada para fora daquele hall, mesmo que fosse por Stefan. Especialmente por Stefan. Ele iria querer que ela não mostrasse nenhum sinal de fraqueza para aquelas mulheres que a haviam destruído e humilhado.

Sim.

Esse era Stefan. Seu amor, mas não seu amante, disposto a amá-la a partir de agora e até o fim de seus dias... O fim... De seus dias?

Elena estava, de repente, feliz por não poder projetar telepaticamente para estranhos e que Stefan havia estabelecido um escudo ao redor deles, quando ele a tinha tomado em seus braços.

Ela virou-se para Ryannen, que ainda estava assistindo... Com cautela, mas ainda com a expressão de negócios em seus olhos.

— Eu gostaria de ir embora agora, se vocês não se importam — Ela disse, pegando sua mochila e a pendurando sobre o ombro, no melhor gesto de arrogância que ela pôde fazer.

Houve um raio de agonia enquanto o peso da alça acertava o lugar onde a maioria de suas Asas havia surgido, mas ela manteve a cara de desprezo e indiferença.

Bonnie, de volta ao chão desde que ela não estava mais lutando, seguiu o exemplo de Elena. Stefan havia deixado sua mochila na Casa de Portais, mas ele gentilmente segurou sua mão em torno do cotovelo de Elena, não para guiá-la, mas para mostrar que ele estava lá por ela. As asas de Sage se dobraram para trás e foram embora.

— Você entende que, devido ao retorno desses tesouros que eram nossos por direito... Mas que fomos impedidas de recuperá-los... Você terá seus pedidos concedidos, exceto por algo impossí...

— Entendo.

Elena disse sem rodeios, justo quando Stefan disse, muito mais bruscamente:

— Ela entende. Só *façam* isso logo, tá legal?

— Já está tudo organizado — Os olhos de Ryannen, olhos azuis escuros respingados de dourado, encontraram os de Elena com um olhar não totalmente antipático.

— A melhor coisa a se fazer — Susurre acrescentou apressadamente — seria que nós a colocássemos para dormir e a enviássemos para o seu antigo e novo quarto. No momento em que você acordar, tudo terá sido realizado.

Elena forçou para que sua expressão não mudasse.

— Me enviar para a Maple Street? — Ela perguntou, olhando para Ryannen. — Para a casa da tia Judith?

— Em seus sonhos, sim.

— Eu não quero estar dormindo — Ela se aproximou ainda mais de Stefan. — Não deixe que elas me ponham para dormir!

— Ninguém fará *nada* que você não queira — Stefan disse, e sua voz parecia um fio de uma navalha. Sage rugiu em seu apoio e Bonnie olhou para a mulher loira, rígida.

Ryannen inclinou a cabeça dela.

Elena acordou.

Estava escuro e ela esteve dormindo. Ela não conseguia se lembrar exatamente de como ela havia caído no sono, mas ela sabia que ela não estava na liteira e ela sabia que ela não estava em um saco de dormir.

Stefan? Bonnie? Damon? Ela pensou automaticamente, mas havia algo estranho com sua telepatia. Parecia que ela fora confinada em sua própria cabeça.

Ela estava no quarto de Stefan?

Devia estar um breu lá fora, já que ela não conseguia sequer ver o alçapão que levava ao pé do sótão.

— Stefan? — Ela sussurrou, enquanto vários pedaços de informações se juntavam em sua cabeça.

Havia um cheiro, que era tanto familiar quanto estranho. Ela estava deitada em uma cama de casal confortável, não em uma das camas de seda e veludo extravagantes de Lady Ulma, tampouco em uma das irregulares da pensão. Ela estava em um hotel?

Enquanto esses pensamentos diferentes reuniam-se em seu cérebro, houve uma batida suave e rápida. Nós dos dedos batendo contra o vidro.

O corpo de Elena se levantou. Ela arremessou para longe a colcha e correu até a janela, evitando os obstáculos misteriosos sem nem pensar direito. Suas mãos arrancaram as cortinas do caminho que, de alguma forma, ela soube quem estava lá, fazendo seu coração disparar e trazendo um nome aos seus lábios.

— Da...!

E então o mundo parou e fez seu salto mortal mais lento de todos.

A visão de um rosto feroz, preocupado, amoroso e, ainda, estranhamente frustrado, apenas do outro lado da janela do segundo andar, trouxe as memórias de Elena de volta.

Todas elas.

Fell's Church estava salva. E Damon estava morto.

Sua cabeça inclinou-se lentamente até que sua testa tocou o painel de vidro frio.

43

— Elena? — Stefan disse silenciosamente. — Você poderia me convidar para entrar? Você tem que me convidar, caso queira... Conversar...

Convidá-lo para *entrar*? Ele já estava dentro... Dentro de seu coração. Ela havia dito às Guardiãs que todos devessem aceitar Stefan como seu namorado durante aqueles meses todos. Não tinha importância. Em voz baixa, ela disse:

— Entre, Stefan.

— A janela está trancada do seu lado, Elena.

Entorpecida, Elena abriu a janela. No momento seguinte, ela foi englobada por braços quentes e fortes, em um abraço desesperado e fervoroso. Mas logo depois, os braços caíram, deixando-a congelada e solitária.

— Stefan? O que há de errado?

Seus olhos tinham se adaptado e, pela luz das estrelas através da janela, ela pôde vê-lo hesitando diante dela.

— Eu não posso... Isso não é... Não é o que você quer — Ele disse às pressas, soando como se aquilo viesse através de uma garganta apertada. — Mas eu queria que você soubesse que... Que Meredith, Matt estão cuidando de Bonnie. Confortando-a, eu quero dizer. Eles estão todos bem, assim como a Sra. Flowers. E eu pensei que você...

— Elas me colocaram para dormir! Elas disseram que não me colocariam para dormir!

— Você adormeceu, am... Elena. Enquanto estávamos esperando que elas nos enviassem para casa. Nós todos cuidamos de você: Bonnie, Sage e eu.

Ele ainda estava falando formalmente, em um tom incomum.

— Mas eu pensei... Bem, que você iria querer conversar essa noite, também. Antes de eu... Eu partir. Ele ergueu um dedo até o rosto para fazer com que seus lábios parassem de tremer.

— Você jurou que não me abandonaria! — Elena gritou. — Você prometeu: não importasse o motivo, não importasse o tempo que fosse, não importasse o quão nobre fosse a causa!

— Mas... Elena... Isso foi antes de eu entender...

— Você ainda não entende! Você não sabe...

A mão dele voou para cobrir sua boca e ele colocou seus lábios sobre o ouvido dela.

— Am... Elena. Nós estamos na sua casa. Sua tia...

Elena sentiu seus olhos se abrirem, embora, é claro, subconscientemente, ela já soubesse esse tempo todo. O ar da familiaridade. Essa cama... Era *sua* cama, e aquela colcha era sua adorava colcha de ouro com branco. Os obstáculos que sabia como evitá-los no escuro... A batida em sua janela... Ela estava em *casa*.

Assim como um alpinista que está subindo uma rocha de aparência impossível, quase caindo, logo em seguida, Elena sentiu uma onda enorme de adrenalina. E foi isso — ou talvez seja o Poder do amor que fluía através dela — que ela conseguiu depois de tanto ansiar para se conseguir. Ela sentiu sua alma expandir e sair de seu corpo. E encontrou a de Stefan.

Ela ficou horrorizada com a desolação apressadamente varrida para longe em seu espírito, humilhada pela onda de amor que inundou tudo nele com o simples toque da mente dela.

Oh, Stefan. Só... Diga que... Que você pode me perdoar, isso é tudo. Se você me perdoar, eu poderei viver. Talvez você possa até ser feliz comigo novamente... Se você me der tempo ao tempo.

Eu já sou feliz contigo. Mas nós temos todo o tempo do mundo, Stefan lhe assegurou. Mas ela captou a sombra de um pensamento obscuro que logo sumiu de vista.

Ele tinha todo o tempo do mundo. Ela, entretanto...

Elena teve que sufocar o riso, mas, em seguida, agarrou a Stefan, de repente.

Minha mochila... Elas a levaram? Onde ela está?

Bem ao lado da sua mesa de cabeceira. Eu posso pegá-la. Você a quer?

Ele foi até a escuridão e puxou algo pesado, duro e com um cheiro não muito agradável. Elena empurrou uma mão frenética para dentro dela enquanto ainda segurava Stefan com a outra.

Sim! Oh, Stefan, está aqui!

Ele estava começando a suspeitar... Mas ele só *soube* quando ela tirou uma garrafa com o rótulo escrito Evian, segurando-a contra seu rosto. Ela estava bem gelada, embora a noite estivesse amena e úmida. E com uma violenta efervescência, ela brilhava de uma forma que água comum nenhuma fazia.

Eu não queria fazer isso, ela disse a Stefan, de repente preocupada que ele pudesse não gostar de ser associado com um ladrão. *Pelo menos... Não no começo. Sage disse para colocarmos em garrafas a água da Fonte da Eterna Juventude e Vida. Eu havia pegado uma garrafa grande e essa pequenina e, de alguma forma, eu guardei a menor dentro da minha mochila. Eu iria colocar a maior aqui dentro, também, mas não coube. E eu nem pensei nessa daqui de novo, só quando elas tiraram minhas Asas e minha telepatia.*

E isso é uma coisa boa, Stefan pensou. Se *elas tivessem te pegado... Oh, minha amada*! Seus braços se prenderam em Elena, prendendo sua respiração.

É por isso que você estava tão ansiosa para ir embora!

— Elas tiraram quase tudo que era sobrenatural em mim — Elena sussurrou, colocando seus lábios próximos ao ouvido de Stefan. — Eu tenho que viver com isso, e se elas tivessem me dado uma chance, eu teria concordado... Pelo bem de Fell's Church... Se eu tivesse sido lógica...

Ela se interrompeu, de repente, quando percebeu que, literalmente, esteve fora de si. Ela tinha sido pior que uma ladra. Ela tentou usar um ataque mortal em um grupo que — em sua maioria — era composto de pessoas inocentes. E pior era que uma parte dela sabia que Damon teria entendido sua loucura, enquanto ela não tinha certeza se Stefan poderia entender.

— Você não tem que me transformar em uma... Você sabe — Ela começou sussurrando freneticamente de novo. — Um gole ou dois disso e eu posso ficar com você para sempre. Para sempre e... Para... Sempre... Stefan...

Ela parou, tentando pegar fôlego e equilíbrio mental. A mão dele pairou sobre ela, no topo.

— Elena.

— Eu não estou chorando. É porque estou feliz. Para todo o sempre, Stefan. Nós podemos ficar juntos, só... Só nós dois... Para sempre.

— Elena, amor — A mão dele evitou que ela abrisse a garrafa.

— Isso... Isso não é o que você quer?

Com sua outra mão, Stefan a puxou até ele, com firmeza. A cabeça dela caiu em direção ao seu ombro e ele descansou seu pescoço em seu cabelo.

— Isso é tudo que eu mais quero. Estou... Confuso, eu acho. Eu estive assim desde... Ele parou e tentou de novo.

— Se nós temos todo o tempo do mundo, nós temos um amanhã — Ele disse em uma voz abafada pelo cabelo. — E amanhã é tempo o suficiente para você começar a pensar nisso. Há o suficiente nessa garrafa para que, talvez, quatro ou cinco possam bebê-la. *Você* é a única que tem que decidir quem vai beber isso, amor. Mas não hoje. Hoje...

Com uma adrenalina repentina de alegria, Elena entendeu.

— Você está falando do... Damon.

Incrível como era difícil simplesmente dizer seu nome. Parecia quase como uma violação, e ainda assim...

Quando ele pôde conversar... Assim... Por um momento comigo, ele me disse o que ele queria, ela enviou.

Stefan se remexeu um pouco na escuridão, mas não disse nada.

Stefan, ele só pediu uma coisa antes dele... Partir. Que era para não ser esquecido. Isso é tudo. E nós somos os que mais se lembram. Nós e Bonnie.

Em voz alta, ela adicionou:

— Eu nunca vou esquecê-lo. E eu nunca vou deixar ninguém que o conhecia o esqueça... Enquanto eu viver. Ela sabia que ela havia falando alto demais, mas Stefan não tentou silenciá-la.

Ele deu uma rápida estremecida, segurando-a firmemente, novamente, seu rosto enterrado no cabelo dela.

Eu me lembro, ele enviou para ela, *quando Katherine pediu para ele se juntar a ela... Quando nós três estávamos na cripta de Honoria Fell. Eu me lembro o que ele disse para ela. E você?*

Elena sentiu suas almas se entrelaçando enquanto ambos viam a cena através dos olhos do outro.

É claro, eu me lembro também. Stefan suspirou, meio que rindo.

Eu me lembro de tentar cuidar dele, mais tarde, em Florência. Ele não se comportava, nem Influenciava as garotas que ele se alimentava. Outro suspiro.

Eu acho que ele queria ser pego em flagrante. Ele nem ao menos podia me

olhar nos olhos e falar sobre você.

Eu fiz com que Bonnie chegasse até você. Certifiquei-me de que ela fizesse com que ambos voltassem aqui, Elena lhe disse. Suas lágrimas começaram a cair novamente, mas bem devagar... Gentilmente.

Seus olhos estavam fechados e ela sentiu um leve sorriso chegando em seus lábios.

Sabe...

A voz mental de Stefan havia começado, surpreso.

Eu me lembro de outra coisa! De quando eu era bem pequeno, talvez com três ou quatro anos de idade. Meu pai tinha um temperamento horrível, especialmente depois que minha mãe morreu. E desde então, quando eu era pequeno e meu pai ficava furioso e bêbado, Damon ficava deliberadamente entre nós. Ele dizia algo desagradável e... Bem, meu pai acabava batendo nele ao invés de em mim. Eu não sei como eu pude ter me esquecido disso.

Entendo, Elena pensou, lembrando-se de como ela tinha medo de Damon, antes dele ter se transformado em humano... Mesmo ele tendo se colocado entre ela e os vampiros que queriam discipliná-la na Dimensão das Trevas. *Ele tinha o dom de saber exatamente o que dizer... Como olhar... O que fazer... Para conseguir entrar na pele de alguém.*

Ela pôde sentir Stefan rindo fraca e ironicamente.

Um dom, é?

Bem, certamente eu não poderia fazer isso, e eu posso controlar a maioria das pessoas, Elena respondeu delicadamente. *Ele não, entretanto. Ele nunca.*

Stefan adicionou:

Mas ele sempre era mais gentil com as pessoas mais fracas do que com as mais fortes. Ele sempre teve uma quedinha por Bonnie...

Ele parou, como se tivesse se assustado ao se aventurar muito perto de algo sagrado.

Mas Elena já tinha seu próprio sofrimento. Ela estava feliz, tão feliz que, no fim, Damon havia morrido para salvar Bonnie. Elena precisava de mais provas sobre os sentimentos dele por ela. Ela sempre amaria Damon, e jamais permitiria que qualquer coisa pudesse diminuir esse amor.

E, de alguma forma, pareceu apropriado que ela e Stefan devessem se sentar em seu antigo quarto e falar do que eles se lembravam de Damon, em voz alta. Ela planejou fazer o mesmo com

os outros no dia seguinte.

Quando ela finalmente adormeceu nos braços de Stefan, era mais de meia-noite.

44

Na menor lua do Mundo Inferior, pequenas cinzas caíam do céu. Elas caíam em dois corpos já cobertos de cinzas. Elas caíam na água embargada. Elas bloqueavam a luz solar de modo que uma meia-noite sem fim cobria a superfície da lua.

E outra coisa caía. Em pequenas gotículas que se possa imaginar, um líquido opalescente caiu, com cores rodopiando como se para tentar compensar a feiura das cinzas. Eram gotas pequenas, mas havia trilhões de trilhões delas, caindo sem parar, concentrando sobre o local onde tinha sido parte do maior reservatório de Poder bruto em três dimensões.

Havia um corpo no chão, neste local — não era exatamente um cadáver. O corpo não tinha batimentos cardíacos, não respirava e não havia atividade cerebral. A pulsação era composta por nada mais que uma memória. A memória de uma menina com olhos azuis escuros e cabelos dourados e um rosto pequeno com olhos castanhos. E o sabor: o sabor de lágrimas de duas donzelas.

Elena. Bonnie.

Colocar elas duas juntas formavam o que não era exatamente um pensamento, não era exatamente uma imagem. Mas para alguém que só compreende palavras, poderia ser traduzido como:

Elas estão esperando por mim. Se eu pudesse descobrir quem eu sou. E isso desencadeou uma feroz determinação.

Depois do que pareceram ser séculos, mas que foram somente algumas horas, algo se moveu na cinza. Um punho cerrado. E algo se agitava naquele cérebro, uma auto-revelação. Um nome.

Damon.

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Pdf* de
Amanda Oliveira

[1] Bō é uma arma japonesa que é basicamente um pedaço de pau de comprimento variante entre 180 cm e 210 cm. Esse bastão de madeira é geralmente feito de bambu.
[2] Sommerlier é um profissional especializado e encarregado em conhecer os vinhos e todos os assuntos relacionados. Cuida da compra, armazenamento e rotação de adegas e elabora cartas de vinho em restaurantes.
[3] Jell-O é uma marca de gelatina famosa nos EUA.
[4] Marca de água de mineral francesa, cara para caramba e presente nos melhores restaurantes.
[5] Isso seria aquele barulho que as águias fazem, e é um sinal de que Talon está ali — e só para constar: Talon é fêmea.
[6] Um aríete é uma antiga máquina de guerra constituída por um forte tronco de freixo ou árvore de madeira resistente, com uma testa de ferro ou de bronze a que se dava em geral a forma da cabeça de carneiro. Os aríetes eram utilizados para romper portas e muralhas de castelos ou fortalezas.